

EDIÇÕES AVATAR



**O POVO  
DAS MIL E  
UMA NOITES**

**DR. JORGE ADOUM  
(Mago JEFA)**

1992

Livros de Jorge Adoum publicados ou a serem publicados  
pela Fundação Cultural Avatar.

Como Sentir e Desfrutar da Felicidade \*  
Cosmogênese \*  
O Reino, ou o Homem Desvelado \*  
O Povo das Mil e Uma Noites \*  
O Livro sem Título de um Autor sem Nome  
O Génesis Reconstruído  
O Evangelho da Paz pelo Discípulo João  
A Sarsa de Horeb  
Ser Esposa Feliz  
O Grânulo da Vida  
O Exército de Lamil  
Batismo da Dor

# O POVO DAS MIL E UMA NOITES

por

**DR. JORGE ADOUM**  
**(Mago JEFA)**

**COMISSÃO DIVULGADORA JORGE ADOUM**

\* Já publicados

Copyright  
COMISSÃO DIVULGADORA JORGE ADOUM  
Primeira edição em português 1977  
1º reimpressão 1992

A presente obra foi editada através da Fundação Cultural Avatar com sede à rua Pereira Nunes, 141 - Cep, 24210-30 - Niterói  
Telefone: (021) 2621-0217.

Adoum, Jorge

O Povo das Mil e Uma Noites  
Jorge Adoum; tradução de Rômulo Durand da Motta aprovada pela Comissão Divulgadora Jorge Adoum. - Niterói, Fundação Cultural Avatar, 1992.

272 pg. 23 cm

ISBN 85-7104-026-5

Reprodução fac similar da 1ª edição em português, editada pela FEEU, em 1977.

1. Ocultismo. I. Rômulo Durand da Motta. II. Título.

IMPRESSO NA REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

## Í N D I C E

UM POVO, UM AUTOR, UMA OBRA .....	9
PRIMEIRA PARTE	
<b>Pré-História e História da Cultura Árabe</b>	
Capítulo I — Geografia .....	17
Capítulo II — Os Árabes .....	19
Capítulo III — Quem São os Árabes? .....	20
Capítulo IV — A Bíblia não é História .....	22
Capítulo V — A Gênese Mosaica é uma Cosmogenia Espiritual .....	23
Capítulo VI — A Gênese Mosaica é uma Cosmogenia Espiritual (continuação) .....	28
Capítulo VII — Uma História que não Passa de Lenda .....	30
Capítulo VIII — Lendas que são Histórias Verdadeiras .....	31
Capítulo IX — A Segunda Sub-Raça: a Árabe .....	36
Capítulo X — A Espiritualidade da Bíblia .....	39
Capítulo XI — Nossas Fontes .....	40
Capítulo XXII — Que Significa o Nome «Árabe»? .....	47
Capítulo XIII — Duas Civilizações Pré-Históricas .....	49
Capítulo XIV — Os Árabes Pré-Históricos do Primeiro Período .....	52
Capítulo XV — Os Árabes na Mesopotâmia .....	54
Capítulo XVI — A Civilização do Reino de Hamurábi .....	56
Capítulo XVII — O Reino de Hamurábi é Árabe .....	59
Capítulo XVIII — O Livro de Jó é Árabe .....	63
Capítulo XIX — Os Ammaliks no Egito .....	65
Capítulo XX — Os Árabes Depois de sua Saída do Egito .....	70
Capítulo XXI — Os Demais Reinos Árabes de 1700 a.C até a Vinda de Maomé, 571 d.C.....	74
Capítulo XXII — A Antiga Civilização do Iemen .....	77
Capítulo XXIII — Os Árabes do Norte no Segundo Período .....	81
Capítulo XXIV — A Antiguidade da Raça Árabe .....	84

## SEGUNDA PARTE

### A Cultura dos Árabes

Capítulo I — O Árabe e seu Caráter .....	93
Capítulo II — As Leis e a Justiça dos Árabes .....	98
Capítulo III — A Mulher Árabe Através dos Séculos .....	104
Capítulo IV — Os Métodos Científicos dos Árabes .....	110
Capítulo V — As Artes Árabes .....	113
Capítulo VI — A Música .....	117
Capítulo VII — A Poesia Árabe .....	122
Capítulo VIII — A Retórica .....	126
Capítulo IX — A Literatura Árabe .....	129
Capítulo X — A História e a Geografia .....	134
Capítulo XI — Ciências Naturais: Medicina, Higiene e Farmácia .....	137
Capítulo XII — Matemáticas e Astronomia .....	142
Capítulo XIII — A Física, a Química e suas Aplicações .....	145
Capítulo XIV — A Influência da Civilização Árabe no Oriente e no Ocidente .....	149

## TERCEIRA PARTE

### Do Solo da História

Lealdade, Favor e Perdão .....	157
Jafar el Barmatci e o Vendedor de Favas .....	159
El Fadl Iben Yahya e o Beduíno .....	161
Omar Iben el Jatab e a Viúva .....	166
O Mais Generoso dos Árabes .....	167
A Indulgência de Maan Ibn Zaida .....	169
Maan e seus Prisioneiros .....	170
O Poeta que Desobedeceu às Ordens do Califa .....	171
Um Galanteio Real .....	174

## QUARTA PARTE

### O Livro das Mil • Uma Noites e seus Mistérios

Prólogo .....	179
Capítulo I — Os Mistérios das <b>Mil e Uma Noites</b> : Introdução .....	183
Capítulo II — Estória do Comerciante, El Efrít e os Três Velhos Cheiques ..	187
Capítulo III — As Divisões das <b>Mil e Uma Noites</b> .....	191
Capítulo IV — O Livro dos <b>Mereds</b> ou dos Espíritos da Água .....	201
Capítulo V — Aladim e a Lâmpada Maravilhosa .....	208

Capítulo VI — A Doutrina do Coração e o Anel de Aladim .....	214
Capítulo VII — O Caminho da Direita e o Caminho da Esquerda .....	220
Capítulo VIII — Os Homens que Podem Ser Iniciados e as Provas da Iniciação ..	233
Capítulo IX — O Livro das Iniciações e das Viagens Iniciáticas .....	237
Capítulo X — Abre-te Sésamo ou o Poder da Imaginação .....	241
Capítulo XI — Os Mistérios do Astral ou do Mundo de Desejos .....	246
Capítulo XII — Cosmogonia Iniciática — A Grande Estória do Moço de Recados e das Três Princesas de Bagdá .....	250
Capítulo XIII — Rápidas Olhadelas .....	267

Não creio que seja, apenas, uma questão de sangue, porque muitas e muitas outras pessoas, que não possuem um glóbulo sequer de sangue oriental, sonharam como eu — e talvez alguns até ainda sonhem — com o Povo das Mil e Uma Noites. Tornaram-se familiares, em nossa infância, as figuras de Simbad, de Aladim e de Ali Babá. Conhecemos, quase palmo a palmo, as cidades de Damasco, Bássora, Bagdá e Meca. E, muitas vezes, experimentamos o ardente desejo de passear por alguma rua de Beirute.

Mais tarde, na adolescência, passamos muitas noites acordados, pensando nos olhos de Dejnará ou nos lábios ocultos de alguma Scheherazade ou de alguma Aziyadé. Rapidamente criamos estórias de aventuras, de raptos românticos, mesclados ao terror dos escravos núbios. Ou chegamos a ver — por que não? — um harém repleto de mulheres e vinhos. Ou pensávamos nas grandes histórias passionais que, fosse pelo capricho do autor ou pelo ambiente sugestivo, desenvolviam-se na terra do ciúme extremado, no país dos turbantes e dos desertos.

Não é, apenas, uma questão de sangue. Há muito de imaginação e muito de literatura. Benoit, Loti, Hull nos prenderam a Arábia no sangue. Eles nos fizeram ver o rastro deixado pelas caravanas de camelos sobre as areias crestadas de sol, puseram em nossos lábios o tremor que se apoderava dos lábios das mulheres conquistadas pela força e conhecemos, de perto e de longe, o cabelo e a pele negra dos beduínos... Sempre ou, pelo menos, uma vez vivemos ali. aonde a mesquita e a tenda albergam homens que foram mestres da paixão e da intriga, nas canções nostálgicas e no galope dos cavalos.

Para a imaginação romântica isto era o bastante. Para a cultura, porém, significava, apenas, uma aproximação ínfima e inexata. Pouco ou nada nos era dito sobre a estória da Lâmpada Maravilhosa ou

da Caverna dos Ladrões Só umas poucas páginas eram escritas: "As Desencantadas" ou "O Árabe".

Os árabes, despidos de suas paixões e de suas luxuosas vestimentas, fora dos palácios onde se deleita a boca com vinho e tâmaras, e sim colocados na estepe ou na montanha, montados em corcéis e com fuzis aos ombros, eram-nos figuras totalmente desconhecidas. Só conhecíamos algo sobre a conquista da Espanha e nada mais...

De onde vinham e quem eram? Qual a trajetória seguida por esse povo e aonde deveria ser assinalado o seu ponto de partida? Que legaram eles à cultura do Ocidente, que era sustentada sobre colunas gregas? Todas essas perguntas não eram respondidas pela História, porque nem sequer as havia mencionado.

Desse modo, os árabes apenas chegavam à América. Conhecíamos a uns poucos deles, por referência, ficando todo o resto perdido nas planícies que raras vezes nos demos ao trabalho de observar para encontrá-los.

Apresenta-nos agora, o Dr. Jorge Adoum, essa parte omissa, não como a indicação feita com o dedo em riste, como fez o Emir Emin Arslan, mas uma apresentação dos homens acompanhados de seus próprios nomes e passados. Agora já os conhecemos, pelo menos em suas origens.

Anteriormente, na obra "Adonai", soubemos um pouco a respeito deles. Conhecemos sua história durante a época da guerra. De nosso palco de leitores vimos moverem-se homens, mulheres, povos, governos e religiões. Agora, com os mesmos atores, porém noutra obra e com outra caracterização. Vestem trajes passados da moda, são nômades de mar e terra, conquistadores e conquistados e todos que antes víamos como sacerdotes ou amantes transfiguram-se agora usando a barba dos profetas ou habitando laboratórios e bibliotecas.

Funcionando como arqueólogo da História, o Dr. Adoum expõe as bases da sua raça e da sua cultura, que não de ser também os fundamentos da cultura de onde o sol se põe. As artes e as ciências, os costumes e as leis, conhecemo-las somente hoje em dia, embora descanssem debaixo da terra durante séculos incontáveis os protagonistas desta nova obra do autor de "Adonai".

Ele não chega senão à pré-história e já o faz bastante, porque a base dos edifícios não ultrapassa o nível do solo.

No entanto, veremos mais coisas de perto, uma outra grande construção: a cultura europeia. Ela pertence ao mesmo modelo árabe

e para sua edificação foram utilizados os mesmos materiais. E só agora podemos dar-nos conta dos credores que temos na história de nossa civilização.

Junto ao historiador surge, no entanto, o novelista. Ele nos traz um presente todo feito de lendas e anedotas misturadas a condimentos nitidamente árabes. A alguns de nós ele nos volta à adolescência, quando desenhávamos em nossa mente o perfil de Emires e Sultões, de escravas e de eunucos.

E aparece também como mergulhador das ciências ocultas. Ele interpreta, como ninguém, o significado esotérico e iniciático daqueles relatos que, em nossa infância, foram apenas objetos de distração e devaneio. As escadarias que nos faziam arregalar os olhos de medo ao rangerem sob os pés de algum temível ladrão, conduzem-nos agora a mundos desconhecidos, aonde as trevas são luz. Aladim, que foi um mestre de ilusões e um homem que mais ou menos contou com a nossa inveja, embora se tenha despedido de nós na infância, aparece-nos agora com nosso próprio rosto. Sua lâmpada mágica está guardada em algum lugar de nosso corpo. E também sentimos tremer a ilha que descobrimos, como Simbad, o herói de nossas antigas e inquietas imaginações.

"O Povo das Mil e Uma Noites" não é um livro: são quatro livros diferentes que se dirigem a todos. Suas palavras não de chegar aos que estudam, aos que amam a lenda, aos que investigam a origem de nosso modo de ser e aos que amam as religiões desconhecidas dos mistérios enterrados nos subsolos do homem. Dentro do campo dos livros de sólida base, é certamente um dos que trazem para a América maior número de novidades. É um continente novo, uma Ilha povoada que descobrimos não por força de um naufrágio, mas por havermos dirigido para ali a proa dos barcos destinados a encontrá-la, a fim de que amanhã, em viagens sucessivas, venham a ela os encarregados de colonizá-la. Por ora, nossa sinceridade, erguida como vigia no mastro mais alto, não deve cair, mas gritar: "Terra à vista!" Sim, porque ela está à vista.. .

O autor da obra não é um descobridor. Ele sabia que ela estava ali. Assemelha-se mais com o vento, que remove a névoa, a fim de que nós, mais distantes, possamos ver. Ele nos fala com o cérebro da Ciência e com o sangue de sua raça. É seu povo e, de um certo modo, nosso povo.

Em nenhuma outra História Universal encontramos estas linhas. Alguém citou Averroes, enquanto outros citaram Avicena. Algum curioso pesquisador do jornais e revistas terá visto o rosto de

Kalil Gibran. E todos, graças à propaganda, vimos bem de perto as barbas de Maomé.. . Porém dos outros, daqueles que ninguém tirou de suas tumbas e de sua língua, nada sabemos. . . Este é o valor principal da obra. É algo mais do que um livro novo. É um documento imprescindível, em nosso País e em muitos outros, para que se vá completando, pouco a pouco, nossa história universal, que ainda é bastante omissa apesar de seus múltiplos compêndios.

Outras pessoas, que possuam a faculdade de ver dentro da obscuridade, valorizarão ainda mais, talvez, esta nova versão das "Mil e Uma Noites", ou seja, conhecerão de novo seus personagens, porque agora eles são outros... E para os colecionadores de lendas, aqui oferecemos um álbum novo, cheio de fotografias e de cores.

Porém, "O Povo das Mil e Uma Noites" há de destacar-se como uma das primeiras vozes, neste Continente, a ensinar quem foram os antepassados de nossa cultura. Ela própria há de conhecer, como mulher formada, os avós que não teve em sua infância: os árabes, com suas leis e religiões, seus sábios e seus guerreiros.

É que o sol nasce sempre no Oriente. ..

JORGE ADOUM (Filho)

Primeira Parte

PRÉ-HISTÓRIA E HISTÓRIA DA CULTURA

ÁRABE

## PRÓLOGO

A Cultura Árabe não foi reconhecida pelos europeus antes do Renascimento. Desde aquela época, muitos sábios europeus começaram a indagar e a perquirir até virem a escrever uma multiplicidade de livros em seus idiomas. Milhares de volumes tratam, hoje em dia, da cultura dos árabes, de sua civilização e de seu idioma.

Alguns europeus acreditam que os árabes não escreveram sobre sua própria cultura, o que não é verdade, pois eles foram os primeiros a tratar dela.

Temos o livro "Afaherst" (índice) de Ibn Ennadim (ano 1000), aonde se fala da cultura e da literatura árabes desde suas origens até aquela época. Tal livro não apresenta, apenas, a história da Literatura Árabe, mas também tudo o que diz respeito à linguística islâmica e a tudo dos demais idiomas, juntamente com a biografia de seus autores, tradutores, poetas e intelectuais. Sem o mencionado livro teríamos perdido o rastro de poetas, sábios e de valiosos livros. É uma enciclopédia de valor inestimável sobre artes e ciências.

Posteriormente, Tash Kibri-Zaada, que morreu no ano 1592, escreveu um livro intitulado "Miftah Esahada" (A Chave da Felicidade), organizou-o por temas e arrolou 150 artes nele.

Em seguida, vem o livro "Cashf Ezsanun", da autoria de Mela Cateb Jelbi, espécie de dicionário que apresenta o nome de 15.000 Obras, com indicação de seus respectivos autores, além da História das Ciências mais importantes naquele tempo.

Tal obra está condensada em 7 tomos e recentemente editou-se um livro chamado "Abjad-el Ulum" (Abecedário de Ciências) da autoria de Sadik el Anuji. É muito volumoso, escrito em forma de enciclopédia, em três tomos.

No entanto, a maioria desses livros que falam da cultura árabe abarcam somente uns poucos séculos antes de Maomé e ninguém

atreveu-se a descrever os aspectos pré-históricos daquela civilização por falta de documentos.

A pré-história dos árabes é um conglomerado de mitologias e exageros herdados através dos séculos, sem qualquer polimento, que, com o tempo, serviu para aumentar a confusão, já mencionada nas raízes da decadência árabe e isso por dois motivos: primeiro, porque os europeus quiseram zombar deles e de sua decadência e, segundo, porque os próprios árabes exageravam ao tentarem ocultar suas debilidades, vangloriando-se de seus antepassados, que conquistaram meio mundo.

Continuaram assim as coisas até que a civilização moderna, com base nas leis da existência, eliminou-aquelas cadeias tradicionais e lançou fora tudo que pudesse contradizer a razão. Muitos críticos esquadriharam a História e encontraram algo surpreendente na pré-história dos árabes. Apressaram-se, então, em conhecer a verdade sobre aquela raça e começaram a estudar sua antiga história, comparando-a com aquilo que era relatado pelos gregos, pelos próprios árabes e por outras fontes. Chegaram, assim, a conhecer coisas que haviam permanecido ocultas até os tempos da História Moderna.

Muitas missões arqueológicas decifram inscrições gravadas nas ruínas das cidades árabes, no Iemen, em Hedjaz e nas proximidades de Damasco.

Essa escassa descoberta levantou o véu que impedia a visão de coisas ocultas relativas a reinos e nações que eram até mesmo desconhecidos pelos árabes e pelos gregos.

No entanto, aqueles sábios arqueólogos não se atreveram a escrever a pré-história dos árabes. Muitos começaram, mas não terminaram, ficando na metade do caminho, enquanto a esses soma-se o grupo dos que acreditam ser impossível escrever tal espécie de tratado.

Tal fracasso fez nascer em muitos o desejo de possuir um livro que versasse sobre a matéria, livro esse que, de acordo com promessa feita pelo falecido rei sueco Oscar II, seria merecedor de uma recompensa pecuniária bastante grande ao autor que melhor escrevesse a Pré-História Árabe. Muitos escritores apresentaram suas obras, mas a comissão julgadora designada para examinar os trabalhos não encontrou nenhuma digna do prêmio.

Cada Nação há que possuir uma história universal, na qual se encontre o relato de sua política, de sua sociedade, de sua economia e de sua ciência. A história política relata as conquistas, as guerras

e as mudanças de governo. A história de sua sociedade descreve seus costumes e caracteres. A história econômica fala de suas fortunas, indústrias e de sua produção natural. Paralelamente, a história cultural de uma raça fala de suas ciências e de suas artes, de seus poetas e sábios, de seus intelectuais e de tudo que tenham deixado como fruto de suas mentes em alguns livros. Em resumo: é a história científica de uma Nação.

A História Universal há que apresentar, forçosamente, o relato das conquistas, das guerras das tiranias. No presente trabalho nada mais faremos senão descrever a cultura dos árabes, bem como suas artes, desde a pré-história, porque a história da cultura é a história das mentes que palpavelmente nos demonstram a evolução das nações.

Os marcos científicos que nos são legados por uma nação demonstram-nos sua Moral e sua Religião, seu progresso e sua decadência, pois, como afirma certo provérbio árabe, "as nações duram enquanto dura o seu caráter".

A civilização moderna busca a história política de uma nação em sua história cultural e a divide consoante as épocas em que esta sofreu mudanças, podendo por esse meio profetizar o futuro de uma raça, quando estuda a etapa de sua poesia épica que logo passará à ciência, filosofia, etc.

De todo o exposto, compreendemos que a história cultural de uma raça é a história da mente de seus filhos, com toda a impressão deixada por seus espíritos e caracteres. Nela encontra-se gravada a evolução a que chegou, superando as demais, a história de toda a ciência com suas respectivas conquistas e a descrição de todas as suas pegadas escritas segundo suas utilidades e diferenças umas das outras.

## Capítulo I

### GEOGRAFIA

Quando se menciona o país árabe, compreende-se a Ásia Menor que estava habitada pelos árabes. Seus limites variaram no transcorrer dos séculos, dando origem à aparição e ao desaparecimento de reinos. Esse país, antigamente, estendia-se desde as margens do Eufrates até o Nilo.

Os árabes consideravam o deserto do Sinai, a Palestina, o Líbano e a Síria como porções da Ilha Árábica. Suas tribos, ao tempo dos faraós, armavam tendas entre o Nilo e o Mar Vermelho. Os egípcios chamavam de "árabe" a todo homem que habitasse a leste de seu país, até os limites de Babel.

A Ilha Árábica era dividida, antigamente, consoante o clima: o deserto, ao norte, e a porção habitada, ao sul. O deserto compreendia a parte norte, desde os limites de Damasco até os de Hedjaz, e a parte sul que constituía todo o restante da Ilha Árábica, como Hedjaz, Najd, o lemen e outros mais. Posteriormente os gregos acrescentaram-lhes uma terceira parte, a que deram o nome de Arábia Pétreia, nome derivado de Petra, no vale de Moisés (Uadi Masa), ao sul da Palestina, ficando o país árabe, dessa forma, dividido, segundo Ptolomeu, em três partes, a saber: Arábia Deserta, Arábia Pétreia e Arábia Feliz.

Ptolomeu descobriu muitas das cidades existentes naquela época, tais como Taima, Haula e Hurana (hoje chamada de Iran) e, no deserto, Petra Basra, Yarash, Aman, Ezroch, Liza, além de outras na Petra. Mencione-se, também, Saba, Mareb, Szafar, Hadramaut e algumas outras da Arábia Feliz. Até bem pouco tempo essa divisão do país árabe ainda era utilizada pelos europeus.

No entanto, os árabes dividiam sua terra segundo a natureza e a situação em que se encontravam. Os pontos básicos da divisão são as montanhas de Serat, uma cordilheira formada por uma cadeia de montanhas que começava no lemen e ia terminar nos confins do deserto de Damasco, a qual dividia a Ilha Árábica em duas partes: a ocidental e a oriental. A parte ocidental era a menor. Tinha solo inclinado a partir das faldas daquelas montanhas até o Mar Vermelho, sendo por isso chamada de "Gaur" ou "Tohama", ao passo que a parte oriental era a maior das duas, elevando-se até a Mesopotâmia. Recebia, por isso, o nome de "Najd" ou "o elevado". Posteriormente esta cordilheira que servia para dividir essas duas regiões recebeu o nome de "Hedjaz", que significa "linha divisória".

## Capítulo II

### OS ÁRABES

Quando, hoje, dizemos "árabes", queremos designar os habitantes da Ilha Árábica, da Mesopotâmia, da Síria, do Líbano, da Palestina, do Egito, do Sudão e da Algéria, ao passo que, antes do Islam, os árabes habitavam apenas a Ilha, porquanto os que viviam na Mesopotâmia e em Damasco eram os Sírios, os Caldeus, os Nabateus, os Judeus e os Gregos. Os que habitavam o Egito eram os Coptas, enquanto os que habitavam a Algéria eram bárbaros, gregos e vândalos, e os do Sudão eram os negros. Quando o Islam surgiu, os árabes, espalharam-se, habitando esses países, e triunfou o seu idioma sobre os aborígenes, o que lhes valeu a denominação de árabes.

Ao tempo da História Antiga, no entanto, na época dos faraós, dos assírios e dos fenícios, eram árabes os que habitavam a região norte da Ilha Árábica e a parte leste do vale do Nilo, no ponto que se estende entre o Eufrates, a leste, e o Nilo, a oeste, no qual estava contido o deserto da Mesopotâmia, o deserto de Damasco, da Península do Sinai e da parte oriental do Egito, entre o Nilo e o Mar Vermelho. O vale do Nilo era o marco divisório natural entre a Líbia, no ocidente, e o país dos árabes, no oriente.

Os egípcios designavam a cordilheira oriental, que limitava o Nilo, como "a Montanha Árabe" ou "o país dos árabes", enquanto a cordilheira ocidental era chamada de "Montanha da Líbia".

Na história antiga a palavra "árabe" era sinónimo de beduíno ou de habitante do Sahara. Os árabes, no entanto, denominaram sua Ilha de "Arabat". Porém, quando algumas tribos, em tempos idos, passaram a habitar as cidades de lemen, Hedjaz, Huran e outras, a palavra "árabe" não mais significava beduíno, tendo sido criado outro nome para designar aqueles que viviam nas cidades e esse nome foi "Hadar", que significa "sedentários".

Os Sabaítas (Reino de Sabá) quando mencionavam algumas tribos, diziam-nas "sedentárias com seus beduínos" ou "a tribo tal e seu beduínos". Os árabes que habitavam o deserto estavam divididos em tribos, ramos, etc.

Os antigos gregos chamavam de "Etiópes" aos árabes que habitavam entre o Golfo da Pérsia e o Mar Vermelho, considerando assim a Etiópia, o lemen e as margens do Golfo Pérsico como uma só região, a que chamavam de Etiópia Asiática, habitada por tribos que

tinham nomes especiais, tais como os Sabaítas, os Petraítas, os Ma-hanitas e outros mais.

Quando os gregos conquistaram o Oriente e habitaram Alexandria, ao tempo dos Ptolomeus, modificaram aqueles nomes e deram à Ilha Árábica a denominação de "País dos Árabes", dividindo-a em três partes, cujos nomes citamos no capítulo anterior. Por esse motivo, os habitantes da Ilha Árábica foram batizados de "sarracenos" pelos gregos, acreditando-se que tal nome tenha derivado do termo "Sharquiyn", que era o nome de uma tribo que vivia a leste da montanha de El Serat (Sharqui-oriental).

### Capítulo III

#### QUEM SAO OS ÁRABES?

Até o momento, seguimos o relato dos historiadores, antigos e modernos, que tiveram a Bíblia como base, porém posteriormente demonstraremos o equívoco de todos eles, ao tratarmos dos árabes, de sua descendência e de sua origem.

Os historiadores de nossos tempos convencionaram chamar de "etíopes" aos povos que falam o hebraico, o assírio e o etíope, enquanto aos que falavam o fenício, o sírio e o aramaico denominaram de "NAÇÕES SEMITAS", pois, segundo a Bíblia, eles são descendentes de Sem, filho de Noé, sendo por isso chamados de semitas aos seus idiomas. Sem dúvida, tais línguas se parecem na construção das palavras e parecem derivar de um tronco-matriz igual, assim como se parecem os ramos da língua latina e os ramos do Sânscrito, o que faz com que se diga, por exemplo, que o Italiano e o Espanhol são línguas irmãs, cuja mãe é a língua latina. A diferença, no enfân<sup>x</sup> to, entre estas e as anteriores é que a mãe das primeiras ainda vive, podendo-se a ela devolver as filhas, enquanto a mãe das línguas semitas já não tem, atualmente, existência alguma apesar de alguns filólogos acreditarem que essa mãe era hebraica, enquanto outros a criam árabe ou babilônica. No devido tempo daremos nossa opinião.

Discute-se, também, a origem dos semitas, e os arqueólogos e historiadores não chegaram a um acordo sobre isto. Há, sobre o assunto, duas opiniões: a primeira, pertencente aos que respeitam o relato bíblico, afirma que o berço do homem foi a Mesopotâmia e que foi

a partir dali que ele veio a povoar a terra, descendendo dos semitas os assírios e babilônios na Mesopotâmia, os Aramaicos em Damasco, os fenícios nas costas da Síria, os hebreus na Palestina, os árabes na Arábia e os etíopes na Etiópia. A Bíblia teria sido o manancial de suas histórias. Tal opinião será, depois, refutada.

Os orientistas examinaram o assunto segundo a filologia dos idiomas e alguns deles encontraram certa semelhança entre as línguas Semitas e Camitas (línguas africanas). Acreditaram, assim, que o berço dos semitas tivesse sido a África e, pelo fato de a Arábia estar próxima à Etiópia, afirmaram que esta última era o berço dos semitas. Outros, no entanto, afirmaram que esse berço foi a Ilha Árábica e apresentaram muitas provas linguísticas sociais e características que sustentam tal suposição, sendo uma delas a seguinte: nos idiomas hebreus e aramaico podemos encontrar uma quantidade incalculável de raízes árabes, querendo-se com isso provar que a língua árabe é a que mais se aproxima da matriz. Tal grupo detém apenas uma parte da verdade.

Outros ainda afirmam que o berço dos semitas foi a região a leste do Eufrates, apoiando-se em razões geográficas relacionadas com as divisões da flora e da fauna, cujos nomes eram semitas. Alguns disseram que foi da Etiópia que os semitas saíram em direção à Ilha Árábica, utilizando o Estreito de Bab el Mandeb, até o Iemen, ali multiplicando-se e passando a Hedjaz, Najed, depois à Palestina, ao passo que outras tribos invadiram a Mesopotâmia, cujos habitantes eram os Acádios, os Sumerianos e os Turanianos (mongóis); outras tribos foram à Fenícia e ali fundaram os reinos de Babel, Assíria, Fenícia e Palestina. Os seguidores desta teoria dizem que os hebreus vieram de Hedjaz e os Arameus de Najed, porque ARAM significa "montanhas" e NAJED significa "montanhoso", baseando tal teoria em Heródoto, que menciona o êxodo dos fenícios das costas do Golfo Pérsico.

Em suma, o berço dos semitas permanece desconhecido até hoje. A verdade, porém, é que todas aquelas nações falavam apenas um idioma. O idioma semita foi o idioma original. Ele sofreu mutações de acordo com as regiões ocupadas e as leis da evolução natural, diferenciando-se desse modo as suas palavras, modismos e construção vocabular, embora ainda hoje guardem relações e semelhanças.

Até este ponto chegamos as afirmações dos historiadores. Cabe, agora, a nós dar provas diametralmente opostas a essas crenças anteriores.

## Capítulo IV

### A BÍBLIA NAO É HISTÓRIA

A Bíblia é, para nós, um livro sagrado pelo que contém de ensinamentos alegóricos, porém como documento histórico nada tem de verdadeiro.

Os historiadores, por sua vez, procedem como meninos deslumbrados: agarram-se ao símbolo e tomam-no pela verdade.

Passam-se os séculos e as mentiras históricas continuam reinando sobre as mentes e o coração dos homens, pois os historiadores continuam extraindo informações da Bíblia e propagando aqueles símbolos sob a forma de verdades históricas.

Já dissemos que a Bíblia é, como doutrina espiritual, um livro sagrado por excelência, porém devemos repetir que, como história, ela é inexata, porque aquilo que ela afirma não pode ser sustentado hoje em dia, face ao adiantamento e ao progresso da Ciência. No entanto, considerando que Moisés atribuiu as palavras nela escritas a Deus, ainda que tais palavras expressem fatos evidentemente falsos, deveremos chegar a uma das seguintes conclusões:

1º) ou Deus equivocou-se no relato que fez de Sua obra, o que nos parece coisa absurda e inadmissível;

2º) ou Moisés não teve revelação alguma;

3º) ou o tradutor da Bíblia tergiversou por ignorância ou por cálculo sobre o sentido do texto bíblico;

4º) ou a Humanidade continua até hoje com a mente obtusa, sem possibilidade de entender a linguagem espiritual.

Não desprezamos a Gênese bíblica. Muito pelo contrário, estudamo-la a fundo, tal como fizemos com a historia da infância dos povos. É uma epopéia rica em alegorias, cujo sentido conviria desenterrar e comentar, bem como explicar à luz da razão e da ciência. Ao ressaltar as belezas poéticas e espirituais que existem nas construções envoltas naquela linguagem figurada, não tememos demonstrar os erros que cientistas e historiadores cometeram quando tentaram tomar aquele relato ao pé da letra. Fá-lo-emos no interesse da própria Verdade e, dessa forma, Deus não parecerá estar associado a tantos erros manifestos.

As palavras hebraicas perderam, pouco a pouco, seu significado primitivo e não mais conservam dele senão pequena sombra. Tal fato nos surpreende, quando sabemos que as línguas semitas dis-

punham de uma série de matizes e de significados expressos por uma mesma palavra.

A Gênese foi traduzida para o Grego, deste para o Latim e para os idiomas modernos, tomando por base textos hebraicos mal entendidos, o que fazia com que esse escasso entendimento fosse arrastado pelas sucessivas traduções, que não podiam expressar o verdadeiro sentido oculto nos mal compreendidos termos hebraicos do texto original. Para saber o que a Gênese procurava dizer, seria preciso, antes de mais nada, remontar às raízes e ao primitivo sentido das palavras hebraicas e, com base nesse novo sentido, traduzir de novo o livro da Gênese. Infelizmente, porém, nem os próprios hebreus, nem o público em geral dão-se ao trabalho de mostrar interesse por essa formidável obra, o que faz com que todos os historiadores continuem copiando erros século após século.

Devemos, antes de mais nada, esclarecer que os hebreus jamais tiveram um alfabeto especial, já que utilizavam o dos caldeus. É, portanto, absolutamente impossível negar a origem caldaica dos caracteres que compõem atualmente o alfabeto hebraico.

O próprio nome desse alfabeto é suficiente para demonstrá-lo. Esse nome, que se escreve "Chahtiabah astourith", significa "escritura assíria" e é um epíteto conhecido por todos os rabinos.

Por que, no entanto, este fato nos chama tanto a atenção? Até ontem todo mundo acreditava que os Dez Mandamentos eram de Moisés e que a ele haviam sido dados por Deus no Monte Sinai. Hoje, no entanto, temos diante dos olhos um ladrilho babilônico, exposto no Museu Britânico, sobre o qual acham-se escritos, textualmente, em alfabeto cuneiforme, esses dez mandamentos, só que mil anos antes de Moisés.

## Capítulo V

### A GÊNESE MOSAICA É UMA COSMOGONIA ESPIRITUAL

A língua hebraica extraviou-se completamente após o Cativo da Babilônia. Este é um fato histórico do qual não se pode duvidar, seja qual for o ceticismo que se alimente. A Bíblia o demonstra, o Talmud afirma-o, sendo também o sentido mais famoso dos rabinos. Assim, portanto, cerca de seis séculos antes de Cristo, os hebreus,

transformados em judeus, não falavam, nem compreendiam sua língua original, empregando um dialeto sírio chamado Arameu, formado pela junção de vários idiomas da Assíria e da Fenícia, diferente do Nabateu que era Caldeu puro.

A partir dessa época, o Sefer de Moisés foi sempre parafraseado nas sinagogas. Sabe-se que, após a leitura de cada versículo, havia um intérprete encarregado de explicá-lo ao povo em língua vulgar. Disso derivaram os chamados "Targumes" (do Caldeu), É bastante difícil dizer, em nossa época, se as mencionadas versões foram, desde o princípio, escritas por doutores ou abandonadas à sagacidade dos intérpretes.

Seja como for, parece bastante certo que, tornando-se cada vez mais duvidoso o sentido das palavras hebraicas, surgiram violentas disputas sobre as diferentes interpretações dadas ao Sefer.

Um grupo afirmava possuir a lei oral dada em segredo a Moisés, enquanto outro negava a existência de tal lei e, rechaçando toda classe de tradições, seguia as explicações mais literais e materiais.

Duas seitas rivais nasceram de tais disputas. A primeira era a dos Fariseus, a mais numerosa e mais conceituada, admitindo o sentido espiritual do Sefer, acreditando na Providência Divina e na imortalidade da alma. A segunda era a dos Saduceus, que considerava como fábulas todas as tradições dos Fariseus, fazendo troça de suas alegorias e negando a imortalidade da alma, porque acreditavam que ela era apenas uma consequência da organização do corpo, uma faculdade passageira que com aquele se extinguiu.

Havia, no entanto, entre essas duas seitas inimigas, uma terceira, menos numerosa que ambas: a seita dos Essênios. Era uma seita muito mais instruída, que conservou a tradição e a lei oral para o segredo do Santuário.

Os Essênios eram sacerdotes de verdade, que se dedicavam em grande estilo à moral e ao estudo da Natureza. Não viviam nas cidades e, embora não fossem judeus, podiam ser encontrados aonde quer que eles estivessem. Eles instalaram-se, com preferência, no Egito, nos arredores de Alexandria, em direção ao lago e ao monte Moria. E de tal maneira que, se Moisés deixou uma lei oral, ela se conservou entre os Essênios, fora dos quais nenhum judeu a possuiu.

Dos antigos Fariseus descendem os judeus modernos. Os Saduceus deram origem aos Sertuários e raríssimos são os sábios judeus cuja tradição secreta remonte até os Essênios.

No entanto, antes que os judeus tivessem os Targumes (comentários) Caldeus, já os Samaritanos possuíam uma versão do Sefer,

vazada em língua vulgar, e essa versão, sendo a primeira de todas que foram feitas, merece mais confiança do que os Targumes que se sucediam e se anulavam uns aos outros.

Quando o império de Ciro foi derrubado, a Babilônia caiu nas mãos dos Gregos. Morto Alexandre, os judeus caíram em poder dos Seleucidas, o que fez com que a língua helênica modificasse novamente o idioma de Jerusalém, afastando-o cada vez mais do Hebreu. O Sefer de Moisés, já desfigurado pelos comentários, desaparece, então, de modo completo, na versão que lhe foi dada pelos gregos.

Aparece, então, a famosa versão dos Setenta, que é tão obscura quanto a sua origem, porque ninguém sabe em que época foi feita, nem se havia sido a primeira de todas, nem quem tenham sido seus setenta intérpretes. Seriam profetas ou simples tradutores? Nenhum historiador ocupou-se imparcialmente destes fatos.

Segundo Fabre d'Olivet, o mais famoso pesquisador do Hebraico e de outras línguas, isso pode ter ocorrido nos tempos de Ptolomeu, que foi um grande príncipe e amante das artes e da ciência, o mesmo que erigiu em Alexandria uma soberba biblioteca enriquecida com tudo que até então era oferecido pela literatura de todos os povos. Ptolomeu, então, pediu a tradução do Sefer para incluí-lo em sua biblioteca.

No entanto, como a execução desse projeto poderia oferecer dificuldades, já que os judeus não podiam dar a público os livros que guardavam relativos a seus mistérios invioláveis. Ptolomeu recorreu ao Pontífice Eliazar, que enviou-lhe um exemplar do Sefer de Moisés, permitindo que este fosse traduzido para o Grego.

Como os Essênios do Monte Moria gozavam de merecida reputação de sabedoria e santidade, vivendo como anacoretas e recolhidos a celas isoladas, foram encarregados de fazer essa tradução. Comprometidos entre a lei religiosa que lhes proibia revelar os segredos divinos e a autoridade do príncipe que lhes mandava traduzir o Sefer, conseguiram sair de tão perigoso passo e deram a esse livro um corpo, obedecendo à sua consciência. Produziram uma versão verbal e corpórea o mais exata possível, porém omitindo completa-mente a parte espiritual. Dessa forma, a Bíblia, como resultado final, saiu como um corpo sem alma ou como um cadáver.

Também o número de setenta intérpretes é bastante duvidoso, porque o Talmud assegura que, a princípio, foram apenas cinco os intérpretes, o que é quase provável, pois sabe-se que Ptolomeu não mandou traduzir mais do que cinco livros de Moisés contidos no Sefer, sem preocupar-se com as edições de Esdras. O resto do livro

foi traduzido para o Grego expressamente para os judeus disseminados pelo Egito e pela Grécia, aonde não apenas haviam esquecido sua língua primitiva, que era o hebraico, mas também o caldaico que haviam aprendido em cativeiro. Dessa mescla de hebraico com grego foi escrita a Bíblia.

Quando os judeus disseminados pelo Egito e pela Grécia esqueceram o dialeto arameu em que estavam escritos os seus Targumes e precisavam de um comentário em linguagem corrente, deviam tomar, naturalmente, a versão disponível do Sefer, que existia na biblioteca de Alexandria. E foi o que fizeram. Acrescentaram-lhe uma tradução das edições de Esdras. O Sinédrio acolheu a demanda e como esse tribunal era, então, composto por 70 juizes, em consonância com a lei vigente, a mencionada versão foi batizada com o nome dos setenta componentes daquele tribunal, embora isso significasse que havia sido, apenas, aprovada por eles.

É esta a origem da Bíblia que nos chegou desde aqueles tempos, é esse o livro sagrado de judeus e cristãos: uma mistura de fábulas, simbologias e, até, de erros que afrontam a Ciência, pois, atualmente, nem o Cristianismo, nem o Judaísmo possuem a lei oral e, por tal motivo, jamais puderam, uns e outros, penetrar esse livro a fundo. O cristão, não compreendendo que sua doutrina está amparada por uma fé cega, afirma: "São mistérios em que temos de crer, sem discutir". O judeu, da mesma forma, quando se esquece de que o mistério da palavra já não pode ser autoridade no mistério da Cosmogonia.

Por outro lado, observamos que muitas pessoas investem contra este livro sagrado e rotulam seu autor de ímpio, exatamente a Ele que representa o Ser Supremo e Bom por excelência, acusando-o de criador do Mal por efetuar uma Criação sem objetivo, por fazer escolhas arbitrárias, por arrepender-se, por irritar-se, por castigar aos filhos inocentes, por preparar todas as quedas. E todas essas tempestuosas discussões vieram à baila, porque essas pessoas empunharam, sem razão ou motivo, uma tocha e a conduziram a um arcabouço rústico preparado para sustentar um edifício demasiado imponente quão verdadeiro.

Santo Agostinho concordava em não haver meio de conservar o sentido literal dos três primeiros capítulos da Gênese sem atribuir a Deus coisas indignas dele.

Orígenes confessava que a história da Criação, se tomada ao pé da letra, tornava-se absurda e contraditória. Poderia comprazer aos ignorantes que, seduzidos pelo texto da Bíblia, atribuíam a Deus

certas coisas, sentimentos ou ações que não seriam atribuíveis nem mesmo ao mais injusto e bárbaro de todos os homens.

São Jerônimo quis remediar esse mal, tomando por mestre um dos rabinos da Escola de Tiberíades. Ao saber de tal notícia, toda a escola cristã lançou um grito de indignação. Santo Agostinho combateu denodadamente a São Jerônimo, que acabou arrependendo-se por haver dito que a Versão dos Setenta era má e tergiversa, dizendo, para melhorar e para adular o vulgo, que o texto hebraico estava corrompido. Posteriormente, no entanto, afirmou que os judeus não corromperam uma só linha! Contradições irrisórias!...

Santo Agostinho, menos apaixonado, não acusou os judeus de haverem corrompido o texto sagrado. Ele se atém à Versão dos Setenta e só afirma que, às vezes, ela é incompreensível. No entanto, ele confia na providência de Deus, que permitiu que tais intérpretes houvessem traduzido a Escritura do modo que Ele achava mais adequado para as nações que deviam abraçar a fé cristã.

O Concílio de Trento declarou posteriormente como autêntica a tradução feita por São Jerônimo. Mais tarde a Inquisição a sustentou com toda a força de seus argumentos, assim como mais tarde o fizeram os teólogos com todo o peso de sua intolerância e parcialidade.

Martinho Lutero afirmou que os Helenistas eram ignorantes e, copiando de São Jerônimo, não pôde sair do léxico. Ele e outros mais somam-se às falhas que se encontram na obra, cujo número ascende a quatro mil.

Apesar de os Cardeais Cayento e Belarmino haverem comprovado tais falhas e as terem apontado, em nada melhoraram as interpretações do texto. É impossível, desse modo, sair de semelhante círculo vicioso. Assim também o mundo foi herdando esses equívocos século após século, estando a humanidade atual dividida em duas categorias: uma facção que crê cegamente no que a Bíblia diz — e aí de quem se atreva a duvidar do que Deus nela disse! — e outra que acredita ser a Bíblia uma mitologia até grosseira. Infelizmente, já não podemos encontrar os santuários essênios, aonde era possível aprender o ensinamento espiritual da Bíblia.

De qualquer forma, como vimos anteriormente, a Bíblia não pode ser encarada, sob nenhum ponto de vista, como um livro histórico digno de confiança e, no seu devido tempo, prova-lo-emos.

## Capítulo VI

### A GÊNESE MOSAICA É UMA COSMOGONIA ESPIRITUAL

Não é nossa intenção registrar neste capítulo todos os erros históricos da Gênese, porque não é este o objetivo da nossa obra. No entanto, não seria excessivo enumerar alguns deles com o objetivo de ligá-los à história dos árabes, os mestres de Moisés.

Desde o primeiro versículo do primeiro capítulo nota-se, claramente, a tergiversação do texto.

O primeiro versículo diz: "No princípio criou Deus o céu e a terra". No original está escrito, ao invés de Deus, "os deuses", pois, nesse versículo, constam as seguintes palavras: "Em primeiro lugar, no princípio, criaram os Aelohim (os deuses) a entidade dos céus e da terra".

Parece-nos que o tradutor viu na palavra "deuses" algo de politeísta e achou melhor mudá-la para "Deus".

Não é preciso negar que é notoriamente absurdo interpretar-se a palavra "terra", na Gênese, e a palavra "céu" respectivamente com os sentidos de planeta em que habitamos, e a do céu no seu conjunto de milhões de astros, sistemas planetários e de universos que constituem o Cosmos.

O significado da palavra "terra" deu-o Sto. Agostinho, dizendo que é a semente a partir da qual, posteriormente, foram feitas todas as coisas do Universo, o que se acha corroborado pela interpretação racional do segundo versículo, que afirma: "2. E a terra estava desnuda e vazia e as trevas pairavam sobre a face do abismo e o espírito de Deus passava sobre as águas".

Como poderia estar a terra desnuda e vazia, se tinha águas? De que coisa estava essa terra despida e de que coisa estava vazia?

O texto original, no entanto, afirma o seguinte: "2. E na terra existia, potência contingente do ser, dentro de uma potência do ser; e a escuridão (força compressiva e endereçadora) envolvia o abismo (fonte da potência universal e contingente do ser) e o sopro d'Ele — os deuses — (força expansiva e dilatadora) estava em processo generativo, em movimento sobre a face das águas (passividade universal das coisas)".

Em seguida, nos três versículos posteriores, afirma-se:

"3. E Deus disse: Faça-se a luz! E a luz foi feita.

"4. E viu Deus que a luz era boa e separou a luz das trevas.

"5. E chamou Deus dia à luz e às trevas noite, e foi a tarde e a manhã do primeiro dia".

Literalmente, o que acabamos de ler é um absurdo. O sol ainda não existia. Como poderia haver luz e como se poderia separar a noite do dia, se só no versículo 14, no quarto dia que se afirma que "Deus disse: Sejam feitos luzeiros no firmamento do céu e separem o dia da noite e sirvam de sinais para distinguir os tempos, os dias e os anos."

Depois vem a história da criação de Adão, de Eva, da serpente, da Arvore do Bem e do Mal, da queda e da expulsão do Paraíso, como consta nos capítulos seguintes.

Todas as alegorias contraditórias nesses capítulos são pueris em aparência, quando tomadas ao pé da letra, porém elas se tornam profundas quando se lhes entende o sentido. Adão é a personificação da Humanidade, da raça adâmica. A doutrina que atribui toda a procedência do gênero humano a um só casal, há seis mil anos, já não é mais admissível à luz de nossos atuais conhecimentos. O próprio Livro da Gênese demonstra-o quando conta que Caim, após haver assassinado Abel, responde ao Senhor: "Minha iniquidade é muito grande para merecer o perdão. Eis que tu, hoje, me expulsas desta terra e eu me esconderei de tua face, e serei vagabundo e fugitivo na terra, portanto todo o que me achar me matará. E o Senhor disse-lhe: Não será assim, mas qualquer que matar Caim será castigado sete vezes mais. E o Senhor pôs um sinal em Caim, para que o não matasse ninguém que o encontrasse. E Caim, tendo-se retirado de diante da face do Senhor, andou errante sobre a terra e habitou no país que está ao nascente do Éden. E Caim conheceu sua mulher, a qual concebeu e deu à luz Henoc." (Capítulo VI, versículos 13 a 17.)

Tomada ao pé da letra a narração da Gênese, pode-se ver a que resultados podemos chegar. Adão e Eva estavam sós no mundo e, depois de terem sido expulsos do Paraíso, nasceram seus filhos Caim e Abel. Em seguida Caim mata Abel e, ao ir estabelecer-se a leste do Éden, não havia sobre a terra mais do que três pessoas: seu pai, sua mãe e ele mesmo. No entanto, ele encontrou uma mulher, de quem teve um filho. Quem poderia ser essa mulher e como pôde encontrá-la? Caim construiu, também, uma cidade. Uma cidade, no entanto, supõe a existência de habitantes e de pessoas para a cons-

truírem, porque não é presumível que Caim a construísse para ele mesmo, para sua mulher e para seu filho. Tampouco seria crível que a construísse sozinho. Fica, portanto, comprovada a existência de outros habitantes, conforme se verifica por estas palavras de Caim: "Andarei fugitivo e vagabundo e quem me encontrar me matará". Por quem temia Caim ser morto e para quê Deus lhe pôs, na testa, um sinal, a fim de preservá-lo, se ele não podia encontrar ninguém?

## Capítulo VII

### UMA HISTÓRIA QUE NAO PASSA DE LENDA

A lenda em apreço é a história do dilúvio bíblico.

Deixando de lado os fatos geológicos, a prova da existência do homem sobre a terra antes da época fixada pela Gênese encontra-se demonstrada pelo povoamento do globo.

A cronologia chinesa remonta a trinta mil anos. Documentos mais autênticos provam que o Egito, a Índia e outros países estavam povoados e eram florescentes muitos milhares de anos antes de Jesus Cristo. Recentes observações e documentos afirmam, sem margem de dúvida, que houve relações entre a América e os antigos egípcios, donde se deduz que aquele país já se encontrava florescente naquela época.

Seria loucura acreditar que a posteridade de um só homem poderia povoar a maior parte da terra num número bastante curto de anos! Tal impossibilidade torna-se ainda mais absurda quando se admite, com apoio na Gênese, que o dilúvio destruiu totalmente o género humano, com exceção de Noé e de sua família no ano 2.349 a.C. Não poderia ser, portanto, senão de Noé que emanaria, daí em diante, o povoamento do globo. Naquela época a História indica que Menés era o rei do Egito. Quando os hebreus se estabeleceram naquele país (642 anos depois do dilúvio), sem dúvida ele era um poderoso império totalmente povoado, sem mencionarmos as populações de outros países, o que seria inadmissível em menos de 6 séculos apenas pelos descendentes de Noé.

Note-se, também, que, ao mesmo tempo que os egípcios receberam os hebreus como estrangeiros, seria assombroso que houvesse esquecido de uma comunidade cuja origem era tão próxima daquele

país e entre pessoas que conservavam religiosamente os monumentos de sua História.

Uma lógica rigorosa, corroborada pelos fatos, demonstra, de modo mais peremptório, que nunca existiu um homem chamado Adão e que tampouco existiram Eva, Caim, Abel, Set, Sem, Jafé, Abraão, etc. Ela também demonstra que esses nomes são alegorias sagradas, que significam: Adão (unidade coletiva, Homem Universal também chamado de Adam-Kadmon); Eva (a polaridade feminina); Caim (força que assimila a si mesmo); Abel (força possível, o poder liberador); Set (o poder da procriação); Noé (o repouso da existência na matriz universal que engendra uma tríade de seres emanados); Sem (a brilhante preeminência); Cam (a obscura inclinação) e Jafé (a extensão absoluta). Abraão é o Brahma ou Abraham dos persas e hindus, é a alma do Universo, Impessoal, Suprema, Incognoscível, de cuja existência tudo emana, etc, etc.

## Capítulo VIII

### LENDAS QUE SÃO HISTÓRIAS VERDADEIRAS

O corpo nada mais é do que um envoltório destinado a receber o espírito da Vida e, assim sendo, pouco nos importa sua origem ou o material de que está formado. Seja o corpo do homem uma criação especial ou não, nem por isso deixará de ser formado pelos mesmos elementos que formam o corpo dos animais, que são animados pelo mesmo Princípio Vital, sujeito às mesmas vicissitudes e às mesmas necessidades. Este é um aspecto sobre o qual dá completa concordância de opiniões. Nada mais considerando, a não ser a matéria, e prescindindo inteiramente do espírito, o homem nada possui que o distinga dos animais. Tudo, no entanto, muda de aspecto quando se faz a distinção entre o habitante e sua morada.

Mesmo que more na cabana de um pastor ou se cubra com as roupas de um camponês, o sábio não deixa de ser o que é. Assim acontece com o homem. Não é a sua vestimenta de carne que o coloca acima da categoria dos brutos e que o faz um ser diferente, e sim o seu espírito.

Sob o ponto de vista orgânico, reconhecemos que, desde o zoófito até o homem, existe uma cadeia que se eleva gradualmente, sem

que nela se note qualquer solução de continuidade e cujos elos têm um ponto de contato com o imediatamente anterior e posterior. Uma vez que o corpo do homem se encontra em situação idêntica à de outros corpos, tanto química quanto constitucionalmente, ele nasce, vive e morre. Da mesma forma, está ele formado e revestido pelas mesmas condições. Seja qual for o preço que o homem tenha de pagar pelo seu orgulho, precisa ele resignar-se quanto a este fato e ver em seu corpo material apenas o último elo da animalidade sobre a Terra.

O implacável argumento dos fatos aí está, contra os quais nenhum argumento é válido.

Já dissemos que a raça adâmica não poderia ter emanado de um só homem. A evolução da vida tem suas etapas. Primeira, ela constrói materiais ultrafísicos, que é o que chamamos de vida elemental. A seguir, com a experiência adquirida neste campo, ela anima os elementos químicos em combinação, convertendo-os em alma (grupo mineral!); em seguida ela cria o protoplasma e anima as formas, primeiramente as vegetais e, depois, as animais, vindo o homem como representante da última etapa, na qual a vida cria seres capazes de pensar e de arriar, de sacrifício e idealismos.

Mas o homem não é, nem por isso, o último elo dessa cadeia.

Nas diversas regiões do Norte e do Sul, de Leste a Oeste, muitos povos vivem, de diferentes raças e crenças. Chama-se Etnologia o estudo dos povos no que concerne às suas peculiaridades corporais.

Os povos do mundo atual podem ser classificados de várias maneiras e duas dessas classificações estão reconhecidas como dignas de confiança. Verificou-se que o formato da cabeça e a contextura dos cabelos são elementos de classificação bastante seguros por serem fatores que passam de geração a geração sem grandes modificações. A primeira divisão, baseada nas diferenças encontradas no Índice cefálico, compreende três grupos: dolicocefalos (ou de cabeça grande), braquicefalos (ou de cabeça média) e de cabeça curta.

A segunda classificação, ou seja, a que se baseia na contextura dos cabelos, afirma que estes podem ser lanudos ou crespos, eriçados ou ondulados e lisos. Na primeira classificação, os pêlos são achatados como cintas e sua seção transversal, vista ao microscópio, tem a forma de uma elipse achatada. Na segunda, a seção é mais elíptica do que circular. E, finalmente, na terceira os pêlos estão planificados e sua seção é circular. Estas três classificações entendem o cabelo como lanoso, liso e ondulado.

A classificação de Broca mostra-nos três tipos principais de pessoas. Nenhuma adota um só tipo em todos os indivíduos. Em todas elas podemos encontrar indivíduos de cabeça grande, curta ou média, porém há de sempre predominar um desses três tipos e é nessa predominância que repousa a classificação.

1º) O etíope, de pele escura, quase negra, lábios grossos, cabeça dolicocefala e cabelo negro, crespo.

2º) O mongol, com as maçãs do rosto salientes, tez amarela ou avermelhada, pêlos curtos e lisos, nos homens, e escasso, nas mulheres.

3º) O ariano ou caucasiano, branco ou moreno, pêlos lisos ou com tendência a alisar-se, de cor vermelha, morena ou ruiva.

A raça caucasiana é a que mais se aproxima do nosso padrão atual de Beleza e a temos da forma mais perfeita, não apenas em beleza estrutural, mas também na facilidade que tem em responder aos estímulos externos e na alta receptividade que apresenta para os pensamentos e emoções filosóficas e artísticas mais refinados.

Os povos do mundo atual têm suas civilizações, mas nenhuma delas sobreviverá eternamente. Assim, o destino de Nínive, Ciro, Grécia e Roma será o destino de todas. Umhas e outras desapareceram sem deixar rastro, enquanto outras legaram à humanidade uma mensagem de arte e de vida.

O Livro do Tempo está aberto diante do homem sem preconceitos, dele dependendo escolher uma vitória que para nós ocorreu há mil anos, porque nada desaparece no Cosmos.

Apresentamos, aqui, o resultado do exame das civilizações passadas.

Em época muito remota, há mais de um milhão de anos, a distribuição da terra e da água em nosso planeta era muito diferente da que conhecemos hoje. Sabemos que a superfície terrestre muda constantemente, submergindo certas porções para fazer com que outras aflorem; deixando aqui alguns esqueletos, fósseis e, até, modelos e escritos; deixando ali esculturas representativas do que foi a Terra em épocas distantes antes deste ou daquele cataclisma.

De tais estudos observamos que desde que o homem fez da Terra sua morada, sofreu ela várias transformações motivadas por cataclismos, entre os quais o mais importante foi o sofrido pela Lemúria, termo criado pelo naturalista Sclater, que foi quem deduziu a existência remota desse continente. Já os homens povoavam a Terra nos tempos da Lemúria e os lêmures eram do tipo etíope. As raças

atuais de cabelos crespos são resíduos dos antigos lêmures, com pequenas variações, exceto na diminuição da estatura.

Lentamente e ao cabo de algum tempo, a configuração da Terra veio a modificar-se. Aonde hoje existe o Oceano Atlântico existiu, noutros tempos, um continente que foi chamado, segundo Platão, de Atlântida. Nele aparece o segundo tipo de nossa classificação, o mongol, de pêlos lisos e pomos salientes. Do lugar em que residiam e donde se originaram acabaram emigrando em todas as direções, formando os milhões dos chineses atuais e seus consangüíneos, os índios da América do Norte e da América do Sul, uns e outros que vão desaparecendo gradualmente.

Nos tempos da Lemúria os contornos da Terra eram diferentes. Porém, no século 96 a.C, terríveis convulsões telúricas destruíram este último continente que foi sepultado no fundo do mar, fato que deu origem a uma enorme onda que varreu as terras baixas e deixou impressa na mente humana a recordação de um imenso e devastador dilúvio.

Quando Atlântida desapareceu sob as ondas, surgiram outras extensões de terra, como o Sahara e aquilo que um dia foi um mar interior na Ásia Central, transformou-se no atual Deserto de Gobi, adquirindo a Terra mais ou menos o aspecto que tem hoje em dia.

A Atlântida não é uma lenda. Comprovam-no os contornos físicos do leito do Oceano Atlântico, delineado pelas profundidades que sua sondagem faz deduzir. Em torno dos Açores o solo não desce de modo suave, como é comum nas costas marítimas, e sim de um modo abrupto. Os Açores eram, antigamente, os cumes nevados e inacessíveis do continente submerso.

No entanto, muito antes da destruição da Atlântida, nasceu na costa meridional do Mar Asiático central uma nova raça de homens: a Raça Ariana ou Caucásiana, correspondente ao terceiro tipo.

Ela estendeu-se de sul a oeste, transformando-se posteriormente nos índios, nos árabes, nos persas, nos gregos, nos romanos, nos celtas e nos teutões.

Assim, portanto, a Lemúria, a Atlântida e a Ásia foram o berço das três já mencionadas raças, cujos descendentes povoaram a terra. Supõe-se, também, que duas raças anteriores às três atuais desapareceram em tempo tão recuado que delas já não restam descendentes diretos.

Cada Raça-Tipo ou Raça-Raiz sofre sete modificações, a que se dá o nome de Sub-Raças ou Ramificações e estas possuem as características da Raça-Mãe ou Raça-Raiz.

Podemos, desta forma, resumir as raças do seguinte modo:

#### 19) RAÇA LÊMURE

Negros, negrinhos e negróides, além de outros povos de pêlo crespo. Suas três primeiras sub-raças não deixaram rastro algum. Encontra-se agora, apenas, uma Ramificação-Matriz pura, ainda que mescladas umas com as outras sem perda de características.

Da sétima raça lêmure desenvolveu-se a Quarta Raça-Mãe ou Raça Atlântida, que também possuiu suas sete sub-raças. Essas sub-raças foram: (1) Remohales; (2) Tlavatlis; (3) Toltecas: maias e quichés; (4) Turanianos, que eram os antigos chineses; (5) Semitas originais; (6) Acádios; (7) Mongóis: japoneses e malaios.

Das duas primeiras não existem descendentes puros vivos, mas o esqueleto de FUR-FOOZ é um exemplar da primeira e o de CRO-MAGNON da segunda.

A Tolteca conserva-se até hoje nos peruanos puros, nos astecas e também nos índios da América do Norte.

A quarta sub-raça ou Turaniana emigrou para leste, ultrapassando a Babilônia, para além do Rio Amarelo e as planícies da China. Representa-a hoje, em certas regiões chinesas, a raça amarela de estatura alta, que é inteiramente diferente da sétima sub-raça chinesa. Os semitas autóctones (5ª sub-raça) deixaram-nos seus descendentes puros nas cábilas do norte da África.

A sexta raça ou Acádia foi formada pelos fenícios que comerciavam no Mediterrâneo. Quanto à sétima ou mongólica, que se desenvolveu a partir da quarta ou Turaniana, embrenhou-se pelas planícies da China, estando composta, atualmente, pelos chineses modernos. Há duas raças: a japonesa e a malaia, que pertencem a algumas dessas sub-raças e que participam de duas ou mais delas, principalmente a japonesa, que, segundo se crê, foi a última evolução da Raça-Raiz, o esforço final, quando então começaram a decair suas energias.

Da quinta sub-raça ou Semita, original da Atlântida, desenvolveu-se a Terceira Raça-Matriz, ou seja, a Raça Ariana, que também tem suas sete subdivisões, das quais não surgiram mais do que seis.

#### 29) RAÇA ARIANA

Sub-raças: (1) Indo-egípcio; (2) Arianos ou Árabes; (3) Iranianos; (4) Celtas; (5) Teutões; (6) Austral-Americanos.

A primeira pertencem os arianos hindus e, também, um dos tipos do antigo Egito, que pertencia à classe superior ou dos governantes. A segunda é a ariana semita, que difere da semita original e hoje tem seus representantes nos árabes e mouros. A terceira é a iraniana, à qual pertenceram os antigos persas e cujos descendentes são, também, os persas modernos. A céltica ou quarta raça foi formada pelos gregos e romanos, a ela pertencendo os de sangue teutônico, estado seus modernos descendentes em toda a Europa.

Face à mescla de todas essas cinco sub-raças anteriores formou-se a sexta, que se encontra nos Estados Unidos e na Austrália. A ela denominamos Austral-Americana. A esta seguir-se-á, no seu devido tempo, a sétima, que se desenvolverá na América do Sul.

Cada sub-raça possui sua característica. A índia é filosófica; a egípcia é prática; a árabe, agudamente sensível, guerreira e poética; a Iraniana, industriosa e dada a empreendimentos mercantis; a Céltica é emocional e idealista; a Teutônica é comercial e científica; enquanto a Austral-Americana será intuitiva, cooperativa e fraterna.

Face a tudo que anteriormente assinalamos, depreende-se que os árabes formaram a segunda sub-raça ariana, já que o ramo indo-egípcio foi o primeiro.

## Capítulo IX

### A SEGUNDA SUB-RAÇA: A ÁRABE

Os árabes, como segunda sub-raça, foram os herdeiros da filosofia hindu e do senso prático dos egípcios, de tais características nascendo neles a sensibilidade aguçada que engendrou, respectivamente, o espírito bélico e poético. Esta sub-raça, porém, legou ao mundo em geral todo o saber antigo, assim como aquele por ela descoberto e aperfeiçoado até os tempos atuais, o que demonstraremos em seu devido tempo.

Desde sua primitiva origem, por volta do ano 60.000 A.C., os arianos foram crescendo até formar um poderoso reino que circundava o mar de Golfe, chegando gradualmente a se tornarem senhores de muitas nações vizinhas, inclusive a dos turanianos, que tão desapidadamente haviam exterminado seus antecessores.

Esse povo foi a raça-raiz-tronco de todas as nações arianas e dela surgiram, desde o ano 40.000 a.C., as grandes emigrações que deram origem às sub-raças arianas.

Esse povo-raiz permaneceu em sua própria terra até que houvessem saído de seu seio, em direção ao Oriente, quatro dessas grandes emigrações e numerosas hostes conquistadoras que se apoderaram da Índia.

Os últimos arianos saíram do país ensolarado para irem reunir-se na Índia, com seus precursores no ano 9.564 a.C., pouco antes do afundamento de Poseidon, ilha que restou da Atlântida, e seu êxodo teve por causa determinante a necessidade de escapar do espantoso cataclisma.

Desta Raça-Tronco derivaram as ramificações ou sub-raças. Os que emigraram para a Índia constituíram a primeira sub-raça ariana. No entanto, a primeira emigração da Índia recebeu o nome de segunda sub-raça ou Árabe.

Os árabes ocuparam a Península Arábica, com umas poucas colônias nas costas da Somália. Tal povo cresceu e multiplicou-se durante milhares de anos antes de Jesus Cristo.

Por fim, chegou o tempo de arianizar ou formar a raça ariana pelos descendentes dos árabes, porque, de todos os atlantes, eram estes árabes os mais próximos para adquirirem as novas características, tomando-se em consideração que a primeira tentativa foi feita com o ramo indo-egípcio ou primeira sub-raça.

Os egípcios eram, naquele tempo, uma raça dotada de sentimentos religiosos muito profundos, já dispondo dos ensinamentos de Toth ou Tehudi, posteriormente rebatizado de Hermes pelos gregos, cuja doutrina havia invadido a Arábia. Desse modo, adveio à segunda sub-raça a filosofia de Hermes e a doutrina da "luz interna".

Passados muitos séculos, subiu ao trono um sábio monarca, que lançou seus exércitos em direção ao mar e que se proclamou imperador da Arábia, permitindo o livre exercício de cultos a seus vassallos.

No entanto, um grupo de meridionais acreditou-se no dever de protestar contra o que consideravam o triunfo do Mal e, reunidos em caudilho em torno de um profeta eloquente, abandonaram sua pátria conquistada e estabeleceram-se na fronteira das costas da Somália, onde se multiplicaram e viveram durante alguns séculos sob o governo do profeta e de seus sucessores, até que sobreveio um acontecimento que provocou cisão entre eles. Soube-se que o profeta reinante, naquele tempo, se amancebou com uma jovem negra

procedente do interior do país, enquanto que uma parte do povo predicava a pureza da raça. Tal acontecimento provocou certo alvoroço e uma exígua minoria rebelou-se contra a inovação. (Pode-se aqui ler, na Bíblia, a lenda relativa à união de Abraão com Agar, bem como aos erros e equívocos praticados pelo suposto pai dos judeus.)

Então separaram-se horrorizados da maioria, afirmando que não podiam viver mais tempo em companhia de hereges que haviam abandonado seus princípios e partiram em numerosa caravana, rodeando as costas do Mar Vermelho, donde eventualmente abriram caminho para o Egito.

O faraó ofereceu-lhes uma comarca fronteira a seu reino, caso os emigrantes a aceitassem. Eles a aceitaram e ali viveram prosperando pacificamente durante séculos, sob o amparo benéfico do governo egípcio, embora sem mescla alguma entre os dois povos. Chegou, no entanto, o dia em que determinado faraó quis cobrar-lhes tributos e forçá-los a trabalhos em obras públicas egípcias, o que foi considerado lesão a seus privilégios e em consequência emigraram em massa para a Palestina, aonde se estabeleceram.

É este o povo em que predomina o espírito da raça que, na História, recebeu o nome de hebreu ou judeu, que ainda mantém tão firmemente até hoje, com a crença de ser o povo eleito.

Os que ficaram na Somália e que eram maioria, voltaram à terra de seus antepassados, absorvendo-se na massa geral da população. Haviam tomado o nome de árabes (outra lenda bíblica referente a Ismael, filho de Abraão e de Agar), embora ainda mereça menos esse título. Existe, ainda, a tradição contando que os árabes desembarcaram em Aden, espalhando-se pouco a pouco pelo norte, ao passo que a verdade é que esses foram os mostárabes ou árabes adiectícios.

A segunda sub-raça, verdadeiramente árabe, foi crescendo, multiplicando-se e progredindo durante alguns milhares de anos, até expandir seu domínio por quase toda a África, exceto no que tange ao Império Egípcio, que posteriormente invadiram, fundando a Dinastia dos Hicsos. No entanto, o apogeu de sua grandeza coincide com a época em que governavam a Ilha da Argélia, ao largo da costa oriental. Chegaram ao Cabo da Boa Esperança, aonde fundaram um reino que abarca as atuais regiões de Metabelelândia, Transvaal e Lourenço Marques.

Na formosa Metabelelândia edificaram grandes cidades de tipo maciço, predileto pela raça, com magníficos templos, ali desenvolvendo-se uma cidade de grande valor. No entanto, entre o atraso dos africanos e a cultura dos árabes conquistadores abria-se um abismo

intransponível, motivo pelo qual os vencedores a eles ficaram completamente sujeitos, desempenhando tarefas de lavradores e criados. Os árabes também fundaram colônias na costa ocidental da África, embora dali tivessem sido obrigados a se retirar. O Império Meridional invadiu a Ilha de Madagáscar com o propósito de ocupá-la, mas só conseguiu manter umas poucas colônias em diversos pontos da costa.

Quando o grande Império Súmerico-Acadiano desmembrou-se, separando a Pérsia, a Mesopotâmia e o Turquestão, um monarca árabe concebeu a ideia de reunir sob um mesmo cetro os pequenos estados resultantes daquele desmembramento e, à frente de numeroso exército, travou contra eles uma porfiada guerra que durou vinte anos e que lhe deu a posse das planícies da Mesopotâmia e de quase toda a Pérsia, até o vasto lago salgado de Khorasan, que hoje é deserto. No entanto, o mencionado soberano não logrou conquistar o Kordistão, nem submeter as tribos montoneras que acossavam a marcha de suas tropas. Morto o soberano seu filho decidiu, com bastante prudência, consolidar, mais do que estender, seu Império, cuja unidade foi mantida durante alguns séculos até que as discórdias dinásticas sobrevieram na própria Arábia, durando cerca de dois séculos.

Outro monarca árabe procurou invadir a Índia. Expediu uma frota nesse sentido, que fracassou no seu intento.

Ao cabo da ruína do império árabe, persa e caldeu, sucederam alguns séculos de sangrenta anarquia, a qual deixou o país quase despovoado. A segunda raça árabe dormiu, então, o seu primeiro sono até a chegada de Maomé, que a despertou novamente para o trabalho.

Durante esse sono, porém, que durou muitos séculos, surgiram a terceira e a quarta sub-raças seguintes: a Iraniana e a Céltica.

## Capítulo X

### A ESPIRITUALIDADE DA BÍBLIA

Vimos, no capítulo anterior, que a Bíblia não é uma história profana, porém, quando reconstituímos o texto bíblico, encontramos a maravilhosa história da Cosmogonia.

Não podemos, nesta obra, reconstruir todo o Sefer de Moisés, pois tal coisa escapa ao nosso objetivo, mas podemos fazê-lo no que tange ao Capítulo X, que enumera os descendentes de Noé.

Antes de começarmos a examinar o mencionado capítulo, mister se faz, para compreensão do leitor, que esclareçamos sumariamente os capítulos anteriores.

São Paulo afirmou: "O primeiro Adão é celestial, enquanto o segundo é terreno". Por meio dessa curta frase, ele interpretou o significado dos três primeiros capítulos da Gênese. O primeiro Adão é o Homem Universal, o Espírito feito à imagem de Deus e que se diferenciou d'Ele. O segundo Adão, de que fala o segundo capítulo da Gênese, é o homem terreno, porque já veste a roupagem de carne tomada da terra.

Disso podemos deduzir que o primeiro Adão é o Espírito e o segundo é o homem considerado como indivíduo. Eva, tampouco, é um nome de mulher, mas a faculdade volitiva, o poder individual do homem.

Assim são, também, os demais nomes citados na Gênese. Eles significam faculdades do homem e não os nomes de homens ou de pessoas.

"Nahash", a serpente, é a atração original do desejo, o princípio interior da Natureza.

O fruto da Arvore do Bem e do Mal é a própria substância que se encontra no meio do recinto.

A união de Adão (Homem Universal) com Eva (faculdade volitiva eficiente) produziu Caim (a força que abarca e assimila a si mesma).

Abel é o poder libertador. Set é a base das coisas ou o equilíbrio. As faculdades produzidas pela força que abarca e assimila tudo para si mesma (Caim) são:

HENOCHS — a força central, o que fundamenta;

WHIRAD — o movimento, a vontade;

MEHOJJAEL — a matéria objetiva;

METHOUSAEL — a morte;

LAMECH — o renascimento, o equilíbrio entre a vida e a morte. Lamech tomou para si duas faculdades na qualidade de esposas corporais.

De Whada, a evidente, teve Javal (Princípio acuoso do qual emana a abundância). Teve THUBAL CAIN (princípio mercurial e material, origem dos trabalhos mecânicos) e uma irmã que foi NAWOHOMA (o princípio da união e da sociedade);

ABEL — A "força que liberta o espírito", não teve descendência até aquele tempo, porque seu irmão, Caim, com suas forças corporais e físicas, o obscureceu e imolou. Foi, então, necessário o equilíbrio entre os dois princípios e nasceu Set; SET — É a base das coisas. Seus descendentes são: Aenash: o homem corpóreo, o ser mutável; Cainan: o invasor que abarca a generalidade das coisas. Cain engendrou:

Mahollael: o esplendor, a exaltação; Ired: a ação e a reação;

Henoch: o movimento de centralização e de contração que gera a estabilidade e consolida o Bem e o Mal;

Methushale: emissão da morte;

Lamech: o renascimento, o equilíbrio entre a vida e a morte. LAMECH engendrou um filho e a ele deu o nome de Noé: o repouso da natureza elemental.

NOÉ, o repouso da existência, havia engendrado uma tríade de seres emanados:

Sem — o brilho, a inteligência, o espiritual;

Cam — a inclinação obscura, o desejo que engendrou Canã, o físico;

Jafé — a extensão absoluta, a atividade prática, a mente. E o término de todos os corpos vivos chegou, porque a Terra estava tomada por um ardor tenebroso e devorador.

Noé, o repouso da Natureza, que no entanto tinha em si a força criadora, introduziu-se na "thebath" (Arca), uma grata clausura, que representa a matriz materna. Veio sobre a Terra um grande fluxo de águas ao terminar o período caloroso e candente que destruiu toda a matéria corpórea, porém subsistiram em Noé (a Natureza em repouso) as forças criadoras d'Ele, na Arca ou Matriz. Tal Matriz continha (com Noé e suas emanações) todo o germen do gênero volátil e quadrúpede, segundo sua espécie, e de todo animal reptiforme oriundo do elemento adânico. Todos, de par em par (os dois pólos necessários para a manifestação).

Haverá algo mais verdadeiro e mais sublime do que isto? Haverá outra Cosmogonia mais exata do que aquela que nos apresenta a Bíblia? Não nos podemos deter, por ora, neste paraíso, porque precisamos sair dele, a fim de chegar aos descendentes de Noé ou da Natureza.

E os filhos de Noé (suas emanações), que saíram da Arca (Matriz), foram:

Sem (aquele que é elevado e brilhante: o espiritual);

Cam (o obscuro, o desejo ardente: o corporal);

Jafé (o que é propagado, a mente), que foi, por sua vez, o pai de Canã (a existência física).

Três foram os filhos de Noé (seres emanados da Natureza) para os quais a terra foi dividida.

E Noé libertou (deu liberdade novamente, desprende com esforço) ao homem intelectual do elemento adâmico e cultivou (assim) o que é elevado (as produções espirituais).

E bebeu em abundância o que é do espírito e exaltou seu pensamento (deu violento vôo à imaginação).

E revelou-se no centro (no mais secreto lugar de seu tabernáculo).

E Cam, o pai de Canã (o corpo físico,), observou os próprios segredos de seu pai, divulgando-os a seus dois irmãos no recinto exterior.

E Sem e Jafé tomaram sua própria roupagem da esquerda e elevaram-na sobre as espáduas de ambos. E, caminhando para trás, cobriram os mistérios ocultos. Não viram, assim, os mistérios de seu Pai.

E Noé voltou de sua exaltação espiritual, soube o que tinha sido feito pelo menor de seus filhos (a última produção) e disse: "Maldita seja Canã (a existência física e material), o servidor dos servidores de seus irmãos (do Espírito e da Alma).

"Que Deus estenda os demónios de Jafé e o faça habitar nos tabernáculos de Sem (o espiritual) e que Canã (a existência física e material, o corpo) lhe sirva (ao espírito) com seu povo."

Por meio de uns poucos parágrafos, reconstruímos os nove primeiros capítulos da Bíblia e, agora, podemos dedicar-nos ao Capítulo X, o qual, reconhecido e estudado à luz da razão, nada tem a ver com as genealogias raciais e que não passa de um processo evolutivo, vaiando mencionar que nem os semitas, nem os árabes, nem qualquer outra raça tem nada a ver com aquele capítulo, que representa, apenas, uma resenha da evolução do homem em seus três mundos: o espiritual, o mental e o físico.

VERSÍCULO 1º — E estas foram as características das gerações dos seres emanados de Noé, repouso da natureza elemental: Sem, o Espírito; Cam, o corpo, e Jafé, o que se propagou, a mente (energia, mente e matéria).

E as criações delas emanadas depois da grande tumescência das águas.

29 — As produções emanadas de Jafé (o estendido, a mente) forem Gomer (a acumulação elemental ou força agregadora), Magog (a inteligência), Madaí (a divisibilidade), Jon (a utilidade geradora), Thubal (a difusão), Meschec (a percepção) e Thirass (a faculdade de cristalização sob forma determinada).

— E as produções de Gomer (da acumulação elemental)

Ashechenaz (o fogo latente e calorífico);

Rlphath (a expansão) e

Thogormach (a densidade ou causa da incorporação universal).

— E as emanções de Jom (a atividade geradora) foram:

Aelishah (força dissolvente e amassante);

Tarshish (o princípio simpático das repulsões e afinidades natural).

— Por meio dessas duas últimas faculdades, uma repulsiva e outra atrativa, os centros volitivos foram diferenciados na Terra, nos corpos organizados, tanto particulares, como gerais, inteligíveis ou naturais.

69 — As emanções de Cam (o desejo) foram:

Choush (a força ígnea ou combustão);

Mitzeraine (as faculdades vitoriosas subjugantes);

Phott (a exaltação) e

Canã (a existência física e material).

79 — As emanções de Choush (a força ígnea) foram:

Sceba (a umidade radical);

Hawhilah (a energia, o movimento);

Scabetah (a causa determinante) e

Rahamah (o raio). E Scabethechah (o efeito); e as produções emanadas de Rahamah (o raio) foram Sceba (o retorno ao repouso) e Dedasa (a afinidade eletiva ou eletricidade).

89 — E Choush (a força ígnea) engendrou Nimrod (a vontade desordenada e rebelde, despótica e obediente a seu próprio impulso, a vontade que fez violentos esforços para dominar a Terra).

99 — Aquele que foi soberbo adversário aos olhos de Jeová deu lugar a este provérbio: "parecido com Nimrod", ou seja, o princípio da vontade anárquica.

10 — E a origem de seu domínio foi no seio de Babel (a casa de Deus):

Aresh (a moleza ou relaxamento dos costumes);

Achad (isolamento e egoísmo);

Chalench (a ambição) na terra de Shinehar (a revolução civil).

11 — Porém, do seio dessas revoluções civis, saiu Asshour (o princípio harmônico, o princípio do governo, a ordem, a felicidade, o resultado da observância das leis), o qual estabeleceu Niuweh (o desenvolvimento exterior, a educação da juventude, o que concerne às instituições internas) e Shalah (o aperfeiçoamento das leis, a congregação dos anciãos, o senado).

12 — Não obstante, entre Niuweh (o crescimento exterior), Chalah (o aperfeiçoamento interior), Ressen (as rendas do Estado) era o poder mais alto e a salvaguarda da sociedade.

13 — E Mitzeraim (as forças subjugantes) engendrou a propagação física (Ludeos), os entorpecimentos (Whorameos) e os Seha-beos (as exalações inflamadas) e os Naphethubeos (as cavernosidades).

14 — E a dos Patherusseos (as rupturas infinitas) e a dos Chasaluteos (as provas expiatórias), de que também saíram os Filisteus (os infiéis) e os Chaphathoreos (os fiéis).

15 — E Canãa (a existência física) produziu a existência de Tzidon (a astúcia, seu primeiro rebento) e de Heth (o relaxamento moral).

16 — Assim mesmo engendrou aos Jebuseos (as réplicas interiores) e aos Aemoseos (as manifestações exteriores) e aos Girgasheos (as deliberações reiteradas).

17 — Deu nascimento aos Hiweos (as vidas animais) e aos Wharkeos (as paixões brutais) e aos Scineos (as paixões odiosas).

18 — E engendrou, também, aos Arwadeos (os desejos de conquista) e aos Tzemareos (os desejos insaciáveis). E logo foram dispersas as tribos dos Cananeus, a existência física).

19 — E tal foi a existência que alcançaram os Cananeus (ou emanações da existência material por meio de astúcia e de intrigas, de tiranias, de insensibilidade e de guerras), que se transformaram no sumidouro das riquezas.

20 — Tais foram os filhos de Cam, segundo suas tribos, segundo suas línguas, nas suas terras e organizações universais.

21 — E por Sem, irmão mais velho de Jafé, foram também engendrados os que foram pais das produções ultraterrestres.

22 — As produções emanadas de Sem (o elevado e brilhante) foram:

Weilam (a Eternidade), Asshour (a Harmonia Feliz e Poderosa), Arphacheshad (o princípio providencial), Lud (a propagação), Mash (a elevação) e Aram (a exaltação).

23 — As gerações de Aram foram Whontz (a substanciação), Houl (o trabalho virtual), Gether (a pressão abundante) e Mash (a recolhida dos frutos espirituais).

24 — E Arpha Cheshed (o princípio mediador universal) produziu Shelah (a graça divina) e Shelah (a graça) e este gerou Wheber (o que está além do mundo).

25 — E Wheber (o ultraterrestre) fez emanar seus filhos Phaleg (a classificação, que surgiu quando a Terra foi dividida em dialetos).

26 — E o segundo foi Jaktan (a atenuação do Mal), que produziu Almodad (a mensuração probatória e divina), Sahleb (a emissão refletida), Siotzar Moth (a cisão operada pela morte) e Jarah (a manifestação radiante fraternal, ou seja, a Lua).

27 — E a de Hadosam (o esplendor universal) e a de Auzal (o fogo depurado e divino) e a de Dikelah (o crescimento etéreo e so noro).

28 — E Whobal (o orbe infinito) e Abimael (o pai da plenitude) e Shebá (reintegração e redenção).

29 — E Aóphir (que foi a origem do fim elemental), Hawilah (a virtude reconhecida), e Jobaba (o júbilo celeste), todos eles filhos de Jaktan (a atenuação do Mal).

30 — E foi o ponto de partida e a sede da reintegração de suas criações, desde a época da recolhida dos frutos espirituais à força do trabalho do espírito até o princípio gerador da anterioridade dos tempos.

31 — Esses foram os filhos de Sem, ou seja, o que é reto, culto, sublime, brilhante, segundo suas tribos, línguas, religiões e organizações diversas.

32 — E essas foram todas as tribos de todos os filhos de Noé, repouso da existência elemental, segundo suas gerações, características, organizações constitucionais e, por seu intermédio, as organizações particulares e gerais foram disseminadas pela terra, depois de uma grande intumescência de águas.

Como se vê, da reconstrução do Sefer, não consta o nome de nenhuma raça, nem de nenhuma nação e todas essas denominações e nomes nada mais são do que faculdades espirituais e mentais derivadas do próprio homem. Por tal motivo, dissemos, em capítulos anteriores, que a Bíblia é uma Cosmogonia Espiritual, um livro sagrado e não história profana.

E o que mais nos chama a atenção é o gênio ou a ignorância dos historiadores que souberam aplicar a cada nome ou faculdade o mesmo nome de um povo ou de uma raça. E quando tropeçam com a existência de um povo designado pela Bíblia, dizem: "Extinguiu-se!".

Com efeito, os historiadores, ao tomarem os versículos bíblicos ao pé da letra, fizeram de Jaktan um homem cujos filhos foram muitos, entre eles Hadramaut (uma região da Arábia) e Saba (outra região).

Vem, em seguida, outra contradição: no capítulo XXV da Gênese são dadas outras genealogias (duas) de estirpe árabe: a primeira, com os filhos de Ismael, filho de Abraão e de sua concubina Hagar (Agar), entre os quais Nobayot, Gedar, Dumah, Massah, Teyma (todos nomes de lugares) são facilmente identificáveis nos versículos XIII e XIV.

A segunda: com os filhos do próprio Abraão e de sua concubina Geturach, dos quais sobressaem os nomes de Midyam e Eifach em outros, o de Seba (Saba), ao qual se designou diversa procedência da que se encontra na Táboa dos Povos (Vers. I-IV). Em qual dos capítulos da Bíblia devemos crer?

Dessa genealogia é impossível extrair qualquer luz e, por esse motivo, temos de recorrer a outras fontes mais seguras da História Universal, porque já deixamos comprovado que a Bíblia é a História da Evolução da Alma.

## Capítulo XI

### NOSSAS FONTES

Esta história está formada pelos dados tomados de muitas obras, como:

- 1º) enciclopédia Francesa;
- 2º) enciclopédia Árabe;
- 3º) várias histórias árabes;
- 4º) os poemas árabes pré-históricos que eram populares ao tempo de Maomé;
- 5º) as descobertas arqueológicas feitas no lemen, em Hadramaut, em Huran, na Síria e na Mesopotâmia, todas elas guardadas

como relíquias nos principais museus do mundo: Egito, Líbano, Londres, Paris, etc. Quanto às escrituras, as principais acham-se gravadas ou sobre ladrilhos ou sobre pedras em vários idiomas antigos como o Nabateu, o Caldaico, o Himiartita, o Aramaico, o Fenício, etc;

6º) as descobertas feitas na Ásia, no Egito e na Fenícia;

7º) o Corão;

8º) as obras dos orientistas e, por último,

9º) os mais fidedignos arquivos sobre a Cosmogonia, pertencentes a certas Fraternidades Ocultas. Esses arquivos não podem ser editados de modo total, embora muitos fragmentos deles tenham sido divulgados, estando alguns deles resumidos no capítulo VIII sob o título "LENDAS QUE SÃO HISTÓRIAS VERDADEIRAS". Tais lendas estão hoje comprovadas pelas descobertas feitas no Egito e na Mesopotâmia, como veremos no transcurso desta obra.

Esses arquivos inéditos afirmam — e até hoje ninguém pôde refutá-los — que a civilização atlante existiu há mais de 20.000 anos, assim como existiram as civilizações tolteca, do antigo Peru, e a turaniana, da antiga Caldéia.

Porém, muito milhares de anos antes certas tribos da quinta sub-raça branca (a raça cor da lua, como poeticamente a denominam as estâncias de Dzyan) foram escolhidas e conduzidas à Arábia e norte da Ásia. Esses foram os primeiros tempos da civilização e do império arianos.

A segunda sub-raça foi a árabe.

## Capítulo XII

### QUE SIGNIFICA A PALAVRA "ÁRABE"?

Já vimos no capítulo X o verdadeiro significado dos nomes bíblicos: Noé é a Natureza Passiva, Shem (da raiz Sem) significa alto, elevado, sublime, luminoso, superior e, por último, SOL e ESPÍRITO. Cam (derivado de Ham), porque a letra Hé dos idiomas semitas não tem equivalente nos idiomas latinos, significa calor, força ígnea, a combustão, o desejo; e Jafé (o estendido, o que se propaga) significando a mente.

Os semitas, então, não se chamavam desse modo, porque são descendentes de Sam apenas no sentido elevado e sublime, isto é,

por sua espiritualidade. Os filhos de Cam são os homens guiados por seus desejos e paixões. Os filhos de Jafé são os que se deixam guiar pela razão ou, em outras palavras, que da Natureza Passiva deram origem ao homem composto por espírito, mente e corpo.

Vejamos, agora, o que significa a palavra "ariano".

Etimologicamente, a raiz AR significa "elevado", "sublime", "alto", "luminoso", "superior" e todos esses adjetivos foram qualidades atribuídas ao sol.

O nome de Cristo é ARISTO ou HARISTOS, porque os gregos e muitos povos até nossos dias trocam algumas letras por conveniência linguística. AR, portanto, significa o sol, ou seja, Cristo, o ungido, o homem do sol. Da mesma forma "aristocracia" vem de ARISTO, ou seja, o melhor e de KRATOS, que significa força ou governo. Sua melhor tradução seria, portanto, A MELHOR FORÇA. AR, enfim, em linguagem primitiva, significa o sol e desta raiz emanou "ariano", "aristo", "arcai", "ara", "Aram Aramca", todas elas palavras que significam luz e altura. Também pertence a esta raiz o simbólico Monte Ararat. Estes fatos permitem-nos chamar a atenção do leitor sobre certos vocábulos semelhantes que têm conexão com o culto solar, a força da luz ou o fogo central. Assim mesmo, recordaremos o nome de Aarão.

Os que recebem o nome de "arianos" ou que têm por raiz a palavra AR, são os FILHOS DO SOL. Portanto, Ariano significa FILHO DO SOL.

A palavra ÁRABE (que deriva de **ar-abe**) jamais poderia significar "beduíno" nem Estepe; tampouco deriva de ARABA, pequeno vale "Uadî Musa" ou do "garb" ocidental segundo outros. A palavra ÁRABE tem duas raízes: AR, que significa "sol" e AB que significa "pai". Assim como ARIANO significa FILHO DO SOL, ÁRABE significa O PAI-SOL ou o pai dos arianos, porque, como vimos anteriormente, eles ocupam o posto de antecessores na qualidade de segunda sub-raça.

Já aqui podemos compreender melhor a denominação de semitas: provindo de Sam, o sublime (o Sol) que concorda com árabe, o elevado, o SOL-PAI e ambas as raízes — SAM e AR têm um só significado.

Por outro lado, se tomamos as palavras derivadas das raízes AR e AB, encontraremos a indicação de que a maioria delas significa: clareza, alma, espírito ou o pai. Podemos citar algumas, porque o acento das palavras árabes é intraduzível para outros idiomas:

Araba — verbo cujo significado é, entre outros, esclarecer uma ideia utilizando palavras claras;

Ahraba — iluminou, esclareceu, ilustrou, demonstrou;

Aruba — o sétimo céu;

Arabu — a alma.

Verificamos que do nome original foram tomadas muitas palavras que designam alguns atributos do Sol.

## Capítulo XIII

### DUAS CIVILIZAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS

Doze mil anos a.C. a civilização do Peru teve estreita semelhança com a do Império Tolteca em seu zênite. Não nos podemos deter neste ponto. Há, porém, outra civilização que tem bastante importância para o objetivo que buscamos. Trata-se da florescente região asiática que posteriormente foi conhecida como Babilônia ou Caldéia, dezenove mil anos antes de Cristo.

Esses dois impérios antigos tiveram em comum o fato de haverem caído, um e outro, sob a dominação de muitos povos que estavam em situação inferior a eles na escala evolutiva e que, não obstante, assimilaram os costumes, as leis e o credo dos vencidos.

Do mesmo modo que o Peru, depois de conquistado por Pizzaro, tornou-se, sob quase todos os aspectos, apenas um pálido reflexo do Peru antigo, assim também a Babilônia encontrada pelos arqueólogos era, sob muitos pontos de vista, uma imitação degenerada da Babilônia anterior, que era um poderoso império.

Com a Babilônia sucedeu, muitas vezes, que ao pináculo de sua glória um segundo império sobrepujasse o primeiro em poderio militar, extensão territorial e atividade comercial e mental, o que não impediu que a segunda raça se avantajasse na simplicidade de costumes, na ardorosa devoção religiosa demonstrada e no verdadeiro conhecimento dos fenômenos da Natureza. Porém, quando a primeira raça tornou-se sedentária, esta entregou-se ao ócio e ao comodismo, dali partindo para a decadência e a degeneração.

A Babilônia, segundo os persas, chamou-se BABIRUS. Os assírios chamavam-na de ACCAD e em hebraico era conhecida como BABEL. É, portanto, a Caldéia. Toda a região recebeu o nome de

Senaar. Os documentos cuneiformes chamam a região inteira de "PAIS DOS SUMERIANOS E DOS ACÁDIOS" devido às duas raças que nela habitavam.

Devemos, antes de tudo, saber que Babel existiu antes do dilúvio mencionado pelo Livro da Gênese e, segundo todos os historiadores, significa DEUS-PAI, O PODER DE DEUS, AS PORTAS DE DEUS, não provindo seu nome de BALBEL (confusão) para imortalizar a recordação da confusão de línguas que ali ocorreu. A Torre de Babel significa, portanto, "a torre de Deus-Pai".

Historicamente, encontramos os Sumerianos e os Acádios estabelecidos na Mesopotâmia no ano 5.000 a.C. formando uma nação poderosa, de vez que haviam conquistado o país, haviam-no povoado e nele fundado a antiga civilização babilônica.

Os historiadores crêem que o mais provável é que essas duas raças tenham sido mongólicas e uma das mais fortes provas disso foi o idioma que aqueles homens gravaram em Babel, utilizando o alfabeto cuneiforme antigo. Sua língua era muito semelhante à dos Ugrafines no que tange a letras, vogais, formação de vocábulos, números, etc.

O Acádios (cabeças negras) habitavam as montanhas situadas ao norte da Mesopotâmia, enquanto os Sumerianos haviam se estabelecido nas campinas próximas ao Golfo Pérsico.

Vieram, depois, os Assírios e os Amurianos, ambos compostos pela raça semita, que se apoderaram do país. Em seguida vieram os Acádios a confundir-se com os Assírios. Todos eles formaram um só povo semita, que desapareceu com o tempo.

Os semitas tomaram dos mongóis o tipo de escrita cuneiforme, além de sua cultura, ciência, costumes e credos. Encontramos, por esse motivo, entre eles, a mesma crença na criação do mundo e no dilúvio, acontecimentos que são relatados pelo babilônios em todas as demais nações e raças. Em Acad foram encontrados certas inscrições que dizem textualmente o seguinte:

"A mãe de Sargão I (3.800 a.C.) ocultou o nascimento de seu filho, colocando-o numa cesta que tapou com betume e lançou na correnteza do rio. Salvou-o 'Aqi'. Do mesmo modo Moisés teria sido salvo pela filha do Faraó muitos anos depois, É assim que a história se repete...

De todo o exposto podemos compreender que as únicas fontes históricas existentes partem somente de 5.000 anos antes de Cristo. Ainda que possamos dispor dos arquivos elaborados pelas Fraternidades Ocultas, cujos dados remontam a muitos milhares de anos an-

teriores a isso, iremos ater-nos unicamente às recentes descobertas feitas sobre Babel e a Assíria pelos historiadores antigos e modernos, porque eles são a única autoridade histórica aceitável.

Deixando, agora, de lado a pré-história, encontramos na História propriamente dita o fato de que a mais antiga raça que alcançou a maior civilização e que deixou vestígios na Babilônia foi a chamada raça árabe no terceiro milênio a.C.

Quando essa raça dominou a Mesopotâmia, seus habitantes, que eram os sumerianos e os acádios, abandonaram o país e emigraram em direção às costas do Mediterrâneo, aonde passaram a ser conhecidos como FENÍCIOS.

Essa raça árabe viveu, a princípio, a oeste de Babel, no deserto do Iraque (Mesopotâmia) e no deserto de Damasco. Estava composta por tribos nômades e os Sumerianos as usaram nas guerras que mantinham contra seus inimigos, pois a vida que os árabes levavam naquelas regiões desertas incitava-lhes o movimento e o exercício contínuos, conferindo-lhes bastante força corporal. Por isso, os filhos da cidade, os sedentários, pediam e ainda hoje pedem a ajuda dos montanhese e camponeses para tudo aquilo que demande esforço físico.

Assim, quando uma nação envelhecia e a corrupção advinha como produto do comodismo e do ócio, ela era sempre dominada e restituída pelos povos vizinhos, ou seja, pelos montanhese e camponeses, os quais adquiriam seus postos, costumes e credos. No entanto, também chegava depois para estes a época da velhice, o que fazia com que abandonassem seu lugar para outros.

Esta é a lei que regeu e que ainda hoje rege as nações e as cidades. Quantas vezes já não vimos um camponês (e o campo é a fonte de todos os alimentos) vir para a cidade grande com seus produtos, porém sem nenhuma propriedade, adquirir muitos bens e entregar-se à vida civilizada e à moleza?

A Mesopotâmia era, antigamente, um país fértil. Conquistaram-na os turanianos em tempos imemoriais. Eram camponeses fortes que desalojaram os aborígenes. Sobre eles a História não tem a menor noção. Eles incorporaram a si a religião e as leis encontradas e inventaram, com o tempo, uma forma de escrita que posteriormente se transformou nos conhecidos caracteres cuneiformes. Depois envelheceram, ocorreu o advento dos árabes, que tomaram a região e assimilaram seus deuses e leis, aumentando-os e corrigindo-os.

Tal conquista desenvolveu-se, pouco a pouco, da seguinte maneira: os árabes viviam nas cercanias do Eufrates e infiltraram-se,

paulatinamente, nas cidades próximas, empregando-se nelas como soldados ou em trabalhos que exigissem força muscular. Não tardou que se confundissem com seus habitantes. Os nativos os chamavam de ARAMEUS ou ARABS, isto é, habitantes do oeste do Eufrates. Tais explicações, damos-las aos historiadores atuais, porque já as conhecemos, porque AMMURO vem de AM = Povo e MORO = oeste. Não há qualquer semelhança fonética com ARAB.

No entanto, seja esta denominação falsa ou verdadeira, o fato não implica em nada relativo à antiguidade, nem na existência dos árabes naquela distante época. Por outro lado, o fato corrobora o que foi relatado pela história egípcia quando relata que os Hicsos (os reis árabes) dominaram o Egito.

Do estudo da história dos árabes deduzimos que eles passaram por três períodos:

19) os árabes extintos que dominaram a parte norte da Ilha Arábica;

29) o período dos árabes que dominaram o Sul e

39) a volta ao poder dos árabes do norte, cuja extinção ocorreu quando do advento do Islam.

Quem foram os árabes e de onde vieram?

#### Capítulo XIV

### OS ÁRABES PRÉ-HISTÓRICOS DO 1º PERÍODO

Dizem os historiadores que os árabes do primeiro período estavam formados pelas tribos de AD, ZAMUD, AMMALIK, TASEM, JA-DIS, AMIM, JURHAM, HADRAMAUT e de todos aqueles que eram chamados de ARBES ARIBA, isto é, árabes puros, filhos de Sam.

Afirmou Ibn Jaldun: "Essa raça tinha reis e reinos na Ilha Arábica; estendeu seus domínios até Damasco e Egito...".

Noutro trecho da mesma obra, prossegue dizendo: "... Ad e os Amalik dominaram a Mesopotâmia".

Outros historiadores não estão de acordo no que tange à origem dos árabes. Uns dizem que eles são filhos de Lud, filho de Sam, e que se denominavam Ammalik, enquanto alguns afirmam que os outros, extintos, são filhos de Aram, filho de Sam.

Por esta razão, Ibn Jaldun disse: "Diziam AAD-ARAM, mas, quando estes se extinguíram, passaram a dizer ZAMUD ARAM e, em seguida, NEMROD ARAM. Depois, quando estes também desapareceram, foram chamados de OS DEMAIS FILHOS DE ARAM ARANAN". Foi então que os árabes pré-históricos descendentes de Aram passaram a ser conhecidos como Arameus e não mais como Ammalik e foram os filhos de Lud que dominaram Babel.

Todos estes fatos históricos acham-se comprovados nos arquivos da Grande Fraternidade Oculta, os quais afirmam o seguinte:

"Quando o imperador da Arábia permitiu o livre exercício de seu culto aos novos vassalos que não extremaram a resistência, um grupo de fanáticos meridionais acreditaram-se no dever de protestar contra o que pensavam ser o triunfo do mal. Reunidos em torno de um profeta de rude e fogosa eloquência, abandonaram a pátria que haviam conquistado, estabelecendo-se na fronteira costa Somali."

Tal símbolo foi tratado na Bíblia sob o título de saída de Abraão da cidade de Ur. Já afirmamos, contudo, que Abraão não é o nome de um indivíduo, mas o espírito do Pai Universal.

Em seguida, o mesmo arquivo afirma que a maioria dos descendentes daquele grupo, que com o tempo se multiplicaram, haviam-se amancebado com mulheres e escravas negras.

Tal é o símbolo de Abraão e Agar, e como depois Abraão abandonou a mãe e o filho no deserto para contemplar Sara, os descendentes daquele que se chamava Ismael retornaram à Arábia passando a chamar-se "árabes", formando os mostárabes (vide capítulo VIM). Alguns poderão objetar, perguntando por que razão Abraão não poderia ser o pai de Ismael e de seus descendentes. Respondemos através das contradições que se encontram expostas nos capítulos XI e XII da Gênese, se os mesmos forem tomados ao pé da letra e como história profana.

Como o espaço de que dispomos nesta obra não nos permite enumerar maior quantidade de textos bíblicos, deveremos continuar nosso estudo, seguindo o curso da História Universal que conhecemos.

Dizemos, anteriormente, que a História chamou de Ammalik aos árabes extintos. No entanto, que significado tem essa denominação? Os historiadores entendem por "ammalik" os antigos árabes e, em especial, os do norte de Hedjaz, que confinam com a ilha do Sinai, conquistada ao Egito com o nome de SHASU (reis pastores) ou reis nômades. Os gregos os chamavam de HYCSOS.

Dizem que o significado da palavra AMMALIK é desconhecido. Contudo, afirmam derivar do nome de uma tribo que vivia ao norte de ARABA.

Essa palavra está composta por duas raízes: AM = povo e MA-LIK ou MALUK = governante.

Os ammaliks árabes tiveram dois grandes reinos: um na Meso-potâmia e outro no Egito.

## Capítulo XV OS ÁRABES NA MESOPOTAMIA

A primeira pessoa que mencionou a dominação árabe da Meso-potâmia foi um sacerdote caldeu, Berose, nascido no século IV a.C. Foi contemporâneo de Alexandre Magno. Dominava o idioma grego e traduziu para o mesmo a história de seu País, presenteando seu livro a Antíoco, rei da Síria.

A história de Berose começa a partir da criação do mundo e vai até a época em que escreveu o mencionado livro, no qual está feito o seguinte quadro para os reinos da Mesopotâmia:

Nome do Reino	Numero de Reis	Anos de Reinado
Reinos Antidiluvianos	10 reinos	432.000
Reinos Pós-Diluvianos	86 reinos	34.080
Reinos dos Medas	8 reis	224
Outros reinos	(números perdidos)	
Reino Caldeu	49 reis	458
Reino Árabe	9 (ou 11, segundo outros)	245
Reino Assírio	45 reis	526

Alguns historiadores criticaram a primeira parte desta cronologia, taxando-a de mitológica. Todos, porém, estão de acordo com a segunda parte, ou seja, com a que vai dos Medas em diante.

Afirma Berose que o reino árabe teve 9 reis durante 245 anos; que sucedeu ao Reino Caldeu e que este terminou no início do Reino Assírio. Esse Reino Árabe coincide com aquilo que os historiadores hoje chamam de Primeiro Reino Babilônico ou Reino de Hamurábi, o mais conhecido de seus reis e autor do mais antigo código que se conhece.

As últimas descobertas confirmam e comprovam que Hamurábi existiu no século XXIII a.C. Berose não detalha como os árabes se apoderaram do País. Os historiadores, porém, asseguram que Hamurábi era árabe.

No ano 2.460 a.C, Samuabi apoderou-se de Babel. A parte sul do País pertenceu a um rei Ilamita.

A Samuabi sucedeu SAMULAILA, seu filho, que fez de Babel a capital de seu reino, tendo sido o primeiro que o fez.

Outros, depois, vieram de sua dinastia, como veremos em seguida, até o sexto, que foi Hamurábi, o qual, com a idade de 30 anos, venceu os Ilamitas, fazendo desaparecer o seu reino. Invadiu o ocidente e chegou com suas conquistas até as costas do Mediterrâneo, conquistando, de passagem, a Síria.

A Hamurábi sucederam outros monarcas de sua dinastia, o último dos quais foi SHAMSUDITANA, o qual, em seu tempo, transmitiu o poder a outro governo que durou 268 anos, chamado Urueliu.

Veio, em seguida, o reino dos Kassites, no ano 1.800 antes de Cristo, o Persa, que conquistou toda a Assíria, no ano 538 a.C.

Na metade do terceiro milênio antes de Cristo, os árabes entraram numa nova etapa. Com sua força e poder edificaram uma civilização elevada, dominaram todas as regiões e entre os governantes foi SAMU ABI, fundador da dinastia de Hamurábi, aquele que, ajudado por suas tribos, aumentou o círculo de seu reino. Seus sucessores seguiram o seu exemplo até que todas as cidades da Ásia Ocidental foram dominadas para formar aquele reino que conhecemos pelo nome de PRIMEIRO REINO BABILÔNICO.

Seus reis são 11 e reinaram durante três séculos, desde 24 até 21 antes do Cristianismo. Seus nomes são os seguintes:

Nomes	Período do Reino	Desde	Até
Samu Abi	31	2.416	2.385
Samu Leila	15	2.385	2.370
Zabum	35	2.370	2.335
Amil-Sin	18	2.335	2.317
Sinmuballit	30	2.317	2.287
Hamurábi	55	2.287	2.232
Shamsu-iluna	35	2.232	2.197
Abishuh	25	2.197	2.172
Ammiditana	25	2.172	2.147
Ammizaduka	34	2.147	2.113
Shamsu-ditana	31	2.113	2.082

Tal foi o que foi anotado por Maspero a respeito dos reis deste Reino, embora Clay o contradiga, porém somente no que se refere aos períodos do reinado, coisa de somenos importância para nosso estudo.

No tempo desse reinado apareceu Abraão, de acordo com a Bíblia, muito embora já tenhamos afirmado anteriormente que Abraão representa o símbolo da emigração dos insatisfeitos, com o novo governo que entrou no País pela amplitude e a tolerância das leis religiosas.

Esse reino babilônico atingiu o apogeu de sua glória ao tempo de Hamurábi, insigne conquistador e reformador. Entre os países por-ele conquistados figuram SUMAR ou SHUMAR, que quer dizer "o país dos Sumérios", e seu título foi REI DE ABEL E DE SHUMAR.

## Capítulo XVI

### A CIVILIZAÇÃO DO REINO DE HAMURÁBI

Os Sumérios possuíam sua religião e suas leis. Havia inventado uma escrita e um idioma especial. Quando foram subjugados pelos Hamurabitas, estes tomaram sua civilização, leis e letras, aplicando-as ao seu idioma. No princípio, os caracteres sumerianos tinham sentido figurado como os hieróglifos egípcios, porém, com o tempo, os Hamurabitas substituíram aquelas letras pelas de tipo cuneiforme (cravos impressos sobre ladrilhos), aumentando ao mesmo tempo a quantidade de sinais.

Assim também aconteceu com a civilização antiga dos Sumérios: foi reformada e aperfeiçoada.

Hamurábi foi o primeiro homem a reunir as leis religiosas que serviram de fonte às origens da Bíblia.

#### LEIS RELIGIOSAS

As leis da religião externa estavam confundidas e misturadas às leis civis, porque os verdadeiros ensinamentos internos só eram conhecidos pelos sacerdotes.

A Teologia e os dogmas da religião de Hamurábi foram copiadas textualmente pela Bíblia, numa forma que podemos encontrar na Índia, na Pérsia e na América.

A idéia que o homem tem de Deus depende, em cada caso, de sua própria natureza, educação e classe social. À medida que o intelecto se refina, o homem concebe o Ser Supremo de uma forma mais elevada e espiritual. Por outro lado, na mente dos menos desenvolvidos, o Todo-Poderoso aparece de uma forma mais material, mais humana, mais estreitamente identificada com o homem pessoal, com suas debilidades e paixões, até submergir na concepção antropomórfica, plenamente imbuído de ódios, malícia e paixões próprias do homem. Por esse motivo, quando Moisés revelou Jeová aos judeus, fê-Lo vestir-se, exteriormente, com uma roupa material, passional e humana, enquanto o verdadeiro Deus era a Luz Inefável simbolizada pela Sarça de Horeb.

Os Ammaliks da Mesopotâmia ou também chamados árabes hamurabitas, não apenas tiveram sua civilização em seu próprio país, como também conquistaram com sua ciência, leis e religião toda a Ilha Arábica. Porque no começo da queda do Reino de Hamurábi, a grande colônia Mahonita (Ammalik de Irak) emigrou em direção ao Iemen, a Median e a Hedjaz.

Os árabes hamurabitas foram os primeiros a ditar leis para a sociedade, para a família e para o indivíduo. Foram os primeiros a abrir escolas para o ensino às crianças, como nos tempos atuais. Nas ruínas de Zibara foram encontrados restos de uma escola cuja origem remonta a mais de 4.000 anos, aonde foram achados ladrilhos com gravações de lições de Matemática e Métodos de Soletração para crianças, Tábuas de Multiplicação e Dicionários. Também foram encontrados documentos, contratos, cartas gravadas sobre pedra e muitos outros dados relativos à Astronomia, à História, à Religião, etc.

Ao comparar a religião do tempo de Hamurábi com a do tempo de Moisés, verificamos que 80% desta última é cópia autêntica da primeira, embora com oitocentos anos de distância entre a época de Hamurábi e a de Moisés. Como se explica tal mistério e de que modo isso chegou até Moisés?

Alguns historiadores, por respeito à Bíblia, afirmam que a Lei Hamurabita devia ter sido uma Revelação Celeste e que, por isso, foi a mesma Lei de Abraão, porque o fundamento de todas as leis celestiais é único para todas as religiões, existindo por isso semelhança entre a Lei de Abraão e a de Hamurábi, aduzindo-se as seguintes provas:

1. A unidade da religião, porque Abraão nasceu em Haran, de Babel.
2. A unidade de idioma, porque pode ser que o idioma árabe de Hamurábi fosse a origem do hebraico ou irmão deste, razão pela qual encontramos similitude entre as citadas leis.
3. Efetivamente, Abraão existiu no tempo de Hamurábi e antes de Moisés, cerca de 800 anos, de maneira que as leis daquele tempo deviam ser únicas. Abraão profetizou na língua hebraica e, como os judeus são seus descendentes, herdaram a Bíblia, que é a história mais antiga do mundo.

A esses defensores, que não querem ver na Bíblia mais do que uma história profana, diremos que possuímos um conceito muito mais elevado a respeito desse livro para que lhe atribuíssemos fatos históricos errôneos, como já demonstramos nos capítulos anteriores. Porém, como foi que as leis de Hamurábi, o árabe, chegaram a Moisés? É o que vamos explicar em seguida.

Acompanhe-nos, leitor, com a Bíblia, porém, desta vez, não com o Livro da Gênesis, mas com o do Êxodo, Capítulo II, versículo 11:

"Naqueles dias, depois que Moisés havia crescido, saiu para ver seus irmãos; e viu sua aflição, um egípcio que golpeava a um dos hebreus, seus irmãos".

12. "E havendo espiado de um lado e de outro, e vendo que não vinha ninguém, matou o egípcio, escondendo-o na areia."

Os versículos 13 e 14 relatam de que modo seu irmão hebreu o atraçou, delatando-o como assassino do egípcio, como isto foi levado ao conhecimento do Faraó e como Moisés fugiu para a terra de MADIÂN.

Depois, relata-se como chegou a Madian, como defendeu as filhas de RAGUEL e como este casou-o com sua filha SEFORA.

O Capítulo III afirma: "E Moisés apascentava as ovelhas de seu sogro JETHRO, sacerdote de Madian...", etc.

Chegando até aqui, podemos explicar de que modo a lei da Hamurábi chegou à religião de Moisés.

Quando o Reino Hamurabita caiu nas mãos dos Assírios, os ammaliks árabes da Mesopotâmia espalharam-se por toda a Ilha Arábica, levando com eles seu culto, leis e religião.

MADIÂN encontra-se na Arábia e é o ponto mais próximo do Egito. Os árabes madianitas tinham seus templos, que eram cópia dos de Hamurábi, no Iraque e tinham sacerdotes que conservaram suas leis e construíram seus altares.

Existia, em Madian, no século XIV a.C, um sacerdote árabe que é chamado pela Bíblia por vezes de RAGUEL e noutras de JETHRO.

Esse sacerdote é árabe pelas seguintes razões: (1) Era sacerdote de Madian, um povo árabe; (2) seus dois nomes são árabes; (3) o costume antigo e atual de utilizar dois nomes, como por exemplo SAMU-ABI, YACEG ILRAIM, etc, é árabe; (4) o nome do filho desse sacerdote é árabe: "Hebab".

Moisés não podia entrar no templo, porque era profano. JETHRO iniciou-o, casou-o com sua filha, consagrou-o sacerdote e ensinou-lhe os preceitos da lei religiosa e civil da Hamurábi, que são, até nossos dias, a herança de Judeus e Cristãos.

## Capítulo XVII

### O REINO DE HAMURÁBI É ÁRABE

Devemos, antes de tudo, esclarecer o leitor de que, quando dizemos que o reino de Hamurábi é árabe, não estamos querendo dizer a mesma coisa que dizemos quando afirmamos que o reino do Islam é árabe. Tampouco queremos dizer que o idioma daquele é igual ao do Corão de hoje, nem seus costumes, nem sua religião são como os dos árabes de Koraish, porque entre esses dois povos existiram nada mais que 27 séculos de separação e os povos mudam de costumes e de religião com a troca de regiões e o passar dos anos.

Os séculos são contados desde que Cervantes criou o seu "Don Quixote", porém basta examinar o tipo com que foi impressa a primeira edição para que nos admiremos com a mudança que a língua sofreu, se a compararmos com uma edição moderna. Por outro lado, quantas palavras caíram em desuso, sendo por isso chamadas de "antiquadas", e quantas outras não foram introduzidas no léxico espanhol de Cervantes até nossos dias?

Está, hoje, comprovado que o reino de Hamurábi é árabe e que foi fundado pela segunda sub-raça ariana, existindo o seguinte para sustentar a nossa tese:

1º) O arquivo das Fraternidades Ocultas.

2º) As palavras de Berosse, o historiador e sacerdote caldeu. Disse ele que, entre os reinos que governavam Babel, um existia que

era ÁRABE. Enumerou seus reis e os anos durante os quais reinaram. Hamurábi é o mais próximo da data citada por Berose, que corresponde ao reino árabe.

3º) Os habitantes do deserto eram conhecidos pelos Babilônios pelo nome de ÁRABES, termo que abarcava a todos que viviam a oeste do Eufrates. Tais eram os arameus de Damasco e os nômades de seu deserto. A História Antiga afirma que, no século XXV a.C, os nômades arameus, depois que os Cananeus conquistaram a Palestina, emigraram em direção a Babel, onde formaram um reino e foram chamados de AMMORO, povo do ocidente, em seguida ARIBI. Ettabari chamou de ARIB ao avô dos AMMALIK.

4º) Provas do Idioma — Entre o idioma dos Hamurabitas encontrado em Babel e o idioma árabe existe não apenas semelhança, mas uma unidade surpreendente que não é encontrada em nenhuma outra língua semita pelas seguintes razões:

a) os acentos desinenciais no final das palavras. Para podermos entender este ponto precisamos dar breve explicação. Há, no Árabe, três acentos que ocupam o lugar das vogais e é preciso muita atenção para saber ler uma palavra em Árabe ou no idioma de Hamurábi, porque é preciso suprir rapidamente as vogais representadas pelo acento, já que estas não se encontram escritas no texto. Podemos tomar, a título de exemplo, algumas palavras castelhanas de origem árabe. Vemos, assim, que a palavra "almohada" (almofada) escreve-se "almjdt" em Árabe. "Azotea" escreve-se "ASTH"; "Matraca" escreve-se "MTRKT", etc. Dessa forma, os acentos são necessários para saber como pronunciar as palavras, ou melhor, para saber como expressar as vogais.

Todas as palavras precisam levar o acento desinencial, porque, se é sujeito, seu acento é completamente diferente do objeto direto, etc. Os acentos são quatro: três têm o som de vogais "A.L.O.", enquanto o quarto é o acento neutro, o que significa que quando é colocado sobre uma letra, esta emudece e não deve ter o acento de nenhuma vogal.

Todas essas desinências só são achadas no idioma dos Hamurabitas e no dos Árabes, o que não é visto em nenhum dos antigos idiomas semitas, nem tampouco nas línguas modernas;

b) outra desinência é ATANUIN.

Dissemos que os acentos que suprem as vogais são três. Esses sinais diferenciam-se da seguinte maneira: um pequeno risco colocado sobre a letra "m", por exemplo, dá-lhe o som de "MA".

Um risquinho abaixo dá-lhe o som de "MI" e um sinal em forma de vírgula que vai sempre em cima da letra faz com que seja pronunciada "MO". Pois bem, duplicando qualquer desses acentos, o som final será diferente: no primeiro caso, acima, se pronunciará MAN e, o segundo, MEN ou MIN, enquanto no terceiro se pronunciará MON.

Essa pronúncia ou nomenclatura chama-se TANUIN, o que quer dizer "que toma o som de NUN (a letra N)" e que constitui uma das regras gramaticais.

Chegados até aqui, podemos dizer que esta característica só se encontra exclusivamente presente na língua Hamurabita e no idioma Árabe;

c) o sinal do plural. Nos idiomas indo-latinos a letra "S" é o sinal do plural, enquanto no Árabe e no Hamurabita isso é "ON", que se pronuncia "UN", ao passo que no Sírio a terminação é "IN" e no Hebraico "IM";

d) as formas gramaticais dos verbos em Árabe e no idioma hamurabita são iguais, coisa que não se vê noutros idiomas semitas.

e) há o caso de alguns nomes que perderam uma letra segundo o uso e a região. Por exemplo, a palavra ANF, que significa "nariz", perdeu, no Sírio e no Hebraico, a letra "N", pronunciando-se apenas AF. No entanto, no Árabe e no idioma dos Babilônios esse "N" foi conservado. Outro exemplo é a palavra HINAB (que se escreve HNB), o qual significa "uva". Da mesma forma, ela tem todas as letras nos acima mencionados idiomas, só perdendo o "N" no Sírio e no Hebraico.

f) apesar do idioma caldeu ser descendente do Babilônio, não conseguiu conservar as peculiaridades que este compartilha com o Árabe, pois o Caldeu as perdeu devido a sua civilização sedentária, enquanto o Árabe as conservou como resultado de sua vida nômade no deserto, o que se entende se considerarmos que o idioma obedece à lei da evolução das cidades, enquanto no deserto nada existe para influenciá-lo. Como disse Dassaud, "a língua não sofre com a mudança dos séculos, mas com a mudança de vida e a transferência do campo ou do deserto para a cidade."

5º) Esta prova consiste no fato e que os nomes dos reis desta dinastia são puramente árabes, como, por exemplo, Samuabi (pai de Sam), Shamshuilona (Sol, nosso Deus) (King 240) e outros nomes próprios que, todavia, são conservados no idioma árabe.

Ninguém pode negar a força desta prova, pois cada nação tem certos nomes especiais que a distingue de outras, a ponto de, mui-

tas vezes, sabermos a nacionalidade de uma pessoa pelo nome que ela porta. Por exemplo: se seu nome é Mohammed ou Ali, forçosamente será árabe; se seu nome é Sancho é espanhol; se é Hachet ou Flammarion, é francês; se é Constantinedes ou Nicolaides, é grego, etc.

Na obra "BABYLONIAN EXPEDITION", volume III, encontramos milhares de nomes catalogados que eram usuais naquele tempo e que se conservam até hoje no Árabe, após cinco mil anos.

6º) Os nomes dos deuses babilônicos são os mesmos dos árabes antigos que habitavam o lemen, tais como: Al, Bei, Shams, As-thar, Sin, Nesar, etc.

7º) A Medicina árabe é igual à caldaica. Tinham duas maneiras de curar: a primeira pertencia aos sacerdotes e era psíquica, enquanto a segunda era naturalista.

8º) A Astronomia. Todos os nomes caldeus estão intactos no Árabe e desse idioma passaram aos europeus. Aqui estão alguns deles:

Em Caldeu	Em Árabe	Significado em Port
Hamra	Hamal ou Cabch	Carneiro
Zaura	Záur	Touro ou Tauro
Tami	Taumain	Gêmeos ou Gemini
Ária	Asad ou Sabeh	Leão
Shebelta	Senbela	Virgem ou Virgo
Masasa	Mizan	Balança ou Libra
Acraba	Akreb	Escorpião
Kashta	Kaus	Sagitário
Kedia	Jadi	Capricórnio
Doía	Dalo	Aquário
Nuna	Nun Samaca	Peixes ou Pisces

Assim também os nomes dos astros, das estrelas e das fases da Lua.

9º) A Mitologia. Os hamurabitas divinizaram os astros, assim como os árabes. E, como já vimos, eles têm os mesmos nomes.

Se todas essas provas não forem suficientes para convencer o leitor, além de outras que deixam de ser enumeradas por falta de espaço, uma só nos seria bastante para afirmarmos que os árabes foram os primeiros a ditar leis religiosas e civis, em ajudar a propagação da Ciência e a atingir a mas alta civilização nos tempos anti-

gos, que ainda não atingimos hoje. Voltamos a insistir que a Bíblia é mera cópia das leis hamurabitas e que sua origem é árabe. Busquemos, agora, outras provas no Livro de Jó.

## Capítulo XVIII

### O LIVRO DE JÓ É ÁRABE

A maioria dos sábios filólogos assegura, hoje, que o Livro de Jó é árabe. Tal livro foi composto em versos no século XX a.C, com base no êxodo dos hamurabitas de Babel, logo após traduzido para o hebraico e considerado como parte das Sagradas Escrituras. O original perdeu-se tal como os originais persas de Calila e Demma. Esta é outra prova de que os árabes foram os primeiros a compor versos, pois o Livro de Jó foi escrito mil anos antes da Ilíada de Homero e alguns séculos antes do Mahabarata dos hindus.

### NOSSAS PROVAS

1º) Suponhamos que um escritor deseje traduzir de um idioma para outro (por exemplo, do Árabe para o Espanhol) um artigo sobre Astrologia e depara com uma palavra ou nome técnico que não tem correspondente na língua espanhola. Que faria ele? Forçosamente, teria de copiar a mesma palavra encontrada. Um bom exemplo disso seria "azimut" (azimute). O filólogo compreenderia, em seguida, ao examinar a tradução, que a palavra era de origem árabe, do mesmo modo que saberia ser árabe o texto que falasse de Maomé ou de Abdulah.

Os eruditos que mais conhecem as línguas orientais asseguram que o Livro de Jó, escrito na mais remota antiguidade, foi composto por um árabe idumeu. As provas consistem no fato de que o tradutor hebreu deixou em sua tradução cerca de duzentas palavras árabes que não tinham, nem na época, nem hoje, equivalentes no idioma hebraico.

2º) A Idumea existia naquele tempo e sempre foi árabe.

3º) Vimos, anteriormente, que determinada tribo fugiu da Babilônia, porque não aceitava as leis hamurabitas (ou árabes antigos),

de vez que as supunham más, o que fez com que, por esse motivo, abandonassem o país. Entre essas leis estava aquela relativa às heranças.

Os árabes hamurabitas não faziam diferença entre os filhos de ambos os sexos no Direito Sucessório, porque a filha mulher podia herdar uma porção igual à do filho varão e a tal disposição opõe-se, até hoje, a Bíblia e a Lei Hebraica.

No Livro de Jó (capítulo XLII) afirma-se que este, havendo recuperado seu primeiro estado, distribuiu seus bens em partes iguais entre seus filhos e filhas.

4º) Se esse Livro houvesse sido escrito depois da época de Moisés, indubitavelmente ter-se-ia mencionado algo sobre esse legislador.

5º) O primeiro capítulo fala de Satanás apresentando-se diante de Deus. Satanás é uma figura desconhecida em todo o Pentateuco pelo fato desta palavra ser de origem caldaica, ou seja, árabe. Acreditou-se que o autor podia ser judeu, porque, no capítulo XII, o tradutor hebreu escreveu a palavra Jeová ao invés de Bei.

6º) No Livro de Jó há menção às constelações que chamamos de Arcturo, Orion, bem como às Híades. Fala-se, até, nas do meio-dia, que se acham ocultas, pois os hebreus desconheciam e nem sequer tinham termos para expressar o que era Astronomia. Esta ciência, no entanto, deu fama aos árabes, tanto quanto aos caldeus.

7º) A imortalidade da alma, a ressurreição na carne (ao invés do termo "ressurreição da carne") e o Dia do Juízo são coisas completamente ignoradas no Sefer de Moisés, ao passo que tais noções foram simbolicamente ensinadas nas leis religiosas de Hamurábi e no Livro dos Mortos dos egípcios. O mesmo legislador não fala, em lugar algum, nem da imortalidade da alma, nem da recompensa noutra vida.

Essas são as provas de que o Livro de Jó foi escrito por um árabe que viveu antes de Moisés e de que nesse livro só se fala de um Deus único, enquanto no primeiro versículo da Gênese fala-se em Alohim (derivado de ALOH = Deus e IMH = sinal de plural e que quer dizer "os deuses").

Também os árabes que habitavam em tendas de campanha ocuparam-se, continuamente, da observação dos astros. Foram os primeiros a organizar os anos pela inspeção do céu.

## Capítulo XIX

### OS AMMALIKS NO EGITO (O Reino dos Ammaliks de 2.214 até 1.073 antes de Cristo)

Partindo dos erros da História, sabe-se que o Vale do Nilo era habitado pelo povo camita, ou seja, pelos descendentes de Cam e que os semitas floresceram no deserto existente entre o Vale do Nilo e o Eufrates, os quais, depois, infiltraram-se em ambos os países até chegarem às costas do Mediterrâneo, na Síria, Palestina e Babel, sendo paulatina a chegada a esses lugares, primeiro pela emigração e, depois, pela conquista.

Já demonstramos, anteriormente, como desconfiamos da tergiversação desses relatos, porque a infiltração dos Ammaliks no Egito data de muitos séculos antes de Cristo.

Os árabes emigraram para o Egito desde tempos muito remotos e, consoante as descobertas arqueológicas mais recentes, sabe-se que a Idade de Ferro, no Egito, começou com a entrada dos árabes naquele país, o que comprova que os egípcios, antes disso, não conheciam os instrumentos de ferro e que foram os árabes que trouxeram para ali a metalurgia, que, por sua vez, havia sido por eles haurida da civilização sumeriana, no vale do Eufrates, antes da conquista de Babel.

O mais antigo deus egípcio tinha o nome de FATAH e é de origem árabe, fato que levou King, em sua obra, afirmar, com base nisso, que a chegada dos árabes ao Egito é um fato muito antigo.

Os Ammaliks chegaram ao Egito das bandas do Oriente, pelo estreito de Suez e pelo Mar Vermelho. Por essa razão, os egípcios chamaram e ainda chamam o país dos árabes de TERRA SANTA ou TERRA DOS DEUSES, conhecendo também vários povos a quem deram nomes próprios. O nome genérico, no entanto, utilizado para eles foi AMO, palavra semita que existe até hoje no árabe sob a forma de AMMAT, a qual significa "povo".

Afirma-se que eles acamparam e estabeleceram-se a leste do Delta. Até nossos dias existem naquela região diversos lugares com nomes árabes (Brugsch, 1.14,230). King afirma, ainda, que em He-liópolis existem muitos documentos cuja origem está ligada à civilização desse povo.

Naquele tempo, a cada povo correspondia uma denominação especial, como, por exemplo, JAR ou JAL para designar o povo fe-

nício. Aos habitantes do deserto dava-se o nome de SHASO (nômades) e esses habitantes eram árabes segundo os babilônios, sendo o mesmo o significado de ambas as palavras.

Os árabes dominavam o Sinai e seus arredores desde a mais remota antiguidade. Nas mais recentes descobertas babilônicas, encontrou-se um relato que diz o seguinte: Naram Sin, filho de Sargão II, combateu um povo chamado MGAN, no Sinai, no ano 3.750 a.C, capturou um príncipe e levou as pedras de alguns monumentos para a sua cidade (Grimme II). Noutro trecho, essa mesma história relata que "os homens daquela região ocupavam-se do comércio marítimo e terrestre até Babel".

Disso podemos deduzir que os Shaso viviam em Madian, por trás do Sinai, antes de descer ao deserto, porque a palavra "Shaso" também serve para dar nome àquela longínqua porção de terra, cujo nome, por esse motivo, encontramos citado nas ruínas de Babel desde 3.750 a.C.

Dessa forma, Shaso e Arab eram dois nomes para um só povo. O primeiro é de origem egípcia e o segundo é babilônico.

## O REINO SHASO

Os "Shaso", nômades e pastores, mudaram-se para a região a leste do Vale do Nilo, mas seus irmãos, os nômades arameus, ficaram a oeste do vale do Eufrates. Os Shaso atacaram muitas vezes os egípcios dentro de suas próprias cidades desde os tempos de Mina, o primeiro de seus reis (Brugsch 1.51). Os egípcios defendiam-se, mas temiam os invasores. Várias vezes os faraós egípcios valiam-se dos valentes Shaso para sufocar algumas revoltas intestinais.

Tal estado de coisas perdurou por alguns séculos, até que os árabes Shaso encontraram a ocasião certa, lançaram-se contra os egípcios e dominaram suas povoações. Tal acontecimento ocorreu do seguinte modo:

Ao cabo da duodécima dinastia e depois da morte de Amenma-hat, seu filho Sinhat subiu ao trono, o que fez com que fugisse de seu irmão Oresten para a Palestina. Ali Sinhat casou-se com a filha do rei Amunash, que o nomeou governador de Damasco. Depois Oresten III saiu para conquistar a Palestina e vingar-se de seu rei. Nessa altura, os Ammaliks, que eram árabes, segundo os babilônios, marcharam contra o Egito, conquistaram-no e dominaram-no por

vários séculos. Essa conquista coincidia com a época em que os árabes conquistaram Babel.

O Egito estava perturbado e enfraquecido quando os Hicsos chegaram, os quais encontram naquela terra auxiliares de sua própria raça e idioma: os Elchar ou fenícios. Permaneceram no Egito desde o século XXX até o século XVIII a.C. Os gregos deram-lhes o nome de Hicsos (nômades), enquanto os árabes os chamavam de Ammalik ou Árabes Extintos.

## OS HICSOS SÃO ÁRABES?

Josefo o confirma, extraíndo seu relato histórico de Maneton, o historiador alexandrino, que afirma o seguinte:

"Ao tempo de Timans, um de nossos reis, aconteceu que Deus encolerizou-se contra nós e enviou-nos um conquistador desconhecido que veio do Oriente, atreveu-se a declarar-nos guerra, venceu-nos, capturou nossos reis, queimou nossas cidades, destruiu nossos templos, matou nossos homes, roubou nossas mulheres e proclamaram a Salatis rei do Egito, com residência em Menfis. Esse rei ditou suas leis e obrigou o Egito a pagar tributos. Construiu a cidade de San, fortificou-a com armas e muralhas contra toda sorte de inimigos. O exército que defendia aquela cidade chegou a ter 240.000 homens. Treze anos depois a esse rei sucedeu Abajnas, .. etc.

Esse povo era chamado Hicsos ou Reis Pastores, porque HIC, na língua sagrada, quer dizer "rei" e SOS significa "pastor", embora outros afirmem que são árabes (Josefo, "A História dos Judeus", 1.19).

Brugsch afirma que o termo "Hicsos", remetida a sua origem hieroglífica, vem das palavras HIC e SHASO. HIC significa "rei" e SHASO tem o sentido de "deserto" ou "nômade", sendo portanto os Hicsos um povo nômade que se mudou para o deserto oriental, ou os árabes.

Poucos são os nomes conhecidos de seus reis, mais precisamente da 15?, 16? e 17? dinastias, que Maneton enumerou da seguinte forma:

Nome do Rei	Duração de seu Governo
Salatis	13 anos
Bion	14 anos
Abajnas	36 anos
Abufis	51 anos
Yanias	60 anos
Asis	49 anos
Abadi 1	49 anos
Abadi II	49 anos

Os Hicsos não seguiram, no Egito, o exemplo de seus irmãos, os Hamurabitas da Mesopotâmia, pois aqueles apoderaram-se totalmente do governo e impuseram sua civilização sobre os sumerianos e acados, enquanto que os primeiros identificaram-se com os egípcios, imitando seus costumes, falando seu idioma, escrevendo com seus sinais e copiando suas leis. O que trouxeram ao Egito foi a construção de grandes monumentos e cidades segundo o estilo egípcio, menos no que diz respeito à escultura da imagem de seus senhores, que fizeram com cabelo e barba, mudando a maneira de vestir-se.

Adoravam ao deus Not ou Nob (o ouro), que foi, segundo os egípcios, a causa de todo Mal. Construíram suntuosos templos em várias cidades. Esculpiram estátuas semelhantes à esfinge alada.

- Os egípcios aprenderam dos Hicsos novas formas de construção e a esfinge alada é considerada como um de seus inventos.

Os vestígios deixados pelos Hicsos são poucos e, segundo os egiptologistas, a razão disso é que os faraós que vieram depois apagaram tais vestígios, porque os Hicsos árabes adoravam a um só Deus. No Museu Britânico há um papiro, cujo autor critica Abufis por haver escolhido Set como único deus, abandonando a adoração dos demais deuses.

Em sua História, Brugsch afirma que ao tempo desse faraó (1.750 a.C.) ocorreu a grande fome, que coincidiu com a vinda de José para o Egito.

O mais surpreendente, porém, é o que foi encontrado no túmulo de Tutankamen, túmulo esse descoberto em 1923.

Tutankamen era genro de Akhenaten, o jovem rei que rompeu com todos os ídolos do país e adorou a um só Deus. Seu genro, cuja sepultura foi recentemente descoberta, apresentava a mesma crença, porém, depois da morte deste, voltou a professar a religião politeísta do país. Pode-se disso deduzir a razão que respondia pelo ódio que os egípcios nutriam pelos Hicsos, que dominaram aquela

região por 500 anos. Também explica por que motivo apagaram seus vestígios e maldiziam até mesmo a recordação deles mil anos depois de sua saída do país: porque eram monoteístas.

Os papiros encontrados na tumba dos faraós confirmam que os Hicsos eram pastores árabes, que seu idioma aproximava-se muito do árabe atualmente falado e que José, o Justo, filho de Jacó, tinha relação com esses árabes.

Assim sendo, José não serviu a um faraó egípcio, mas a um faraó árabe. José era monoteísta e os Hicsos também. Eles não deixaram ídolos, porém os egípcios, que eram idólatras, apagaram seus vestígios.

Akhenaten tomou seu monoteísmo da tradição legada pelos Hicsos árabes, ainda que sua dinastia os tenha combatido até obrigá-los a abandonar o país e voltar para a Arábia.

Akhenaten possuía na alma a chispa da profecia, tinha muitos momentos de êxtase e quando voltava a si ouvia certa voz interna que o inspirava e fazia pregar sua religião, derrubando ídolos, mas não podendo vencer o fanatismo do povo. Por esse motivo, teve ele de abandonar a capital do país e de construir a sua própria Til el-Amarnah. Os adeptos foram atraídos àquela cidade, que foi imediatamente embelezada e dotada de comodidades.

Começou, então, a compor os salmos da nova religião e a ditar suas leis. No entanto — repetimos — o mais surpreendente é que alguns desses salmos têm letra e sentido idênticos aos da Bíblia que atribuímos a Moisés, embora Akhenaten tenha morrido 200 anos antes de Moisés.

Esta nova prova demonstra, mais uma vez, que Moisés tomou as escrituras e sua religião dos árabes.

#### OS HICSOS SÃO ÁRABES PORQUE:

- 1) Afirmou-o Maneton.
- 2) Afirmou-o Josefo.
- 3) As palavras HICSOS e SHASO significam "os reis do deserto" e são árabes.
- 4) A arqueologia egípcia diz que os HICSOS vieram da Arábia.
- 5) Os nomes de seus reis são árabes.
- 6) A desinência gramatical dessas duas palavras é árabe.
- 7) Os egípcios não utilizaram cavalos e carruagens senão de pois do reinado dos Hicsos (Maspero II, 51) e os árabes os derrotaram por meio do cavalo e da carruagem (King, 140).

Todas essas provas demonstram-nos que os árabes existiram na península desde o século cinquenta antes de Cristo e que se apoderaram da Mesopotâmia no século XXIII a.C.

## Capítulo XX

### OS ÁRABES DEPOIS DE SAÍREM DO EGITO

Vencidos pelos egípcios, os árabes espalharam-se pela Ilha Arábica, ali formando vários reinos no Iemen, em Hedjaz e noutros pontos da Arábia. Algumas dessas tribos ou reinos extinguíram-se, como por exemplo Ad, Zamud, Tasam e Jadis, de seus remanescentes surgindo o reino dos Nabateus e o de Palmira.

#### 1º) AD

Desse reino nada nos restou, senão a tradição. O Corão o denomina AD ARAM DAS COLUNAS. Diz a tradição que Chaddad ibn Ad construiu uma cidade para competir com as cidades do Paraíso. Tal exagero, no entanto, talvez pareça significar uma concorrência com as cidades do Egito e de Damasco.

Os historiadores gregos deram um nome a esse reino. O Corão cita-o como exemplo, porque foi castigado por haver desrespeitado a palavra do profeta Hud, que os havia convidado à adoração do verdadeiro Deus. Por terem-se negado a isso, sobrevieram três anos de seca, sucedidos por tempestades e furacões que os extinguíram.

Ficaram Hud e seus adeptos, que se passaram a chamar O SEGUNDO AD. Acredita-se que foram eles que construíram o dique de Mareb e governaram durante mil anos até serem vencidos pelo reino de Yaktan, indo então habitar Hadramaut até sua total extinção.

#### 2º) ZAMUD

O Corão também cita Zamud como exemplo de desobediência, razão pela qual foi castigado. Zamud, porém, está também citado entre o conjunto de países árabes conquistados por Sargão, o Assírio, no ano 715 a.C. e, segundo a história de Abi el Feda, ficava situado no Hedjaz. Os gregos colocaram-no em Agra e o chamavam de THAMUDENI.

Um de seus remanescentes é o Palácio de Bent. Foram, também, encontradas várias tumbas com importantes inscrições. Uma delas é o sepulcro de Camcam, filha de Oahila, filha de Haram, com sua filha Colaiba e que "ambos maldizem a quem descubra e profane seus restos em nome de Amat, de Lat, etc..."

#### 3º) TAZAM e JADIS

Esses dois reinos existiram e povoaram o oriente de Najed. Os gregos os chamavam de JODISITAE.

Esses dois povos deixaram muitos palácios e numerosas fortalezas.

A mulher de Jadis, o tirano, chamava-se Zarkah Elyamama e via à distância de três dias o que vinha de longe. Ela havia visto o inimigo a esta distância e disse a seu exército: "Vejo árvores vindo em nossa direção". Ninguém acreditou nela, porém acontecia que o inimigo se havia escondido por trás de ramos cortados de árvores. Ao comprovarem que o afirmado por ela era verdadeiro, já era tarde demais.

#### 4º) OS NABATEUS

O reino dos Nabateus é o mesmo dos Idumeus que existia na Arábia Pétria. Os judeus o chamaram de SASAH, ou seja, "pedra", porque Pedra era o nome da capital do reino. Em hebraico o reino de Idum chamava-se SAHIR.

Encontramos, na Bíblia, várias indicações esparsas das relações que tiveram os idumeus ou edomitas com os israelitas, até que Saul os atacou e não pôde dominá-los. Em seguida veio David, que conquistou o país, e o povo tornou-se súdito dos judeus até o tempo de Josafat, quando tal jugo foi repellido e recuperada sua independência.

Quando Nabucodonosor, mais tarde, entrou em Jerusalém, os Edomitas ajudaram-no e, a título de ajuda, este monarca não mexeu na independência que esse povo havia conquistado.

E enquanto os Edomitas conquistavam o ocidente do país, a eles vieram os Nabateus, que conquistaram o seu reino e, juntamente com eles, formaram o reino Nabateu no século IV a.C.

Petra foi a capital do reino Nabateu e até hoje apresenta ruínas que suportam, como num desafio, as mudanças e os ataques do tempo. Entre elas encontram-se JAZNET FARAON, um alto monumento esculpido em rocha rosada provido de muitas escrituras e

gravações em letras nabatéias. Perto dele há um teatro. Perduram até hoje muitas cavernas naturais e artificiais. Nessas ruínas foram encontrados muitos objetos que demonstram a existência de uma civilização muito adiantada, tais como pratos, moedas, armas, etc. A primeira vez que o nome dos Nabateus foi citado na Pré-História foi ao tempo de Assurbanipal, em fins do século VII a.C, quando esse rei nomeou os reis a quem venceu, entre os quais figura o nome de Natan, rei dos Nabateus. A História moderna, no entanto, coloca-os no século IV ao tempo das conquistas orientais de Alexandre. Deodoro, que morreu no século I a.C, também os cita, dizendo: "Quando Antígono, no ano 312, quis conquistar Petra, voltou derrotado e disse: Os Nabateus eram dez mil guerreiros que não se comparam com as outras tribos do deserto. Seu país intransponível ajuda-os a viver independentes." Os Nabateus tiveram muitos reis e a maioria deles tomou o nome da ALHEREZ (ARETOS em Grego) ou o nome de ABODA (ABO-DAS em Grego) ou o de MALEK (Malichus).

O primeiro rei chamou-se Alherez 1º e governou no ano 169 a. C. A ele sucederam os seguintes monarcas, cujos nomes encontram-se gravados nas moedas por eles cunhadas:

#### OS REIS NABATEUS

Nome do Rei	Ano do Governo	
Alherez 19	169	a.C.
Zaid Aiel	146	a.C.
Alherez 29 (aliás Irotimos)	110-96	a.C.
Abada 19	90	a.C.
Ribal 19 (filho de Abada 19)	87	a.C.
Alherez 39 (filho de Ribal)	87-62	a.C.
Abada 29 (filho de Alherez 39)	62-47	a.C.
Malek 19 (filho de Abada 29)	47-30	a.C.
Abada 39 (filho de Malek 19)	30-9	a.C.
Alherez 49 (irmão de Abada)		
A rainha Jaldo, sua esposa	9-40	d.C.
A rainha Shila, sua esposa		
Ribal 29 (filho de Malek 39)		
A rainha Shaquila, sua mãe	40-75	d.C.
A rainha Djamila, sua esposa		
Malek 39	101-106	d.C.

Tal é o quadro sinóptico dos reis nabateus, mas pode ser que, no futuro, os arqueólogos encontrem outros nomes.

O reino dos Nabateus dominou desde a Ilha do Sinai, no ocidente. No oriente chegou até os limites da Mesopotâmia. Apresentava uma civilização muito adiantada.

Encontrou-se, na Itália, uma inscrição nabatéia que afirma que os Nabateus chegaram com seu comércio até aquele país e que um homem chamado Saído legou uma parte de seus bens ao rei Alherez 49 (Cooke, 257).

Os Nabateus são árabes pelas seguintes razões:

19) os Gregos os chamaram de árabes em seus relatos históricos;

29) os nomes de seus reis e reinos são árabes;

39) o idioma dos Nabateus tem as mesmas características do Árabe;

49) Josefo afirma em sua História: "Os Nabateus são descendentes dos Ammalik" e, como vimos, os Ammaliks são árabes.

#### O REINO DE PALMIRA

Palmira era uma cidade situada no deserto que divide Damasco da Mesopotâmia. Tal cidade foi mencionada na Bíblia com o nome de Tadmor ou Tadmur e até esses nome é árabe.

Palmira era o centro da civilização que floresceu depois da queda de Petra nos primórdios do século II a.C.

Os Romanos ambicionavam possuí-la e Adriano a conquistou no ano 130. No entanto, a influência romana em Palmira foi mais do que superficial, porque esta continuou mantendo um governo independente, sendo que Azina ibn Hairan, o Palmirense, chegou a ser presidente do Senado Romano, obtendo depois o título de REI DOS REIS. Sua mulher chamava-se Zenóbia, a qual, depois da morte de seu marido, obteve dos Romanos o título de Septemia, a mais alta honra ao tempo de Roma.

A história de Palmira evidencia o adiantamento e a refinada civilização que teve em sua época.

O reino de Palmira era árabe pelas seguintes razões:

19) face aos mesmos motivos enumerados ao falarmos dos Nabateus;

29) a nobreza de Tadmor era árabe e descendia dos Ammaliks;

39) tanto o idioma como os nomes eram árabes.

Antes de iniciarmos o capítulo seguinte citaremos os nomes de outros povos árabes espalhados pela região norte, que não deixaram muitos indícios de si mesmos à posteridade e que foram citados pelos Gregos como guerreiros e conquistadores. São estes os nomes, em Árabe, com sua respectiva tradução para o Grego:

<b>Árabe</b>	<b>Grego</b>	<b>Árabe</b>	<b>Grego</b>
Sharquiún	Saracene	Lahyan	Laetinae
Sacun	Sakanitas	Banu Jaled	Chaulothaei
Had	Aaditas	Shamar	Zamarini

E, como esses, outros mais que precederam aos Shaso (Hicsos), que dominaram o Egito, como os árabes de Madian, de Edom e os demais que habitaram a Ilha do Sinai e seus arredores.

## Capítulo XXI

### OS DEMAIS REINOS ÁRABES DESDE 1.700 A.C. ATÉ A VINDA DE MAOMÉ, EM 571 D.C

O objetivo desta obra não é detalhar a história dos árabes, mas demonstrar sua antiguidade e descobrir sua cultura histórica e pré-histórica. Por tal motivo, falaremos, sob a forma de compêndio, sobre os demais reinos árabes, desde a saída dos Hicsos do Egito, no ano 1.700 a.C, até a vinda de Maomé.

Esta breve síntese mostra-nos a continuação dos reinos árabes. Quando os Hicsos saíram do Egito, eles formaram, desde o lemen até a Arábia Feliz, vários reinos. Os Gregos e os Árabes deixaram-nos, em seus relatos históricos, o seguinte quadro demonstrativo dos reinos árabes no lemen:

<b>Em Árabe</b>	<b>Em Grego</b>
Reino Mihini	Minaei
Sabaí	Sabaei
Himiari	Homeritae
Hadramí	Chatramoditae
Gabahí	Gabanltae

Arrí	Guerraei
Catabi	Catabani
Omaní	Omanitae
Zafarí	Sapharitae

Teceremos, agora, algumas breves considerações sobre cada um dos acima indicados reinos.

### O REINO DE MIHINI

As últimas descobertas arqueológicas demonstraram que o reino era hereditário. O monarca era rei e sacerdote.

As escrituras encontradas citam um total de 26 reis. Esse reino era mais comercial do que bélico. Sua influência chegou ao Mar Mediterrâneo e ao Golfo Pérsico.

A Bíblia os cita em Paralipômenos 2, Capítulo 26, versículo 7: "E Deus ajudou-o (Ozías) contra os Filisteus e contra os Árabes que habitavam em Gurbaai (perto de Baal) e contra os Mihnitas".

Esse povo, porém, é muito mais antigo, pois foi encontrada uma escritura em Babel, onde encontram-se relatados feitos de Naram Sin no ano 3.750 a.C, como segue: "Naran Sin conquistou Magan (na ilha do Sinai) e venceu o rei Mahuín (a letra N é signo gramatical no idioma babilônio), cortou pedras de suas montanhas e levou-as à cidade de Acad, numa delas gravando esta história". (Brugsh, 1.268.)

Os Minhitas, segundo a Pré-História e as descobertas, existiram antes do reino de Hamurábi e talvez tenham sido eles que formaram esse reino.

Após sua queda, os mihinitas emigraram com as demais tribos, levando com eles a civilização de Hamurábi, com cujas letras faziam suas contas comerciais.

Seu alfabeto foi, posteriormente, chamado de HIMIARI. Os Hi-miaritas tinham as mesmas características da civilização de Hamurábi e isso podia ser visto em seus nomes, suas leis, deuses, costumes, etc.

### O REINO SABAHTA

Entre as crônicas assírias encontramos um ladrilho pertencente ao rei Sargão II (721-705 a.C.) que fala do reino de Sabá. Em seguida, encontrou-se em Mareb uma inscrição datada do século XII

antes da Era Cristã que informa a respeito de um rei chamado YA-CEHMAR.

Tudo o que antecede demonstra que o reino de Sabá foi visitado por Salomão no século IX a.C.

Tudo o que antecede demonstra que o reino de Sabá deve ter tido o seu princípio no começo do século IX ou no final do século X. Teve 27 reis: os 15 primeiros denominados MAKREB e os 12 últimos, REIS.

Segundo Glaser, esse reino durou mais de 700 anos, terminando no ano 115 a.C, quando teve início o reinado de Himiar. Sabá sucedeu aos Mihinitas e deu começo ao reino de Himiar.

#### O REINO DE HIMIAR (de 115 a.C. a 525 d.C.)

Quando os himiaritas encontraram o enfraquecimento de seus irmãos Sabahitas, a eles se uniram para formar um novo reino e seus reis intitularam-se REIS DE SARA, RIDAN e HADRAMAUT, que logo conquistaram outros países e acrescentaram mais nomes a seus títulos, sendo o primeiro que obteve os três títulos Saamar Yarhech.

Os reinos himiaritas compreendem duas etapas: a primeira vai de 115 a.C. até 275 d.C. Treze reis existiram nessa época, com exceção dos desconhecidos. A segunda etapa vai de 275 até 533 e seus reais são em número de quatorze. No ano 525 o rei da Etiópia conquistou o lemen. Tal dominação durou 74 anos. Então, um príncipe chamado Saif ibn ZI Yazen pediu auxílio ao rei Cusra e exterminou todos os etíopes, voltando os árabes à antiga independência.

#### OUTROS PEQUENOS REINOS DO IEMEN

1º) AKIAL e AZUAH, o que significa "príncipes feudais".

São descendentes das três famílias anteriormente citadas como reinos e que formaram pequenas províncias independentes. No entanto, também guerrearam com Himiar, segundo as crônicas.

2º) ALJABADIAH e ALHATOBIAT

Eram duas tribos do lemen. Dedicaram-se ao comércio, tendo sido citadas por Plínio e Glaser, valendo notar que Glaser afirmou que estes últimos construíram o dique de ALHATAB.

3º) ALKARIUN

Estrabão os chamou de GERRHAE. Era uma tribo numerosa e rica.

Outras mais existem, que nos furtamos de mencionar por escassez de espaço.

#### Capítulo XXII

### A ANTIGA CIVILIZAÇÃO DO IEMEN

Os árabes do lemen imitaram seus irmãos hamurabitas da Babilônia, formando reinos, construindo cidades, estabelecendo governos, ditando leis, abrindo escolas, erigindo templos e civilizando a sociedade ao educarem a mulher há mais de 4.000 anos. Dessa forma, o adiantamento do lemen competia com o de seus contemporâneos — os assírios, os fenícios, os egípcios e os persas — em todos os ramos do saber, embora seus reinos fossem mais dedicados ao comércio do que às guerras. Por tal motivo, dedicaram-se eles aos negócios, ao cultivo da terra, à exploração das minas, ao fabrico de perfumes, à condução de caravanas e de barcos para o transporte de seus produtos.

A civilização do lemen dividiu-se em sete etapas: (1) as leis sociais; (2) a indústria, a agricultura e a mineração; (3) as construções; (4) o comércio; (5) a construção de diques; (6) a religião; (7) o idioma e a escrita.

#### AS LEIS SOCIAIS

Os Mihinitas trouxeram com eles a civilização babilônica. O reino estava composto à maneira do feudalismo medieval. Cada príncipe governava a sua província e cada província tinha o seu templo. Muitas vezes esses príncipes dominavam os príncipes vizinhos, mas, ainda assim, eles reconheciam como senhor o rei absoluto que raras vezes saía de seu palácio de Mareb. Não se preocupavam com a formação de exércitos, porque não pretendiam conquistas. Os homens eram guiados e educados principalmente para que aprendessem a construir diques e cidades, assim como para efetuar os necessários reparos.

O Governo era hereditário, menos em Hadremaut. Nessa região, o rei nomeava sucessor ao primeiro filho nascido de um príncipe de seu reino. No dia de sua coroação, o rei, que possuía uma lista com os nomes de todas as mulheres nobres que se achavam grávidas, designava, para cada uma delas, alguém que a servisse durante a gravidez, a fim de vigiá-la e saber quem nasceu em primeiro lugar, filho esse que seria educado para herdeiro do trono.

Cada rei escolhia um título que lhe era próprio, unido depois a seu nome, como depois passou a ser feito pelos Califas Abassidas e demais reis do ocidente, como, por exemplo, o Justo, o Formoso, etc.

Cada principado tinha suas próprias moedas, onde eram gravadas as efígies de seus reis e os nomes de suas cidades; adornavam-nas com símbolos políticos ou sociais, tais como um mocho, um falcão, uma cabeça de touro, que era emblema da agricultura, ou uma meia-lua, símbolo religioso.

Por meio dessas moedas, podemos deduzir que os reis usavam cabelos compridos, penteados artisticamente, embora não tivessem nem barba, nem bigode, como os Egípcios. Montavam cavalos e utilizavam carruagens de quatro rodas puxadas por cavalos e elefantes. Adornavam-se com braceletes de ouro.

## O POVO

O povo do lemen estava composto de quatro classes:

- 1?) os gendarmes ou mantenedores da ordem, que defendiam as fortalezas e cuidavam das caravanas;
- 2?) os lavradores;
- 3?) os industriais;
- 4?) os comerciantes.

Cada seção ou etapa tinha certos limites que não podiam ser ultrapassados.

## A INDÚSTRIA — A AGRICULTURA — A MINERAÇÃO

A **indústria** — A Indústria compunha-se da fabricação de certas espécies de incensos e perfumes. Em tal espécie de tarefa ganharam fama e até hoje se fala nos "perfumes orientais". Tais perfumes eram feitos de muitos componentes, que não devemos enumerar para não cansar o leitor.

**A agricultura** — A Arábia era, naqueles tempos, uma região muito fértil, porque os árabes dominavam a ciência da irrigação, tendo-se dedicado bastante à agricultura por esse motivo.

Não havia, naquele País, nem o Nilo, nem o Eufrates. Os engenheiros árabes construíram diques destinados a recolher água da chuva, a fim de utilizá-la durante o Verão. O mais importante desses diques é o de Mareb, historicamente famoso.

O País estava salpicado de jardins e Estrabão afirma que dispunha de 20 classes de uvas.

**A mineração** — Também neste ramo de atividades eram, os árabes, mui destros em extrair do coração da terra suas riquezas minerais, tais como o ouro, a prata e as pedras preciosas.

O autor inglês Burton denominou aquela região de "a Califórnia daquele tempo", devido à abundância de seus minerais.

**A construção** — Os árabes do lemen construíram muitas cidades, das quais nada mais nos resta senão ruínas como as de Mareb, Mahim, Brakesh, Zafar, Nahet, Binun, Sanaá e outras mais.

Cada cidade tinha muitos palácios e templos, como na era presente.

Estrabão afirma que aqueles palácios eram muito semelhantes aos do Egito.

Plínio diz que nas cidades de Nagia e Tenaá havia 65 templos e, em Shua, a capital de Hidramaut, 60.

Mareb é a cidade mais conhecida. Seu nome deriva de MA= água e RAB=muito. Portanto, esse nome quer dizer MUITA ÁGUA.

A cidade havia sido construída em forma de círculo, rodeada por uma muralha provida de duas portas: uma oriental e a outra ocidental. As ruínas de seus templos e palácios são, até hoje, objeto de mais viva admiração. Basta dizer que o Palácio de Gamdán tinha vinte tetos, isto é, vinte andares e que o último andar era coberto por mármore transparente, através do qual era possível distinguir que espécie de pássaro por ali havia passado. Tinha, em cada canto, um leão oco de bronze, ficando as patas do animal para dentro do edifício, enquanto suas cabeças para fora. Entre a cabeça e as patas havia certos dispositivos que o faziam rugir, de um modo natural, quando o vento entrava no interior do seu corpo.

Assim eram, também, os demais palácios, cada um distinguindo-se do outro por apresentar uma maravilha que lhe era peculiar. Não podemos dar a descrição de todos eles, mas apenas os seus nomes: Palácio de Balkis, Palácio de Naaher, Palácio de Pidat, Pa-

lácio de Madar, Palácio de Sarauh e dezenas de outros, mais templos e fortalezas.

**Os diques** — O que mais demonstra o adiantamento da arquitetura do lemen é a construção de seus inúmeros diques. Essas espessas paredes eram construídas nos vales para reunir as águas da chuva que, depois, iriam irrigar o solo durante o Verão. Só no lemen havia 80 diques, cada um deles com seu nome próprio: Ashan, Re-buán, Ketab, Shehrán, Tamhan, Ibad, Arashes, Sahar, Zi Chahal, etc. O mais famoso, porém, foi o dique de Mareb, de que nos fala o Co-rão, no seu todo uma construção maravilhosa. Em 1943 após 1874, as missões científicas encontraram, em suas ruínas, a terça parte intacta, a qual chega a 50 metros.

A destruição do Dique de Mareb causou a destruição do País, primeiramente pela ação das águas que tudo arrasaram e, em seguida, pela seca que sobreveio devido a perda do dique.

**O comércio** — O comércio do lemen atingiu a Índia, a Pérsia, a China, a Fenícia e demais partes do mundo conhecido naquele tempo. Era efetuado por mar e abrangia ouro, cobre, pedras preciosas, marfim, madeira de sândalo, especiarias, perfumes, ébano, algodão, plumas de avestruz, incenso, mirra e muitas outras coisas.

Ezequiel ao falar de Sour (Tiro) no Capítulo 57, versículo 21, afirma:

21. "os árabes e todos os príncipes de Cedar, mercadores de tua mão, com cordeiros, carneiros e cabritos, vieram a ti para comerciar contigo.

24. "vendedores de Sabá e de Reema comerciaram contigo, com todos os aromas embriagadores, pedras preciosas e ouro que puseram em teu mercado.

23. "Haram e Chene e ÉDEN fatores teus, Sabá, Assúr e Chel-mad teus vendedores."

**A civilização** — Um povo que possui cidades, palácios e templos luxuosamente decorados, que se veste de seda e possui utensílios de ouro e prata, que semeou os jardins e parques deve ser catalogado entre os mais civilizados.

Afirma Lenormant (III.298): "Os Sabahitas tinham em suas casas e habitações um luxo incrível. A construção de seus palácios era surpreendente, a riqueza de seus móveis e utensílios era incalculável, etc".

Não citamos as poesias árabes que descrevem a magnificência e o adiantamento daqueles reinos, porque, se o fizéssemos, jamais terminaríamos esta obra.

**A religião e o idioma** — Da religião e do idioma dissemos algo anteriormente e voltaremos a falar deles na segunda parte desta obra, eis que ambos devem ser estudados quando se fala da cultura de um País.

### Capítulo XXIII

#### TERCEIRA ETAPA OS ÁRABES DO NORTE NO SEGUNDO PERÍODO

Já vimos no capítulo que tratou da primeira etapa dos árabes ao norte da Ilha Arábica de que modo estes perderam seus reinos no correr dos séculos, valendo ressaltar porém que essa desapareição de sua potestade e reinos não significa que se tenham extinto, pois muitas tribos e povos descenderam dos primeiros e povoaram, com o tempo, o norte da Arábia no segundo período.

#### AS DIFERENÇAS

As diferenças entre os árabes da primeira etapa e os da terceira são as seguintes:

1º — **As leis sociais** — Os árabes da primeira etapa tinham suas casas, cidades e reinos, porque formavam reinos. Os da segunda, logo vencidos, eram nômades e buscavam pasto e água para seus camelos e ovelhas.

2º — **O idioma** — O idioma dos árabes do lemen chama-se Hi-miarita e é diferente do idioma dos árabes de Hedjaz, ainda que tenham tido a mesma raiz.

Tal diferença é devida à mudança do ambiente, dos costumes e dos caracteres.

3º — **As religiões** — Ambos os povos tinham os mesmos ídolos, ainda que em alguns houvessem diferenças. Os deuses do lemen eram babilônicos, enquanto os do povo do norte eram mais diferentes.

4º — **Os nomes** — Os primeiros tinham os mesmos nomes que os Hamurabitas, enquanto os segundos possuíam outros diferentes.

## OS ADNANITAS

Os árabes da Terceira Etapa eram chamados de adnanitas. Sua história data a 2.000 anos a.C. e a Bíblia os citou em vários trechos.

Compunham um grande reino até que Nabucodonosor enfraqueceu-os e dispersou-os depois da conquista. Eles, a seguir, multiplicaram-se, voltando a formar seus reinos. Pouco tempo antes da Era Cristã, ocuparam Tahama, Hedjaz, Najed, o deserto de Damasco e outras regiões, em diferentes épocas, uma tribo sucedendo a outra.

Dos adnanitas brotaram cinco troncos e desses troncos muitas ramificações, como podemos observar no quadro abaixo:

	ADNAN		
ACAITAS		MAHAD	
	NAZAR		CAUS
Anmar, Madar, Quidaha, Bajila Jazhana	Rabiha, Ayad		

Não nos é possível falar detalhadamente sobre esses reinos, nem de seus ramos, nem do nome de seus reis, ou nunca terminaríamos.

## OS YAKTANITAS FORA DO IEMEN

Essa nação dominou o Iemen durante muito séculos como vimos na história de Sabá e de Himiar. Deles derivaram dezenove tribos, cujos nomes indicamos no quadro que se segue:

YAKTANITAS	Taí	Mazam	Aus
	Ashar	Gassan	Jazrej
	Bojilat	Adzam	Jazaha
	Jizam	Muzaikia	
	Azd	Azd Shnuhat	
	Amila		
	Candat		
	Lajm Masr		
	Amdam		

Dessas dezenove tribos não nos ocuparemos. Só trataremos daquelas que formaram os reinos conhecidos pela História, ou seja, Gazzan, Lajm e Candat.

## OS GASSANIDES

Os Gassanides tiveram trinta e dois reis e governaram durante 600 anos desde o princípio do Cristianismo até a virada de Maomé. Governaram Hurán, Síria, Palmira, Líbano e Palestina. Sua capital foi Bosra, no Huran. Nesse lugar existiu o convento do monge Bohaira, mestre de Maomé. Falar da civilização deste reino tomaria muitos volumes.

## OS LAJAMITAS DO IRAQUE

Vinte e dois foram os seus reis e governaram durante 364 anos. Sua capital foi "EL HIRA". Como os anteriores, foram cristãos praticantes de ritos diferentes. Esses reinos começaram no ano 268 com Amr ib Adi e terminou em 628 com Mnunzer, o fátuo.

## O REINO DE CANDAT

Esse reino começou com Hajr ib Amr, que morreu no 450, e findou com Himru el Cais, o famoso poeta, em 660. Cinco foi o número total de seus reis.

Do Reino de Candat formaram-se quatro pequenos reinos adicionais, que se perderam com a chegada do Islam.

Todos esses reinos pertencentes à Terceira Etapa possuem história muito brilhante em termos de civilização e a causa de sua decadência repousou na guerra que mantinham entre si mesmos. Eles costumavam anotar a história de suas guerras por dias, ou seja, pelo número de dias durante os quais mantinham guerra com seus inimigos ou entre eles mesmos. Assim, temos o seguinte:

- 1º) O dia da BLANCA entre Adnan e o Iemen;
- 2º) O dia de JAZAR entre Adnan e o Iemen;
- 3º) O dia SAFACA ou MASHKAR entre Fares e Tamin;
- 4º) O dia CALAB SEGUNDO entre Fares e Tamin;

Em seguida vem o dia dos adnanitas contra eles mesmos, dois séculos antes da Hégira. Esses dias dividem-se em três partes principais:

- 1º) Os combates havidos entre as tribos de Rabiha e Madar, que chegam a doze;

2º) Entre os integrantes da tribo de Raiha;

3º) Entre os da tribo de Madar.

Essas tribos, muitas vezes, combatiam pela posse de um pasto, por questões de água, por vingança e, até, por uma simples corrida de cavalos, como aconteceu nos dias de Dahes e Gabra, nomes de duas éguas, embora, dessa vez, a corrida não tenha passado de um pretexto para acender o fogo do ódio nos corações, que já existia sob as cinzas.

## Capítulo XXIV

### A ANTIGUIDADE DA RAÇA ÁRABE

Alguns autores que se intitulam sábios no mundo científico admitem que os árabes em época anterior a Maomé careceram de história e que não passavam de tribos errantes, sem tradição ou pouso fixo.

Tal opinião foi endossada pelo autor da história das línguas semitas, que afirma: "Até o momento em que ocorreu esse movimento extraordinário que nos mostra a raça árabe inesperadamente conquistadora e criadora, a Arábia não ocupa lugar algum na história política, intelectual ou religiosa do mundo, pois, não só é muito antiga, mas também muito jovem nos anais dos povos, eis que o século VI é a sua idade heróica, correspondendo os primeiros séculos de nossa era às trevas ante-históricas da raça árabe".

Nós, que não nos afivelamos o título de sábios, vamos demonstrar, com provas claras e irrefutáveis, que tal afirmação é errônea.

1º) Quando um povo aparece na História com uma civilização adiantada, pode-se afirmar, sem medo de erro, que essa civilização é produto de um longo passado. A razão humana não pode admitir que o adiantamento científico de hoje não seja fruto de ontem. Até nossos dias a Ciência não descobriu o nome do inventor do tear, mas ninguém duvida, nem pode duvidar, de que o tear existiu há mais de 20.000 anos. Assim também acontece com a civilização dos árabes antes de Cristo. Dizer exatamente o que ela foi seria muito fácil, porém os documentos que possuímos são suficientes para mostrar que ela existiu.

Contudo, a História não se mostrou tão silenciosa assim a respeito da antiga cultura dos árabes.

Basta recordar que antes de Maomé os árabes já possuíam uma literatura e uma língua bastante desenvolvidas, que mantinham há 2.000 anos relações comerciais com os povos mais civilizados do mundo e que, depois, em menos de cem anos, chegaram a criar uma civilização cuja memória os séculos ainda guardam.

Seria, pois, um absurdo crer que os árabes tivessem improvisado uma língua e uma literatura. Sua própria existência é prova de um recuadíssimo passado.

2º) Para serem capazes de criar, em menos de um século, um vasto império, bem como uma nova civilização, seriam necessárias aptidões, as quais são sempre fruto de lentas acumulações hereditárias e, por conseguinte, de uma grande cultura anterior. Com os jíbaros do oriente equatoriano nenhum conquistador conseguiu formar uma Universidade e muito menos brilhantes cidades que, durante séculos, foram os únicos focos de ciência, artes e letras no Oriente e no Ocidente.

Por outro lado, muitos outros povos derrubaram impérios, tal como os árabes, sem que nenhum, contudo, conseguisse organizar uma civilização. Muito pelo contrário, por falta de uma cultura que lhes fosse própria, aproveitavam a que achavam nos povos conquistados.

3º) Aos que desejam sempre seguir o que Bíblia diz, devo informar que a própria Bíblia reconhece os árabes como um povo muito mais antigo do que o hebreu. Ela fala, com frequência, dos Amalecitas, Medianitas, Sabeus, Nabateus, Idumeus, Mahabitas, Am-monitas e dos que invadiram o Egito uns 2.000 anos a.C. sob o nome de reis pastores e que mantiveram essa dominação durante muitos séculos.

Os Amalecitas, os Idumeus, os Mahanitas e os Ammonitas, na Arábia Pétreia e na Arábia deserta viviam em contínua guerra com os hebreus e se opuseram, durante longo tempo, à sua entrada na Terra de Canaan. Só Davi e Salomão foram capazes de vencê-los por mui curto tempo.

4º) As inscrições assírias falam-nos, com frequência, dos árabes que já haviam sido mencionados num texto de Salmanasar II, nove séculos antes de Jesus Cristo. E oito séculos antes deste, Teglatpha-nassar II recebeu homenagens de duas rainhas árabes. Hassar Had-don põe no trono uma princesa árabe educada na corte de Nínive. Ao tempo de Assurbanipal, a rebelião de um irmão do rei encontrou apoio nos exércitos árabes.

5º) As inscrições árabes confirmadas pelos gregos falam-nos do poder do lemen.

Segundo esses autores, a região servia de sede para o mais poderoso dos impérios, havendo seus reis governado durante 3.000 anos, além de haverem enviado expedições à China, à Índia e à África, inclusive às regiões que hoje constituem o Marrocos.

6º) Os gregos conheceram, muitos séculos antes de Jesus Cristo, a riqueza dos árabes, razão pela qual Alexandre tentou a conquista da Arábia. A expedição de Nearchos aos contornos da península nada mais foi senão o prelúdio do que teria feito Alexandre, caso a morte não o tivesse impedido. Antígono quis, então, apoderar-se de Petra, atacando de surpresa, mas teve todo o seu exército destruído. Então, ele passou essa missão a seu filho Demétrio, o qual — conta-nos Deodoro da Sicília — chegou a Petra, ouviu dos árabes o seguinte: "Rei Demétrio, por que motivo nos declarou guerra exatamente a nós, que vivemos no deserto e aonde nada existe de importante para a cômoda vida dos que habitam as cidades? Sabeis que se procuramos refúgio em meio a uma região privada de todos os recursos, é que estávamos resolvidos a fugir da escravatura. Consenti, pois, em aceitar os presentes que vos oferecemos em troca da retirada de vossos exércitos e ficais certo de que, de hoje em diante, tereis nos Nabateus amigos fiéis. No entanto, se preferirdes continuar mantendo o sítio, dentro em breve sofrereis toda sorte de privações, sem que de nenhum modo nos possais obrigar a levar um tipo de vida a que não estamos acostumados desde a infância. E ainda que consigais aprisionar a muitos de nós, neles só encontrareis escravos desanimados, incapazes de viver sob quaisquer outras instituições que não sejam as nossas."

Percebendo sua impotência diante daquela gente, Demétrio aceitou os presentes e retirou-se.

7º) Até o advento da era cristã, os próprios imperadores romanos, cujo domínio estendia-se até o Eufrates, não conseguiram dominar os habitantes da Arábia. Augusto, desejoso de possuir aquelas riquezas que durante tantos séculos aguçavam a imaginação de gregos e romanos, enviou uma expedição contra o lemen, mas frustrou-se completamente. Tibério conseguiu conquistar por pouco tempo esse pequeno rincão da Arábia e Petra transformou-se numa magnífica cidade romana, cujas ruínas ainda existem.

Os árabes ajudaram os romanos na guerra contra os persas e até um árabe de nome Felipe chegou a imperador romano no ano 244.

8º) Quando o Império Romano foi transferido para Constantinopla, em 195, os soberanos de Hira rivalizavam em luxo com os monarcas da Pérsia e da própria Constantinopla.

"Seus palácios estavam adornados com os mais preciosos móveis e seus jardins enfeitados com as flores mais raras, enquanto à noite o Eufrates era sulcado por elegantes embarcações, refletindo os milhares de luzes daquelas barcas possuídas por ricos senhores e hábeis músicos. Os árabes utilizaram todos os recursos da imaginação para cantar as maravilhas desses palácios encantados, que eram, então, as mais bonitas e saudáveis mansões de todo o Oriente".

O Reino de Hira durou 400 anos e, em 605, caiu em poder dos Sassânidas, por curto tempo, porque então apareceu Maomé no cenário do mundo e seus sucessores não tardaram em conquistar o império dos persas.

A partir do que expusemos anteriormente podemos sentir que nenhum império do mundo pôde conquistar aquele rincão que atendia pelo nome de Arábia, a mesma que, de todos os povos da Terra, é o único que passou a maior parte do tempo sem jamais conhecer a dominação estrangeira, o que, por outro lado, demonstra que a raça árabe é das mais antigas raças do mundo.

A Bíblia fala-nos, em diversos pontos, do comércio árabe, das cidades que possuíam e, particularmente, de Sabá, no lemen.

Quatrocentos anos a.C. Heródoto fala da Arábia Feliz, pintando-a como uma região rica e fértil. Diz, ainda, que em Mareb havia opulentos palácios com pórticos dourados, cheios de vasos de ouro e prata, além de camas para descanso feitas de metais preciosos.

Estrabão relata-nos que a cidade de Mareb era maravilhosa, que o teto dos palácios estava adornado em ouro, marfim e pedras preciosas e que as casas eram ricamente mobiliadas e enfeitadas com jarros artisticamente cinzelados.

Eratóstenes afirma que as casas eram parecidas com as do Egito no modo pelo qual as armações haviam sido feitas. Tal relato faz-nos conceber de duas uma: ou os egípcios chegaram a Mareb, onde deixaram sua civilização, coisa que não é dita em nenhuma história ou os árabes levaram sua civilização ao Egito, fato que se confirma em todas as histórias antigas e também pelas modernas descobertas.

El Masudi concorda com os autores clássicos ao falar da riqueza do lemen e diz: "Em Mareb viam-se bonitos edifícios, bem como grande número de canais e de rios que cruzavam a terra em todas as direções. Era necessário um mês para que um ginete percorresse

o país longitudinalmente e mais outro para correr no sentido da sua latitude. Era, no entanto, possível seguir tal caminho de um a outro extremo sem sentir os ardores do sol, pois as árvores, cujo cultivo era a riqueza da comarca, cobriam toda essa extensão de terra, oferecendo abrigo contínuo. Os habitantes desfrutavam de todas as comodidades da vida: abundância de meios de subsistência, terra fértil, ar puro, céu sereno, mananciais de água e um império de altíssima prosperidade.

"Distinguiam-se pela nobreza da conduta e pelo contentamento com que recebiam os forasteiros que visitavam seu país. Esse estado de prosperidade durou tanto quanto aprouve a Deus. Nenhum rei tirano opôs-se a eles, sem ter seus exércitos desbaratados. Todas as regiões lhes estavam submetidas, todos os homens acatavam suas leis e eles eram como um diadema perante o Universo."

Essa é a história dos árabes há mais de 20 séculos antes de Cristo. A prosperidade do lemen era devida aos famosos diques de Mareb, construídos, ao que dizem os autores árabes, por uma rainha chamada Balkis. Tais diques estavam situados à entrada de certo vale formado por altas montanhas, entre as quais corria uma rápida corrente e que transformou esse vale num lago imenso que serviu para irrigar toda a comarca. Foram destruídos esses diques até o primeiro século do Cristianismo, o que ocasionou o despovoamento do país.

Um povo que pôde construir os maravilhosos diques de Mareb muitos séculos antes de Cristo, que conquistou o Egito, ditando para ele e para o mundo leis civis e religiosas, deve possuir avançada civilização.

Com efeito, através dos árabes, tiveram lugar durante toda a Antiguidade Clássica relações entre a Europa e as distantes comarcas da Ásia. O comércio árabe compreendia objetos da Arábia, da África e das Índias Orientais. Durante muito tempo esse comércio vingou pela mediação dos fenícios, cuja língua era muito parecida com a dos árabes.

Face a essas contínuas transações comerciais que duraram tantos séculos, afirma-se que, na antiguidade, as cidades da Arábia e particularmente as do lemen conheciam todos os produtos de luxo mais refinado, o que nos faz compreender por que motivo os historiadores gregos, latinos e árabes tenham sido unânimes em decantar o maravilhoso esplendor daquela antiquíssima raça.

Os reinos de Hira e de Gassan rivalizavam, em luxo e grau de civilização, com a capital da Pérsia e com Constantinopla. Mais ain-

da: em Bosra foram encontrados vestígios de canalizações que demonstram a aptidão de seus habitantes na execução de trabalhos de caráter gigantesco jamais sonhados por outros povos.

Halevy encontrou, perto de Haram, a curta distância de Sanaa, alguns marcos com antigas inscrições e a porta de entrada, em louça de arenisco, de um templo sabeu coberto por desenhos de plantas e de animais.

Também foram encontradas mais de duzentas moedas de antigos reis do lemen, as quais datam de muitos séculos antes de J.C. A efígie gravada representava o rosto de uma régia personalidade, vista de perfil, com um diadema na cabeça, os cabelos trançados em madeixas, o que exatamente recorda o reino dos Hicsos ou reis pastores chegados da Arábia que conquistaram o Egito.

A antiga religião dos árabes era o sabeísmo. Eles rendiam culto ao Pai-Sol e aos principais astros. Havia, porém, em seu credo muito de misticismo no que tange aos sacerdotes, como se pode ver na história relativa a Moisés e ao sacerdote Jethro, que vivia em Ma-dian. O vulgo denominava tal religião de "esotérica", tal como ainda hoje a conhece.

Numa inscrição assíria, que data de oitocentos anos antes de Cristo, relata-se o regresso de Hassar Haddon de uma expedição à Arábia Deserta e o texto diz: "O rei árabe partiu, com muitos presentes, para Nínive, cidade pertencente aos meus domínios, e beijou meus pés. Pediu-me que lhe devolvesse os seus deuses e tive pena dele. Mande restaurar as estátuas dos deuses, nelas inscrever o elogio de Assur, meu Senhor, acompanhado de minha assinatura, após o que foram-lhe os deuses devolvidos. Mantive a dignidade da rainha Taboa, princesa árabe que havia sido educada em meu palácio e deixei-a regressar a seu país com seus deuses."

Após a vinda de Cristo, muitos árabes passaram a professar a sua doutrina e até Maomé foi discípulo de um sacerdote cristão e, por meio dos ensinamentos deste recebidos, proclamou no Alcorão a existência de um Deus Único. Devemos levar em consideração as palavras que o Profeta deixou em seu livro: "Que haviam existido muitos muçulmanos antes dele". Frase tão sábia, quanto a de St. Agostinho quando afirmou: "Milhares de anos antes de Cristo o Cristianismo já existia".

Quando Maomé apareceu, uma tendência geral, manifestada por meio de numerosos sinais, indicava uma unidade política e religiosa. A raça árabe havia dormido sua noite e sua alvorada despontava. Ela acordou, então, do seu sono para derramar, juntamente com o sol,

os raios da sua Sabedoria, de sua Cultura e de sua Civilização sobre o mundo em geral.

## CONCLUSÃO

O objetivo desta resenha histórica foi demonstrar que:

- 1) os árabes são muito mais antigos do que a História supõe;
- 2) os árabes são arianos pertencentes à segunda sub-raça;
- 3) a interpretação da Bíblia, no que tange aos árabes, não é verdadeira, porque a Gênese é um estudo cosmogônico e não uma história profana;
- 4) a civilização árabe é a precursora de todas as civilizações do mundo;
- 5) a lenda de Abraão e de seu filho Ismael é uma alegoria dos moatárabes a que fizemos menção neste trabalho;
- 6) os mostárabes constituem uma mistura de judeus e negros;
- 7) numa linha não interrompida, desde Hamurábi, o árabe, 27 século antes de Cristo até a chegada do Profeta Maomé, os árabes continuaram tendo seus reinos florescentes. Tiveram, é bem verdade, seus tempos de decadência, porém nunca chegaram à barbárie ou à selvageria.

A história dos árabes desde Maomé até os tempos modernos encontra-se em qualquer compêndio histórico. Por esse motivo, não nos ocuparemos dela, passando à segunda parte da obra, que trata da cultura árabe.

Segunda Parte

## A CULTURA DOS ÁRABES

## Capítulo I

### O ÁRABE E SEU CARATER

O caráter é a índole ou condição ou modo de ser de uma pessoa ou de um povo. O caráter não é o costume, porque este último pode ter algo de herança, mas o zelo, o altruísmo e o amor são atributos inatos no homem. Amor e ódio são manifestações da alma, assim como o heroísmo, a generosidade, a indulgência, o medo, a avareza e a cólera, que de muito não precisam para se fazerem manifestos. Tais caracteres podem ser intrínsecos, podem estar no sangue, no sistema nervoso e até podem ter relação com as estrelas do céu. Não podemos nem pesar, nem medir esses caracteres, que chamamos de terrenos ou espirituais, bons ou maus, baixos ou elevados.

Espiritualistas e psicólogos criaram uma ciência denominada CIÊNCIA DOS CARACTERES ou, usando de outra denominação, a Ética Social.

Essa Ética corrompeu nossos caracteres sublimes e elevados. Pode ser que esta afirmação vos surpreenda, não nego, porém quando chegarmos a compreender que a urbanidade moderna acha-se baseada na hipocrisia e na afetação preferiremos a verdade nua e crua à verdade convencional.

Recordo-me de que, quando estava no deserto, em 1917, na companhia do Emir Faisal, generalíssimo dos árabes que combatiam turcos e alemães, um beduíno entrou em nossa tenda, na qualidade de chefe de uma tribo, e lhe disse poucas e boas. "Escuta, Faisal," disse ele, "se não aumentares o meu pagamento, não haverá combate esta noite". O Emir franziu o cenho e ia dizer alguma coisa quando adiantei-me e disse-lhe: "Com muito gosto e, se triunfares, ainda ganharás uma gratificação".

Contente, o beduíno retirou-se e o Emir olhou-me, aborrecido, dizendo:

— Que significa isto?

— Isto significa, Alteza, que não sois maior do que o Califa vosso avô quando disse "Se houver algo torto em mim, rogo-vos que o endireiteis". Ao que um beduíno respondeu: "Ouve, Omar, se em contrássemos algo torto em ti, endireita-lo-íamos com a ponta de nossas espadas".

O Emir silenciou e à noite a batalha foi ganha.

Foram assim os árabes no início do Islam, são assim os árabes do deserto e quão diferentes somos nós que vivemos nas cidades, que estudamos urbanidade, que passamos a vida inteira procurando palavras escolhidas para agradar e fazer-nos simpáticos. Ninguém se atreve a pedir diretamente aquilo a que tem direito, nem existe quem o dê sem que o pedido esteja devidamente agasalhado e, em muitos casos, subornado.

Os caracteres são forças latentes da alma, mas infelizmente eles são influenciados pelos sucessos e pelas coisas. Várias vezes, em minha vida, fui castigado por dizer a verdade e senti-me obrigado a não dizer o que sentia, a fim de evitar um mal desnecessário. E quando um homem ou uma nação não dizem o que sentem, podem obter proveito por meio de sua filosofia prática, porém à custa do próximo, esquecendo o fato de que o mal que se faz retorna como uma bola sobre o autor.

Os caracteres são experiências arraigadas na alma que se manifestam diferentemente e seu primeiro objetivo é o contentamento de si mesmo. Mas também se afirma que os caracteres podem ser influenciados pela tirania das leis, pela religião e pelos costumes.

Era eu aluno de um colégio católico e o padre nos explicava o Catecismo. Recordo-me de que nos disse que toda desgraça e dor nos vinha de Deus para provar-nos. Para meu azar perguntei-lhe: "Acaso não sabe Deus, de antemão, a resistência de nosso temperamento para que nos prove com dores? Como pode ser infinitamente bom, se nos castiga?"

A resposta que obtive a essa pergunta foi uma pancadaria inquisitorial que me obrigou a engolir minha filosofia por mais de dez anos.

As nações elevam-se, tal como os homens, por seu caráter e não por sua ciência ou sua riqueza. Surgiram os Romanos, um povo rude, porém de caráter sóbrio e, em curto espaço de tempo, constituíram o poderoso império situado nas proximidades do Mediterrâneo, conquistando inclusive a Grécia, a nação que maiores conhecimentos científicos e filosóficos apresentava naquela época. Os

Romanos dominaram em virtude do caráter guerreiro e conquistador de que estavam dotados e que manifestavam por meio da intrepidez, da perseverança e da união.

Os árabes sedentários e nômades, no início do Islam, não possuíam outra riqueza, senão o seu caráter, que se baseava no valor espiritual, no amor à independência do pensamento, na generosidade e na vida sóbria. Eles dominaram os Romanos, que já eram donos do saber e da fortuna, porém, então, faltos do caráter necessário para sua própria defesa, pois haviam sido arrastados à luxúria e às comodidades.

A Inglaterra, nos tempos atuais, domina muitas nações que a superam em número de habitantes, em ciência e em riquezas, mas que ainda assim foram dominadas pelo elevado caráter inglês. Vemos, assim, que cada nação e cada homem têm o seu caráter e que o homem não nasceu nem príncipe, nem sacerdote, nem budista, nem maometano, nem cristão. Somente as leis escravizam e as religiões dividem, enquanto a única autoridade verdadeira pertence à razão sadia, e a supremacia é o fruto das boas obras.

Ninguém consegue vencer na vida sem a razão, sem o espírito, sem a cultura e, sobretudo, sem um caráter que se encontre baseado na veracidade e na perseverança.

Falemos destas duas últimas qualidades com relação aos árabes.

O árabe é verdadeiro, não mente. Pode ser que ele seja verdadeiro não por amor a essa qualidade, mas porque o seu espírito é intrépido e valente, sendo que forçosamente o mentiroso é covarde e medroso.

Conta-nos a tradição que, certo dia, um homem aproximou-se do profeta Maomé, professou o Islam e em seguida disse: "ó Profeta de Deus! O homem é castigado por seus crimes declarados e públicos, mas eu tenho quatro deles ocultos que são a fornicação, o roubo, a embriaguez e a mentira. Qual deles abandonar secretamente?"

— És covarde? perguntou Maomé.

— Não, Senhor.

— Então tens de deixar de mentir.

O homem foi-se e quando pensou em fornicar pensou: "Amanhã, se o Profeta perguntar, devo dizer a verdade e não mentir. Se disser toda a verdade, receberei uma reprimenda dele, mas se mentir serei um covarde." Diante disso, não fornicou, nem roubou, nem se embriagou.

No dia seguinte voltou à presença do Profeta e disse:

— Senhor, abandonei todos os meus vícios.

Disto podemos deduzir que "quem aprende a ser verdadeiro aprende também todas as virtudes, porque a veracidade o ensina".

Os frutos da veracidade são o valor moral, a lealdade, a gratidão, o sentimento do dever, a confiança em si mesmo, a reta atividade, que serão examinadas em detalhe. Estou falando do árabe de espírito puro e não dos mostárabes que perderam a confiança em si mesmos e que não enxergam senão através de uma lente fabricada no estrangeiro, pois esta classe de gente se transformou há muitos séculos em resíduos da raça e é inepta para todas as coisas.

1º) O valor moral — O árabe puro, por instinto, tem valor moral, isto é, diz claramente as coisas sem nada temer. Ele não sabe, nem pode dissimular seus sentimentos. Seu peito parece feito de cristal e, por trás dele, podemos ler aquilo que o coração diz. O árabe nunca leu "O Príncipe" de Maquiavel e, se o leu, jamais pôs em prática a sua doutrina. Por isso, não engana, nem trai. Até hoje a palavra "imnah" soa em meus ouvidos, uma palavra que significa "defende-te", a mesma que o árabe pronuncia, no deserto, diante do inimigo, antes de atacá-lo.

2º) A lealdade e o cumprimento das promessas — O Emir Faisal prometeu firmar um contrato que era prejudicial para ele, mas o firmou assim mesmo e tal contrato foi o responsável pela sua queda do trono da Síria. Repetiu-se, assim, a história de ASSAMAUHAL que, por sua lealdade, ao cumprir a promessa feita a Imru el Kais, não quis entregar as armas de seu amigo. Defendeu-se em sua fortaleza de "EL ABLAK", mas o inimigo havia sequestrado o filho menor do sitiado, ameaçando degolá-lo caso não fosse o armamento entregue. O valoroso pai teve, então, de contemplar das muralhas da fortaleza a execução de seu próprio filho, porém não traiu a seu amigo, nem rendeu-se. Por isso, em árabe, costuma-se usar esta expressão: "Leal como ASSAMAUHAL".

3º) o sentimento do dever — Conta-se que um beduíno estava desejoso de possuir uma égua árabe de puro sangue. Ofereceu por ela apreciável quantidade de dinheiro, mas o dono não a quis ceder. Este, então, resolveu recorrer à astúcia. Soube, certo dia, que o proprietário da égua estava preparando-se para viajar. Aproximou-se, o beduíno, do proprietário, deitou-se no meio do caminho e começou a gritar: "Ai, minha barriga! Morro!". O viajante, diante da cena, prontificou-se a prestar auxílio à forte cólica experimentada pelo beduíno e, por compaixão, carregou-o e fê-lo montar em sua égua, a fim de levá-lo a um lugar habitado. Poucos minutos depois, no en-

tanto, o suposto enfermo agarrou-se à brida e lançou a égua a galope. O proprietário deu-se conta do logro e gritou-lhe:

— Ouve, beduíno! Já te apoderaste da égua e ela é tua, porém escuta-me por um momento. Se te perguntarem como ela chegou às tuas mãos, diz que mataste o seu dono, porque, de outra forma, morrerá o sentimento do dever no coração dos homens.

Ouvindo isso, o beduíno desmontou e a devolveu dizendo:

— Jamais serei eu quem matará o sentimento do dever no coração dos homens!

A exiguidade do espaço obriga-me a silenciar quanto às demais qualidades, como, por exemplo, a confiança em si mesmo e a reta atividade, as quais, como as anteriores, fazem do árabe um tipo democrata. Tal democracia, no entanto, é vizinha da intuição, porque não conhece nem a opressão, nem a tirania, que, por isso, a aproximam muito mais do verdadeiro Bem. A democracia encontra-se no sangue do árabe até a medula. É uma democracia a um tempo inata, intuitiva e espiritual.

Certa noite, como de costume, saiu Omar Ibn el Jatab para observar o estado geral e a marcha de seu governo e, ao mesmo tempo, para inteirar-se das necessidades de seus súditos. Acompanhava-o um ministro. Nos subúrbios da cidade, encontraram um casebre iluminado, do qual se aproximaram e ouviram uma mãe dizendo o seguinte a seus filhos pequenos:

— Paciência, filhinhos. Já vou servir a comida.

As crianças continuavam chorando e a mãe reiterando aquelas promessas de comida por longo tempo. Por fim, Omar entrou e disse:

— Boa mulher, por que não dás de comer a teus filhos?

— Porque não tenho nada para dar-lhes e os estou enganando com uma panela posta ao fogo que só contém água até que o sono venha e eles durmam.

Omar estremeceu, aproximou-se da panela, destampou-a e viu que, efetivamente, dentro dela só havia água e uns poucos cascalhos no fundo. Ele, então, dirigiu-se novamente à mulher e disse:

— Não deixes que teus filhos durmam até que eu volte.

Disse isto e saiu rapidamente da humilde cabana. Chegado à casa das Provisões, colocou no ombro esquerdo um saco de farinha e com a mão direita conduziu um recipiente com manteiga.

O ministro, perplexo, interferiu:

— Senhor, permiti que eu leve o saco de farinha.

— Não, murmurou Omar, soluçando. "Tu não poderás carregar a minha culpa no Dia do Juízo e este saco pesa hoje muito menos do que pesaria naquela hora, como culpa do meu descuido e da minha negligência."

E ele voltou correndo ao casebre, ali chegando todo suado e começou a preparar a comida para as infelizes crianças.

Diz a história que enquanto soprava a candeia, sua barba varria as cinzas e que, no dia seguinte, assegurou a vida daquela viúva e de seus filhos.

Esse foi o verdadeiro árabe e seu caráter, coisa que muitos ainda conservam. Em Java, ilha da Malásia, no arquipélago de Sonda, existem certas árvores em cuja sombra não podem viver nem plantas, nem animais. É uma árvore em cujo tronco e ramos existe um veneno que atinge o solo a grande distância, o que a faz ficar circundada pela aridez. Assim é, atualmente, a árvore do egoísmo que nasce nos corações: seu tronco é o medo, seus ramos são a ignorância e seus frutos, ainda que belos e graúdos como as maçãs de Sodoma e Gomorra, têm um núcleo de enxofre e cinzas. Oxalá os árabes não procurem semear esta árvore em seus corações e aqueles que já a tiverem semeado, que a arranquem depressa, a fim de conservar aquele caráter, que é símbolo de justiça, de generosidade e de democracia verdadeira.

## Capítulo II

### AS LEIS E A JUSTIÇA DOS ÁRABES

Antes do Islam, os árabes chamavam justiça, governo e juiz de "árbitro". O governo e a justiça figuravam entre as diferentes funções atribuídas aos povoadores. Assim, na tribo de Koraich (em Meca) destacaram-se como árbitros ou juizes Hachim iben Munal, seu filho Abdullah, Abu Taleb iben Montlalel, Al As ibn Wael, etc.

Também se destacaram, dentro das tribos, muitos outros homens que falavam segundo os ditames da sabedoria, da experiência e em consonância com os costumes que serviam de fonte aos julgamentos.

Naquela bendita época, a justiça era um fato natural, sem leis, nem regras fixas. Não era uma disciplina submetida a intrincadas es-

peculações ou doutrinas. Exigia-se a prova do demandante, o juramento do demandado e o julgamento era feito.

Até 1920 tal método de justiça era observado em Jabel Edrouse, montanha dos drusos ao sul do Líbano. Tal povo não dispunha, então, nem de juizes, nem de advogados, nem de médicos, pois viviam felizes e sadios. Longe da civilização, as doenças se tornam muito raras e as contendas entre as pessoas eram resolvidas pelo sheik ou chefe, que era o único juiz. No entanto, na qualidade de pai de toda a aldeia, ele julgava com benevolência e amor. Às vezes, gastava de seu próprio dinheiro para contentar às partes em choque e todos os desgostos terminavam com um aperto de mão. No entanto, quis a Turquia criar um tribunal de justiça na Montanha dos Drusos. Seis meses depois esse tribunal teve de ser desfeito, porque durante esse tempo todo não houve nenhuma causa por julgar. Os drusos obedecem cegamente a seus chefes, porque estes os tratam com carinho e bondade.

Assim eram os árabes antes do Islam. Porém, as normas anteriores não se modificaram por causa da vinda de Maomé e de sua religião.

Maomé afirmou: "Os MUÇULMANOS são irmãos". E, de outra feita, disse: "HOMENS, vosso Deus é um e vosso Pai é um. Sois todos filhos de Adão e Adão é a terra. O eleito de Deus é o mais bondoso. Não há diferença para Deus entre um árabe e um estrangeiro, a não ser pela bondade."

Os sucessores de Maomé observaram estritamente o que foi dito pelo profeta e isto foi feito, especialmente, por Omar ibn el Jatab.

Quando Jablat ibn el Abhem, rei dos Gassanides, após adotar o Islam, orava, certo dia, na Caaba, um beduíno pisou-lhe no manto e rasgou-o. Jablat, então, levantou uma das mãos e esmurrou o beduíno no nariz. Isto fez com que fosse chamado à presença de Omar, que quis também dar-lhe um soco no nariz, ao que este gritou:

— Comendador dos fiéis! Como pode ser isto? Eu sou rei e ele é plebeu! Ao que Omar respondeu:

— O Islam uniu a ambos e tu só o poderás superar em devoção e bondade.

Assim, o Alcorão não era apenas um livro religioso, mas uma espécie de código civil dos árabes daqueles tempos, sendo, ainda hoje, a fonte de toda a tradição.

A tradição não é a lei escrita e se chama SUNNA, que quer dizer caminho, trilha, maneira de viver extraída dos atos praticados pelo profeta ou por seus sucessores ou, ainda, atos ou casos que não

estavam expressamente permitidos ou proibidos pelo Alcorão, porém por informações, relatos ou ensinamentos concernentes ao profeta ou a palavras que a ele tenham sido atribuídas.

Tais tradições, coligidas por Al-Bojari, elevavam-se a mais de oito mil e exerceram grande influência para a formação, no Islam, de quatro escolas de direito:

- 1º) a Escola de Abu Hanifa ou do Direito Anafi;
- 2º) a Escola de Maliki;
- 3º) a Escola de Chafihi;
- 4º) a Escola de Hambali.

Omar dizia: "Não deve haver nem privilégios, nem castas na lei islamita. Os muçulmanos são iguais aos olhos do profeta".

Vemos, desta forma, que a justiça era o arquétipo da retidão, da probidade e da imparcialidade.

Exigia-se que o juiz fosse um homem da confiança de todos por seus dotes de honradez, conduta, compreensão e amplos conhecimentos. Ele devia ser um homem de inspirar respeito, dotado de paciência, sabedoria e lucidez. Devia ser temente a Deus e impenetrável a qualquer influência que pudesse desviá-lo do reto juízo ou de qualquer força intimidatória.

Não podia ser pequeno, nem tolo, nem cego, nem surdo. Tampouco podia guiar-se pelo coração ou pela língua. Não podia ser duro, nem brutal, porém firme sem violência e brando sem demonstrar debilidade. Não devia saudar, nem ser saudado enquanto no cumprimento de suas prerrogativas, também não podendo-fazer justiça quando só, a fim de evitar suspeitas ou dúvidas.

Também não podia falar em segredo com qualquer das partes litigantes, nem a elas se dirigir em idioma desconhecido. Ao falar, suas palavras não deviam causar ressentimento, sendo necessário explicar à parte sobre a qual havia recaído a culpa, os motivos da sentença. Desse modo, os juizes não apenas administravam a justiça, mas infudiam nas partes a confiança que precisavam ter naquela mesma justiça.

Vejamos, agora, segundo Omar, que pessoas podiam ser juizes. Omar foi um dos antigos companheiros de Maomé, tendo-se destacado por sua austeridade, por seu rigoroso conceito de justiça e equidade. Escreveu ele a Abi-Musa quando de sua nomeação para juiz de Kufa: "A justiça é uma obrigação cabal e uma tradição corrente. Reúne tudo isso em teu rosto, na tua conversação, na tua equidade, a fim de que ninguém duvide da tua honradez e que nenhum fraco se desespere com a tua justiça, É melhor voltar-se para

o justo, do que aprofundar-se no erro. A coisa julgada ontem, novamente submetida à razão e novamente esmiuçada por tua mente não deve impedir-te de te voltares em direção à justiça. Evita o nervosismo e o aborrecimento."

Terminam aqui os conselhos de Omar a um Juiz, porém daqui em diante é que vem o mais surpreendente e gracioso.

Administrar a justiça, segundo essas condições, era função tão delicada que era preciso, frequentemente, obrigar aos que podiam exercê-la e não se decidiam, por acreditarem não reunir as condições necessárias. Conta el Cháradi, entre outros, o caso de Aias ibn Ma-hahua e de el Casim ibn Rabihat-Elherchi, quando Ali ibn Artal, governador do Iraque, reuniu-se com esses dois jurisconsultos, a fim de a um deles conferir o cargo de juiz.

Reunidos esses homens, Aias encontrava-se em desacordo com os mais destacados jurisconsultos egípcios da época: ai Asam el Basri e Ibn Sirin. Disse:

"Informai, ó Príncipe, ante os dois eminentes doutores da jurisprudência egípcia, a quem deveis escolher." Ao que respondeu Al Cassim:

— Não deveis vos informar sobre Ibn Sirin, nem sobre mim. Por Deus, que não há outro como ele. Afirmo que Aias Ibn Mohauia é mais versado do que eu em matéria de justiça. Se minto, não pode ríeis encarregar um mentiroso da função de exercer a justiça. E, se digo a verdade, deveis designar Aias.

Ouvi, no entanto, este caso, que é ainda mais curioso: Durante o reinado de Muan ibn Mohammed, o último dos omíia-das, aconteceu que seu representante, o governador do Iraque, Omar ibn Farazi, pretendeu conferir a função de juiz a Abu Anifa, o criador da Escola de Direito Anafi, o qual a isso se negou peremptoriamente. Por ordem do governador, foi ele açoitado várias vezes durante muitos dias. Ao ser novamente levado à presença do Governador, Abu Hanifa disse: "Deveis temer a Deus. É-me impossível ser juiz, porque se tivesse de escolher entre a morte no Eufrates e a resolução de condenar-vos, preferiria a morte, porque precisaria salvar vossa dignidade ante vossos súditos. Não sou digno do cargo." A isso o Governador respondeu:

— Isso não é verdade. Estás mentindo, És suficientemente digno. Então, Abu Hanifa replicou:

— Vós me haveis culpado. Haveis me chamado de mentiroso. Como poderíeis entregar a função de juiz a quem mente?

Quando Taubat Ibn Numr el Hodromi aceitou o cargo de juiz no Egito, chamou sua mulher Hafirat e disse-lhe:

— Dize-me, Hafirat: como me comportei contigo?

— Magnificamente, respondeu ela.

— Pois bem, continuou Taubat. "Se assim é, não te interponhas no mínimo que seja em minhas funções de juiz. Se me fizeres lembrar de algum inimigo, de alguma estória ou de qualquer coisa que possa influir na minha sentença, podes considerar-te, a partir de hoje, divorciada de mim."

Certa feita, Omar recebeu um carregamento de finas telas procedentes do lemen e distribuiu-as entre seus homens. Dias depois, dirigiu a palavra a um grupo de guerreiros seus, quando foi bruscamente interrompido por um deles:

— Omar, disse-lhe o guerreiro, "não podemos obedecer-te por que és injusto. És um homem de grande estatura, recebeste a mesma quantidade de telas do que nós e aquilo com que ficaste é de demasiado pequeno para fazer a camisa que usas."

Omar sorriu, satisfeito, e seu filho, então, respondeu ao importuno:

— Realmente, o tecido é muito pequeno para que se possa fazer com ele uma camisa, porém cedi-lhe parte do que coube a mim e com isso ele fez a camisa. Isto explica a razão pela qual não tenho nenhuma.

O filho de Omar, realmente, não usava camisa alguma. Casos como esse existem às centenas e seria difícil enumerá-los todos. Acrescentaremos, porém, mais um:

Certo domingo, uma mulher veio à presença do Califa Al-Mah-mun, saudou-o e disse:

— Um homem roubou minhas terras.

— Quem é aquele a quem te referes?

— Este, disse ela, assinalando o filho do próprio Califa, que se chamava Al Abbas.

Então, el Mahmum ordenou a um gendarme:

— Ahmed, conduz este jovem pela mão e obriga-o a sentar-se ao lado de sua acusadora.

Durante a produção de provas, a mulher alterava a voz e o próprio Ahmed disse-lhe:

— Senhora, abaixai a voz, porque estais diante do comendador dos fiéis.

— Cala-te, Ahmed, disse o Califa. "A justiça que o deve atingir quis falar por ela."

Em seguida, não apenas devolveu-lhe as terras, mas também deu-lhe outras maiores, pertencentes ao filho.

Não poderíamos omitir, também, a estória de Hicham ibn Abdel Malek, o califa omíada. Apresentou-se, um dia, ao juiz do próprio Hicham, Ibrahim ibn Tolhat, parente do califa, e o chefe dos gendar-mes do palácio. Ambos sentaram-se diante do juiz e o gendarme disse:

— O comendador dos fiéis envia-me como representante seu para decidir uma questão existente entre ele e Ibrahim.

O juiz respondeu:

— Que testemunhas podem afirmar que és o representante a que te referes?

E ele respondeu:

— Acaso eu poderia inventar questões em nome do Califa, estando ele a olhar-me por trás desta cortina?

— Como, no entanto, pode existir justiça sem provas?, retrucou o juiz.

Então, o chefe dos gendarmes levantou-se e foi ter com Hicham, o qual, após alguns momentos, entrou na sala da justiça e teve de sentar-se ao lado de seu acusador.

O juiz, depois de ouvir as provas teve de pronunciar-se contra o califa e a favor de Ibrahim. E disse-lhe com grosseria:

— Graças a Deus que tua tirania foi descoberta!

Hicham, então, disse:

— Quisera, de um só golpe, quebrar-te o nariz e os dentes.

— Ouve, Hicham: se o fizeres, tu o estarás fazendo a um ancião, um parente e ao dono de um direito justo.

Ao ouvir isto, Hicham arrependeu-se e disse:

— Peço que ocultes o fato e pagarei cem dracmas pelo teu silêncio.

Mohauia escreveu, certo dia, ao governador, pedindo-lhe autorização para fortificar a cidade.

— Fortifica-a com a justiça e limpa suas ruas da tirania.

Esta foi a justiça árabe daqueles tempos. Que diferença entre a daquela época e a que se pratica hoje em dia!

### Capítulo III

#### A MULHER ÁRABE ATRAVÉS DOS SÉCULOS

Os homens têm duas opiniões sobre a mulher. Uns admiram-na através das lentes da paixão, enquanto outros a contemplam com os olhos do espírito.

Os mais duros inimigos da mulher foram os homens religiosos. Tertuliano afirmou: "A mulher é a porta do Inferno". São Bernardo disse: "A mulher é o instrumento do Demónio". Santo António explicou que "ela é a fábrica das armas dos demónios e sua voz é o sibilar das víboras".

Em seguida, São Boaventura afirmou: "A mulher é a porta do Inferno, o caminho do pecado e o veneno do escorpião".

João, o Damasceno, diz: "É a filha do engano e a inimiga da Paz". São Gregório acrescenta: "É venenosa como a víbora e rancorosa como o dragão".

Os teólogos, antigamente, debatiam a respeito para saber se a mulher tinha alma ou não. Na Inglaterra, até 1814, o homem tinha o direito de vender a própria mulher em hasta pública.

Um poeta árabe disse:

"As mulheres são nossos demónios. Que Deus nos livre da mulher."

A outra extremidade das opiniões decantou a bondade da mulher e assim encontramos alguém que disse: "Todos devemos à mulher a vida e os meios de que precisamos para suportá-la". Outro disse: "É sempre com a mulher que começam os grandes feitos".

Houve, em seguida, um grupo que tomou o caminho do meio termo e afirmou: "A diferença que existe entre uma mulher e outra é a que existe entre o céu e a terra".

Certo poeta árabe cantou o seguinte:

"Se a corrompes, és um demónio;

"Se a corriges, teu anjo será".

Não tenho o talento de um Tertuliano, nem o ascetismo de um Santo António. Tampouco sou santo, porém disponho do dom divino de pensar e falar como homem e sempre falei a respeito da mulher em minhas obras. Talvez o que tenha dito sobre ela não seja do agrado de todos, porque a verdade é dura aos ouvidos de muitas pessoas fanáticas.

Eu disse o seguinte:

Para descobrir os mistérios da Divindade deve-se penetrar no coração da mulher, porque quando Deus emanou a Natureza de Si mesmo, Ele habitou no coração dela.

Quem não ama a mulher não sabe amar a Deus, porque Deus quer o que a mulher quer. Aquele que não funde seu próprio elemento com o elemento da mulher nada pode criar para si ou para os outros.

O homem é a mente que pensa, enquanto a mulher é a intuição inspiradora. Pensar é ter cérebro; intuir é ter coração. O cérebro trabalha, porém o coração adivinha.

O deus homem lançou seu raio como Júpiter. Minerva, como mulher, derramou a sabedoria. Ele é força e poder, porém ela é conselho e previsão. A força vence, mas a sabedoria convence. O homem é o fogo divino, mas é a mulher que mantém esse fogo sagrado aceso nele.

Os erros são corrigidos pelo pranto da mulher.

Se és homem, debes divinizar-te através da mulher; se és Deus, debes humanizar-te através dela. Ela é o caminho de ida e de volta. O homem se torna divino através da mulher e esta manifesta sua divindade nele. O homem, como cérebro, é um dínamo produtor de força, ao passo que a mulher, como coração, produz amor. A força mata, mas o amor ressuscita.

A palavra oriunda do cérebro fere, ao passo que aquela que emana do coração cura.

O coração da mulher é o poço da sabedoria. Génio é todo aquele que bebeu de suas águas.

Estás aflito? Recorre à mulher; ela é o consolo dos aflitos.

Estás doente? A mulher é a saúde dos enfermos.

És pecador? A mulher é o refúgio dos pecadores.

És impuro? Lava-te nas lágrimas da mulher e serás limpo.

A mulher é arte divina que não imita, porém explica a Divindade com símbolos.

A mulher é a mais elevada beleza de Deus. O amor a manifesta, porém o desejo a mata. Ela é o pensamento mais belo do Absoluto, o qual deve ser captado pela inteligência, porém nunca visto com os olhos.

A mulher é a lei da Beleza e a lei existe para ser obedecida e não infringida.

O que disse a respeito da mulher, inspirado pelas verdades encerradas em minhas palavras ainda é muito pouco.

A mulher sempre foi a causa do ressurgimento de uma nação, embora também tenha sido a causa da sua decadência. Quando os homens de um determinado povo começam a utilizar a mulher para a satisfação de seus desejos, esse povo, forçosamente, deve extinguir-se. A História comprova estas minhas afirmações. Todos os reinos surgiram quando a mulher foi respeitada e santificada, porém esses mesmos reinos tombaram em decadência quando se começou a utilizar a mulher para o gozo.

Após estas breves considerações, que demonstram a influência e o poder que a mulher tem na vida do homem e das nações, podemos falar da mulher árabe e do seu importante papel através dos séculos.

A mulher árabe pré-histórica remonta aos tempos de Hamurábi, 2.500 anos a.C, e termina com a vinda do profeta Maomé. Ao tempo de Hamurábi, a mulher gozava dos mesmos direitos do homem, podendo ocupar cargos políticos e postos científicos. O Código de Hamurábi, o árabe, outorgava à mulher certos direitos que hoje ela não tem, porque a mulher daqueles tempos praticava o comércio, a lavoura e o sacerdócio, embora, sobretudo, devesse vigiar, cuidar e manter o lar. Como sacerdotisa de seu templo-lar, devia ensinar os filhos a ler e a respeitar as leis morais. Devia ser a Mãe Santa, o exemplo da pureza. O governo defendia seus direitos, que considerava sagrados. O castigo da adúltera era administrado sob a forma de decapitação ou afogamento.

O reino de Hamurábi atingiu um desenvolvimento máximo entre as civilizações antigas, porque santificava a mulher, porque se sabia que a mulher pura é inspiradora de tudo que é grande e é sublime.

No entanto, após o decurso de alguns séculos, aconteceu o inevitável. Dentro da comodidade que desperta a luxúria, esse reino, tal como havia acontecido com os romanos, passou a fazer da mulher um instrumento de deleite e prazer, o que fez com que sua queda fosse vertiginosa.

Posteriormente, a mulher surgiu de novo e teve sua Idade de Ouro antes do Cristianismo e do Islamismo. Nesse período, a mulher árabe possuía um espírito delicado, um caráter irrepreensível e uma vontade forte. A história conservou muitos nomes de mulheres que foram donas da sabedoria e que desempenharam grande papel na Cultura, nas guerras e na Política. Foi a Idade de Ouro da mulher.

A pré-história não nos deixou muitos dados a esse respeito, porém os que existem são suficientes para demonstrar o adiantamento da mulher naqueles tempos. Examinando-a, verificamos que houve:

- 1º) mulheres que subiram ao poder e que reinaram;
- 2º) mulheres que obtiveram fama por força da prudência e da inteligência que demonstravam;
- 3º) heroínas que dominaram pela força;
- 4º) sacerdotisas e
- 5º) mulheres famosas nos campos da Poesia e da Cultura.

Falaremos sobre elas sucintamente, porém jamais nos deveremos esquecer de que toda glória e o apogeu daquela nação achavam-se baseadas no adiantamento e na cultura da mulher.

1º) As rainhas árabes dos Nabateus. Um dos mais antigos reinos, depois daquele dos hamurabitas, na Babilônia, e dos hiosos, no Egito, foi o próspero reino dos Nabateus, em Pétria, 169 a.C. até 106 depois da Era Cristã. Dezoito reis governaram, entre os quais cinco rainhas. A primeira foi JALDO, esposa do rei HAREZ, o quarto. Ela compartilhava com seu marido o governo da nação e, ao morrer, a ela sucedeu a segunda mulher desse mesmo rei, chamada SHAQUILA, a qual governou juntamente com seu marido até o ano 40 d.C.

Veio, depois, SHAQUILA II, do ano 40 até o ano 75 d.C. Sucedeu-lhe SHAQUILA III, mãe de Ribal II. Ela foi a regente do reino durante a meninice do filho, o qual, atingida a maioridade, compartilhou o comando do reino com sua mulher JAMILA, depois que sua mãe morreu.

Os Nabateus tinham muita confiança na mulher, especialmente em sua intuição, e a utilizaram em seu governo. ' Conta-nos, em seguida, a História que Zenóbia, rainha de Pal-> mira, viveu muito anos, deixando porém recordações que não podem ser esquecidas pelos séculos.

Nasceu em Palmira. Era de surpreendente formosura árabe e portadora de vastos conhecimentos. Em seu tempo, o poderio de Palmira conquistou grande parte do reino romano oriental, no século III d.C.

Zenóbia foi traída por seus exércitos, vencida e feita prisioneira pelo imperador Aureliano. Durante o período relativo a seu reinado, Palmira foi a capital do Oriente.

Tal mulher foi super-humana em termos de caráter, heroísmo, conhecimento político, formosura e poder de persuasão. Estava sempre junto aos generais, com eles discutindo e a todos dominando com sua eloquência. Sua história é mais de herói, do que de mulher.

A rainha de Sabá, que a Bíblia menciona, a qual viveu no século X a.C. e sua história com Salomão é fato bastante conhecido. Em seguida vem a outra rainha de Sabá do século IV a.C.

Também dispomos dos nomes de muitas mulheres que, embora não tenham chegado ao poder, tiveram influência no comando do reino. Entre elas podemos citar Hind, Bent, Ennaman, Saquinant, Bent, El-Husain Man, Essama Bent Auf, que também governou, sendo seus descendentes os reis de Hira.

2º) As mulheres que obtiveram fama por força da prudência e da inteligência que demonstravam, tais como: Jadjijat Bent Juaited, esposa do Profeta; Asma, filha de Abi Bakr, esposa de Azubair e mãe de Abdullah.

Para conhecer que espécie de mulher era esta, podemos contar sua história juntamente com seu filho, que foi sitiado em Meca. Certo dia Abdullah veio ter com ela e disse:

— Mamãe, todos me abandonaram, até mesmo os parentes. O inimigo está me oferecendo tudo quanto se possa obter de terra, con tanto que eu abra as portas da cidade. Que aconselhas que eu faça?

E ela respondeu:

— Deves conhecer-te a ti mesmo. Se tens um dever, para o qual convidaste teus companheiros, muitos dos quais até morreram por ele, deves continuar lutando, sem permitir que os omíadas te façam baixar a cabeça. Se preferes os bens materiais, és um mau servidor da causa, porque sacrificarás aos teus para, em seguida, sacrificar tua própria alma. E, se disseres que tinhas o direito de fazê-lo, mas que, ao ver a morte de teus amigos, te enfraqueceste, tal procedimento não será o das almas dignas, nem o dos homens devotos. Para que, então, viver? Será preferível a morte.

— Mamãe, disse Abdullah, "tenho medo de que, se me matarem, os donos de Damasco me crucifiquem."

— Filho, depois de morta, a cabra não sente a dor do esfolamento. Vai-te com Deus.

Tal conversa foi muito longa, motivo pelo qual não a posso reproduzir toda. Abdullah combateu até morrer, no ano 73 depois da era maometana.

3º) El Jansa, a famosa poetisa, que tinha enorme poder de domínio sobre si mesma. Quando seus quatro filhos morreram na batalha de Kadesia, ela exclamou: "Agradeço a Deus por ter honrado minha velhice com a morte de meus filhos por uma causa justa".

Não nos é possível continuar enumerando outros nomes de mulheres célebres, porque esse seria um tema inesgotável. Citamos, apenas, alguns para mostrar o adiantamento, o progresso e a superioridade de uma nação que são devidos ao aprimoramento e à educação da mulher.

Já vimos que antigamente a mulher era o melhor auxílio que o marido podia ter em seus negócios e em todos os seus esforços. No entanto, a partir do momento em que o homem começou a duvidar da pureza de sua mulher e começou a usá-la como instrumento para a satisfação de seus desejos, o mundo em geral perdeu a metade da sua força intrínseca. Do mesmo modo, a partir do momento em que o homem começou a duvidar dele mesmo, passamos a perceber que a corrupção invadiu o mundo, pois o fogo criador havia-se transformado em fogo devastador.

A influência mental feminina não deixa de fluir um momento sequer para o homem, constituindo parte importantíssima em sua vida, em sua saúde e em sua felicidade, assim como o faz a presença do elemento feminino no reino vegetal, a fim de assegurar a produção das plantas.

A força feminina atua em todos os reinos da Natureza, constitui em si a força universal e intervém em tudo que vive neste planeta, seja na ordem civil, religiosa, política ou comercial.

É bem verdade que a mulher não pode ser papisa, presidente da república ou ditadora, mas, em troca, ela pode influir sobre a mentalidade do Papa, do Presidente ou do Ditador, ainda que todos eles não estejam conscientes dessas forças espirituais e da influência que exerce sobre eles.

A corrente mental que emana da mulher põe-se em contato com o poder supremo, penetra as mentes masculinas e, à guisa de levedo, fermenta-as com o tempo. Por isso, certo sábio disse: "Deus quer o que a mulher quer".

— De que a França precisa?, perguntaram, certo dia, a Napoleão.

E ele respondeu:

— De mães.

Talvez ele estivesse querendo dizer "mães que tivessem filhos para a guerra".

No entanto, se a mim fosse pousada a mesma pergunta, ou seja, "de que coisa o mundo precisa atualmente", eu responderia:

— Mulheres puras, inteligentes e obedientes, e a Terra seria um Paraíso.

E tudo aquilo que eu disse sobre a mulher árabe pode ser igualmente dito das mulheres que povoam a face da Terra.

## Capítulo IV

### OS MÉTODOS CIENTÍFICOS DOS ÁRABES

Até hoje os cientistas, cujos métodos consistem em buscar a origem das coisas ou as causas dos efeitos, perguntam-se: "Quem são os árabes e de onde obtiveram eles seus métodos científicos?"

Alguns afirmam que foram os gregos que legaram sua ciência aos bizantinos, e que destes os árabes tomaram sua sabedoria, enquanto outros atribuem seus conhecimentos científicos aos persas explicando que, ao se apoderarem da Síria e da Pérsia, os árabes ali encontraram parte do precioso tesouro da ciência grega e persa.

De fato, tal suposição por parte dos historiadores modernos pode responder aos que não conseguem pensar por si mesmos e preferem que os outros pensem por eles. De nossa parte, preferimos buscar uma fonte mais fidedigna.

Está, hoje, comprovado pelos arqueólogos a existência de outras civilizações, antes da grega: a de Hamurábi, na Mesopotâmia, e a dos Hicsos, no Egito. Essas duas civilizações antigas foram árabes e existiram dezenas de séculos antes dos gregos, É a História que o afirma:

"A civilização helênica propriamente dita leva o selo da influência fenícia, o que significa que essa civilização é oriental. Também nos conta a História que, quando os fenícios aperfeiçoaram seus barcos e começaram a singrar os mares, os Hicsos dominavam o Egito há mais de cinco séculos e que, nessa época, o império de Hamurábi já havia tombado na Mesopotâmia. Todos esses dados demonstram que antes dos fenícios existiram os árabes durante muitos séculos.

Por outro lado, a História nos fornece outro dado importante sobre a origem dos fenícios que civilizaram a Grécia e a Espanha, dizendo-nos que os mesmos emigraram do Oriente, ou seja, da Mesopotâmia, no vigésimo quinto século antes de Cristo, precisamente ao tempo em que o reino dos Ammaliks árabes atingia o seu apogeu.

Desta maneira, se os fenícios conferiram civilização aos gregos, não poderiam ter sido estes últimos que legaram aos árabes seus métodos científicos, de vez que os árabes existiram muitos séculos antes dos fenícios, a quem legaram seus conhecimentos.

Os sábios europeus são hoje acordes em afirmar que o código de Hamurábi, o árabe, apresentava as leis espirituais e civis mais

perfeitas até o momento, e isto acha-se confirmado pelos arquivos da Grande Fraternidade Branca, os quais informam que os fenícios emigraram do Oriente para o Líbano, enquanto Abraão e seu povo emigravam em direção ao sul. Os fenícios, três séculos depois, construíram Tarsus, Aka ou São João do Acre, Sidon, Tiro, Biblos e Trí-poli.

Depois da saída dos Hicsos do Egito, no século XVII a.C, estes formaram os reinos Mihinita, Tabehita e Himiarita no leme. Tais ; reinos atingiram elevado grau de civilização e magnificência e tão sublimes culminâncias que os próprios gregos chamaram aquele país de ARÁBIA FELIZ. Basta citar o dique de Mareb, considerado o mais perfeito monumento e a mais formosa obra do homem, para demonstrar o profundo conhecimento que os árabes tinham de Engenharia.

Quando os arqueólogos gregos detinham-se diante de algum templo ou ante as ruínas de algum palácio diziam: "Os árabes tinham ' razão quando atribuíam aos duendes a construção deste monumento".

Como poderiam, os árabes, ter herdado seus métodos científicos dos gregos e dos persas, se eles foram os primeiros a produzir maravilhas arquitetônicas? Foram eles que ditaram as mais sábias leis e foram eles que cunharam moedas, nas quais gravaram a efígie de seus reis, nelas escrevendo o nome de suas cidades.

Os árabes foram os primeiros a forjar o ferro. Cabe-lhes, também, a invenção dos coches puxados por cavalos e vestiam-se com tecidos bordados a ouro e adornavam-se com braceletes feitos do mesmo metal.

Os gregos e os persas podem ter conservado o método experimental dos árabes pré-históricos e inclusive podem ter-se servido dele para seu progresso, porém jamais foram os criadores desse mesmo método.

Há observações astronômicas às dúzias nos ladrilhos encontrados em Zibara há mil anos atrás, enquanto entre os gregos, afirma-nos DELAMBRE em sua "História da Astronomia", só encontramos dois ou três observadores, em comparação com os árabes aon-, de o número deles era bem mais considerável. E, em seguida, acrescenta: "No que tange à Química, não há meio de citar qualquer experimentador grego, ao passo que poderíamos citar centenas de árabes nesse campo. E, se isso é verdade, como atribuir aos gregos ou aos persas os métodos científicos dos árabes? Atribui-se, em geral, a Bacon a implantação da experiência e da observação como

atributos básicos para os métodos científicos modernos. Forçoso é reconhecer, no entanto, que isso pertence aos árabes, segundo o consignaram os sábios que estudaram suas obras antigas e modernas, especialmente Humboldt, que, após mencionar que o ponto culminante da Ciência consiste em produzir por si mesma, voluntariamente, os fenômenos (o que significa fazer experiências), acrescenta: "Os árabes chegaram a essa cultura".

Sedillot afirmou: "É o espírito da verdadeira ciência que domina em seus trabalhos: o passar do conhecido ao desconhecido, o dar-se conta dos fenômenos para, em seguida, partir dos efeitos para suas causas, o não aceitar, enfim, senão a experiência demonstrável". Tais foram os princípios ensinados por seus mestres. Assim é que os árabes possuíam em seu espírito este método fecundo, o qual, muito tempo depois, havia de se tornar, entre os modernos, o instrumento responsável por suas mais importantes descobertas.

Gustave Le Bon, afirmou: "O hábito da experimentação conferiu aos árabes uma originalidade que jamais foi encontrada nos homens que só estudavam nos livros e só os árabes puderam produzir este método experimental e científico, descobrindo mais verdades em dois ou três séculos, do que os gregos em milhares de anos".

O povo que tenha suas letras, sua escrita, suas leis e sua religião há mais de cinco mil anos pode tornar-se o gerador, a fonte e a origem de toda a Sabedoria. Assim o afirma a moderna arqueologia. Esse povo nunca poderá ser um mero copista de outra civilização que surgiu há apenas dois mil anos depois dele. Kalila e Demna estão traduzidos em seu idioma. O original perdeu-se, porém os árabes não podem afirmar que tal livro é de origem árabe pelo simples fato de o haverem traduzido em seu idioma. Por que os demais povos atribuem a si certas ciências que foram traduzidas de outras obras? E, se assim não é, que significa o achado da história de Adão e Eva e dos Dez Mandamentos três mil anos antes de Cristo? Que significa o encontro dos Salmos de David na tumba de Tutankamen? Qual o significado do Livro de Jó, composto em versos por Hus, na Arábia, no século XX antes de Jesus e mil anos antes da Ilíada de Homero?

## Capítulo V

### AS ARTES ÁRABES

O artista, seja ele pintor, músico ou escritor, nada mais faz senão traduzir, sob formas visíveis ou audíveis, os gostos, costumes, sentimentos e necessidades do público que o rodeia. As obras artísticas formam um conjunto, que poderíamos chamar de "alma da época". Toda obra de arte é a expressão material da era em que surgiu e nos informa, com precisão, o que foi a época donde emanou.

A Vénus de Milo fala-nos claramente do delicioso gosto que tinham os gregos pela Beleza. O Alhambra, em Granada, com sua parte exterior sem ornamentos e seu interior brilhante e delicado, revela-nos a existência de um povo galante, engenhoso, de delicado sentimento interno e ensina-nos que para estudar o caráter de uma raça é preciso penetrar em seu espírito.

As artes árabes repousavam sobretudo e antes de tudo na beleza interna que, com o tempo, assumiu aspectos externos.

As artes, por conseguinte, são expressões dos sentimentos, necessidades e crenças dos povos que as viram nascer e quando esses, sentimentos se transformam, as artes seguem, igualmente, essas transformações.

Basta lançar simples vista d'olhos a qualquer monumento correspondente à civilização árabe, seja um palácio, uma mesquita ou simplesmente um punhal, um tinteiro ou uma encadernação do Corão para sabermos que essas obras de arte não têm qualquer semelhança sensível com aquelas partidas de outros povos e que sua originalidade é tão evidente quanto completa.

Todas as gerações têm início no aproveitamento dos tesouros acumulados pela gerações anteriores e, se forem suficientemente capazes disso, mais coisas lhes são acrescentadas. Nenhum povo conseguiu burlar essa lei. Gregos, assírios, egípcios, todos copiaram de seus antecessores, exceto os árabes.

A verdadeira originalidade de um povo fica patente com a rapidez pela qual consegue transformar os materiais de que se serve para criar uma arte nova. Sob este aspecto, nenhum outro povo conseguiu superar os árabes, pois, desde o início, eles já revelam sua inventiva, como pode ser observado na mesquita de Córdoba, a partir da qual os artistas estrangeiros hauriram o conhecimento cien-

tífico necessário à construção de colunas que eram demasiado curtas, em proporção, à grande planta do edifício.

Desde a aparição deste povo, todo o Oriente e o Ocidente o imitaram, porém nunca foi possível sobrepujá-lo, nem dali extrair uma combinação nova. Essa foi a raça que soube imprimir seu próprio selo de identificação em todas as demais raças e nações.

Nas artes, os árabes embelezaram exageradamente a Natureza, tal como fez o escultor da Vénus de Milo, porque a Natureza não reúne tantas perfeições num mesmo ser. Isto, porém, demonstra, de modo palpável, que a Beleza verdadeira e perfeita repousa no espírito do autor, a fim de poder ser expressa e plasmada em pedra. Com razão se afirmou nada ficou escrito de modo mais claro do que aquilo que se gravou em pedra. A arte que consista, apenas, na cópia servil da Natureza, sem fornecer uma interpretação dela, não pode existir.

As obras árabes sempre procuraram embelezar a Natureza, porque o selo característico desta raça repousou na imaginação, no brilhantismo, no esplendor, na ornamentação exuberante e na fantasia até os mínimos detalhes. Foi, portanto, uma raça de poetas e qual o poeta que não tem algo de artista? Essa raça de poetas materializava todos os sonhos e estava destinada a escrever as MIL E UMA NOITES, colocando seu conteúdo em cenas.

Entende-se por Belas Artes a pintura, a escultura, a arquitetura e a música, ao passo que, em segundo plano, estão as artes industriais, tais como a cerâmica, os cristais artísticos, os mosaicos, os trabalhos no ébano, a ornamentação de metais, a ourivesaria, etc.

No caso dos árabes, a arte industrial encontra-se em todas as coisas: nas mesas de uma sala, nos cubos d'água, numa concha de cozinha. Todas essas coisas apresentam um aspecto enfeitado, que revela até que ponto o gosto artístico penetrou até mesmo no ramo dos mais humildes artesãos.

Falemos, agora, das artes propriamente ditas, começando pela pintura.

Os comentários feitos ao Corão colocam na boca do Profeta a ordem de abster-se de representar por meio de figuras a Divindade e os seres vivos. No entanto, as figuras gravadas em seus vasos de ouro, nas moedas que levavam a própria efígie do califa, demonstram claramente que os muçulmanos não deram importância a esse preceito, a não ser bem depois.

Aquelas figuras nas moedas e nos jarros árabes indicavam-nos sua aptidão para o desenho.

El Makrisi havia chegado a compor uma biografia relativa aos pintores árabes e conta que, no ano 460 da Hégira, o palácio do califa Mostanser foi saqueado, ali tendo sido encontradas mil peças de tecidos aonde estavam representados todos os califas árabes, acompanhados de guerreiros e de celebridades da época, sendo que as tapeçarias, bordadas em ouro, seda e veludo, estavam cobertas de pinturas que representavam toda sorte de homens e animais.

El Makrisi fala das cortiças pintadas no Cairo, envoltas em véus brancos e pintadas sobre um fundo negro que pareciam fundir-se nas paredes em que estavam representadas. Outras, vestidas de vermelho e pintadas sobre um fundo amarelo, pareciam vir ao encontro dos espectadores, o que demonstra que os pintores dessa época conheciam perfeitamente todos os recursos da perspectiva.

O mesmo escritor descreve uma escada pintada no interior de um palácio, no Cairo, cujo efeito parecia torná-la verdadeira.

Muitos manuscritos árabes contêm figuras tão perfeitas como aquelas que encontramos na História Natural, até hoje existentes.

Sucedeu, também, estarem as letras árabes compostas pela combinação de animais e de pessoas.

O mais conhecido jarro árabe com personagens pintados é aquele que recebeu o nome de BATISTÉRIO DE SÃO LUIZ, o qual encontra-se no Museu de Louvre e que serviu, durante muito tempo, para batizar os príncipes reais de França.

## ESCULTURA

Poucas estátuas sobreviveram à destruição bárbara empreendida pelos dominadores dos árabes. As crônicas muçulmanas de Espanha relatam que no célebre palácio de Abderraman havia várias estátuas, entre as quais a de sua bem-amada.

## TRABALHOS EM METAL E PEDRAS PRECIOSAS — JOALHERIA, ORNAMENTAÇÃO DE METAIS E CINZELAGEM

Sem temor de equívoco, podemos afirmar que tais trabalhos atingiram a perfeição e que seria muito difícil igualá-los hoje em dia: jarros, armas cobertas de incrustações em prata, esmaltação, pedras preciosas e mil outras maravilhas inimitáveis.

Os árabes demonstraram seu gênio inventivo sobretudo nas incrustações feitas em metal destinadas às fábricas de armas, jarras, bandejas, vasilhas para água e outros utensílios, formando o metal que recebia a incrustação um só metal com aquele que lhe era incrustado.

## MOEDAS E MEDALHAS

Já vimos, na Parte Primeira, que os árabes cunhavam moedas e medalhas séculos antes de Cristo. Depois de Maomé, o Califa Abd el Malek foi o primeiro monarca a cunhar moedas muçulmanas em 695, nas quais estava gravada uma frase árabe numa face (GLÓRIA A DEUS. NADA EXISTE MAIOR DO QUE ALA) e, no verso, o nome do califa reinante.

## TRABALHOS EM MADEIRA E MARFIM

Esta arte atingiu entre os árabes uma perfeição maravilhosa. Até hoje essas maravilhas existem e ainda são produzidas em Damasco, no Egito e em Jerusalém.

## MOSAICOS

Tal arte destaca-se nitidamente em Santa Sofia, em Constantinopla, na Mesquita de Omar, em Jerusalém, nas mesquitas do Egito e em outros lugares mais. Os fragmentos de pedra têm vários tons que produzem um efeito maravilhoso à luz. Sobre as partes douradas estenderam uma lâmina de vidro e de modo tão hábil que, após mil anos, os mosaicos parecem tão novos como eram ao sair da oficina.

## VIDRAÇARIA

Os árabes fabricaram o vidro com perfeição admirável e as amostras que possuímos de suas jarras esmaltadas e douradas são prova da grande habilidade que possuíam seus autores.

## CERÂMICA

Os árabes serviram-se de azulejos cobertos de esmalte policrômico, ao invés de mosaicos, para adornar as mesquitas. Assim, vemos decoradas as mesquitas de Córdoba, Kairuan e muitas outras que contém amostras de azulejos coloridos. Desta forma, a cerâmica andou em paralelo com a arquitetura entre os árabes. Por tal motivo, vemos, na Espanha, obras artísticas de uma originalidade surpreendente e de uma perfeição que ninguém conseguiu igualar.

Os museus europeus possuem muitas vasilhas que imitam aquelas feitas pelo árabes espanhóis, mas... que diferença! Quanta deformação nessas cópias!

## TECIDOS, TAPETES E TAPEÇARIAS

Os tapetes e tecidos árabes, seus veludos e sedas encontravam-se cobertos de figuras, flores, personagens e animais. Podemos, pois, afirmar que essas obras árabes sempre foram originais e enfeitiçantes.

## Capítulo VI

### A MÚSICA

A palavra MÚSICA vem de MUSA, deusa da Poesia. A Antropologia afirma que o homem vocalizou, em primeiro lugar, sons guturais simples, diferentes uns dos outros, segundo o sentimento e de acordo com o movimento dos músculos do rosto entre a dilatação e a contração.

Viu o homem, em seguida, que essas vozes não eram suficientes para expressar suas ideias, que aumentavam segundo suas necessidades e seu grau de civilização. Começou, então, a modelar essas vozes com sua língua, dentes e lábios, e assim foram formadas as sílabas e as palavras.

Em seguida, descobriu que a rima era agradável ao ouvido e começou a versificar com rimas e a cantar os seus versos, pois, em Árabe, não se diz "recitar", mas "cantar versos". Até hoje, no deserto, os árabes cantam suas poesias em quarta. Há, também, muitos cantos populares, vulgarmente chamados de quadras.

Não é meu objetivo penetrar o caos da Pré-História a fim de explicar como a Música começou, porém, por dedução, posso dizer que Poesia e Música são irmãs gêmeas e por isso os árabes dizem CANTAR VERSOS, é coisa certa que o árabe tem um sentimento muito delicado. Ele rapidamente fica triste e com igual rapidez fica alegre. Os que possuem tal espécie de sensibilidade versificam e cantam sem esforço. Por esse motivo o poeta e o trovador antigos eram beneficiados, muitas vezes, pelo Califa por uma poesia ou por um canto.

Poesia e canto são, entre as nações, provas irrefutáveis demonstrativas do pensar e do sentir, segundo o adiantamento ou a decadência do sentimento e das ideias. Os árabes são uma raça antiquíssima, ainda que o primeiro apogeu de sua civilização date do século XXVII a.C.

A marcha do camelo através do deserto foi motivo para um metro da poesia árabe e foi o primeiro deles. Ao montar no lombo de um camelo, para em seguida deixá-lo caminhar, seus passos formam um ritmo determinado e, se a esse ritmo forem aplicadas as palavras, teremos, ao mesmo tempo, verso e canto.

Tal fenómeno acontece muitas vezes; quando o homem concentra-se no tic-tac do relógio lhe vêm à memória certas palavras, cujas sílabas acompanham o som que ele ouve.

Por outro lado, o idioma tem muita influência sobre a música, porque, sem dúvida, a vocalização, a vibração da voz e o estilo o ajudam. Os diferentes tipos da música europeia diferem entre si devido à diferença dos dialetos, da voz, do estilo do idioma, fazendo-nos perceber que o canto tem de seguir a tonalidade das palavras, porque é a natureza delas que leva o compositor a criar a música.

Esta breve explicação leva-nos à compreensão da diferença que existe entre a música oriental e a ocidental. Já dissemos que, antigamente, o canto só continha intervalos de quatro tons ascendentes e descendentes. Quando, porém, os homens sentiram a estreiteza desse círculo, aumentaram-no para a quinta e chegaram à oitava.

Em seguida, sentindo novamente a monotonia, inventaram os semitons, ou seja, os bemóis e os sustenidos, e foi dessa maneira que os gregos obtiveram uma escala de 15 tons.

Os europeus reformaram a escala grega, reduzindo-a a 13 tons apenas. No entanto, os árabes tomaram da escala musical e dividiram-na em semitons e em quartas, denominando-a de ESCALA PERFEITA, porque, dessa forma, podiam produzir todos os sons possíveis, o que levou a escala musical árabe a apresentar 28 tons e a dar origem com tal aumento à separação entre o ouvido oriental e o ocidental.

Recentemente, um músico mexicano elaborou um piano e instrumentos musicais que permitiam a formação de quartas de tom, invenção sua que, como toda novidade, causou sensação no mundo inteiro e, ao mesmo tempo, carregou-lhe acerbas críticas.

Esse músico, quando dominou seu novo instrumento, disse: EM TODA A CIÊNCIA OS ÁRABES ESTÃO NA VANGUARDA.

Já afirmamos que existem diferenças entre o ouvido oriental e o ocidental e para conhecer a razão disso devemos dizer algumas palavras sobre a influência da música.

Que efeito produz a música e por que motivo o produz? Até hoje nenhum cientista pode fornecer-nos uma resposta satisfatória.

Antes de darmos a nossa resposta, pois já o provamos muitas vezes, em pessoas diferentes, diremos que as sete notas musicais são tomadas dos sete planetas, os quais, girando no espaço, produzem um som diferente um dos outros, consoante seu tamanho, rapidez de movimento e choque com o éter. Como o homem é filho do Cosmos, sua voz, forçosamente, não poderia produzir mais do que as 7 notas que conhecemos.

Todos sabemos que, quando a voz humana ou determinado instrumento produz um som, este repercute no sistema nervoso do homem. Convido-vos a fazer a seguinte experiência:

Ficar sentado numa cadeira, com o busto erguido, e vocalizar (cantar) as sete notas musicais. O experimentador deverá aplicar os três primeiros dedos de uma das mãos sobre as vértebras da coluna vertebral da pessoa que está vocalizando. Comprovará, então, por si mesmo, a influência da voz e do som sobre o homem. Sentirá, nesse estado, vibrações em seus dedos, emanadas da coluna vertebral. Cada nota produzirá vibrações numa região diferente da coluna. O mais surpreendente é que com todas as pessoas com quem se faz esta experiência a influência não é igual, ou nem todas são influenciadas pela mesma nota musical. Umam vibram mais com o RÉ, do que com o FÁ. Noutras, o som de certa nota nenhum efeito produz e podemos, assim, encontrar fenómenos surpreendentes. O objetivo dessa experiência é descobrir a nota-chave dessa pessoa, que é algo importantíssimo em sua vida, em sua saúde, em sua inteligência, etc, estudo este que não fazemos agora porque escapa às finalidades do momento.

Pois bem, existe u'a máxima psicológica que afirma que "A REPETIÇÃO DO ATO FORMA O CARATER". Se tomamos de um homem em quem a nota FA não produz nenhuma vibração e o aconselharmos a vocalizar essa nota diariamente, sucederá que, depois de algum tempo, o som dessa nota despertará o centro a ela correspondente, centro esse que começa a vibrar. Chegados até aqui, podemos, agora, explicar a diferença entre o ouvido oriental e o ocidental. Fato que não admite réplica é que o oriental é mais sensível que o ocidental, o qual, por sua vez, é mais prático do que aquele. Os fatores e as causas são muitos e não pertencem a nosso estudo. É esta a razão pela qual um árabe, ao ouvir uma música ocidental, não gosta, a princípio, do que ouve, porque tal música não consegue fazer vibrar todo o seu sistema nervoso, pelo simples fato de a escala musical do Ocidental só apresentar 13 tons vibratórios. Com o tempo, porém, seu ouvido se acostuma e torna-se ocidental,

porque a "repetição do ato forma o caráter". Assim também acontece com o ocidental que escuta uma música oriental, que ele considera dissonante, porque as quartas do tom o incomodam ao produzir vibrações no seu sistema nervoso.

A certo amigo meu, músico e compositor, fiz ouvir um disco árabe, o TAKSIM BIATI ou movimento imaginativo de um tom especial. A princípio ele sorriu e, para não manifestar seu pensamento, disse-me:

— Não consigo entender essa música.

Então, repliquei:

— Efetivamente, ela é algo extravagante, mas, como este disco agrada-me sobremaneira, quero imitá-lo em meu alaúde e não consigo, porque não tenho a partitura. Gostaria que você escrevesse as notas da música para mim.

Esse amigo prometeu-o; levou o disco para casa e, quinze dias depois, trouxe-me a gravação, dizendo-me que era impossível passar aquelas notas para o papel, mas que, apesar disso, gostaria de ter um disco igual, porque sua extravagância o encantava. Há um verso árabe que diz o seguinte: OS HOMENS SÃO INIMIGOS DAQUILO QUE IGNORAM. Isto é bastante verdadeiro. Os ignorantes orientais criticam a música europeia e vice-versa, porque cada um ignora os motivos do outro.

Devo, agora, relatar uma história muito adequada para o momento, da autoria de El Farabi, grande filósofo árabe, autor da obra ECONOMIA POLÍTICA, livro escrito há mil anos, e de outras vinte e quatro obras, algumas das quais foram traduzidas para o Latim e o Hebraico. Figura entre elas uma Enciclopédia de Ciências e as demais versam sobre Política, Alquimia, Astronomia, etc. El Farabi inventou um pequeno instrumento musical, o "Kanun", com mais de 75 cordas, até hoje usado pelos árabes.

Diz a história que, certo dia, El Farabi assistia a um serão musical e cantou no palácio do Emir Saif-Edaulat, seu amigo e protetor. Antes do fim do serão, o Emir pediu que ele tocasse algo. El Farabi tomou de seu pequeno instrumento, o "Kanun" e produziu um som que fez eclodir uma gargalhada nervosa em todos os assistentes. Em seguida, mudou de tom e a maioria chorou. Por último, mudou outra vez de tom e o sono apoderou-se dos presentes.

Muitos poderão dizer que isto é uma lenda, porém tal lenda está comprovada pela ciência psicológica moderna, que afirma que sobretudo as músicas suaves tocadas em violino produzem um sono magnético. A marcha fúnebre causa tristeza. A marcha militar excita

o sangue; e o que diremos da música de dança? Basta ouvir uma valsa ou uma rumba para que comecemos a mover o corpo.

Do que afirmamos depreende-se que a música chegou até mesmo a dominar o sentimento dos árabes e os versos compostos especialmente para essa música são, até nossos dias, como jóias de valor duradouro.

Os árabes compuseram poesias e peças musicais sobre todos os temas, mas, infelizmente, naqueles tempos não existiam notas para grafar essa música, nem existiam discos para immortalizar seus cantos. Por tal motivo, aquela música que fazia dormir e sonhar, que elevava a moral ou entristecia, que excitava os nervos ou os acalmava, perdeu-se com o tempo, restando-nos apenas alguns fragmentos daquelas maravilhosas composições.

Gustavo Le Bon, em sua obra "A CIVILIZAÇÃO DOS ÁRABES", afirma:

"A verdadeira originalidade de um povo revela-se na rapidez com que transforma os materiais de que se serve, adaptando-os às suas necessidades e criando uma arte nova. Nisto, nenhum povo superou o árabe, pois, desde épocas mui recuadas, sua inventiva salta à vista".

Noutro trecho o mesmo autor afirma:

"Basta compulsar as obras literárias e artísticas dos árabes para verificarmos que eles sempre procuraram embelezar a Natureza, valendo dizer que o selo característico da arte árabe consiste na imaginação, no brilho, no esplendor, na orientação e na fantasia sempre presentes nos menores detalhes. Uma raça de poetas — e quisera saber quando um poeta deixa de ter algo de artista — que chegou a ser bastante rica para dar realidade a todos os seus sonhos. Nenhum outro povo havia possuído semelhantes maravilhas, nem haverá outro que as venha possuir. Pelo menos, não as pediremos a este período de frio e rude utilitarismo a que a Humanidade chegou."

A música é filha do sentimento e, como o povo árabe é uma raça de poetas, a música desta raça devia ser a melhor intérprete de seus sentimentos, bem como devia ser filha daquele espírito delicado que retratou sua beleza no Alhambra, na mesquita de Córdoba e em muitos outros monumentos eternos.

Por isso, lemos na história árabe maravilhosos êxitos no que tange ao canto e à música. Naqueles cantos em que os árabes faziam sentir a impressão da magnificência do grandioso, ouvimos a voz da glória e vemos a perfeição da beleza. Aquelas poesias que pintam, até hoje, as imagens musicais com os mais delicados dia-

letos do coração e o canto angelical dos mais puros e nobres sentimentos.

Diz-nos a História que o alaúde, ao tempo de Arun Arrachid, Mamún e outros representava o símbolo da arte no Oriente. Em sua voz eram compostos a elegia e o canto heróico, a tristeza e a alegria, o desespero e a esperança, o crepúsculo matutino e o vespertino. Na música árabe havia a solução dos mistérios da noite em paralelo com outra para a luz do dia. Possuía o idioma do amor, da pureza, da simplicidade e do desprendimento.

O professor Pedro Traversari, em seu artigo "ORIENTAÇÃO FOLCLÓRICA", editado pela revista "Oásis", demonstrou, com provas, que toda a música sul-americana foi tomada das fontes árabes.

Há poucos dias, quis saber algo sobre a origem do tango que, no momento, apresenta, na América do Sul, predominância sobre os demais gêneros musicais. Recorri ao Dicionário Larousse, em cujas páginas declara-se textualmente o seguinte:

TANGO — nome genérico de danças populares (a dois tempos) da Espanha, de Cuba, do México, da República Argentina e também do Brasil. O tango é uma dança de origem mourisca que foi adotada pelos espanhóis, transportada para a Argentina e retornada à Europa em 1912.

O professor Traversari afirma, ainda: "A realidade é, portanto, que o folclore árabe ou momismo foi o evocador e o influenciador do folclore espanhol, passando deste ao folclore das Américas".

Para terminar, vale repetir que os árabes são uma raça de poetas e todo poeta é, por natureza, um músico. A música do poeta pode não ter a seriedade de uma sinfonia, porém apresenta a delicadeza do amor, a piedade do sofrimento e o furor da paixão.

## Capítulo VII

### A POESIA ÁRABE

O homem detém-se, admirado e perplexo, ante as maravilhas da Ciência descoberta e empregada a seu serviço. A Ciência dominou céu e terra, dominou as forças da Natureza e proporcionou-nos as comodidades da vida. No entanto, ninguém faz a si mesmo esta pergunta: "A quem devemos todos esses favores?"

Apraz ao mundo moderno comer bem sem perguntar quem preparou o alimento e, por essa razão, ninguém sabe quem descobriu o fogo, nem quem foi a primeira pessoa a moer o grão de trigo e a (amassar o pão. Tampouco sabe quem inventou a fiação e os tecidos, eis que o nome desses benfeitores foi esquecido pelo egoísmo do ; homem.

Portanto, perguntamos: quem foram os autores da civilização atual? Muitos, para não dizer todos, responderão: os europeus! Os | que derem tal resposta ou são ignorantes, ou são egoístas, ou seu testemunho é inexato.

Nossa resposta é a seguinte: foram os árabes os fundadores das | bases da nova civilização. Foi aquele espírito oriental intrépido que se levantou como um farol durante os séculos obscuros para iluminar o caminho da vida com sua luz no Ocidente.

"A tinta dos sábios é tão pura quanto o sangue dos mártires", | era o emblema dos árabes. Os califas não se contentavam, apenas, em ajudar aos sábios, mas dedicavam-se, eles mesmos, ao estudo, como Abderraman e outros, na Andaluzia.

O imenso espírito que dominava o peito dos califas manteve na nação andaluz a tocha da civilização e essa tocha acendeu-se, iluminando a Europa. Ela não se apagou com a queda do Califado Omíada na Espanha, porquanto sua bendita luz iluminou as demais nações. O principal foco foi Andaluzia.

Demonstramos, nos capítulos anteriores, a antiguidade da ci-,' vilização árabe, mostrando que, ao contrário do que alguns pensam, | aquela cultura não é o produto de dois ou três séculos. A cultura | árabe era algo latente no espírito de seus filhos, cujo começo e origem perdem-se nas noites do tempo. Tal cultura tinha de forçosamente seguir as leis cósmicas, assim como o grão de mostarda — a menor das sementes — tem em seu coração, sob forma latente, a vida da árvore e do fruto. Do mesmo modo, os árabes possuíam, em latência, todas as culturas em seu espírito, até que as Forças Superiores lhes deparou um terreno adequado e fértil para gerar frutos.

Desde a mais remota antiguidade, os árabes já possuíam as se-\*  
guintes ciências:

" A poesia, a retórica, a genealogia, os provérbios, a história, as <sup>1</sup>  
apresentações públicas literárias, a geografia, a astronomia, as matemáticas, a alquimia, a farmácia, a medicina, a veterinária, a mito-| logia, a cronologia e mil outros ramos científicos.

Podemos até apresentar dois homens que se ocuparam da aeronáutica, quais sejam Ajauhari e Abbas ib Famas.

Começarei pela poesia árabe e sua influência sobre a Europa.

A poesia é uma das mais belas artes e os árabes a chamavam de "arte elevada" ou "arte sublime", porque a poesia expressa a beleza interna e externa por meio das palavras, assim como a música e a pintura a expressam por meio do som e da cor.

A tal ponto chegou a admiração e o respeito dos árabes pela Poesia que as melhores peças dessa arte foram postas no templo da Kaaba, às quais deram o nome de "AS PENDENTES" ou "AS DOURADAS", porque estavam escritas em letras de ouro. Dez foram os poetas que mereceram tal honra e essas dez pendentes existem até hoje, sendo estudadas por todos os árabes e por todos os europeus que as traduziram em seus idiomas.

Que europeu culto de nossos dias desconhece os nomes de Imru el Kais, de Zohair, de Antara e de outros?

Os que estudaram a pré-história da poesia árabe admiram-se da influência que essa arte teve sobre o espírito dos árabes e sobre as nações que com eles mantiveram contato. Tal influência refletiu-se nos andaluzes, que superaram, com sua delicadeza de sentimentos e originalidade.

Há alguns dias li uma estória traduzida do Inglês, em que se mencionava que o passaporte de Ibn Jaldun de Maomé V, rei de Granada, tinha sido redigido em versos, como se esses homens tivessem sua natureza amalgamada com a poesia.

A poesia árabe divide-se em três classes:

1º) a épica;

2º) a lírica;

3º) a dramática.

Antes dos gregos e dos hebreus, os árabes cantaram sua poesia em homenagem à Divindade única e às muitas divindades, pedindo-Lhes favores, como fizeram os hebreus, brâmanes e gregos. A esta espécie de poesia deram o nome de ÉPICA, tendo sido a mesmas proibida por Maomé. Na poesia lírica estão encerradas a glória, o elogio, a elegia, o romance, o amor, etc, temas que perduram até nossos dias.

A poesia dramática existia e existe até hoje e seu objetivo é enaltecer uma qualidade e repudiar um vício. A história de Hatem Tai, que degolou sua própria égua para alimentar hóspedes; a história de Asumauhal, que presenciou a morte de seu próprio filho por não entregar as armas de seu amigo; a história de Kais, apelidado o louco de Leila por seu amor platônico, e muitos outros relatos

eram como dramas, cuja lição de moral tinha o objetivo de gravar aquelas qualidades no coração dos homens.

Essas três espécies de poesia foram semeadas no espírito dos poetas espanhóis, franceses e italianos, que as distribuíram por toda a Europa. O espírito poético dos árabes é que se propagou e estabeleceu aquele delicado espírito cavalheiresco da Idade Média, na França e na Itália, devido à posição bastante próxima ocupada por esses países com relação à Espanha e a Sicília, e foram os primeiros a haurir das fontes poéticas árabes, donde emanaram os sentimentos de honra, os elevados caracteres e onde a mulher tinha uma posição social muito mais elevada.

O extraordinário poeta lírico espanhol Francisco Villaespesa afirmou: "Nenhum povo como o árabe selecionou com mais rigorosa disciplina e mais fervorosa religiosidade seus motivos poéticos, talvez porque nenhum outro possui uma imaginação tão fértil ou sensível e uma inteligência tão apurada e serena ou uma emotividade tão aguda e persistente. Além disso, seu idioma tão onomatopaico, tão rico, tão colorido, tão forte e, ao mesmo tempo, tão maleável e tão ritualmente trabalhado presta-se à revelação de todos os mistérios humanos e divinos da poesia que, neste caso, deixa de ser arte para converter-se numa verdadeira religião.

"Por isto, ela vive e viverá apesar de todos os percalços e de todas as contingências de tempo e de espaço.

"Poder-se-á dizer que a poesia é a essência da própria poesia, seu jugo eterno, destilado nos mais sutis e complexos alambiques psicológicos, embora verbais, até que se lhe empreste a cristalina pureza de uma gota de orvalho que apresente, ao mesmo tempo, a consistência luminosa do diamante.

"A poesia árabe é como sua arquitetura: responde em todas as épocas a uma necessidade absoluta e irresistível de concentração íntima em todos os sentidos transformados em alma e de toda a sua alma transmutada em seus próprios sentidos.

"Por fim, a poesia árabe encerra tantos sentidos como se o próprio Deus quisesse sugerir com ela os mais espirituais mistérios da Beleza, aqueles que só conseguem interpretar os olhos que enxergam nas sombras e os ouvidos que escutam no silêncio."

Isto é um pouco do muito que Francisco Villaespesa deixou escrito.

E, para concluir, direi que a poesia é a religião dos árabes. Eles adoram a Deus na beleza de sua poesia.

## Capítulo VIII

### A RETÓRICA

A Retórica, segundo o critério árabe, tem necessidade de imaginação e eloquência. É um tipo de poesia, porém cada uma tem o seu lugar. A Retórica necessita de exaltação espiritual, o que predominava na Idade do Heroísmo. Ela é filha de altivez espiritual sempre em busca da independência e da liberdade, condição essa que não é essencial à poesia. A pré-história grega assemelhou-se bastante à pré-história árabe, porque ambas foram donas da poesia, da retórica, da altivez espiritual e da independência.

O mesmo não aconteceu com os romanos, que se contentaram com a Retórica e atrasaram-se em poesia. Pelo mesmo motivo, os hebreus ficaram muito aquém da Retórica, embora tenham alcançado alto grau na poesia, porque foram dominados e enfraquecidos, o que fez com que a imaginação poética desse povo se dedicasse mais à composição de orações, lamentos e máximas.

O ambiente árabe estava saturado de independência e heroísmo. Por disporem de espírito sensível, como todos que possuem imaginação poética, a eloquência neles influía de uma forma indefinida e ilimitada. Uma frase eloquente era o bastante para excitá-los, levantar ou acalmar seus ânimos.

A luta entre eles obrigou-os a usar a Retórica como a mais temível das armas, a fim de convencer e formar seus partidos.

Um dos fatos que nos demonstram a semelhança existente entre a Retórica e a Poesia é que, na maioria dos casos, os poetas eram oradores e os oradores eram poetas. No entanto, quando a poesia que eles faziam tinha melhor acolhida do que a oratória, a esses dava-se o nome de poetas e, quando o discurso era melhor, chamavam-nos de oradores.

Antes da vinda de Cristo, pouquíssimos árabes sabiam ler e escrever. Contudo, esses analfabetos possuíam elevada eloquência, porque, como dissemos anteriormente, a Retórica é como a Poesia, que neles era inata. Desde pequenos praticavam a oratória, porque necessitavam de oradores para as missões políticas, assim como necessitavam de poetas para a guarda das histórias, das genealogias e para a defesa da honra.

Antes de Cristo e antes de Maomé os poetas eram mais preferidos. Porém, quando do advento do Islã, os oradores tomaram a dianteira em termos de preferência, a fim de que pudessem exercer a arte de convencer e de unir os partidos. Desse modo, pelo fato de terem necessidade de enviar missões políticas a outras nações, o melhor orador era sempre o chefe da tribo, porque sua língua expressava o pensamento coletivo. Também existia, naqueles tempos, tal como hoje, o intercâmbio de agentes diplomáticos, exigindo-se que esses embaixadores fossem bastante eloquentes.

Quando a fama em Retórica dos árabes chegou ao conhecimento de Cusra Anusharuan, este manifestou ao rei Nahrnan o desejo de ouvir alguns desses retóricos. Ennahaman escolheu, então, dois de cada tribo e enviou-os para esse fim. De lá voltaram, logo depois, fabulosamente presenteados com riquezas.

Os oradores árabes são muitos. Cada tribo tinha de ter, pelo menos, um orador e um poeta. A Histórica conservou-nos os nomes de As Ibn-Sahida, bispo de Najran, Suhban Uahel, Doaid ibn Zaed, Zuhair ibn Janab, Murced Eljair, Cais ibn Zuair, Akcem ibn Saifi, Amr ibn Calzum, etc.

Quando o profeta Maomé chegou à tribo de Ayad, perguntou:

— Que foi feito de As ibn-Sahida?

— Morreu, senhor, responderam-lhe.

O Profeta, então, disse:

— Parece que o estou vendo em Ocaz, sentado num camelo e dizendo coisas cheias de doçura que não pude retê-las.

Um dos presentes, então, disse:

— Eu as recordo, senhor.

— Quais são? perguntou Maomé.

— Eu o ouvi dizer: Homens! Escutai e meditai. Quem nasce morre, quem morre passa, o que vem chega. Noite escura, céus com signos zodiacais, mares furiosos, estrelas brilhantes, luz e som bra, Bem e Mal, comidas e bebidas, vestimentas e montarias... Por que vejo homens que vão e não voltam? Acaso terão gostado do lugar para onde foram ou ali permaneceram adormecidos?

Os homens que se foram para sempre  
Nos deixam lições de Moral;  
A Morte é uma caverna por cuja entrada  
Não se torna a sair.

Eles chegaram ao fim  
E não voltarão de seu destino;  
Muitos quiseram ficar vivos para sempre  
E não puderam alcançar seus intentos.

Penso, agora, no que foi e será, Nos que  
partiram e ainda vão partir; Irei para onde  
eles foram E iremos todos para onde eles  
vão...

Este é um exemplo e uma prova a mais de que os árabes eram, ao mesmo tempo, grandes oradores e grandes poetas.

Gustave Le Bon, em sua obra "A CIVILIZAÇÃO DOS ÁRABES", afirma: "Como os autores árabes davam grande importância à forma em que seus escritos estavam redigidos, escreveram muitas obras de Retórica e Gramática. Na Biblioteca do Escorial, que não representa mais do que ínfima parte da literatura árabe na Espanha e que, por casualidade, salvou-se da destruição, Casiri encontrou mais de 300 livros sobre Retórica. Tais obras não foram traduzidas e creio que haverá pouco interesse em fazê-lo, porque, para julgar qualquer literatura, é preciso estudar as obras de um povo."

Mais adiante, acrescenta: "Embora a eloquência sagrada seja algo onipotente sobre as massas orientais, não chegou até nós qualquer dos discursos nessa época preparados".

Na retórica árabe as palavras são filhas do sentimento e da altivez, o que explica sua enorme influência. O orador tinha em suas mãos as chaves do pranto e do riso, do apaziguamento e da exaltação. Por tal motivo, poeta e orador eram muito temidos naqueles tempos. O verso de um poeta podia ser a causa da glória ou da desonra de toda uma tribo.

Existiu uma tribo chamada Anf Ennaka (Nariz de Camela), que era desconhecida e mal vista. Seu nome negava seu primeiro nome para afirmar o segundo. Um dia veio ter com eles o famoso poeta Elhutaía. Foi ele tratado segundo a generosidade e costume árabes e tal poeta cantou-lhes apenas um verso elogioso. A partir de então, a tribo "Nariz de Camela" igualou-se em honra às demais tribos.

## Capítulo IX

### A LITERATURA ÁRABE

Tão desenvolvido estava entre os árabes o culto à poesia que muitos séculos antes de Maomé já haviam sido organizados muitos concursos literários aos quais concorriam poetas de todos os pontos da Arábia. Tais concursos eram realizados numa pequena cidade chamada Okaz, perto de faif, a três dias de Meca. As obras dos vencedores eram escritas em letras de ouro, sobre preciosos tecidos, e eram penduradas na Caaba de Meca, a fim de chegarem à posteridade. São esses os poemas a que se deu o nome de "MOALA-KAT" ou "OS SUSPENSOS", consistindo em obras que descrevem as guerras da Arábia, a rude e selvagem natureza do deserto, as aventuras, o amor etc. Tais poemas encerram filosofias às quais muito pouco filósofos modernos têm podido acrescentar.

O extrato seguinte pertence ao famoso poeta Tarafat ben el Abd, que descreve uma ideia da vida:

"Para mim a vida é um tesouro, do qual cada noite nos rouba uma parte; um tesouro continuamente diminuído pelos dias e pelos tempos, quase até a extinguir-se. Sem dúvida, acontece com os prazos que a Morte nos dá para desferirmos o golpe decisivo, o mesmo que ocorre com a corda que prende o camelo ao pasto: ainda que a Morte permita aos homens uma sombra de liberdade, deixando flutuar por instantes a corda que os mantém presos, nem por isso é menos certo que sua ponta está em suas mãos."

Outro poeta diz: "Disse à minha alma: Não te envergonhas por teres tanto medo da Morte? Ainda que utilizes todo o poder de tuas faculdades para prolongar um só dia de tua vida para além dos limites permitidos, que são fixados pelo Destino, baldados seriam todos os teus esforços. A Morte é o fim da vida; para ela conduzem todos os caminhos. Aquele que não cai nos campos de batalha, tomba nas guerras contra a doença e a decrepitude. A vida não é nenhum benefício para o homem; ela não é digna do seu amor, porque a velhice a transforma, muito cedo, num objeto inútil e perecível."

Com muita razão afirmou-se que os árabes produziram por si mesmos mais poemas do que todos os demais povos juntos. Todos os árabes instruídos, fossem eles diplomatas, astrónomos ou médicos, eram, ao mesmo tempo, poetas.

Tão grande foi o carinho que os árabes tiveram para com a poesia que, muitas vezes, redigiram em versos seus tratados de Teologia, Filosofia ou Álgebra. A maior parte do que deixaram escrito encontra-se mesclada de trechos poéticos.

Os europeus hauriram a rima dos árabes e esta é a opinião de Viardot, do bispo Huet e de muitos outros autores que atribuíram à influência dos poetas árabes na Espanha a origem das poesias espanholas e provençais.

## NOVELAS E CONTOS

As novelas e contos árabes tratavam, de modo ligeiro, sobre tudo o que se relacionava com a psicologia dos personagens, porém o que eles continham relativo a aventuras e maravilhosas vitórias deu grande realce a suas produções.

Os árabes foram os verdadeiros criadores dos livros de cavalaria. Sedillot afirma: "Na Espanha a imaginação dos poetas árabes ocupava-se da produção de novelas e contos. Sempre foram grandes narradores e, chegada a noite, reuniam-se em suas tendas para ouvir alguma história maravilhosa, à qual mesclavam, como em Granada, a música e o canto. O romanceiro, composto de peças imitadas ou traduzidas dos árabes, traça, com exatidão, as festas daquele tempo, os jogos de azar, as corridas de touros, os combates entre cristãos e mouros da Espanha."

Entre os contos árabes mais conhecidos, destacam-se os de Ha-riri, os de Hamadrami e os dos autores das MIL E UMA NOITES, obra surpreendente, não apenas por seus contos, mas também pelo profundo misticismo e elevada espiritualidade que apresentam.

## FABULAS E PROVÉRBIOS

O mais célebre fabulista árabe é o lendário Lokman, o sábio mencionado por Maomé no Alcorão, como exemplo de cordura.

Alguns autores fazem-no contemporâneo de Abraão. A semelhança que seus apólogos e fábulas têm com as criações de Esopo indica que este último as copiou de Lokman. As fábulas de La Fontaine, de Samaniego e outros conhecidos fabulistas são nitidamente árabes e o que mais surpreende é que nenhum desses fabulistas mencionou a origem de suas fábulas.

Os provérbios árabes são incalculáveis. A Espanha e a Europa tomaram de empréstimo muitos dos que os árabes possuem. O árabe é a verdadeira origem de noventa por cento daquilo que constituiu

a caudal de sabedoria demonstrada por Sancho Pança e por seu amo Don Quixote.

A fim de dar ao leitor uma ideia dos provérbios árabes, citaremos alguns:

"Em boca fechada não entram moscas."

"O arbusto que produz as rosas também produz os espinhos."

"Trabalhar com oportunidade é triunfar."

"Três qualidades existem que valem por trinta: formosura, piedade e discrição no amor."

"Duas criaturas existem que nunca estão fartas: o sábio e o rico."

É, pois, evidente que a maior parte desses provérbios inspirou aqueles de sentido idêntico existentes em outros idiomas.

A imaginação dos árabes — afirma um autor espanhol — possui a tendência de embelezar tudo, manifestando-se tal imaginação nas coisas mais simples, como se pode ver nas paráfrases utilizadas pelos vendedores ambulantes de Damasco; para atrair a atenção dos compradores, o vendedor de flores as anuncia, gritando: "Para pacificar tua sogra!", o que é coisa muito difícil tanto no Oriente, como no Ocidente. Para anunciar uma simples torta, exclamam: "Um manjar de andorinhas!", ou "O figo é um fruto de Baal." "As uvas são os dedos da noiva."

Os árabes sempre buscaram a Beleza em seus atos, pensamentos e palavras. Um de seus poetas cantou o seguinte:

"Três coisas deixam rastros de tristeza: a água, o verdor e a mulher formosa".

## A FILOSOFIA

Quando se pergunta o que vem a ser Filosofia, qualquer dicionário dá-nos a seguinte resposta: "É a ciência geral dos seres, dos princípios e das causas". E, adiante, tais conceitos são ampliados, afirmando-se que é "um sistema particular adotado por um filósofo célebre, por uma escola ou por uma época". Mais adiante ainda, acrescenta: "Elevação de ânimo, resignação que nos faz superiores a todas as contrariedades da vida". Assim, desde tempos imemoriais, ela chamou a atenção dos homens e, embora muitos tenham tentado, ninguém foi ainda capaz de fazer justiça a este magno sistema.

Se estudarmos a ação da mente sobre a mente, da mente sobre a matéria e da mente sobre o corpo humano, compreenderemos que "todo homem é, em si, um formoso tratado de filosofia e psicologia.

Certas pessoas afirmam "Quero gozar a vida", enquanto outros dizem que "a vida não vale a pena ser vivida". E vivemos como o bicho-da-seda: formamos um casulo em torno da Alma e, sentindo-nos presos, lutamos para romper as cadeias que nos prendem.

O homem aspira pela felicidade. Em sua busca vã de uma coisa e outra, acaba verificando que todas elas lhe fogem das mãos. Sente, então, a dor do fracasso e, como não pode parar, vai em frente rumo ao progresso, rumo à felicidade. Nasce, assim, nele o que chamamos de desejo ardente, cujo objetivo é acabar com o sofrimento, porque a dor deriva da ignorância.

A isto dá-se o nome de filosofia: suprimir a ignorância, porque todo prazer provém da força e todo sofrimento da fraqueza. Livrar-se da ignorância é o próprio caminho do homem e tal caminho existiu desde que existiram homens neste globo. Existem, porém, seres que se adiantam no campo da Filosofia, dando passos gigantescos dentro dela, enquanto outros param e preferem deixar que os demais pensem por eles.

Os árabes pensaram por si mesmos em todas as ciências e deixaram seu estilo em todos os ramos do saber humano. A Pré-História Árabe deixou-nos muitas máximas e muitos versos plenos de saber e filosofia, porque, como dissemos, a filosofia é filha da experiência e do sentimento que os árabes souberam conservar até a Idade Média, quando fulgiram os raios dos árabes de Damasco, Bagdá e Córdoba. Alberto Magno, São Boaventura, o Papa Silvestre II, Roger Bacon e São Tomás de Aquino receberam a inspiração da cultura arábica ao tempo em que floresciam sábios e filósofos como Ben Gabirol, Ben Bayda, Ben Tofail, Maimonides e Ibn Rochd, também chamado de Averróes. Em seguida surgiu, também vindo do Oriente, o misticismo de Muhie-Eddin-ibn Arabi, ilustre murciano que deu a Dante a inspiração para o canto do Inferno na "Divina Comédia", enquanto o canto relativo ao Céu era inspirado na obra de Abiluiia El Maharri intitulada "A Epístola do Perdão".

Como os árabes foram muito tolerantes, os religiosos tiveram medo deles; atribuíram-lhes o ateísmo e levantaram contra eles a opinião pública. No entanto, como verdadeiros filósofos, jamais se apartaram da norma que se haviam traçado e sua filosofia foi incubada na Espanha e no continente europeu através dos colégios de Andaluzia. Só em Córdoba havia oitocentas escolas, cujas portas estavam abertas a todos, sem distinção de raça, cor ou religiosa.

Todos os europeus estudavam nas universidades andaluzas. O número de alunos na Universidade de Córdoba chegou a onze mil.

Tal movimento filosófico, a liberdade de pensamento e de culto religioso e, sobretudo, quando os árabes derrubaram a aristocracia e começaram a tirar a terra dos latifundiários e a entregá-la, mediante um foro aos servos que as trabalhavam, fez com que se criassem as razões que produziram, depois, a terrível Inquisição.

Averróes foi o sementeiro deste movimento filosófico. Depois de explicar a Aristóteles, este dedicou-se à comprovação experimental e psíquica, o que, sem dúvida, fez com que superasse o próprio mestre.

Os filósofos daquele tempo, embora fossem estimados nas universidades, gozavam de má reputação no meio da massa e, a fim de evitar que suas doutrinas acabassem criando sublevações, os califas viram-se obrigados a desterrá-los durante um certo tempo.

Todos os filósofos modernos são unânimes em afirmar que, na verdade, correspondem aos árabes as primeiras manifestações daquilo que, nos tempos modernos, passamos a chamar de pensamento livre e de verdade pura. Assim, por exemplo, podemos ver Abulula Ettenuki, que viveu no século X, afirmando que existem, no mundo, duas espécies de pessoas: os que têm talento, mas não têm religião, e os que têm religião, mas não têm talento.

Al Gazzali, a fim de ficar em paz com as massas, ensinava, em Bagdá, no século XI, o seguinte: "As verdades consagradas pela razão não são as únicas, porque existem outras, das quais nosso entendimento é incapaz de dar conta. Acima da esfera de nossa razão existe outra esfera: a da manifestação divina".

Assim, Al Gazzali separou a religião da ciência.

No entanto, o filósofo árabe mais conhecido e influente da Europa foi o famoso Averróes, cujos comentários sobre Aristóteles superam em muito ao próprio mestre. Os trechos em que fala sobre a imortalidade da alma e sobre as bases morais foram e são até hoje a orientação seguida por todos os filósofos de todas as religiões.

A ideia culminante, porém, de Averróes é aquela que traçou os aspectos relativos recompensa e ao castigo na outra vida. Averróes não esconde a aversão que o inspira e diz:

"Entre as ficções perigosas devem figurar as que não levam a virtude em consideração, senão como meio de alcançar a felicidade. A virtude, assim considerada, não tem valor, nem mérito algum, porque, se um homem abstém-se da voluptuosidade guiado pela esperança de obter uma farta recompensa como fruto dessa abstenção, ou se o árabe não vai em busca da morte senão para evitar um mal maior, ou se o judeu respeita os bens alheios unicamente para obter

o dobro, semelhantes fábulas de nada mais servirão, a não ser para falsear o espírito do povo e, sobretudo, o das crianças, sem apresentar nenhuma vantagem em prol de seu aprimoramento moral. Conheço homens de moralidade perfeita, os quais repudiam todas essas tolices, apesar do que sua virtude nada fica a dever à dos que as admitem."

Averróes quis, com isto, ensinar o amor à virtude pelo amor a ela mesma e não porque isso importe numa recompensa. Tal ensinamento é suficiente para consagrar esse filósofo como o pai de toda a filosofia religiosa.

## Capítulo X

### HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Poucos eram os árabes, na Pré-História, que sabiam ler e escrever. Naqueles tempos não havia nem papel, nem os implementos necessários ao delineamento da História. Os relatos de acontecimentos interessantes eram gravados em pedras e ladrilhos, como vimos nos tempos do apogeu de Babel, do Egito e, em seguida, de todas as partes da Arábia.

As descobertas recentes legaram-nos muitos relatos que podemos batizar de crônicas. Não são, é certo, história na verdadeira acepção do termo, mas apresentam certos contos históricos passados de geração a geração. Parte desses relatos aconteceu num mesmo país, enquanto a outra foi adquirida de estrangeiros que com eles mantiveram contato. Entre esses relatos estão os da Criação bíblica, de Adão e Eva, de Salomão e a Rainha de Sabá, as histórias de Ad de Zamud, da construção do dique de Mareb, de sua destruição e mil outros relatos mais, que perduraram até a chegada do Isla-mismo.

Os árabes iniciaram, então, suas guerras de conquista, após o que dedicaram-se ao registro da história dos grandes homens e de suas nações. Mohauia, o califa, sentava-se, todas as noites, depois do jantar, e escutava durante a terça parte da noite as crônicas dos árabes pré-históricos e de seus dias, bem como a dos persas e de seus reis, mesclado à política dos povos, guardando assim o que dizia respeito às demais nações.

134

Em seguida, adormecia durante a segunda parte da noite, para acordar em seu último terço, quando chegavam os homens que haviam reunido livros e que deles liam a história dos reis e heróis antigos, sua estratégia e sua política.

Os árabes, em princípio, não tinham muito interesse em escrever sua própria história e sim aquela referente às demais nações, porque interessava ao califa o conhecimento desses fatos históricos alheios, a fim de que os pudesse imitar ou evitar, fossem eles bons ou maus. Por isso, o primeiro historiador no tempo de Mohauia Ibn Abi Safian foi Abaid ibn Shalat, que escreveu uma História chamada "O LIVRO DOS REIS E OS RELATOS DOS ANTIGOS".

Seguiram-se numerosos historiadores árabes, eis que Hadji Khal-fa cita, em sua biblioteca oriental, 1.200 nomes.

Um dos mais antigos historiadores foi Attabari, que preparou, no final do século IX, uma crônica universal que abrangia desde o princípio do mundo até o ano de 914 de J.C. Um dos mais célebres foi El Mazudi, que viveu no século X e que escreveu vários livros históricos, como "A HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA", "AS PRADARIAS DE OURO", etc. A respeito desse autor, afirma Quatremère:

"Fica-se estupefato de que se pudesse ter escrito sobre tantos assuntos e se resolvido tantas questões difíceis, como ali vemos. Sua erudição era imensa para o seu próprio tempo e ele havia não apenas lido e meditado sobre os livros relativos aos árabes, como também chegara a abranger, com suas vastas pesquisas, a história do gregos, dos romanos e de todas as nações orientais antigas e modernas."

Os historiadores árabes prepararam muitas histórias universais, devendo ser citado Abulfarage, morto em 1286.

Ibn Jaldun, nascido em 1332, foi um historiador dotado de espírito crítico, sendo ele o autor da obra "ELMUKADAMA", posteriormente traduzida em vários idiomas.

Devemos citar, também, Makrisi, cuja obra faria parte de uma crônica geral que compreendia oitenta volumes.

El Howairi compôs uma grande ENCICLOPÉDIA HISTÓRICA.

Abulfeda, soberano de Hamah, morto em 1331, foi conhecido ao mesmo tempo como historiador, geógrafo e guerreiro, tendo escrito uma história sobre o gênero humano.

Os árabes possuíram grande número de biógrafos. A obra intitulada "BIBLIOTECA ORIENTAL", escrita por Hadji Khalfa, contém 18.400 indicações de obras orientais junto ao nome de cada um de

135

seus autores, acompanhado de uma nota biográfica referente a cada um deles.

No que tange às ciências geográficas, cabe aos árabes o traçado desse ramo do saber humano. Viajantes intrépidos jamais se deixaram vencer pelas distâncias. Suas mercadorias alcançaram a China, a Rússia e a África.

No século nono, um mercador chamado Suleyman saiu de Siraf, porto do Golfo Pérsico, atravessou o Mar das Índias e chegou às costas da China, escrevendo o relato dessa viagem no ano 851, posteriormente completado, em 880, por um de seus conterrâneos, Abu Seid. O "Livro de Suleyman" foi a primeira obra publicada no Ocidente sobre o Celeste Império.

O célebre Mazudi nasceu em Bagdá, no final do século IX. Dedicou 25 anos de sua vida percorrendo o imenso império dos califas e as comarcas circundantes, inclusive a Índia, publicando uma obra intitulada "AS PRADARIAS DE OURO", sobre a qual Ibn Jaldun se pronuncia nos seguintes termos:

"Esta obra de Mazudi descreveu a situação dos povos e dos países do Oriente e do Ocidente naquela época. Seu livro revela-nos crenças e costumes daqueles habitantes, bem como a natureza daquelas comarcas: suas montanhas, mares, reinos, dinastias, ramificações de raças mesmo nas nações estrangeiras, de modo que tornou-se o modelo seguido pelos demais historiadores. Seu livro é uma obra monumental, na qual tais historiadores se apoiaram, face à exatidão de seus dados."

Ibn Hokal também nasceu em Bagdá. O mesmo dá-nos de sua obra a seguinte impressão:

"Descrevi a terra em sua latitude e longitude, dando conhecimento das regiões. Cada região particular apresenta um mapa, em que é mostrada sua situação, seus limites, suas cidades e províncias, os rios que as regam, os depósitos d'água que modificam sua superfície, os recursos de que dispõe, os impostos de diferentes natu-rezas que pagam, as distâncias que as separam das comarcas vizinhas, o tipo de comércio adotado e que mais resultados produz. Em suma, juntei todos os dados que elevaram a Geografia à categoria de uma ciência que interessa tanto aos príncipes, quanto à toda classe de pessoas."

Albiruni, em sua expedição à Índia no ano 1.000, retificou, mediante seus cálculos astronômicos, o mapa daquele país.

Abul-Hassan retificou o mapa dos contornos da África anteriormente traçado por Ptolomeu.

Ibn Batutah, o famoso viajante que percorreu todos os países então conhecidos, deixou-nos estudos geográficos muito importantes sobre a China, a África, a Espanha, a Índia, Sumatra, Java, etc, tendo até mesmo atingido Timbuctu.

Antes de concluir, devemos acrescentar que os árabes corrigiram muitos erros cometidos por Ptolomeu, o qual, só no que dizia respeito à longitude geométrica do Mediterrâneo estava equivocado em 400 léguas. As latitudes apresentadas pelos gregos sempre continham erros de muitos graus. Assim, a longitude de Tanger, segundo o meridiano de Alexandria, era, segundo Ptolomeu, de 53 graus e 30 minutos, quando ela é de 35 graus e 41 minutos, ou seja, 18 graus menos. Essa longitude, nas táboas árabes, apresentava erro de apenas um grau.

Não poderíamos encerrar este capítulo sem dizer algo sobre o famoso geógrafo El Edrisi, que compôs sua geografia juntamente com mapas. Entre esses mapas existe um curiosíssimo dado em que são apresentados, como fontes do Nilo, os grandes lagos equatoriais, cuja descoberta só foi feita pelos europeus em época muito recente.

Abul Feda cita o nome de 60 geógrafos que viveram antes dele.

O que os árabes legaram ao mundo é de inegável importância, de vez que os povos do Ocidente nada mais fizeram senão copiar deles durante muitos séculos.

## Capítulo XI

### CIÊNCIAS NATURAIS MEDICINA, HIGIENE E FARMÁCIA

A Medicina Árabe apareceu muitos séculos antes da Era Cristã. Os árabes da Babilônia deixaram à posteridade muitas receitas gravadas em ladrilhos para a cura de algumas enfermidades.

Afirma Heródoto que, no tempo dos babilônios, o doente era exposto ao público, a fim de que, entre os presentes, aquele que houvesse padecido do mesmo mal lhe receitasse o remédio certo. Descobertas modernas, no entanto, refutaram essa afirmação de Heródoto, porque babilônios e caldeus tinham médicos do mesmo modo que os egípcios, constituindo uma só as medicinas caldaica, ba-

bilônica e assíria. Essas três nações tinham dois métodos de cura: o método psíquico e o naturalismo.

Também naquela época o sacerdote tinha de ser médico, ou seja, era o zelador do corpo e da alma.

Já dissemos várias vezes que os hamurabitas de Babel e os hicsos do Egito eram árabes e que estes, ao povoarem a Arábia, trouxeram com eles todas as ciências naturais e religiosas, razão pela qual verificamos que a Medicina Árabe é idêntica à que foi praticada em Babel, na Assíria e no Egito.

A medicina psíquica consistia em evocar o nome de um deus. Vários talismãs eram utilizados para a cura das enfermidades e para afugentar os maus espíritos.

A medicina naturalista estava baseada na infusão e na cocção de plantas medicinais conhecidas. Entre as bebidas, o mel de abelhas era considerado o melhor remédio para as doenças do estômago e dos intestinos. Também se usava, para certas enfermidades, a cirurgia, assim como as ventosas, a sangria e a cauterização.

A amputação era praticada quando necessário, como foi o caso de Saj, irmão da poetisa Aljansa.

O primeiro médico e filósofo árabe conhecido pela História foi Lokman. Nenhum historiador fixou a data de seu nascimento ou de sua morte, embora alguns afirmem que ele era contemporâneo do rei David e de Abraão.

O Alcorão dedica a Lokman o capítulo XXXI. A partir do versículo II, afirma: "Demos a sabedoria a Lokman e lhe dissemos: Rende graças a Deus. O que se mostra agradecido acrescenta um mérito a mais aos que já tenha, ao passo que o ingrato acrescenta uma culpa..."

Lokman, o sábio — dizem as enciclopédias — é um autor árabe de fábulas populares no próprio Ocidente. Sua fábulas foram imitadas nas obras gregas de Sintipos e Esopo.

Depois de Lokman surge o nome de outro médico árabe pré-histórico chamado Ibn Azim, cujo nome chegou a ser proverbial e a quem Aus ibn Ajer se refere em seus versos.

A mais eficiente prova, porém, de que os árabes praticaram a Medicina desde a pré-história é a enorme quantidade de doenças e enfermidades e remédios que existiam em seu idioma e o mais surpreendente é que eles se especializavam na cura de algumas dessas doenças, eis que a Tradição ensina que Ibn Abi Rumiati era cirurgião e Anadr ibn el Arez era médico.

Os nomes técnicos dos órgãos internos e externos do corpo humano são uma prova a mais de que os árabes tinham conhecimentos de Fisiologia e de Anatomia. Porém, como dissemos noutra ocasião, não existia papel naqueles tempos, o que explica a razão pela qual da Medicina Árabe só nos chegaram meros fragmentos. Quando, no entanto, os árabes começaram, novamente, a conquistar o mundo, dedicaram-se eles maciçamente à Medicina, sendo ela, juntamente com a Astronomia, as Matemáticas e a Química, o grupo de ciências que cultivaram com preferência. Também foram elas as que apresentaram maior progresso entre eles. Suas obras científicas, pelo fato de terem sido traduzidas em toda a Europa, salvaram-se da destruição que atingiu a seus demais livros.

São tão numerosos os autores médicos árabes que Abn Osebat dedica-lhes um tomo inteiro em sua biografia.

Após traduzirem os livros gregos de Galeno, Hipócrates, Paulo, de Egina e outros, dedicaram-se, os árabes, a experimentar e descobrir novos métodos de cura. Entre os médicos árabes, citaremos os que a História tornou mais famosos: Arrazes, nascido em Bagdá em 850 e falecido em 932. "Esse médico submeteu à rígida crítica clínica todos os trabalhos de seus antecessores. Compôs tratados sobre a varíola, a escarlatina e outras formas de erupção cutânea. Possuía vastos conhecimentos sobre as enfermidades infantis, que compilou num livro sem precedentes. Utilizava, nas curas, o álcool, o sedenho, as ventosas, etc.

"Arrazes foi um observador tão atento quanto engenhoso, além de modesto. Certo dia viu um homem caído ao chão, sem sentidos, nas ruas de Córdoba. Apesar de todas as circunstâncias, que davam àquele homem sem sentidos a aparência de morto, conseguiu salvá-lo mandando que seu corpo fosse fustigado por muitas varas, principalmente nas plantas dos pés. Quando o Califa veio felicitá-lo, dizendo-lhe que tinha sabido que lhe era possível ressuscitar os mortos, Arrazes respondeu:

— Não, senhor, vi esse método empregado por um árabe no deserto. Todo o mérito da cura, portanto, é devido unicamente à minha observação.

"As mais conhecidas obras de Arrazes são "O CONTINENTE", assim chamada porque continha todo um corpo de medicina prática, e "EL MANSURY", o nome do príncipe Almanzur, a quem foi dedicada. Ela se divide em 10 volumes: (19) Anatomia; (29) Os Temperamentos; (3.º) Alimentos e Medicamentos; (49) A Higiene; (59) Os

cosméticos; (6?) O Regime de Viagem; (79) A Cirurgia; (8.º) Os Venenos; (9?) As Enfermidades; (109) A Febre" (Gustave Le Bon).

Todas as suas obras foram traduzidas para o Latim e utilizadas como textos nas Universidades.

Em sua velhice, Arrazes ficou cego. Não quis, no entanto, curar-se dizendo: "Já vi tanto do mundo e estou tão desgostoso dele, que não quero tornar a vê-lo".

Outro médico famoso foi Ali Abbas, no século X. Deixou uma obra com o título de MALEKI. Os ensinamentos deste livro dão a entender que o autor não recolheu os dados que ali constam em livros, mas em hospitais.

O mais célebre médico árabe do século X foi Avicena, que, embora tenha morrido jovem, deixou muitas obras. Sua principal obra de Medicina intitula-se "Kanun", cuja tradução é REGRA. Compreende Fisiologia, Higiene, Patologia, Terapêutica e matéria médica em geral, descrevendo as doenças muito melhor do que seus antecessores.

O mais célebre cirurgião árabe foi Albucasis, de Córdoba, morto em 1107, que inventou muitos instrumentos, entre os quais a lito-trícia, a qual, sem razão aparente, é tida como instrumento moderno. O grande fisiologista Haller afirma que "suas obras foram a fonte comum aonde se abeberaram os cirurgiões surgidos após o século XVI". Sua obra compreende: (1?) O uso da atual cauterização; (2?) A cirurgia geral, a dental e a ocular; as fraturas e as hérnias, os partos e a extração de cálculos; (3?) As fraturas e os deslocamentos.

Vem, em seguida, o célebre médico Aven Zohar, que simplificou a terapêutica antiga e demonstrou que a Natureza, como força interior, é suficiente por si mesma para curar as doenças. Era médico, cirurgião e farmacêutico ao mesmo tempo.

Finalmente, Averroes, comentarista de Aristóteles e de Avicena, deixou-nos um tratado sobre a triaga, um livro sobre venenos, febres, etc. (Le Bon e Etapa dos Médicos).

## A HIGIENE DOS ÁRABES

Os árabes sempre conheceram o valor da higiene. O Alcorão proíbe várias coisas que atentam contra ela, como, por exemplo, o vinho, a carne de porco, etc, que podem ser fatais nos países de clima quente.

Os autores árabes ensinaram a higiene em seus aforismos, como, por exemplo, nestes: "O estômago é o foco das enfermidades e o jejum seu melhor remédio"; "Nada é pior para um velho do que mulher moça e cozinheiro sabido".

Os hospitais árabes eram construídos segundo normas de higiene muito superiores àquelas que encontramos, hoje, nos estabelecimentos modernos.

Gustavo Le Bon afirma: "Eles os faziam muito grandes, deixando circular por ele, em abundância, o ar e a água".

Quando Razés recebeu a incumbência de construir um hospital em Bagdá, empregou ele o seguinte método: içou pedaços de carne em vários bairros da cidade e declarou mais sadio aquele em que a , mesma carne demorou mais tempo para entrar em decomposição.

Os hospitais árabes foram, como os modernos da Europa, asilos para enfermos. Os estudantes de carreira aprendiam muito mais ao pé dos leitos, do que nos livros.

Havia, também, hospitais especiais para certo tipo de doentes e, em particular, para os loucos. Havia casas de socorro gratuitas para doentes; às povoações demasiado pequenas eram enviados médicos carregados de remédios.

Os árabes conheciam a influência higiênica do clima. Averroes aconselhava sempre a mudança de ares para a cura da tuberculose, indicando a Arábia e a Núbia, no Inverno, como hoje os médicos indicam o Egito e as regiões do Nilo próximas à Núbia.

Os normandos, ao se apoderarem da Itália, concederam toda proteção à escola de medicina árabe, e Constantino, o africano, traduziu para o Latim os aforismos que durante tanto tempo haviam dado Salerno a reputação que sempre teve. Com a higiene naturalista, os médicos árabes não perdiam doentes, como acontece hoje com os médicos modernos.

## A FARMÁCIA ÁRABE

Os progressos realizados pelos árabes nas ciências médicas, em cirurgia, na descrição das enfermidades e no campo da farmácia são surpreendentes.

Os árabes empregaram a água fria para a febre tifóide. Em matéria médica, usaram a polpa da canafístula, a sena, o ruibardo, o tamarindo, a noz vômica, o quermes, a cânfora, o álcool e milhares de outros remédios que ainda conservam seus nomes árabes. Foram eles os verdadeiros criadores da farmácia e dos preparados que ainda se encontram em uso, tais como xaropes, compressas, emplastros, pomadas, unguentos, águas destiladas, etc. ? Avenzoar curava a constipação mandando comer os frutos da i/inha regados com purgantes. Na verdade, tal inventiva foi maravilhosa.

Os árabes conheciam o tratamento da catarata por redução ou extração do cristalino; o tratamento das hemorragias por meio de irrigações de água fria; o emprego dos cáusticos, dos sedativos, da cauterização pelo fogo, etc. A anestesia, que é considerada como uma descoberta vital moderna, não lhe era desconhecida. Empregavam, nas operações dolorosas, algumas ervas ou sementes, como por exemplo a cizânia para adormecer o doente "até a perda do conhecimento e dos sentidos".

Esses são alguns dos métodos utilizados pelos árabes há muitos séculos passados os quais estão reaparecendo agora, após tanto tempo de esquecimento...

## Capítulo XII

### MATEMÁTICAS E ASTRONOMIA

Os árabes cultivaram todos os ramos da Matemática, a eles sendo devidas as primeiras aplicações da Álgebra e da Geometria.

Nos primórdios do século IX de nossa era, El Mamum encomendou a um matemático de sua corte, Mohamed-ben-Musa, a composição de um tratado algébrico popular. Foi da tradução de tal tratado que os europeus extraíram as primeiras noções desta ciência.

Muitos sábios atribuem a invenção desta ciência aos árabes. A própria palavra ÁLGEBRA é árabe.

Através dessa maravilhosa ciência os inventores puderam chegar à introdução das tangentes nos cálculos trigonométricos, à situação dos senos nas cordas, à aplicação da Álgebra à Geometria, à resolução das equações cúbicas e ao estudo aprofundado das seções cônicas. Os árabes também transformaram inteiramente a trigonometria esférica, derivando a resolução dos triângulos de certos números de terrenos fundamentais, que, todavia, servem de base.

O sábio matemático francês Charles, em sua obra intitulada "APONTAMENTOS HISTÓRICOS DOS MÉTODOS EM GEOMETRIA", afirma: "Esta feliz revolução científica dela banuiu expressões compostas e incômodas, que continham o seno e o cosseno da incógnita.

Seis séculos depois tal descoberta chegou aos ouvidos de Co-pérnico, que nada mais fez do que traduzir dos árabes a teoria que foi, depois, atribuída a ele."

Em termos de Astronomia, os árabes foram os primeiros a cultivar essa ciência novamente em Bagdá. Digo novamente, porque eles também foram os primeiros a traçar suas normas nos tempos de Hamurábi. Foram os mestres de Olug-beg, neto de Tarmelão, célebre pela publicação de suas táboas astronômicas e a quem se tem como último representante da Escola de Bagdá.

Bagdá não foi o único centro principal, porque naquela época, desde a Ásia Central até o Atlântico, os observatórios abundavam, podendo ser vistos em Damasco, Samarcand, Cairo, Fez, Toledo, Córdoba, etc.

A Escola Astronômica de Bagdá, ao tempo de Harum Al Rachid e de seu filho Al-Mamum, produziu importantes trabalhos. Nela ficou determinada a obliquidade da eclíptica com grande precisão, fixando-a em 23°, 33', 52", número quase idêntico à cifra moderna.

As observações que fizeram a respeito dos equinócios permitiram que calculassem de um modo preciso a duração do ano; até chegaram a planejar aquela operação fundamental e a medição de um arco do meridiano terrestre.

Entre os trabalhos dos astrónomos da Escola de Bagdá, devemos mencionar, ainda, suas efemérides relativas à posição dos planetas e a determinação exata da precessão dos equinócios.

O Ptolomeu árabe foi Abbategni, falecido em 929, o qual deixou táboas famosas, conhecidas em toda a Europa através de uma versão latina chamada "DE SCIENTIA STELLARUM", a qual, por má sorte, foi mal traduzida. Quando, porém, o ilustre Salande estudou os fragmentos da originalidade perdida, seu autor foi colocado entre os vinte mais célebres astrónomos do mundo.

Amadjur e seu filho corrigiram Ptolomeu e este último reconheceu que os limites da maior latitude da Lua eram variáveis e o estudo dessas anomalias serviu de ponto de partida para a descoberta de uma terceira desigualdade lunar.

Os três filhos do historiador Muza-ben-Shaker determinaram a precessão dos equinócios com uma exatidão desconhecida até então. Estabeleceram efemérides relativas à situação dos planetas e mediram, no ano de 954, a latitude de Bagdá, que foi colocada a 33 graus e 2 minutos, número que só difere em dez segundos da latitude exata.

Sedillot descobriu que Ticho Brahe, 600 anos depois da Escola de Bagdá, calculou a desigualdade lunar. No entanto, Abdul Wefa pôde observar a desigualdade da eclíptica com um quarto de círculo

de 21 pés de raio e Abdul Wefa morreu em Bagdá no ano de 998, ou seja, cerca de seis séculos antes de Ticho Brahe.

Apesar da decadência do poder político exercido pelo Califado de Bagdá no fim do século X, nem por isto as ciências deixaram de ser cultivadas entre os árabes, tal era a afeição que os mesmos tinham por elas. E exerciam influência de tal sorte sobre seus invasores que o invasor tornava-se protetor do invadido.

A civilização árabe sobreviveu ao seu poder político e, a favor dessa vantagem, continuou prosperando cientificamente até o século XV.

Em 1079 os árabes reformaram o calendário, que precedeu em seis séculos a reforma gregoriana, tendo-lhe sido até superior.

Em 1280, Co Chen-Kin, na China, tomou de empréstimo seus principais conhecimentos aos árabes. Quando Tamerlão fixou em Samarcanda o centro de seu gigantesco império, fez-se rodear de sábios árabes e seu neto, Olug Ben, no século XV, servia-se de um quarto de círculo, cujo raio era tão alto quanto Santa Sofia em Constantinopla e fornecia o quadro exato dos conhecimentos astronômicos da escola árabe, tal como o cálculo dos eclipses, a formação e o uso das táboas, etc.

A coisa mais surpreendente deste sábio foi o seguinte: havendo-se dedicado à Astrologia e deduzido que seu filho mais velho, devido à conjunção de alguns planetas, o mataria, afastou-o de suas funções, razão pela qual este rebelou-se contra ele, venceu-o e, por fim, deu-lhe cabo da vida.

Segundo Ben Al Nadbi, que residia no Cairo em 1040, a biblioteca dessa cidade continha, então, duas esferas celestes e 6.000 obras sobre Matemática e Astronomia.

Não menos importantes foram os trabalhos astronômicos dos árabes na Espanha. Arzachel efetuou 402 observações para determinar o apogeu do Sol e estabeleceu, com grande precisão, o movimento da precessão de nossas táboas modernas.

Arzachel construiu relógios que eram motivo de admiração em Toledo. As táboas astronômicas de Afonso X, também chamadas de Táboas Afonsinas, foram totalmente tomadas aos árabes, que haviam precedido a Kepler e a Copérnico na descoberta da eclíptica dos planetas e na teoria do movimento da Terra.

Por fim, devemos acrescentar que, se extraíssemos da Astronomia os nomes árabes, "nada ficaria, senão ruínas" (Le Bon).

## Capítulo XIII

### A FÍSICA, A QUÍMICA E SUAS APLICAÇÕES

#### FÍSICA

As mais importantes obras de Física dos árabes perderam-se, delas nada mais restando senão os títulos desses estudos, como o de Hassan ibn Haithem sobre a visão direta refletida e refratada, bem como sobre os espelhos ustórios.

Outro dos mais notáveis livros da Física é o Tratado de Ótica de Alhazen, que foi traduzido para o Latim e para o Italiano, servindo de guia para a obra "A ÓTICA", de Kepler. Essa obra contém capítulos importantíssimos sobre o foco dos espelhos, a refração e o tamanho aparente dos objetos. Também apresenta a solução geométrica do seguinte problema de capital importância: "Encontrar o ponto de reflexão, num espelho esférico, dada a situação do objeto e a do olho". O físico francês Charles disse a respeito dessa obra: "Foi a origem de nossos conhecimentos de ótica".

#### MECÂNICA

O dr. E. Bernard, da Universidade de Oxford, sustentou que os árabes descobriram a aplicação do pêndulo dos relógios.

Os árabes possuíam relógios movidos por um peso. Assim o as-segura Benjamin de Tudela, ao descrever o relógio da mesquita de Damasco, no século XII, o qual é por ele descrito da seguinte maneira:

"Na parede da galeria frontal vê-se uma espécie de sala redonda, em forma de grande abóbada, na qual existem dois discos de cobre, com portinholas em número igual às horas do dia. E dois pesos de cobre, que pendem de dois milanos, também de cobre, caem ; dentro de duas taças perfuradas. Vê-se, então, como os dois milanos estiram o pescoço em direção às taças com os dois pesos e como esses pesos caem dentro delas, o que se processa de uma forma maravilhosa, que até parece arte mágica. Os pesos, ao caírem, produzem um ruído e, passando pelo orifício existente nas taças, desaparecem no interior da parede. Então, a portinha do disco se fecha com uma prancheta de cobre e o jogo prossegue do mesmo modo até que se tenham transcorrido todas as horas do dia, ficando í as portinholas fechadas. Chegada a noite, outro mecanismo entra

em ação. Na arcada que rodeia os dois discos de cobre existem 12 círculos do mesmo metal, perfurados, e em cada círculo um cristal. Por trás de cada cristal há uma lâmpada, que a água faz girar por meio de um movimento proporcional à divisão das horas. Ao terminar uma hora, a luz da lâmpada ilumina o cristal e os raios se pro-jetam no círculo de cobre. O mesmo acontece com o círculo seguinte e com todos os demais, até que findem as horas da noite."

## QUÍMICA

A Química foi a filha predileta dos árabes. Eles descobriram os corpos mais importantes, tais como o álcool, o ácido clorídrico, o ácido nítrico e a combinação do primeiro com o segundo para formar o que chamamos de "água régia", que jamais fora conhecida pelos gregos.

Também foram os descobridores das mais fundamentais operações da Química, como a destilação, por exemplo. Há mais de mil anos os árabes possuíam laboratórios dos quais saíram descobertas que serviram de guia para as descobertas feitas pelos químicos europeus.

Geber foi o mais antigo e conhecido químico árabe. Ele viveu no século VIII, escreveu muitas obras que foram traduzidas em todos os idiomas de seu tempo e uma das mais notáveis de todas elas foi "A Suma da Perfeição". A obras de Geber perfazem uma enciclopédia científica dentro da Química. Descobriu a existência dos gases, conforme se pode concluir do seguinte trecho: "Quando dois gases se fixam nos corpos, eles perdem sua forma e sua natureza, deixando de ser o que foram e quando se obtém a separação deles do corpo, eis o que sucede: ou os gases escapam sozinhos, ficando o corpo em que estavam fixados, ou os gases e o corpo desaparecem."

Os químicos árabes diziam: "Todos os metais acham-se formados pelos mesmos elementos e, sabendo-se como decompô-los e como voltar a combiná-los de um modo proporcional e conveniente, pode-se chegar a produzir o metal que for necessário, inclusive o ouro." A transmutação metálica ocupou os químicos por longo período de tempo, até que o Sr. F. Jolivet Castlot, presidente da Sociedade Alquímica Francesa, demonstrou as doutrinas árabes que ensinavam como obter ouro pela transmutação. As teorias árabes daquele tempo regem até hoje o mundo científico.

O ácido nítrico, a água régia, a potassa, os sais de amoníaco, o nitrato de prata, o sublimado corrosivo, o precipitado vermelho, a

destilação, a sublimação e milhares de outros preparados ainda se encontram em seus livros.

Foram os árabes, e ninguém mais, que criaram a Farmácia e a Química. A respeito da Química Industrial, podemos julgar seus conhecimentos pela habilidade que tinham nas artes da tinturaria, da mineração de metais, da fabricação de aço, da preparação dos corpos, etc.

## DESCOBERTAS

Não sabemos de que modo os árabes chegaram a desenvolver seus métodos para os conhecimentos industriais. Os resultados, porém, falam mais alto. Por exemplo, consta que sabiam explorar as minas de enxofre, de cobre, de ferro, de mercúrio e de ouro; que praticavam a tinturaria com muita habilidade; que temperavam o aço com suma perfeição; que seus tecidos, armas, couros e papéis tinham reputação mundial em termos de qualidade e que em muitos ramos da Indústria jamais foram superados.

## PÓLVORA E ARMAS DE FOGO

Segundo investigações levadas a efeito por Renauld e Favé, secundadas pelas declarações de Casiri e Aiardot, ficou claramente provado que a invenção da pólvora, como substância explosiva destinada a arremessar projéteis, é devida aos árabes.

Os autores citados anteriormente afirmam o seguinte:

"Os chineses descobriram o salitre e seu emprego nos fogos de artifício. Os árabes, porém, souberam utilizar a força propulsiva que resulta da pólvora incandescida, o que significa, em outras palavras, que inventaram as armas de fogo."

Não é correto afirmar que em 1346 funcionou, pela primeira vez | na História, a artilharia, o que teria ocorrido na batalha de Cercy, porque, em 1205, o Emir Yakub, ao sitiá-lo um chefe revoltoso, na cidade africana de Mahedra, atacou suas muralhas com diferentes máquinas, engenhos e tronos. "Eram engenhos nunca vistos... que arrojavam cerca de cem enormes projéteis e grandes pedras caíam no meio da cidade, junto com disparos de globos de ferro". O parágrafo que acabamos de citar foi extraído de um manuscrito traduzido por Conde.

Ibn Kaldun descreve o canhão construído em 1273, quando o sultão de Marrocos, Abu Yusef, assediou Sidjilmesa, dizendo: "arro-

java cascalho de ferro disparado com "barud" (pólvora). Um dia, então, parte da muralha caiu e deu-se o assalto."

Nos manuscritos árabes está presente a composição da pólvora, assim descrita:

BARUD (salitre) 10  
dracmas

CARVÃO 2  
dracmas

ENXOFRE  
1 e 1/2 dracmas  
reduzidos a pó, para encher apenas a terça parte do "madfaa"  
(canhão), etc, etc.

#### FABRICAÇÃO DE PAPEL

Casiri descobriu na biblioteca do Escoriai um manuscrito árabe em papel de algodão que data do ano 1009 e que é anterior a todos os existentes nas demais bibliotecas da Europa, o que prova que os árabes foram os primeiros a substituir o pergaminho pelo papel.

Antes, os chineses, já fabricavam o papel com casulos de seda. Os árabes, porém, recorreram ao algodão, porque não tinham o bi-cho-da-seda. Depois fabricaram papel a partir de retalhos velhos de pano, do qual existem vários manuscritos na Europa. Posteriormente, recorreram ao cânhamo e ao linho, chegando a fabricar papel com uma perfeição que até hoje não pôde ser superada.

#### UTILIZAÇÃO DA BÚSSOLA NA NAVEGAÇÃO

Na qualidade de atrevidos navegantes, os árabes trouxeram a bússola da China e aplicaram-na à navegação. Os europeus só a usaram para esse fim no século XIII, apesar de Edrisi falar no objeto como algo largamente usado por todos os navegantes árabes.

Isso vem provar que os árabes são os pais de noventa por cento das descobertas e invenções que usamos nos dias de hoje.

## Capítulo XIV

### INFLUÊNCIAS DA CIVILIZAÇÃO ÁRABE NO ORIENTE E NO OCIDENTE

Persas, gregos e romanos dominaram o Oriente durante alguns séculos. Sua influência política foi sempre muito grande, porém sua eficácia civilizadora foi nula, pois nunca chegaram a impor sua religião, nem sua língua, nem suas artes. Tanto sob o domínio dos Pto-lomeus, como dos romanos, o Egito continuou fiel e seu passado, sendo mais verdadeiro dizermos que os vencedores adotaram a religião, a língua e a arquitetura dos vencidos. As próprias construções romanas têm o selo faraônico. O que os gregos, os persas e os romanos não conseguiram realizar no Oriente, os árabes puderam obter muito rapidamente e sem violência, porque, como vimos em outras oportunidades, eles foram conquistadores da alma e do carinho dos povos, sem jamais lançarem mão da força ou da brutalidade. Os árabes conquistaram o mundo mercê de sua ciência, de suas letras e cultura em geral. Suas armas foram a justiça, o progresso industrial e agrícola, a vida intelectual, a arquitetura, a pintura decorativa, a prosa, o verso, a música e as ciências positivas e morais que civilizaram o mundo.

Até mesmo o Egito, o imutável Egito, esqueceu seus sete mil anos de civilização para abraçar, em menos de um século, a civilização árabe.

A História não nos apresenta outro exemplo mais surpreendente da influência exercida por um povo. Os árabes foram a levedura de todas as nações com as quais estiveram em conta to e, quando o império árabe desapareceu, seus conquistadores continuaram mantendo suas tradições e apresentando-se ao mundo como continua-dores de sua influência.

Por estarem em permanente contato com a Índia e a China, os árabes transmitiram a essas regiões a grande caudal de seus conhecimentos científicos, coisa que, posteriormente, foi tomada, pelos europeus, como conhecimentos de origem hindu e chinesa.

Sedillot demonstrou que o árabe Albiruni, falecido em 1031, viajou pela Índia e preparou para os hindus importantes extratos de obras científicas, as quais, segundo o costume, foram a seguir traduzidas.

A ciência árabe penetrou a China e o célebre astrónomo chinês, Co-Cheu-King, recebeu, em 1280, um tratado de Astronomia de Ibn Yunes, fazendo-o conhecido dentro da China. A Medicina Árabe foi introduzida em 1215, ao tempo da Invasão de Kublai. Essa influência científica dos árabes sobre os orientais continuou até nossos dias.

Vamos, agora, demonstrar a influência dos árabes no Ocidente.

Até os séculos IX e X, quando a civilização árabe brilhava na Espanha em seu momento de mais viva luz, observa-se que os únicos centros intelectuais do resto do Ocidente eram as maciças muralhas feudais, dentro das quais habitavam senhores um tanto selvagens, que se orgulhavam de não saber ler. Os cristãos instruídos eram, apenas, uns poucos frades ignorantes, que passavam a vida inteira pesquisando as obras antigas para transcrevê-las nos livros de meditação cristãos. Reconheceram, então, alguns intelectuais, a necessidade de sacudir fora aquela ignorância e pediram auxílio aos árabes que eram, na época, os únicos mestres. Assim, em 1130, o bispo Raimundo fundou, em Toledo, um colégio formado pelos mais célebres tradutores, que verteram para o Latim os mais conhecidos autores árabes. O êxito de tal medida foi completo e isso abriu uma nova era para o Ocidente.

Leclerc afirma que mais de 300 obras árabes sobre Medicina foram traduzidas para o Latim. A Idade Média não conheceu a antiguidade helênica, senão através das obras árabes. Graças aos árabes, algumas obras antigas, cujos originais se haviam perdido, chegaram até nós.

Aos árabes devemos o conhecimento da Antiguidade e não aos frades da Idade Média, que nem grego sabiam.

Libri afirmou: "Tirai dos árabes a História e o renascimento das letras demorará muitos séculos para atingir a Europa".

Gerbert foi estudar na Espanha e, tornando-se Papa em 999, sob o nome de Silvestre II, foi acusado, devido a seus conhecimentos assombrosos, de haver vendido a alma ao Diabo. Tudo isto, evidentemente, porque desejou disseminar a ciência pela Europa.

Roger Bacon, Leonardo de Pisa, Arnaldo de Villanova, Alberto, o Grande, Afonso X de Castela foram, apenas, discípulos dos árabes ou seus copistas. "Alberto, o Grande, tudo deve a Avicena", afirma Renan, "e Santo Tomás de Aquino, como filósofo, é apenas um filho de Averroes".

"De que forma" — exclamava o grande Petrarca — "Cícero pôde ser orador depois de Demóstenes? Como Virgílio pôde ser poeta depois de Homero? E, agora, depois dos árabes, não deve-

ríamos atrever-nos a escrever. Afirmais que talvez tenhamos sobrepujado, algumas vezes, aos gregos e, conseqüentemente, a todas as nações, porém não conseguimos sobrepujar os árabes! Oh, loucura! Oh, vertigem! Oh, génio da Itália adormecido, senão extinto!" Tais são os protestos do grande Petrarca.

De outra feita, Renan afirma, com muita justiça: "Foi no século XIII, quando os árabes desapareceram do cenário mundial e seu poder caiu em mãos torpes e brutais, a intolerância começou a se introduzir entre os homens". Com efeito, o fanatismo não repousa nas religiões, mas no homem em si. A raça árabe jamais separou-se da tolerância. Durante todo o período da civilização árabe, demonstraram absoluta tolerância religiosa. Certo teólogo árabe, que assistiu em Bagdá a várias pessoas de todos os credos, tal como judeus, ateus, muçulmanos, cristãos, etc, a cada um dos quais escutava com a maior deferência, fazia-o de tal modo que eles não argumentassem mais do que com ideias surgidas da razão, abstendo-se de ideias correspondentes retiradas de livros religiosos. Hoje em dia, no entanto, depois de tantos séculos de guerras espantosas, de ódio e de! carnificina, os europeus ainda não conseguiram atingir tão perfeita tolerância.

#### INFLUÊNCIA DOS ÁRABES NA ARQUITETURA

A ogiva foi tomada dos árabes. Entre uma catedral gótica dos séculos XIII e XIV e uma mesquita da mesma época há um verdadeiro abismo. "Nas igrejas góticas", afirma o espanhol Luiz Carreras, "é preciso estar muito preocupado para não ver o selo bárbaro de que estão inundadas, por mais grandiosas que sejam. O fato é inegável. Nunca a assim chamada arquitetura cristã poderá ser posta em paralelo razoável com a arquitetura árabe, a qual não apenas domina os seus interiores através de seu requintado gosto, como também pela simplicidade e pela lógica da construção."

Batissier afirma: "Não se pode negar que arquitetos franceses dos séculos XI e XII tomaram de empréstimo importantes elementos de construção à arte oriental... Por ventura não podemos ver num dos mais reverenciados monumentos cristãos, a Catedral de Puy, uma porta ornada com uma inscrição em caracteres árabes? Não existe, em Narbonne e em outros lugares, fortificações coroadas segundo o gosto árabe?"

Lenormant observa que a influência árabe encontra-se em muitas igrejas de França, como, por exemplo, na de Maguelonne e nas de Somme.

Prisse d'Avesne afirma: "Dos árabes tomaram os cristãos essas graciosas torrezinhas que até os fins do século XVI eram tão usadas no Oriente".

Carlos Magno mandou buscar arquitetos árabes para sua corte. Dulaure cita, em sua História, que vários arquitetos árabes foram utilizados para a construção da Catedral de Paris.

A combinação da arte árabe com a arte cristã deu origem a um estilo particular chamado "Mudejar", que invadiu o mundo, e Quito possui muitos exemplares desse tipo de arquitetura. Vemos, assim, que um povo pode se extinguir, que podem ser queimados os seus livros e destruídos os seus monumentos, porém não existe poder humano capaz de apagar sua influência da alma e do espírito.

### INFLUÊNCIA DOS COSTUMES ÁRABES NA EUROPA

O contato dos árabes com a Europa foi um dos mais poderosos fatores da civilização europeia, porque, enquanto o Oriente desfrutava de uma civilização brilhante antes e após o Islamismo, o Ocidente estava mergulhado na barbárie. A História nos assegura que os cruzados portavam-se como verdadeiros selvagens, roubando, degolando cabeças de amigos e inimigos e destruindo em Constantinopla os mais inestimáveis tesouros da Antiguidade Grega e Latina.

Uma das mais funestas consequências das Cruzadas foi a criação, no mundo, de uma intolerância religiosa que perdurou por muitos séculos. As Cruzadas conduziram à Teocracia e ao derramamento de sangue. Em seguida, a propagação da fé e a extinção das heresias eram obtidas através dos mais atrozes suplícios. Quando os teocratas europeus foram derrotados pelos maometanos na Palestina, as armas foram voltadas contra os judeus, os albigenses e a outras diferentes categorias de herejes. A Inquisição, as guerras religiosas, que duraram tantos séculos, foram filhas das Cruzadas,

Contudo, o Evangelho afirma que "não há mal, do qual não decorra um bem". Em paralelo com o horror das Cruzadas, muitos benefícios e bons costumes chegaram do Oriente.

Depois da expulsão dos cruzados da Síria, os europeus firmaram tratados comerciais com os príncipes muçulmanos e tal comércio com o Oriente trouxe à Europa as indústrias e as artes, assim como os trabalhos em madeira e metal, além da fabricação de esmaltes. Os cristais de Tiro foram o modelo utilizado, posteriormente, nos cristais de Veneza, assim como a fabricação de sedas e a arte de

tingi-las. Nas Belas Artes, a influência do Oriente sobre o Ocidente, não foi menos transcendental, o que serviu para polir o gosto dos 'cruzados.

A própria arquitetura e os edifícios da civilização árabe foram trazidos à Europa.

No entanto, em termos de ciência essencial, os cruzados nada aproveitaram na Palestina e na Síria, de forma que a influência civilizadora do Oriente no Ocidente teve muito mais a ver com o campo artístico, industrial e comercial, do que no campo científico e literário. Tal influência, porém, tirou o Ocidente da barbárie e preparou o espírito ocidental para a influência científica e literária dos árabes, que era propagada pela suas universidades na Europa, onde fermentava a levedura do Renascimento.

Desta forma, as Cruzadas, no Oriente, e as universidades, no Ocidente, implantaram os costumes árabes em toda a Europa. Citaremos alguns:

Em contato com os árabes, os europeus saíram da barbárie em que se encontravam, adotando os costumes do cavalheirismo e dos deveres que ele impunha, entre os quais o máximo de consideração para com as mulheres, velhos e crianças, além de sumo respeito pela palavra empenhada.

Barthelemy Saint Ilair, um sábio religioso, em livro escrito sobre o Alcorão, afirma: "Através do trato com os árabes e da imitação deles, os rudes senhores de nossa Idade Média suavizaram seus costumes, de modo que os cavaleiros, sem nada perderem de seu valor, adquiriram sentimentos mais delicados, nobres e humanos, o que é muito duvidoso que tivessem haurido somente do Cristianismo, por mais benéfico que tenha sido".

Após todas essas provas, perguntamos: "Por que se desconhece, hoje em dia, a influência da civilização árabe até mesmo entre sábios desprovidos de qualquer preconceito?"

Creio que esta pergunta não pode ter mais do que uma resposta: devido ao fanatismo.

Há duas espécies de fanatismo — o religioso e o racial — e quem está livre de um, torna-se escravo do outro. Há sempre dois homens dentro de nós mesmos: o moderno (ou racial) e o velho (ou religioso).

Dar-vos-ei um exemplo. Renan, um escritor tão sábio quanto ameno, numa conferência dada na Sorbonne sobre o Islamismo, pretende demonstrar a nulidade dos árabes e o mais engraçado em seu fanatismo é que encontramos seus próprios pontos de vista comba-

tidos por ele mesmo nas páginas seguintes. Vemos assim que, depois de haver afirmado que durante 600 anos o progresso das ciências não poderia ser devido senão aos árabes e que a intolerância nunca surgiu dentro do Islamismo, o mesmo autor afirma, páginas adiante, que o Islamismo sempre perseguiu a ciência e a filosofia, aniquilando o espírito dos países que conquistava.

Em seguida, Renan vê-se obrigado a reconhecer a influência benéfica dos árabes na Idade Média. Também em seguida, os preconceitos do autor afloram novamente e ele assegura que os sábios árabes não eram verdadeiramente árabes, mas pessoas de Samar-canda, Córdoba e Sevilha. No entanto, como os países citados por Renan pertenciam aos árabes, tanto no sangue, como nos ensinamentos, que lhes haviam penetrado havia muitos anos, torna-se evidentemente muito difícil negar a origem dos trabalhos que saíram de suas escolas, tanto quanto seria difícil que os sábios franceses verificassem que seus autores pertencem a diversas raças, como normandos, celtas ou aquitanos, de cuja reunião tivesse resultado a nação francesa.

Esse eminente escritor parece, às vezes, arrepender-se do mal cometido contra os árabes, terminando a luta entre o homem moderno e o homem antigo com esta imprevista declaração, na qual se arrepende de não ser filho do Profeta:

"Jamais entrei numa mesquita", diz ele, "sem experimentar violenta emoção, devendo mesmo acrescentar que nada mais pude fazer, então, senão lamentar não ser muçulmano".

De minha parte, não comentarei a conferência pronunciada por esse autor na Sorbonne. Repito aqui, no entanto, as palavras do divino Mestre Jesus, em seu Evangelho: "Se a luz em ti são trevas, que dizer das próprias trevas?" (Le Bon e outros).

### Terceira Parte

## DO SEIO DA HISTÓRIA

## LEALDADE, FAVOR E PERDÃO

Quando Omar Ibn el Jattab aplicava sua justiça, rodeado por seus discípulos, entraram, certo dia, no salão, dois jovens que arrastavam a um terceiro e que pararam diante do Califa, dizendo:

— Oh, Comendador dos crentes! Somos irmãos. Tínhamos um pai muito bondoso e querido por sua tribo. Ele saiu, hoje, para dar um passeio pelo jardim e este homem o assassinou. Por isto, vimos pedir justiça e castigo para ele,.

Omar olhou para o jovem e disse:

— Ouviste a acusação? Que tens a responder?

O culpado aproximou-se, muito seguro, e respondeu: —Senhor, os dois jovens disseram a verdade, porém rogo-vos que escuteis minha estória. Sou um homem que veio de longe. Fugi de meu país em virtude de uma seca devastadora e trouxe comigo minha família e meus camelos... Hoje, ao passar pelos jardins amuralhados desta cidade, vi que um camelo pequenino havia alcançado um ramo de árvore que se estendia para fora da muralha. Corri para afastá-lo dali, porém, naquele exato momento, apareceu um velho que tinha uma pedra em sua mão direita, a qual lançou sobre o camelo, matando-o. Então, todo o sangue subiu-me à cabeça. Tomando da mesma pedra, atirei-a contra o ancião, que caiu imediatamente. Corri, para fugir dali, porém estes dois jovens agarraram-me e trouxeram até aqui.

Omar, então, disse:

— Já que confessaste, tens de ser castigado.

O jovem respondeu:

— Vossa sentença é justa, Senhor, porém tenho um irmão menor, do qual sou tutor por promessa feita a meu pai. Seu dinheiro foi enterrado num local secreto. Se puderdes esperar três dias, tra tarei de procurar alguém que possa cuidar do rapaz e voltarei. Há ver a alguém que poderá garantir que de fato voltarei.

## JAFAR EL BARKAKI E O VENDEDOR DE FAVAS

Omar meditou e disse:

— Quem poderá oferecer essa garantia?

O jovem olhou para todos os assistentes e assinalou Abizar, dizendo:

— Ele me garantirá.

Omar perguntou ao homem assinalado:

— Tu o garantes?

E Abizar respondeu:

— Sim, por três dias.

Os jovens aceitaram o trato. Passados os três dias, os jovens voltaram à presença do Califa, a fim de pedir-lhe novamente justiça. Omar, então, perguntou a Abizar:

— Aonde está o réu? Acaso voltará quem fugiu?

Abizar respondeu:

— Juro por Deus que, se ele não voltar, entrego-me no lugar delel

Todos os assistentes choraram e ofereceram muito dinheiro pelo sangue do pai aos dois órfãos. Eles, porém, negaram-se a aceitar. E enquanto todos estavam penalizados e tristes, porque o prazo já estava terminando, viram entrar o réu no aposento; saudou o Califa e disse:

— Senhor, entreguei meu irmão a meus tios. Atravessei o deserto e cumprí minha promessa, porque aquele que trai uma vez não será perdoado por aquele que pode castigá-lo. Voltei para que não se diga que a lealdade morreu entre os homens...

Abizar, então, disse ao Califa:

— Garanti a volta deste homem sem saber quem ele era ou donde vinha. Ele, porém, olhou-me e me escolheu entre os assistentes e não quis diminuir sua esperança, para que não se diga que o favor morreu entre os homens.

Quando os dois jovens escutaram estas palavras, aproximaram-se do Califa e disseram a Omar:

— Comendador dos fiéis, nós perdoamos neste homem o derramamento do sangue de nosso pai, para que não se diga que morreu a Bondade e o Perdão entre os homens...

Saberá o leitor quem foi Jafar el Barmaki? Certamente já terá deparado com este nome várias vezes nas "Mil e Uma Noites"... Isso, porém, não é bastante para que nos familiarizemos com as histórias contadas nesta seção.

A família Barmecidas (o nome árabe é Baramikah) foi a que conferiu brilho aos primeiros Califas Abbasidas em Bagdá.

Yahya e seus filhos Fadl, Jafar, Mohamed e Musa haviam carregado o peso do reinado de Haroun Al Rachid, razão pela qual esse califa lhes dedicava muito respeito e carinho.

Essa numerosa família possuía o saber, a nobreza, a elegância linguística e, sobretudo, a generosidade máxima. Quando, em árabe, dizemos que "Fulano é um Barmaki", queremos afirmar que ele é o pai da generosidade.

Tal família caiu em desgraça. Ar Rachid matou seu ministro Jafar juntamente com outros parentes, enquanto os remanescentes foram encarcerados ou expatriados. A história da degolação dessa família é muito grande e suas causas são, até hoje, algo desconhecidas.

Uns afirmam que o Califa chegou a invejar e a temer os Baramikah, enquanto outros dizem que o motivo dessa atitude de Ar Rachid foi o casamento de sua irmã Abbasa com Jafar. Haroun amava muito sua irmã e a seu ministro, preferido sempre a companhia dos dois a qualquer outra em seus momentos livres. Resolveu uni-los pelos laços do casamento, a fim de que pudessem sempre vir juntos à sua presença e sem que viessem a violar a lei muçulmana que proibia que os homens contemplassem a mulher alheia de rosto descoberto. Porém, ao mesmo tempo, exigiu de Jafar a promessa de que nunca usaria de seus direitos de marido junto a Abbasa, já que Barmaki não pertencia à realeza.

Jafar prometeu-o, porém Abbasa, levada por sua adoração, aproveitou-se, certo dia, da ausência de seu irmão e embriagou Jafar, fazendo-o faltar com a promessa feita. Transcorrido algum tempo, deu à luz uma criança. Diz a história que quando Jafar voltou a si, exclamou: "Abasa, tu me aniquilaste e vendeste barato!"

Fadl, o mais generoso dos Barmecidas, foi encarcerado. Yahya foi posto em liberdade, mas preferiu compartilhar da sorte de seu ( filho Fadl, morrendo na prisão no ano 805, três anos antes dele.

Abbasa e seus dois filhos foram assassinados por ordem do Califa e ficou proibido, sob pena de morte, falar com os Barmecidas ou mesmo citá-los. Porém, apesar das ordens do Califa, muitos poetas

tiveram a coragem e a ousadia de cantar a generosidade dessa família e de chorar sua desgraça.

O amor de Jafar e de Abbasa serviu de motivo para muitos escritores europeus, entre eles o francês La Harpe e o alemão Ham-mer, para produzirem suas tragédias sobre os Barmecidas.

Feito este resumo sobre a citada história, podemos continuar nosso relato.

Quando Jafar morreu, Ar-Rachid, como dissemos, ordenou que todo poeta que chorasse ou cantasse a generosidade dos Barmecidas fosse crucificado.

Nessa altura, chegou do deserto distante um beduíno. Ele tinha por costume trazer consigo, todos os anos, um canto poético em homenagem a Jafar e de receber de suas mãos, a título de recompensa, mil dinares. Desta vez, porém, ao chegar à cidade, deram-lhe notícia da desgraça que havia acontecido e indicaram-lhe o local em que seu benfeitor estava sepultado. Chegada a noite, o beduíno reclinou-se sobre a tumba de Jafar e cantou seu poema. Ele chorava... E assim permaneceu algumas horas, até que o cansaço apoderou-se dele e adormeceu. Em sonhos, viu Jafar, que lhe dizia:

— Amigo, tiveste o trabalho de vir e te fiz sofrer nossa desgraça. No entanto, vai até Bássora e pergunta por um comerciante chamado Hasan el Bari, a quem dirás: "Jafar, o Barmakí, te saúda e pede que me dê dez dinares. O sinal será o grão de fava".

O beduíno acordou perplexo diante do sonho que tivera. Não sabia o que fazer: se ir a Bássora ou regressar para sua família. Por fim, optou pela primeira hipótese.

Chegado à cidade, perguntou pelo comerciante, que era bastante conhecido, e, ao encontrar-se com ele, transmitiu-lhe a mensagem verbal de Jafar.

Ouvindo aquelas palavras, Hasan chorou amargamente. Levou, imediatamente, o poeta até sua casa, onde, segundo o costume árabe, fê-lo permanecer por três dias. No momento de fazê-lo partir, entregou-lhe 1.500 dinares, dizendo:

— Aqui tens, amigo, os mil dinares ofertados por Jafar. O resto é gratificação de minha parte. Todos os anos podes vir a mim com uma composição tua e terás a mesma recompensa, que te será dada em nome de Jafar.

Admirado, o poeta pediu:

— Imploro-te, pelo que tens de mais sagrado, que me contes

a estória do grão de fava.

O comerciante meditou durante alguns instantes e disse:

— Escuta, irmão. No começo da minha vida eu era um homem muito pobre. Vendia favas cozidas nas ruas de Bagdá para ganhar o sustento de meus filhos. Num dia chuvoso, saí, como de costume, para o trabalho. Tremia de frio, porque me vestia com farrapos e minha situação era calamitosa. Quando estava em tal estado, fui visto por Jafar, que me localizou da primeira janela do Palácio, e de mim teve pena. Mandou chamar-me por um de seus servos, que a ele me conduziu. E, quando ele me viu pessoalmente, disse: "Vende tuas favas a meus amigos".

Comecei a encher minha combuca de barro e a repartir as favas entre os presentes. Ao recebê-las, todos me enchem a combuca com dinares de ouro. Terminei, assim, o que tinha em minha combuca.

Então, Jafar perguntou-me: "Não tens mais favas?"

Revolvi o fundo da combuca e encontrei só mais um grão, que entreguei a Jafar. Ele o dividiu em dois, tomando para si uma metade e entregando a outra a uma de suas mulheres, perguntando-lhe: "Quanto pagas pela metade desta fava?"

Ela respondeu: "Pago o dobro de todo este ouro reunido".

Disse isto e ordenou que seus servos trouxessem o dinheiro. Atordoad, eu não podia acreditar no que via e ouvia.

Então, Jafar disse: "Pagarei, pela outra metade que me coube, o dobro do total".

E, mandando reunir o dinheiro correspondente, ordenou que um servo me ajudasse a carregá-lo.

O comerciante calou-se durante alguns momentos e concluiu:

— Vim, depois, para Bássora, dedicando-me ao comércio com o dinheiro ganho. Deus me ajudou e prosperei rapidamente. E, mesmo que te dê, todos os anos, 1.500 dinares, eles serão apenas uma parte insignificante dos inúmeros favores que me foram prestados por Jafar, sendo, ao mesmo tempo, algo que nada significa para mim..."

## EL FADL IBEN YAHYA E O BEDUÍNO

El Amashi conta o seguinte:

Certo dia Fadl el Barmakí saiu para caçar. Ao meio-dia, enquanto seus companheiros armavam as tendas de campanha para se protegerem do forte calor do sol, el Fadl observou que, à distância, um beduíno se aproximava montado numa camela.

El Fald disse a seus amigos:

— Aquele beduíno vem na minha direção. Que ninguém lhe dirija a palavra, a não ser eu.

Quando o viajante chegou, viu as tendas armadas e ouviu a algazarra feita pelos presentes. Acreditou, assim, estar na presença do Califa e, apeando de sua camela, aproximou-se dizendo:

— Assalam Alaik! (A Paz seja contigo!) Comendador dos fiéis, que a bênção de Deus desça sobre ti.

— A qualidade da tua saudação é muito elevada, disse-lhe Fadl. "Procura diminuí-la."

— Assalam Alaik, ó príncipe!

— Agora, sim, te achas mais próximo da verdade. Senta-te. O beduíno tomou assento e el Fadl perguntou:

— De onde vens, irmão?

— De Kadaha, senhor.

— Da Kadaha próxima ou da distante?

— Da mais distante.

— Ouve, irmão: qual o motivo de vires de mais de trezentas milhas de distância?

— Senhor, venho em busca dos pais da generosidade e do favor.

— E quem são eles?

— Os Barmecidas.

— Porém, amigo, continuou El Fadl, "os Barmecidas são muitos e há, entre eles, ministros e governantes. Cada um tem seu grau e seu posto. Já escolheste algum deles para o que precisas?"

— Sim, respondeu o Beduíno. "Escolhi o mais generoso e o de maior reputação."

— Quem é ele?

— El Fadl iben Yahya iben Jaled.

El Fadl calou-se por alguns instantes, para dizer logo em seguida:

— Ouve, amigo. El Fadl é um homem que ocupa uma função muito elevada. Nas reuniões que organiza só entram pessoas sábias, literatos, poetas, grandes escritores, juriconsultos, etc. És, por acaso, um sábio?

— Não, senhor.

— Trazes alguma carta de recomendação?

— Também não, senhor.

— És muito presunçoso, amigo beduíno. De que maneira pretendes chegar até ele?

— Por Deus, Emir! Venho em busca dele, porque ouvi falar muito em sua generosidade e em seus favores. Compus uma quadra em sua homenagem.

— Cantemo-la, então, beduíno. Se a acho boa, então poderei dizer-te como encontrá-lo. Mas, se não for, dar-te-ei uma gratificação em dinheiro e assim voltarás para tua família, ainda que teus versos não mereçam nenhuma recompensa.

— Fareis isso, senhor?

— Eu t'o prometo.

— Então, direi o seguinte:

A generosidade tombou, desde Adão, E, gota a gota, Fadl encheu o peito, E se a fome de um filho aflige a mãe, Esta a nutre com o seu nome... e ele fica satisfeito!

— Magníficos versos, os seus! Porém, se El Fadl te dissesse: "Outro poeta chegou antes de ti e elogiou-me com estes mesmos versos, razão pela qual já o gratifiquei. Canta-me outros." Que dirias?

— Nesse caso, eu cantaria estes:

Na hora de morrer e de entregar sua alma,  
Adão pediu que cuidasses de seus filhos;  
Tu cuidaste deles,  
E os conservaste  
E só assim pôde morrer tranquilo.

— Maravilhoso! Mas, se ele até dissesse, como para provar-te que esses versos tinham sido tirados de outro poeta e te mandasse cantar outros. Que dirias tu, em tal situação, e na presença de tantas pessoas te olhando?

— Nesse caso, recitaria estes outros:

De pesar recompensas se cansaram  
Os tesoureiros que anotam,  
Pois enquanto fores vivo a outros não pertencerão  
O nobre e o ideal;  
Pois enquanto fores vivo, não haverá qualquer outro  
Que tenha em seu tesouro  
A tua generosidade.

— Colossal, amigo beduíno! E se ele te dissesse: "Esses versos também são roubados. Quero outros". Que dirias?

— Iriam, então, estes outros:

Se, na hora do favor, disserem: Chama teu pai,  
Ele gritará: "Fadl! Fadl! Fadl!  
Porque em suas mãos são ouro as areias,

Mas para que seja teu  
 Não o permite sua generosidade.

— Soberbo! Supõe, porém, que Fadl repita que são roubados.  
 Que dirias?

— Diria isto:  
 Não há homens diferentes. Todos são iguais.  
 Uns são os que pedem e outros os que dão.  
 De pedintes, como eu, o mundo anda cheio,  
 Porém outro, como tu, não voltaremos a encontrar...

— E se ele quisesse outros versos?

— Cantaria os seguintes:  
 Tu criaste, ó Fadl, os favores  
 E contigo nasceu a generosidade;  
 De Oriente a Ocidente, de Sul a Norte,  
 Em números ímpares ou pares, todos vêm buscar-te.

— Todos os teus versos me agradam, amigo. No entanto, se El Fadl te pedisse para cantar outros versos, sem mencionar nem seu nome, nem seu apelido, que terias a recitar?

O beduíno sentiu naquele momento uma rajada de cólera. E disse:  
 "Por Deus, recitaria versos cujo sentido não poderia ser imaginado por poeta algum, nem árabe, nem estrangeiro. Porém, se depois desses versos, el Fadl quisesse provar-me mais ainda, juntaria as patas de minha camela e as arremessaria na cara dele. E voltaria para minha família sem uma moeda sequer e sem me importar com coisa alguma."

El Fadl inclinou a cabeça, pensativo. Depois, disse:

— Canta-me esses versos, irmão.

— Lá vão eles:  
 Em muitas bocas encontrei reprovada  
 A tua generosidade;  
 E lhes disse: Que importam as reprovações?  
 Que importam elas ao mar ?  
 Criticar El Fadl por ser generoso  
 É como criticar  
 As nuvens por darem origem à chuva.  
 A generosidade  
 Inata, acalma por si mesma,  
 A sede do animal  
 Da terra, do ser humano,  
 Do vegetal.

Ouvindo isso, el Fadl conteve-se por um momento. Depois, soltou estrepitosa gargalhada, dizendo:

— Irmão, beduíno, eu sou El Fadl iben Yahya. Pede o que quiseres.

— És tu, senhor? balbuciou o beduíno, temeroso. "Sê indulgente comigo!"

— Dize-me do que precisas.

— Dez mil dracmas.

— O quê? Estás brincando conosco e contigo mesmo, beduíno. Ser-te-ão dadas dez mil por dez.

Disse isto e ordenou que pagassem ao poeta a quantidade de dinheiro oferecida.

O ministro de Fadl, invejoso do beduíno, objetou:

— Senhor, é despropósito!... Como podeis dar tanto dinheiro a um desgraçado de um beduíno em troca de uns poucos versos que poderiam ter sido roubados de outros poetas árabes?

— O pobre coitado os merece. Não percebes que ele veio da terra de Kadaha?

— Suplico-vos, senhor, pediu o ministro. "Colocai uma flecha em vosso arco e apontai-a para esse beduíno. Se ele se defender com versos, está certo. Porém, se não se defender assim, podereis dar-lhe uma parte e-já será suficiente."

El Fadl tomou, então, de seu arco, nele colocou uma flecha e disse ao beduíno:

— Defende-te com um verso.

Sem perturbar-se, o poeta exclamou:

— Teu arco é a magnificência,  
 Sua corda é a compaixão,  
 Enquanto a caridade é a flecha.  
 Dispara em meu coração,  
 Para que mates minha pobreza!

Satisfeito, El Fadl disse a seu ministro:

— Tens de dar-lhe, agora, outras cem mil dracmas por seus versos e por sua penosa viagem. E cem mais, de teu próprio bolso, para que de mim se afastem as patas de sua camela.

Quando o beduíno recebeu o dinheiro, desandou a chorar.

— Por que choras?" perguntou El Fadl surpreendido. "É pouco o que te demos?"

— Não, senhor. Choro só em pensar que, algum dia, tuas mãos voltarão à terra.

A desgraça  
Não é perder nosso dinheiro;  
A desgraça  
Não é a morte de um cavalo ou de um camelo  
A desgraça  
É que um benfeitor como vós morra  
Causando assim a morte de outros seres  
Que vivem sobre a terra, . .

El Fadl meditou durante alguns momentos e, em seguida, cantou sua famosa composição, que começa com estes versos: "Mais me serve a mão paralítica, Do que tê-la repleta, mas sem dar.

Quando foi que a avareza tornou alguém eterno?  
Quando a generosidade ceifou existências?  
A liberalidade não encurta as vidas,  
Nem a avareza confere imortalidade."

## OMAR IBN EL JATAB E A VIÚVA

Certa noite, como de costume, Omar ibn el Jatab saiu de seu palácio para observar o estado geral de seu povo e a marcha de seu governo, assim como para tomar conhecimento pessoal das necessidades de seus súditos. Acompanhava-o um ministro.

Nos subúrbios da cidade encontraram uma choupana iluminada. Aproximaram-se e ouviram que u'a mãe dizia a seus filhos pequenos:

— Paciência, filhinhos! Já vou servir a comida.

Os meninos continuavam chorando e a mãe continuava a reiterar suas promessas por longo tempo.

Por fim, Omar entrou na choupana e perguntou-lhe, curioso:

— Boa mulher, por que não dás de comer a teus filhos?

— Porque não tenho nada para dar-lhes. Eu os estou enganando com uma panela d'água no fogo, até que o sono chegue e eles durmam.

Omar estremeceu, aproximou-se da panela, destapou-a e viu que, efetivamente, nada mais havia ali senão água e uma poucas pe-drinhas no fundo.

Dirigiu-se, então, à mulher e disse:

— Não deixes que teus filhos durmam até que eu volte.

Disse isto e saiu rapidamente da humilde cabana. Foi ter à Casa de Provisões, colocou sobre o ombro esquerdo um saco de farinha e, na mão direita, carregou um recipiente com manteiga.

O ministro, perplexo, disse-lhe:

— Senhor, deixai-me levar o saco de farinha.

— Não, filho, murmurou Omar, tu não poderás carregar minhas culpas no Dia do Juízo e este saco pesa, hoje, muito menos do que pesaria naquela hora. Ele representa a culpa do meu descuido e da minha negligência.

Omar voltou correndo para a cabana. Ali chegou, suado, e começou a preparar a comida para as infelizes crianças.

Diz a estória que enquanto soprava o lume, varria com suas barbas as próprias cinzas. E, no dia seguinte, passou a sustentar a vida daquela mulher viúva e a de seus filhos.

## O MAIS GENEROSO DOS ÁRABES

Pelo Emir Amin Areslan

Certo dia, Maan, o árabe que mais se celebrizou por sua generosidade, estava sendo perseguido pelo Califa Abou Jaafar e narrou a seguinte aventura:

Estava eu sendo perseguido e buscado encarniçadamente; então me vi obrigado a voltar o rosto para o sol, a fim de ficar irreconhecível pelas queimaduras. Cortei rapidamente a barba e o bigode e, envolvendo-me num grande manto de lã, montei num dromedário para refugiar-me no deserto.

Quando já estava fora das portas da cidade, um árabe negro, que brandia um sabre, vendo que estávamos longe dos guardiães, lançou-se sobre mim, tomou das rédeas da minha cavalgadura, fê-la ajoelhar-se e gritou-me:

— Estás sendo chamado pelo Emir dos Crentes.

— Quem sou para que o Emir me mande chamar?

— Tu és Maan Ben Zaideh.

E eu respondi:

— Ó, desconhecido! Que Alá te perdoe! Como posso ser Maan?

— Por Alá! Eu te conheço tão bem quanto tu mesmo. Então, vendo que nada podia fazer, mostrei-lhe um colar de pérolas, do qual me havia provido, e disse-lhe:

— Já que é assim, eis aqui um tesouro que vale muitas vezes mais a quantidade de dinheiro que o príncipe dos crentes ofereceu

para quem me levasse à sua presença. Toma-o e não sacrifiques o meu sangue, nem a minha vida.

— Deixa-me vê-lo, disse o outro.

Coloquei o colar em suas mãos, ao que ele examinou-o atentamente e, depois, disse:

— Tens razão quanto ao valor, mas não o aceitarei a não ser quando tenhas respondido a uma pergunta. Se me disseres a verdade, deixo-te livre.

— Fala, disse-lhe.

— És tido como o mais generoso dos árabes. Já deste, alguma vez, tua fortuna a alguém?

— Não, respondi.

— Terás dado a metade dela?

— Não, repliquei.

— ■ A terça, a quarta, a quinta ou a décima parte? Tive, então, vergonha e respondi:

— Talvez sim.

— Não creio em ti, respondeu ele. "Por Alá, não sou mais do que um ser miserável e toda a minha fortuna resume-se nos vinte dirhams que recebo mensalmente do Emir dos crentes, além desta jóia que vale dez mil dinares. Pois bem, eu t'a dou de presente e te concedo a vida em virtude de tua belíssima alma, pela generosidade que é conhecida em todo o mundo, a fim de que saibas que existe em toda a Terra um homem mais generoso do que tu, para que não sejas vaidoso e para que não retrocedas, de hoje em diante, face a nenhum ato generoso."

Arrojou-me, em seguida, o colar, soltou as rédeas e afastou-se. Voltei a chamá-lo e disse:

— Por Alá, queres desonrar-me e, por isso, mil vezes prefiro a morte. Toma o colar. Não preciso dele.

E ele respondeu-me:

— Acreditaste que poderias desmentir-me, mas — por Alá! — que não voltarias a ter de novo o colar. Jamais, no entanto, eu receberia pagamento por uma boa obra.

E o árabe foi-se embora pelos caminhos de Alá. Quando caí, novamente, nas graças do Califa, procurei encontrá-lo por todos os lugares. Prometi, mesmo, verdadeira fortuna a quem o encontrasse, porém, tudo foi em vão, porque dele nunca mais tive notícia alguma.

## A INDULGÊNCIA DE MAAN IBN ZAIDA

Maan Ibn Zaida era príncipe e governador do Iraque. Sua generosidade e indulgência o tinham feito famoso e como nada, nem ninguém, era capaz de produzir-lhe cólera ou desgosto, tornou-se provérbio popular a seguinte frase: "Ninguém é mais indulgente do que Maan".

Certo dia, estando vários poetas juntos, rememoravam eles certos rumores sobre o Emir governante, ao mesmo tempo em que teciam considerações sobre o tão conhecido provérbio.

Um dos presentes disse:

— Eu posso fazê-lo ficar com raiva.

— Apostamos cinquenta camelos como nada vais conseguir.

— Aceito.

Imediatamente, dirigiu-se a sua casa. Tomou de um couro recém-tirado de camelo envolveu-se nele e fez para si um par de sapatos, tendo o máximo cuidado para que, tanto o manto, quanto o calçado, fossem agradáveis às moscas, deixando portanto a parte interna da pele voltada para fora.

Chegou ao palácio do Maan e, uma vez em sua presença, sentou-se, descaradamente, estendendo os pés em direção ao príncipe. Enquanto assim procedia, cantava os seguintes versos com total ausência de vergonha:

— Eu juro, por Alá, que nunca saúdo

A Maan, que é o assim chamado Emir.

— Amigo, respondeu o soberano, a saudação pertence a Deus. Se nos saúdas, também te saudaremos. Se não saúdas, não te culpamos de nada.

Fracassada a primeira tentativa, o poeta continuou:

— Recordas-te de que teus sapatos eram de couro de camelo  
E que de um couro de cabra fazias a tua colcha?

— Sim, eu o recordo perfeitamente.

— E que com um pedaço de pau, única arma em tua mão,  
Te defendias do ladrar dos cachorros?

— Jamais o esqueci.

— E quando dormias, sem colchão, durante a noite  
E tiritavas de frio?

— Sim, amigo, aquilo foi terrível.

— Bendito seja Deus que te deu um reino  
E ensinou-te a sentar no trono.

— Tens razão. Bendito seja Ele em todos os lugares e tempos.

— Bendito seja aquele que te fez governante, Infeliz filho de uma miserável.

— Filhinho, não estavas presente naquele instante, junto com minha mãe.

— Penso em fugir para muito longe, a fim de não ver-te Ainda que a fome me mate no meio do caminho.

— Se essa é a tua vontade, desejamos, de coração, que faças boa viagem.

— Bastardo! Terei meios de fazer essa viagem? Será preciso que me dê algum dinheiro.

Maan, então, ordenou:

— Dêem-lhe mil dinares, a fim de que possa viajar.

— Mil dinares? Para que servirão eles, ó mesquinho, Pois quero mais daquele que é tido por generoso.

— Dêem-lhe, então, outros mil dinares.

O poeta não soube mais o que dizer. Vencido e envergonhado, ajoelhou-se diante de Maan, beijou o chão em sinal de humildade e disse:

— Que Alá longe de todo Mal sempre conserve A tua vida, ó Maan, pois não há outro igual a ti. O Emir, então, disse em seguida:

— Amigo, se pelos insultos te demos dois mil dinares, dar-te-emos quatro mil pelos elogios.

— Dar-me-ás também os cinquenta camelos que perdi na oposta que fiz?

Surpreso, Ibn Zaida perguntou:

— Que estória é essa de camelos? Não entendo.

E quando o poeta relatou o trato feito com seus companheiros, Maan, sorridente, exclamou:

— Pois seja! Também te daremos os cinquenta camelos.

### MAAN E SEUS PRISIONEIRO

Certo dia alguns revolucionários caíram nas mãos de Maan Ibn Zaida e foram condenados à morte.

Um deles gritou:

— Que Deus ajude o Emir! No entanto, pedimos que não reúnas sobre nós a sede, a fome e, depois, a morte. A generosidade do Emir não poderia permitir tal ignomínia.

— Tendes razão, disse Maan. E ordenou que lhes fosse dado de beber e comer.

Os prisioneiros comeram e beberam, enquanto Maan os contemplava, e, quando eles terminaram, um preso disse: <sup>1</sup> — Ó, príncipe, que Deus prolongue a tua vida! Antes éramos teus prisioneiros, mas agora somos teus hóspedes, porque comemos ; do teu pão e do teu sal. Pensa, agora, de que modo deves tratar os teus hóspedes.

Maan meditou por alguns instantes e logo disse:

— Já vos perdoei a vida.

— Por Alá, disse um deles, teu perdão é muito mais sublime do que o triunfo sobre nós. De hoje em diante seremos teus mais fiéis servidores.

### O POETA QUE DESOBEDECEU AS ORDENS DO CALIFA

Conta o chefe dos gendarmes de El Mamum o seguinte: Certa noite o Califa me chamou e disse:

— Vai com três gendarmes aos palácios em ruínas dos Barmecidas e prende um poeta velho que, durante a noite, fica a lamentar e a chorar a sorte daquela gente. Se o encontrares, traze-o à minha presença.

Obedeci à ordem de meu senhor. A noite era escura e, de fato, ao chegar perto das ruínas, que todavia ainda falavam da antiga glória dos Barmecidas, encontrei um rapaz em companhia de um velho, os quais, chegando perto de uma parede, detiveram-se e o velho começou a recitar esta poesia:

E quando vi desaparecer o generoso,

E vi o inocente ser assassinado,

Disse a meu coração, desesperado:

Agora não vejo na vida nada formoso.

O poeta continuou recitando outros versos e nós o escutávamos, contagiados pela sua tristeza. Quando ele terminou, aproximei-me e disse-lhe:

— Estás sendo chamado pelo Emir dos Crentes.

O homem a princípio estremeceu, mas logo serenou e disse:

— Peço-vos um favor. Deixai-me escrever meu testamento, por que não espero ficar vivo depois desta chamada.

Em seguida, ele conduziu-nos a uma tenda, pediu papel, tinta e caneta e escreveu algumas linhas, após o que dobrou o papel e en-

tregou-o ao rapaz que o acompanhava. Saímos e fomos diretamente à presença do Califa, que, ao vê-lo, perguntou:

— Quem és tu? Que obséquio te prestaram os Barmecidas para que desobedeças nossas ordens e fiques a chorar entre as ruínas da casa que foi deles?

O ancião respondeu:

— ò, Comendador dos fiéis! Devo aos Barmecidas um favor que nenhum homem poderia pagar.

— E podemos saber que favor foi esse?, respondeu o Califa.

— Senhor, eu sou Almunzer Ibn el Maguira. Sou filho de reis. Perdi todos os meus bens e quando as dívidas me aprisionaram vendi, por necessidade, até mesmo o palácio aonde nasci e aonde nasceram meus pais. Um dia, então, meus parentes aconselharam-me a falar com os Barmecidas. Saí de Damasco em companhia de trinta pessoas de minha família e, chegando em Bagdá, nada mais tinha mos para vender a fim de matar a nossa fome. Deixei para trás meus parentes famintos e fui em busca dos Barmecidas. Com perguntas e andanças acabei conduzido à mesquita que se encontra perto do Palácio de Yahya ibn Jaled. Entrei na mesquita e ali encontrei Yahyah orando.

Quando ele terminou, convidou todos os presentes a entrarem nos jardins do palácio, onde se encontravam seus dez filhos, acompanhados de um grande número de serviços. Vi, então, que seus pagens se aproximavam e que na mão de cada um deles havia um prato contendo dinheiro. Os presentes, um a um, esvaziavam o prato em seus bolsos, guardavam o prato e saíam do jardim.

Fiquei só, a um canto, sem atrever-me a estender a mão para receber o donativo. Um servo lançou-me um olhar de bondade e, então, ainda que me tremessem as mãos, tomei do prato e do dinheiro. Dirigi-me à porta de saída e, a cada segundo, olhava para trás, como quem teme ser perseguido. Yahyah, porém, que me observava naquele momento, disse a um dos pagens:

— Traze-me aquele homem.

Uma vez em sua presença, ele perguntou com doçura:

— Por que ficas olhando à direita e à esquerda?

Contei-lhe, então, toda a minha história, do princípio ao fim, e expus-lhe o estado em que se encontrava minha família.

— Moisés!, gritou ele, chamando um de seus filhos.

Este aproximou-se e o pai disse:

— Meu filho, este homem é um forasteiro. Leva-o para nossa casa e faz com ele o que ditar a tua generosidade.

Moisés conduziu-me até sua casa e passei todo aquele dia e a noite em completa opulência. Porém, no dia seguinte, ao invés de mandar-me embora, ele entregou-me a seu irmão Alabbas, dizendo:

— O ministro encarregou-me de amparar este homem, mas como hoje estarei ocupado com o Califa, recebe-o em meu nome e cumpre o teu dever.

No outro dia, Alabbas entregou-me a seu outro irmão Ahmed e este a Jafar e assim sucessivamente durante dez dias. Foram vãos os meus protestos e as minhas súplicas para que me deixassem livre, a fim de procurar minha família que de nada sabia.

No décimo primeiro dia um lacaio apresentou-se a mim e disse:

— Agora já podes ir em busca dos teus.

Eu chorava, em meu coração, porque já não tinha nem dinheiro, nem prato e nem me atrevia a reclamá-los. O lacaio conduziu-me ao jardim e fez-me entrar num aposento, dizendo:

— Senhor, podeis dizer-me quais vossas necessidades, pois estou autorizado a satisfazê-las.

Enquanto assim falava, conduziu-me de uma porta a outra, até que chegamos diante de uma que se abriu e pela qual entramos. Ele levantou, então, uma cortina e minha surpresa não teve limites quando vi todos os meus parentes num salão de luxo fantástico, todos eles alegres e sadios.

Em seguida me foram dados dez mil dinares, bem como fazendas, nas quais vivi com minha gente durante treze anos. Já ninguém sabia se eu era um dos Barmecidas ou alguém completamente estranho a eles.

Quando, no entanto, os Barmecidas caíram em desgraça, Omar Ibn Mashada surgiu e obrigou-me a pagar pelas fazendas um imposto dez vezes maior do que aquilo que elas produziam, coisa que me arruinou completamente. É por esta razão que venho chorar, todas as noites, o infortúnio dessa família e rememorar sua generosidade.

Quando El Mamum ouviu essa estória, mandou chamar Omar Ibn Mashada e ordenou-lhe:

— Devolve tudo que cobraste deste homem e que tudo fique para ele e para seus herdeiros depois de sua morte.

Antes mesmo que o Califa tivesse terminado de falar, o poeta explodiu em pranto.

Perplexo, El Mamum perguntou:

— Homem, que se passa contigo? Devolvi-te tudo e ainda choras? Que significa isso?

— Senhor, respondeu o interpelado, também esse favor eu o devo aos Barmecidas, porque, se eu não tivesse vindo chorar naque las ruínas, não teria tido a honra de ser conduzido ao Emir dos Fiéis, nem tampouco teria sido alvo de seus favores.

Quando El Mamum ouviu isto, as lágrimas invadiram seus olhos e, com um tom triste, disse:

— Por minha vida, este é, efetivamente, um outro favor dos Bar mecidas. Na verdade, eles merecem ser pranteados, pensados, elo giados e recordados.

## UM GALANTEIO REAL

### Pelo Emir Amin Areslan

Contam — e Alá o deve saber bem melhor — que, certo dia, o Califa subiu ao terraço de seu palácio, a fim de distrair os olhos e pacificar seu coração. Pôde ver dali, no pátio de uma casa vizinha, uma mulher cuja beleza ele não se lembrava de ter visto maior noutra parte.

— Quem é aquela mulher?, perguntou ele a um dos que com punham o seu séquito.

— É de vosso servidor Feiruz.

O Califa ficou pensativo. Depois de alguns instantes voltou a entrar no palácio com o coração agoniado pelo feitiço daquela mulher. Em seguida, mandou chamar o marido e disse-lhe:

— Feiruz, aqui tens uma carta que debes levar imediatamente ao governador de Basra. Traze-me a resposta.

Feiruz beijou o chão, levando em suas mãos a mensagem real e, em sinal de obediência, pôs-se logo a caminho para executar a ordem de seu senhor. Quando o soube já fora da cidade, o Califa disfarçou e saiu sozinho de seu palácio em direção à humilde casa do servidor Feiruz. Bateu levemente na porta e, em seguida, ouviu uma voz:

— Quem bate?

— Abre, respondeu o Califa. Sou o senhor de teu marido.

A mulher apressou-se em abrir a porta e, quando o Califa entrou, disse:

— Como é possível que nosso amo e senhor se haja dignado entrar nesta pobre casa indigna de recebê-lo?

— Vim fazer-te uma visita, respondeu o Califa.

— Que Alá me guarde desta visita, que nada anuncia de bom para mim!

— Como te atreves a falar deste modo a teu soberano e senhor? Quisera crer que não me reconheceste?

— Pelo contrário, senhor, vos reconheci muito bem e até adi vinho a razão que vos trouxe até aqui. Os leões recusam-se a beber aonde os cachorros beberam e o nobre prefere passar fome a com partilhar da comida dos miseráveis.

Diante dessas palavras, o Califa sentiu tanta vergonha que lhe pareceu a alma estar saindo do corpo. Voltou precipitadamente a seu palácio, esquecendo no entanto o próprio manto na pobre vivenda.

Assim aconteceu com o Califa.

O marido, porém, estando já fora da cidade, recordou-se de que não havia feito uma recomendação urgente à sua mulher, razão pela qual voltou para casa. Ao bater à porta, viu aquilo que o Califa havia esquecido e seu rosto mudou de cor. Compreendeu, imediatamente, que o Califa havia tido suas razões para encarregá-lo com tanta pressa daquela missão. Como, porém, era homem de boas maneiras, julgou prudente não dizer nada nem a sua mulher, nem a ninguém. E pôs-se, novamente, a caminho, a fim de cumprir a ordem de seu amo e senhor.

Quando estava de volta, foi por ele gratificado com uma boa soma em dinheiro, o que Feiruz agradeceu. Foi imediatamente a um bazar, a fim de comprar presentes e coisas que sabia serem do agrado de sua mulher. Em seguida, voltou para casa.

Ao vê-lo de volta, sua esposa muito se alegrou e Feiruz, depois de mostrar-lhe os presentes, disse:

— O Califa nos há cumulado de favores e é justo que tua família também possa gozar dessa felicidade conosco.

A mulher respondeu com carinho e, obedecendo, foi à casa de seus pais, levando consigo os presentes. Um mês passou-se sem que o marido fosse vê-la, fato que, observado por seu sogro, fez com que este fosse em busca de Feiruz, a fim de dizer-lhe:

— Feiruz, debes explicar-nos o motivo de tua estranha condu ta, pois, em caso contrário, deverás acompanhar-me até a presença do Califa, para que o cadi nos julgue em sua presença, caso não queiras levar de volta tua mulher e dar-nos as satisfações devidas.

Feiruz respondeu com simplicidade:

— Minha mulher não pode ter queixas de mim. Nunca lhe dei motivo. Vamos à presença do Califa.

Quando chegou o dia da audiência, Feiruz e seu sogro apresentaram-se diante do soberano e fizeram a seguinte exposição:

— Que Alá conserve nosso amo e senhor, ó Califa! Juiz dos juizes, eis aqui o que, em breves palavras, aconteceu e que nos obriga a comparecer à tua presença, implorando justiça. Dei a este homem um jardim cujo muro de defesa estava intacto, com um poço de límpidas águas, solidamente construído e provido de muitas árvores frutíferas. Depois de haver-se deleitado com as frutas e bebido da quela água, ele tapou o poço, destruiu o muro e pretende, agora, de volver-me o jardim nesse estado.

O juiz, dirigindo-se a Feiruz, disse-lhe:

— Que tens a dizer em tua defesa?

— ó íntegro e digno juiz! respondeu Feiruz. "Não foi por decepção que quis devolver-lhe o jardim em pauta. A razão é muito mais séria e muito mais grave, pois, um dia, ao voltar de repente para casa, vi os rastros deixados por um leão. Tive, então, medo de encontrar-me algum dia com ele e de cair em suas garras. Foi esta a razão da minha renúncia."

O Califa, que escutava encostado num divã, compreendeu aquela alusão figurada e ao réu se dirigiu, então, nos seguintes termos:

— Feiruz, volta a teu jardim tranquilo e que a paz viva em tua alma. Com efeito, o leão entrou ali, certo dia, mas — por Alá! — não fez nenhum estrago e nem sequer pôde tocar numa única folha das árvores, dali se retirando imediatamente, sem deixar rastro algum. Por Alá, jamais foi visto outro jardim tão solidamente cercado ou melhor defendido do que aquele!

Diante dessas palavras, o coração de Feiruz ficou repleto de alegria e ventura. Agradeceu ao Califa e voltou para sua casa juntamente com sua esposa. E nem o cadí, nem ninguém jamais soube do assunto que foi tratado naquele singular julgamento.

#### Quarta Parte

### O LIVRO DAS MIL E UMA NOITES E SEUS MISTÉRIOS

## PRÓLOGO

O livro das "Mil e Uma Noites" é um livro iniciático por excelência. Pareço já estar ouvindo as exclamações de surpresa e a chuva de perguntas dos leitores: "Chamas de livro iniciático a uma confusa coleção de velhos contos para crianças?" "Livro iniciático, um livro capaz de enrubescer o mais mundano dos homens com rudezas e liberdades que ao sexo e só ao sexo se referem?"

Pois bem, assim é, porque as "Mil e Uma Noites" encerram a mais profunda revelação moral.

De início e antes de tudo devemos compreender que a "moral dos árabes", dos árabes primitivos, chamava as coisas pelos seus nomes e nunca condenava o que era natural. Tampouco a simples expressão do natural era taxada de licenciosa. A literatura árabe ignora totalmente esse produto odioso da velhice espiritual que denominamos de intenção pornográfica. Ela, de todo coração, acha graça dessas coisas, tal como riria um cirurgião aonde um puritano gemesse de escândalo...

O árabe, diante de uma melodia extraída de bambus e flautas, ante um lamento do alaúde, um canto de Moazin, um poema, uma dança, não responde com esse gesto bárbaro e desarmônico, vestígio indiscutível das raças ancestrais antropófagas, que dançavam em torno da vítima, cuja imagem a Europa transformou num lema de alegria burguesa... O árabe responde com uma exclamação de prazer: "Ah!". Um "Ah!" longo, sabiamente modulado e estático, porque o árabe é um instintivo, parco de palavras, que só sabe sonhar. ..

Contudo, diremos àqueles que se escandalizam com a rudeza dos contos das "Mil e Uma Noites" que na Bíblia existem coisas piores do que ali, como as estórias de Lot, Tamar, Ruth, Judite, etc. Poderíamos, no entanto, enfatizar que a imoralidade não está tanto nas coisas chamadas imorais, mas nos olhos pecadores daqueles

que, com repreensível deleite, as observam. Os contos da "Mil e Uma Noites" não passam de sublimes ensinamentos situados acima das religiões vulgares e da enfatuada ciência contemporânea, como haveremos de demonstrar através dos comentários que apresentaremos a seguir.

Muitos séculos lançaram seus véus sobre o grande livro das "Mil e Uma Noites", já sendo tempo de revelar os segredos que ele encerra.

Na qualidade de reveladores do que jaz oculto e perdido, devemos afirmar que o pensamento não tem sexo. A alma humana, tampouco. É o verdadeiro amor que conduz à santa união entre o homem e a mulher, a fim de que ambos venham a constituir esse conceito social chamado família. Tal amor não é genuinamente sexual em seu princípio, porém algo mais puro, pois tem início através da simpatia e do fantástico desejo de atingir alturas verdadeiramente excelsas, terminando em lógica união física, o que só acontece por mera lei natural, como quando a neve se transforma em água, esta passa ao lodo e desse lodo fecundo, enfim, brotam as rosas. Acaso quando o brilhante astro-rei eleva-se nos céus, não é isto mais evidente quando ele parece estar mais e mais sepultado nas ondas do próprio lago?

Todos se equivocam quando afirmam que "as Mil e Uma Noites são a grande obra imaginativa dos cientistas árabes", pois ela é uma obra iniciática por excelência da raça árabe, dos ARAB, pais arianos ou pais-sol, devendo tal obra ser conhecida muito mais por seu espírito, do que por sua letra morta, pois, como afirmou o Grande Iniciado, "a letra mata, mas o espírito vivifica". Esse livro é um receptáculo de todas as formas do árabe, desde as mais antigas, até as mais recentes.

Os autores nos conduzem até o século X ou IX, em excursão retrospectiva, para encontrar na citada época as origens desse grande livro. No entanto, aqueles que se deram ao trabalho de meditar um pouco sobre o assunto, verificaram que esse livro é parente muito próximo de outras obras-primas: o "Hitopadesa", em sânscrito, que significa "instrução proveitosa", e o Livro de Calila e Dymma.

Os véus da obra começam em seu próprio título, composto pelo hieróglifo "Mil e Uma" e de um nome simbólico ("noite"), equivalente à ocultação ou véu, sendo o mencionado hieróglifo, em si mesmo, uma chave mais antiga e preciosa do que qualquer outra. "Mil e Uma", em simbologia numérica, e com pequena transformação, converte-se no TAU, no Caduceu de Mercúrio, na Serpente do Éden

e na de Moisés no deserto, ou seja, a serpente boa ou a serpente má. Desta forma, as "Mil e Uma Noites" equivalem ao Véu de Isis, ou seja, ao "Livro em que certas verdades iniciáticas jazem ocultas".

Concordando com essas afirmações, verificamos que, em meio aos fantásticos desatinos encontrados nas "Mil e Uma Noites", deparamos com muitas verdades. A Odisseia de Homero, aparentemente, suplanta em falta de sentido comum a todos os mencionados contos juntos e, no entanto, está comprovado que em muitos de seus supostos mitos deixa de funcionar a imaginação criadora do autor, eis que, como afirmou Platão, "os mitos são vestimentas poéticas a envolver grandes verdades bastante dignas de serem meditadas".

Antes de tudo e para podermos compreender o mistério do grande livro das "Mil e Uma Noites", devemos saber a quem dirigir nossa explicação, porque todo livro, em si, está composto de duas partes: a letra e o espírito, nem mais, nem menos do que a própria Humanidade que se compõe, também, de duas categorias — a materialista e a espiritualista.

Para os materialistas, diremos apenas isto: continuai, senhores, com a letra morta e fazei pouco daquelas fantasias absurdas dos árabes que falam com as ninfas, as fadas, os duendes e Afrites e nos respondam, logo em seguida, com toda a autoridade, que isso apenas prova que aqueles contos são "sonhos da imaginação, combinados de forma tão feliz que gozam do inegável privilégio de suggestionar com sua Beleza os adultos e as crianças".

Para os espiritualistas, porém, usaremos doutra linguagem, que é a seguinte: As origens do livro estão, hoje, muito obscuras, por ser ele um repositório de verdades tradicionais oriundas de uma era mais feliz em que os homens falavam com Deus e com os espíritos da Natureza.

Por outro lado, verificamos que a sempre ativa e criadora imaginação do homem é confundida por alguns cegos de espírito com a tresloucada fantasia e, desse modo, "as elevadíssimas verdades dos antigos não passam de preciosas estórias para crianças"...

Quem ainda não se lembra da lenda de Aladim? Seu próprio nome nos fornece uma chave. Aladim significa "o sublime da religião" (A religião de Alá) ou o que é equivalente a "espírito da religião". Com efeito, um ser puro, uma criança (um neófito, como o chamariam em linguagem iniciática, quando se começa a percorrer a Senda), filho de um alfaiate, vem a conhecer um feiticeiro (homem que ambiciona o poder) que procura utilizá-lo para roubar certa Lâmpada Maravilhosa (a lâmpada do conhecimento iniciático) que

se encontra escondida numa gruta existente em longínquas montanhas. Chegados ao lugar, após penosa viagem, o menino, graças às virtudes do anel do mago, consegue içar uma enorme lousa branca e penetra os subterrâneos (ou na senda, como a chamam os iniciados, onde o estudante se vê rodeado por mil prodígios pertencentes ao mundo do espírito, o que lhe dá a impressão de um verdadeiro Paraíso). Ali ele vê o "pássaro que fala" (tal como viu e ouviu o Siegfried de Wagner, sob a tília, a "fonte que jorra ouro" e a "árvore que canta", tentações comuns a todos que caminham pela Senda da Iniciação). Chegou ao objetivo, enfim, e roubou a lâmpada maravilhosa e, através dela (ou seja, através da sabedoria iniciática interna), conheceu as intenções perversas do feiticeiro, que o deixa encerrado no subterrâneo, embora Aladim, graças à Lâmpada do Saber Interno e ao anel de poder, consiga, por meios mágicos, quantas riquezas lhe apeteçam nesse mundo.

Chegados a este ponto, não nos vêm à memória as palavras do divino Mestre Jesus, quando afirmou, no Evangelho, que "devemos tão somente buscar o Reino de Deus e Sua justiça (O Reino Interno) e tudo o mais nos será dado por acréscimo?"

Assim, conto após conto, no grande livro, vão aparecendo nomes de fadas e seus jardins encantados, seus tesouros inauditos e a perfeita libertação deste nosso triste cárcere de matéria física, impenetrável para nós, como corpo, mas perfeitamente desvendável pelos iniciados que alcançaram a libertação.

Glória, pois, a quem guarde a lição dos primeiros como relatos dedicados aos segundos, porque esses relatos são histórias para o bem do mundo e não aquelas fábulas cheias de fantasias para a desgraça da humanidade, cujos efeitos padecemos desde Heródoto até nossos dias.

As fábulas das "Mil e Uma Noites" são o tronco místico-religioso de todas as Escrituras Sagradas, prodigiosas fábulas em suas ficções e parábolas com valor de ciência no que contêm de moral e de ensinamento interno esotérico, conhecimentos que foram, inicialmente, velados sob o nome de certos personagens como Jeová, Adão, Noé, Abraão, Sara, etc, mas cujas letras formadoras não são senão valores geométricos de relações secretas entre esses números e essas letras. Esses nomes, posteriormente, voltaram a ser velados, o que transformou-os em personagens de uma admirável e saborosa fábula.

Para aqueles que duvidam de nossas palavras, convidamo-los a penetrar as páginas deste livro, a fim de que vejam, desde a pró-

pria introdução, surgir a trama de uma interessantíssima história oculta pelas roupagens da fábula, roupagem essa que, devidamente rasgada, deixará vislumbrar facilmente, através dela, a verdade desnuda ou um sol livre de nuvens.

(O Véu de Isis) Mário Roso de Luna.

## Capítulo I

### INTRODUÇÃO

Encontramos, a partir da Introdução das "Mil e Uma Noites", o princípio dos mistérios iniciáticos, cabendo-nos agora segui-los. Assim começa a narrativa:

Contam as crônicas dos Sasanios que um dos mais poderosos reis da Pérsia tinha dois filhos de imenso mérito: Shahariar e Shah-zeman. Shahariar, o primogénito, subiu ao trono após a morte de seu pai e, a fim de dar um prémio às virtudes de seu irmão Shaheza-man, conferiu-lhe o reino da Grande Tartária, que tinha Samarcanda por capital.

Para decifrar este primeiro mistério devemos decifrar o significado desses nomes. Que significam Shahezaman e Shahariar?

Shahezaman significa "rei" ou "dono do século ou do tempo", enquanto Shahariar equivale a "Senhor" ou "Dono da Cidade ou dos Homens".

Vemos, assim, que os dois irmãos são protótipos da humanidade, uma visível e outra invisível, ou seja, do homem subjetivo e do homem objetivo. O homem objetivo, atrofiando em si mesmo o terceiro olho, afastou-se muito de seu irmão subjetivo.

Passados muitos anos, cada um dos irmãos desejava ardentemente voltar a abraçar o outro, fato que fez com que Shahezaman se dispusesse a fazer, com a maior alegria, essa viagem. Despediu-se, portanto, da rainha e saiu para incorporar-se à sua comitiva. No entanto, chegada a noite, dele apoderou-se um desejo enorme de voltar, a fim de abraçar de novo a rainha, a qual havia recebido em seu leito, durante sua ausência, um de seus últimos dependentes. Sem saber controlar sua ira, ele sacou de uma espada, degolou os culpados e arremessou seus corpos pela janela.

Em seguida, o rei Shahezaman reiniciou sua viagem até chegar à Pérsia, onde seu irmão o recebeu com muito carinho. Estava, no entanto, muito triste, fato que preocupou a todos. Não tardou muito para que Shahezaman viesse a saber o suficiente de sua cunhada para concluir que seu irmão era tão desgraçado quanto ele. Então disse: "Este é, sem dúvida, o destino de não poucos maridos e o sultão, meu irmão, não conseguiu furtar-se dele." Desde aquele momento, então, ele deixou de afligir-se e recobrou seu bom-humor.

(Podemos, neste ponto, recordar a estória de Adão e Eva. Eva, como mulher, na qualidade de natureza passiva do homem, comeu do fruto proibido e, segundo aqueles que interpretam o símbolo pela letra morta, foi a causa da desgraça do primeiro homem.)

Depois de muitas perguntas feitas por Shahariar e muitas hesitações por parte de Shahezaman, este último terminou por contar a seu irmão tudo que havia acontecido. O sultão, por sua vez, também degolou sua esposa e ambos, disfarçados, iniciaram viagem juntos, quando encontraram um gênio que transportava uma caixa dentro da qual estava encerrada uma mulher de prodigiosa formosura. Tal mulher, enquanto o gênio dormia, chamou um dos irmãos, despojou-o de seus anéis, como havia feito com 98 amantes anteriores, que do mesmo modo havia enganado, apesar da estreita vigilância do gênio, que a mantinha encerrada naquela caixa e oculta no próprio fundo do mar.

— Percebam, disse a dama, afastando-se, que quando a mulher (ou natureza passiva do homem) forma um mau desejo, ninguém pode impedir-lhe a execução.

Quando os irmãos perceberam que o gênio era mais desgraçado do que os dois juntos, resolveram voltar a seus reinos.

Shahariar, porém, para impedir ulteriores infidelidades de sua nova esposa, resolveu casar-se, a cada dia, com uma e afogá-la no dia subsequente. Foram, assim, imoladas milhares de jovens que haviam compartilhado apenas por uma noite o leito régio e ninguém conseguia ver de que modo se poderia pôr cobro a essa calamidade nacional.

Neste instante, podemos recordar os formosos versículos da Bíblia que dizem: "E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E ela respondeu: A serpente me enganou e eu comi. E disse o Senhor à serpente: Colocarei inimizades entre ti e a mulher e entre sua linhagem. Ela esmagará tua cabeça e procurarás armar ciladas em seus calcanhares."

Aquela natureza passional que foi tentada por suas paixões e que foi a causa da queda do homem é a mesma que deverá esmagar a cabeça da serpente ou do desejo para salvar o mundo.

Vejam, agora, de que forma tudo isto se processa.

O ministro do sultão, executor de tais ordens, tinha duas filhas. A mais velha chamava-se Sheherazade e a mais nova tinha o nome de Dinazarda. Esta última era uma moça de grande mérito, porém a primeira gozava de um extraordinário talento bastante superior ao seu sexo, além de uma formosura **ultra-humana**. Dominava os segredos da Filosofia, das ciências e das artes, além de possuir uma virtude que se revelava firme a toda prova. Certo dia, essa moça disse ao ministro:

— Papai, suplico-te, encarecidamente, que me concedas a graça que vou pedir-te.

— Qualquer que ela seja, já a tens de antemão concedida, con tanto que seja justa, respondeu o pai.

— Mais justa não poderia ser. Decidi acabar para sempre com as barbaridades do sultão e salvar milhares de jovens do triste destino que as ameaça. Suplico-te, portanto, que procures o sultão e que lhe peças a honra de eu poder partilhar do seu leito.

O vizir ficou horrorizado com a proposta de sua filha e respondeu:

— Perdeste o juízo, minha filha? Acaso ignoras que o sultão jurou imolar, no dia seguinte, aquela com a qual ele, a cada noite, desposa?

— Sei de tudo isso, replicou Sheherazade. "Conheço o perigo que corro, porém nada me espanta. Se morrer, minha morte será gloriosa; se vencer, prestarei a meu povo o maior dos serviços."

Muito lutou o pai contra as ideias da filha, mas a sabedoria desta última acabou vencendo e, finalmente, o vizir foi pessoalmente oferecer sua filha ao sultão, que ficou espantado ante o sacrifício oferecido por seu súdito.

Chegada a hora, o pai conduziu Sheherazade ao palácio, porém, a pedido desta, também levou consigo Dinazarda.

O sultão ficou encantado com sua nova esposa, mas, ao notar que chorava, perguntou-lhe a razão, ao que a formosa jovem respondeu:

— Senhor, tenho uma irmã a quem amo com ternura e desejava que ela passasse a noite em nosso aposento, a fim de que eu possa dar-lhe o último adeus.

O sultão concordou. No entanto, uma hora antes do amanhecer (hora da iniciação), a pequena Dinazarda, seguindo instruções de sua irmã mais velha, acordou-a dizendo:

— Minha muito querida irmã, caso não estejas dormindo, suplico-te que, antes do amanhecer, me contes uma daquelas histórias que sabes. Talvez essa seja — ai! — a última vez que a escuto e também a última em que ouvirei tua amada voz.

— Senhor, suplicou Sheherazade ao sultão, dar-me-ias a dita de poder satisfazer minha irmã em seu inocente pedido?

— Com muito prazer, respondeu o sultão.

Sheherazade começou, então, sua espantosa narrativa, assombro dos séculos passados e futuros, que a nós chegou sob o título de "AS MIL E UMA NOITES", ou seja, um livro que encerra os mais elevados mistérios iniciáticos.

Nesta introdução do divino livro, observamos que os reis representam o homem objetivo e subjetivo ou, ainda, as partes da humanidade que repartem o comando do planeta.

Observamos, desse modo, que a humanidade sofredora, diariamente sacrificada pelas potências do Mal, que hoje são senhoras da Terra, só poderia salvar-se de seu triste destino, que é a morte moral e física, pelo exercício dos poderes mentais redentores, a saber: o da Mente Inferior, discursiva e racionalizante, que nos conferiu a Ciência como elemento essencial para todas as nossas emancipações. Tal mente está representada pela imaginação criadora da sábia Sheherazade, enquanto a Mente Superior, pura e intuitiva a do gênio do homem, disposta sempre a atingir as verdades elevadas, tal como estava Dinazarda, através do eterno velar do inconsciente humano a partir de seu augusto trono de mistério, é a "voz interior e divina", a voz de Cristo no homem, como diria São Paulo.

Assim, graças à prodigiosa e proverbial missão da mulher, processa-se a redenção da humanidade. A mulher (ou a mente) esmaga a cabeça do dragão e da serpente através de seu sacrifício altruísta, como disse Buiwer Litton no seu "Zanoni", só podendo redimir-se aquele que se sacrifica.

Tal é o significado da Introdução das "MIL E UMA NOITES": que a redenção é a origem comum da primitiva Religião da Natureza. É o grande drama da humanidade sobre a Terra, representado simbolicamente pelas duas forças encerradas no homem: a positiva e a negativa. Ou, como outros dizem, o Bem e o Mal.

## Capítulo II

### (A primeira narrativa das MIL E UMA NOITES)

#### HISTÓRIA DO COMERCIANTE EL EFRIT E OS TRÊS VELHOS CHEIQUES

Vimos, na Introdução, que o problema do sexo surge como o causador da queda da humanidade. Também vimos que, por força dessa queda, a humanidade padece da mesma desgraça dessas duas rainhas, ou seja, a morte.

O sexo, como vimos anteriormente, representado pelo Caduceu de Mercúrio, pela cifra 1001 ou pelas duas serpentes que regem o mundo, são necessárias, uma e outra dentro de seus respectivos papéis, ou seja, a força-inércia, de queda, de dor, do mal, da negação, das trevas, da destruição, representada pelo sultão Shahariar, e a força do progresso, da redenção, do Bem, da felicidade, da Criação, da Luz, representada por Sheherazade.

O sexo foi e continua sendo a causa de degeneração e da morte. No entanto, ele é e será igualmente a causa da regeneração e da ressurreição do homem. Até este ponto podemos falar publicamente sobre este mistério, porque o que sabe não pode falar e quem fala de nada sabe.

Busquemos, agora, no primeiro relato de Sheherazade, a segunda causa, que se encontra na história do comerciante e do gênio. i Vemo-nos obrigados a extrair esses belos contos do texto original, a fim de não dar proporções excessivas a estes comentários.

O primeiro conto começa assim:

Sheherazade, dirigindo-se ao Sultão Shahariar e rogando que sua irmã Dinazarda escutasse atentamente, começou sua narrativa da seguinte maneira:

— Senhor, havia antigamente um comerciante muito rico que precisou fazer uma longa viagem através do deserto. Ao cabo do quarto dia de marcha, sentiu-se cansado, estendeu os pés sobre a terra, junto a uma noqueira, da qual brotava um manancial delicioso e pôs-se, ali, a comer bolachas com tâmaras, cujos caroços ia jogando para a esquerda e para a direita. Ainda não tinha terminado de comer quando viu surgir do chão, um gênio inteiramente branco de velhice e de enorme estatura, que, brandindo sua espada e dando espantoso grito, disse-lhe com voz trovejante:

— Vou matar-te agora mesmo, assim como acabaste de matar meu filho!

— Como pode tal coisa ser possível?, perguntou, atônito, o viajante.

— Atingiste, com os caroços das tâmaras, o olho de meu filho e ele morreu, insisti o génio levantando a mão para decapitá-lo.

— Detei-vos, senhor!, exclamou o bom homem. "Dai-me, ao menos, tempo de voltar para minha casa, pôr em ordem os meus negócios e despedir-me de meus filhos. Prometo aqui voltar, ano que vem, num dia como o de hoje."

O génio concordou e, efetivamente, o comerciante organizou seus negócios, despediu-se dos seus e regressou ao lugar no dia assinalado.

Enquanto esperava a chegada do génio, eis que diante dele se apresenta um velho que conduzia, presa a uma corrente, uma corça branca e que procurou saber do comerciante o motivo de estar ele naquele espantoso deserto. O interpelado narrou-lhe sua má sorte e o velho quis ser testemunha da entrevista que ia ser tida com o génio, sentando-se ao seu lado.

Em seguida, chegou outro velho com dois enormes cachorros muito negros. E, finalmente, chegou outro ancião que, a exemplo dos dois primeiros, deixou-se ficar por ali.

Chegou, então, o génio disposto a executar a sentença. Um dos velhos, prosternando-se ante o génio, atreveu-se a dizer:

— Príncipe dos Espíritos do Ar, escutai-me! Vou contar-vos minha história, bem como a desta corça e, se a achardes maravilhosa, poderia eu esperar de vós o perdão para este desgraçado no que toca à terça parte do delito que ele cometeu?

O génio concordou e o ancião contou o seguinte:

— Esta corça que podeis ver aqui é a mulher com quem vivi durante trinta anos. Dela não tive prole. O desejo de ter filhos le vou-me a buscar uma escrava, de quem tive um varão. Minha mulher encheu-se, então, de ódio contra ambos, dedicou-se à feitiçaria e, durante minha ausência, converteu a mãe em vaca e meu filho em bezerro. Quando voltei de viagem, disse-me:

— Tua escrava morreu e teu filho sumiu.

Chorei muito pelo que tinha acontecido. Meses mais tarde chegou a época da festa do grande Bairan e, para celebrá-la segundo o rito, eu tinha de sacrificar uma vaca. Minha mulher obrigou-me, então, a degolar a escrava que havia sido convertida em vaca, a qual me olhava de um modo muito terno e humano. No entanto, muito ao

contrário do que eu esperava, essa vaca nada mais tinha senão ossos e pêlo, o que me fez pedir um bezerro em seu lugar.

O mordomo trouxe-me meu filho. O animalzinho olhava-me com tanto carinho que fez despertar em mim a compaixão e não quis sacrificá-lo, apesar da oposição de minha mulher. Assim, sacrifiquei outro.

A filha do mordomo era uma maga e descobriu que aquele bezerro era meu filho, a quem restituiu a condição de humano, porém com duas condições: a primeira era que eu lhe desse meu filho como marido e a segunda a de castigar a pessoa que o havia transformado em bezerro.

Aceitas as duas condições, a jovem, através de suas conjurações sobre o bezerro, devolveu-lhe sua primitiva forma e meu filho lançou-se em meus braços. Quanto a minha mulher, esta, através de outra cerimónia mágica, foi transformada numa corça, que é a que podeis ver, agora, ao meu lado.

— Concedo, replicou o génio quando o primeiro ancião terminou sua narrativa, outorgar a este mísero comerciante o perdão da terça parte de sua culpa.

— Também espero de vós, senhor Génio, disse o segundo velho, com seus cachorros negros, que perdoeis a outra terça parte de seu delito, se, da mesma forma, minha estória vos agradar.

E como o génio concordasse com isto, o ancião iniciou sua narrativa do seguinte modo:

— Sabei, príncipe dos génios, que estes dois cachorros são meus irmãos mais velhos que, como eu, dedicaram-se ao comércio. Ambos tinham má sorte e, ao mesmo tempo, mau coração. Sempre me perseguiam por causa de dinheiro. Certo dia, durante uma viagem marítima que fazia com eles, vi, na costa, uma mulher muito distinta, embora pobremente vestida, que me pediu que a desposasse, como de fato fiz.

Ela havia sido uma fada e conhecia as maldades que meus irmãos preparavam contra mim, pois pretendiam matar-me por inveja. Assim, transformou-os em cachorros durante dez anos, desaparecendo em seguida. E, eis-me aqui, em busca dessa mesma fada, a fim de que ela restitua a meus irmãos seu estado anterior.

O génio perdoou a outra terça parte da culpa do comerciante.

Interveio, então, de igual modo, o terceiro velho, que contou outra estória ao génio.

Essa terceira estória — segundo disse Sheherazade ao sultão — devia ser estupenda e impar, mas dela não lhe tinha chegado ne-

nhum conhecimento, talvez pelo sublime que encerrava. "Só sei que o comerciante foi perdoado, agradeceu aos velhos e regressou, feliz, ao convívio dos seus."

Esta fábula encerra um ensinamento simbólico. Génio e comerciante representam a própria história da Humanidade sobre a Terra, que, em sua peregrinação pelo mundo, ou seja, através da Vida, encontra-se sempre ameaçada pela Morte, em virtude de haver comido do fruto da Arvore do Bem e do Mal ou, em outras palavras, por haver ingerido, indevidamente, o fruto iniciático. Profanando-o, tornou-se sujeita à pena de morte, como vemos no segundo capítulo da Génese, quando o primeiro casal, desobedecendo as ordens de Jeová, aqui representado pelo Génio, come o fruto proibido. Como a tâmara significa DIES ou o EU (ou seja, o uso do fruto da razão para a perdição) há a condenação à morte, que a persegue dia após dia, como no caso do comerciante, para que, como ele, ponhamos nossos negócios em dia e preparemo-nos, serenos, para o supremo momento da partida.

Os anciãos representam os protetores ou salvadores da humanidade, seres superiores que trabalham dia e noite para redimirem o homem por meio do auto-sacrifício.

Vimos, na Introdução, que o sexo foi a causa primeira da queda do homem, porém nesta narrativa observamos que a profanação do Poder Interno foi a segunda causa.

O conhecimento iniciático tanto pode ser utilizado para o Bem, como para o Mal. A ímpia madrastra que utilizou seus pensamentos mágicos para praticar o Mal tropeçou com a filha do arrendatário, uma feiticeira boa, que acabou triunfando e restituindo ao filho seu estado anterior e castigando, por sua vez, a perversa criatura.

São Paulo, o iniciado cristão, na Epístola aos Éfesos, afirma: "Teremos sempre de lutar contra os espíritos do ar". Noutra ponto, declara: "A tirania do Príncipe das Potestades do Ar é, agora, o espírito que reina sobre os filhos da infidelidade".

A estória do segundo ancião é, em essência, a da Bíblia, de Caim e Abel e, até certo ponto, de Esaú e Jacó ou de José e seus irmãos.

É o drama da humanidade que fraternalmente despedaça-se a si mesma, ao invés de estabelecer uma cooperação leal, a fim de vencer os espíritos do Mal na Natureza.

A terceira estória, contada pelo terceiro ancião, deve, certamente, encerrar algum mistério iniciático, cuja revelação não foi permitida, razão pela qual Sheherazade silenciou sobre ela.

Assim libertado, o bom comerciante, tal como o será a Humanidade no último dia dos tempos, dia da Celestial Jerusalém mencionada no Apocalipse, pôde cantar, triunfante, e agradecer aos três velhos da seguinte maneira:

"Vós me haveis coberto com os benefícios da vossa generosidade, tal como a nuvem providencial e benfeitora que cobre a colina, porque cumpri, fielmente, a máxima que afirma: Se o insensato te oprime, suporta-o com paciência e para que realizes sozinho a tua vingança, não contes senão com o tempo, que fará passar diante de ti o impotente cadáver de teu inimigo. De teu inimigo vencido, mas não por ti, mas pela própria má ação cometida, que contra ele automaticamente se voltará sempre."

### Capítulo III

#### AS DIVISÕES DAS MIL E UMA NOITES

Aqueles que examinarem detidamente as narrativas das "Mil e Uma Noites" verificarão que a imortal obra assemelha-se à corpulenta árvore, da qual foram arrancados ramos menores, os quais, por sua vez, ramificam-se em outros, até terminarem em raminhos e folhas, cada uma das quais é, em si, uma fábula ou um conto independente no livro que nos ocupa.

Tal disposição arbórea é eminentemente científica. Uma disposição prodigiosamente abstrata, indefinida, espiritual, ocultista e divina.

O tronco da obra é sua Introdução. Sua casca constitui a sentença de morte da Natureza, pronunciada contra todos os seres que vivem no mundo. Seu coração é o sacrifício heróico que se interpõe entre o Mal e sua vítima, e sua medula é a imaginação criadora durante mil e uma noites na senda que conduz à meta.

Desse tronco brotam dez ou doze ramos diferentes entre si, embora todos constituam estações dentro da Senda da Iniciação, quais sejam:

- 1º) A estória do Pescador;
- 2º) A estória dos Três Monges e a Princesa de Bagdá;
- 3º) A estória de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa;
- 4º) A estória de Simbad, o Marujo;
- 5º) A estória do Corcundinha e os Sete Barbeiros;
- 6º) A estória de Caramalzaman e de Badura;
- 7º) A estória de Yamlika, a Princesa Subterrânea;
- 8º) A estória de Beber, rei da Pérsia, e Gauhara, Princesa Marítima;
- 9º) A estória do Príncipe Almuluk e a Filha do Rei dos Génios do

Ar;

10º) A estória de Nuredin e Bedreddin Hassan. Parece que, antigamente, esses contos achavam-se agrupados de 10 em 10, respectivamente. Eles, no entanto, diversificaram-se por sua vez em várias fábulas, até comporem um número de dez, por dez e por dez, ou seja, um milhar ao todo e mais um por noite, correspondendo assim ao título recebido pela obra inteira: "As Mil e Uma Noites".

O primeiro livro da obra apresenta a "Estória do Pescador". Refere-se à discutida existência da Atlântida e sua catástrofe, ponto de partida de toda a história persa.

O conto em questão apresenta, com efeito, doze versões e como veremos em seguida e como afirmamos anteriormente, precisaremos dele tirar extratos para não cansar o leitor.

O Livro do Pescador diz assim:

"Senhor", continuou Sheherazade antes de despontar a aurora, "naquele tempo havia um velho pescador que de seu trabalho ganhava apenas o necessário para alimentar sua mulher e seus três filhos. Certa madrugada, à luz da lua, ele lançou suas redes ao mar e, da primeira vez, dali sacou o esqueleto de um enorme jumento; da segunda, sacou um cesto cheio de lodo e cascalho e, da terceira, lixo e detritos. Orou, então, ao Senhor, cheio de fé, e viu que após lançar a rede a primeira vez nela veio um grande vaso amarelo de cobre, fechado com uma tampa de chumbo, que apresentava um selo de seis pontas ou o Selo de Salomão.

— Vou vendê-lo a um fundidor, disse para si mesmo, e pôs-se a examiná-lo. Abriu-o com uma colher e, no mesmo instante, saiu do vaso uma densa coluna de fumaça, que empanou tudo, condensando-se depois na forma de um monstruoso gigante, que lhe disse:

— Vais morrer agora mesmo. Permitirei, apenas, que escolhas o género de morte que preferires. O motivo é o seguinte: Fui um gênio rebelde. O rei Salomão prendeu-me neste vaso, lacrou a tampa e jogou-me no mar. Assim feito, jurei que se alguém, ao cabo de 100 anos, me libertasse, eu o faria rico no Céu após a morte. Durante o segundo século jurei dar a meu libertador todos os tesouros da Terra, ficar a seu lado e conceder-lhe, a cada novo dia, a realização de três pedidos. Porém, nada consegui, nem ninguém veio em meu socorro. Por fim, enfurecido, jurei, para ver se tinha melhor sorte, matar em seguida a quem me libertasse, dando-lhe unicamente o direito de escolher o tipo de morte. Escolhe-a, portanto, meu tolo libertador.

— Se é assim, respondeu o pobre pescador amedrontado, responde-me, ao menos, uma pergunta simples, É verdade que tu estas tão grande como és, dentro deste vaso tão pequeno? Eu só acreditaria vendo.

— Pois, então, olha, disse o gigante, voltando a meter-se dentro do vaso.

O pícaro pescador apressou-se, então, em fechar de novo o vaso, tal como estava antes, deixando ali preso o génio.

Nem ameaças, nem promessas do prisioneiro foram suficientes para convencer o pescador a abrir novamente o vaso. E durante a discussão havida entre os dois, o pescador, para justificar sua conduta, contou-lhe a lenda do "Rei Grego e do Médico Duban".

Finalmente, o gigante teve de jurar pelo grande nome de Alá, que não se vingaria do pescador, mas que, pelo contrário, o ajudaria em tudo; e, uma vez livre, conduziu-o a um lago situado entre quatro colinas e disse-lhe:

— Lança tuas redes no lago deste jardim.

O pescador obedeceu e dali tirou quatro peixes, cada qual de uma cor: um branco, outro azul, um vermelho e outro amarelo. Então, o gigante ordenou:

— Leva-os a teu sotão e por eles ser-te-á dado muito dinheiro. Além disso, poderás sempre vir a este jardim e a este lago, porém não pesques mais do que uma vez por dia, pois, do contrário, grande desgraça cairá sobre ti.

E, dizendo isto, o gigante desapareceu.

O pescador entregou os estranhos peixes ao sultão, que com eles ficou maravilhado, recompensando generosamente o pescador. Em seguida, mandou os peixes para sua cozinha grega, a fim de serem preparados.

Quando na frigideira, ela virou os peixes com um pedaço de pau e — ó prodígio! — por trás da parede surgiu uma dama de bran-

co, coroada cuínu uina d«sui>a eyipcia, que, aproximando-sa dos peixes e tocando-os com sua varinha magica, disse lhes:

— Peixes, cumpri com o vosso dever.

Então, os quatro peixes, como su fossem quatro seres humanos, levantaram a cabeça, respondendo:

— Se você prestasse suas contas, nós prestaríamos as nossas. Se você desaparecesse» venceríamos e ficaríamos contentes.

A estas palavras, a dama começou a rodar a caçarola, desapareceu como havia surgido e a cozinheira verificou, com espanto, que os peixes estavam carbonizados..

O caso se repetiu outra vez e de maneira igual com os outros peixes. O vizir notificou o sultão, que desejou presenciar a experiência, encomendando, para isso, novos peixes ao pescador.

E tudo se processou corno anteriormente, só que, ao invés da dama egípcia, quem se apresentou foi um formidável negro.

O sultão perguntou ao Pescador qual era o lugar em que ele pescava aqueles peixes, ao que o interpelado respondeu que ficava situado do outro lado da montanha fronteira, rodeado por quatro colinas e com urna vegetação paradisíaca.

O sultão fez-se conduzir até lá, como se pode verificar no comentário seguinte. Porém, agora, devemos decifrar a narrativa que ficou para trás.

Saltam à vista, nesta primeira narrativa, detalhes eminentemente ocultistas e verdadeiramente dignos de estudo.

Em todos os grandes livros encontramos a figura do Pescador. Até aqueles infelizes do Lago de Genezareth e das Tiberíades, a quem Jesus, no Evangelho, faz abandonar as redes para transformá-los em "pescadores de homens".

Portanto, os peixes mencionados no conto não são os vulgares vertebrados, habitantes de mares ou rios, mas representantes de simbolismos tanto astronômicos, corno históricos e filológicos. Ou seja: os "homens-peixe" afundados ao tempo da catástrofe de Atlântida ou ao tempo do Diluvio, segundo a Bíblia. Os quatro peixes coloridos são as quatro raças: os brancos, os azuis, os vermelhos e os amarelos, precursores da raça pós-atlante dos "ademitas" ou "arianos".

Isto, no que diz respeito à parte histórica. Sob o aspecto astronômico, simbolizam tão somente os "peixes" do signo Astrológico de PEIXES, o que requer algumas explicações.

Como todos sabem, o ponto vernal ou signo zodiacal da Primavera coincide, hoje, com a Constelação de Peixes. No entanto,

há mais de dois mil anos passados esse ponto coincidia com o signo de Touro, razão pela qual as religiões antigas tinham por símbolo o "touro" ou a "vaca". E como "Peixes" coincide com o Cristianismo, a religião cristã adotou o signo do Peixe, enchendo com ele as catacumbas e, até, levando-o para o "Anel do Pescador", a mais apreciada e simbólica das jóias pontifícias.

Quanto ao aspecto filológico, basta recordarmos que a letra "A" do alfabeto sírio é, em si, o mais notável hieróglifo dos peixes, porque é formado pela figura de dois peixes unidos pela cauda. Tal letra é o símbolo da Unidade, a partir da qual procederiam todos os demais números.

O "Lago Iniciático" é desconhecido por todo mundo, menos por aqueles que, durante a vigília noturna, lançam suas redes em busca da Sabedoria.

Os famosos vasos em que se esconde o génio do passado nada mais são do que provas místicas, simbolizadas pelas retortas alquí-micas, dentro das quais, ainda hoje, está encerrado o segredo da Ciência Sagrada.

Então, o soberano, acompanhado por seu vizir e pelo Pescador, além de toda a Corte, subiram à montanha e, ao descerem do outro lado, viram-se, com assombro e pasmo, diante de uma enorme planície, cuja existência jamais haviam suspeitado. Ao fim dessa planície, estava o lago colocado entre as quatro colinas e em suas águas pululavam milhares de peixinhos brancos, azuis, vermelhos e amarelos. O sultão quis penetrar aquele país de mistérios e, sem atender às súplicas do vizir, que lhe pedia para não se lançar em tão perigosa aventura, envergou um traje mais cómodo de montaria, armou-se de um alfanje e subiu, sozinho, por uma das sendas da colina. Caminhou até pôr-se o sol, hora em que divisou, ao longo, um castelo todo feito de mármore negro e coberto por finíssimo aço. Chegou a uma das portas, chamou três vezes sem obter resposta, penetrou em seu pátio e, em seguida, andou por vários salões, cujas riquezas dispensam comentários. O próprio palácio do sultão parecia uma humilde cabana diante daquele palácio encantado. De repente, o sultão ouviu uma voz lastimosa que dizia: — É possível que ainda esteja vivo depois de tantos e tão incansáveis tormentos?

*Oh* Fortuna, cessa de perseguir-me e põe fim às minhas dores, ainda que com a morte!

Comovido com tão amargos queixumes, o sultão dirigiu-se para o lugar de onde eles saíam, ali encontrando, sentado num trono, um jovem bem vestido, cujo rosto era a expressão da própria tristeza. Saudando-o, o sultão, ouviu dele o seguinte: — Senhor, não posso levantar para prestar-vos as devidas homenagens, porque, como perceberéis, uma poderosa causa me imobiliza.

E, dizendo isto, levantou o manto de púrpura, deixando ver que, se bem que fosse carne da cintura para cima, era todo de mármore negro da cintura para baixo. Em seguida, contou a sua estória. Era o rei das Ilhas Negras e casou-se com sua prima, que o traiu com um negro. Ela o narcotizava todas as noites e ia ter com seu amante. Certa noite ele não tomou o narcótico e a surpreendeu nos braços do outro. Cheio de ira, aplicou um golpe de espada no negro e o abandonou, julgando-o morto. Devido, no entanto, ao amor que dedicava à sua mulher, não lhe fez mal algum. A mulher infiel, porém, através de artes mágicas, manteve o amante vivo, embora não se pudesse dizer que ele estava vivo ou morto.

A rainha, cega de amor louco, sentindo-se culpada pelo dano que havia causado a seu amante, converteu-o em frio mármore do meio do corpo para baixo, embora continuasse homem do meio do corpo para cima. Assim, ele estava vivo entre os mortos e morto entre os vivos.

Depois disso, a desalmada feiticeira destruiu a opulenta capital do seu reino, reduzindo-a a um lago e a seus quatro espécies de habitantes sob a forma de peixes coloridos. As quatro colinas eram as ilhas que davam nome ao antigo reino. — Não é só isso, continuou ele, mas a cada novo dia aqui vem a desalmada para aplicar chicotadas em minhas costas, até que eu fique banhado em sangue. Depois, cobre-me com um tosca túnica de pele de cabra e põe por cima este manto de brocados, a fim de rir-se de mim.

Penalizado e indignado com tanta maldade, o sultão informou-se do local em que encontrava a pérfida criatura e seu amante, a fim de vingar-se. Soube, então, que o negro encontrava-se numa sepultura em forma de opulenta cúpula no Palácio das Lágrimas, que tinha sido construído, na época, pelo rei face às insinuações da rainha. A infame mulher, depois de açoitá-lo, ia visitar o amante ao sair do sol, levando-lhe a beberagem que o impedia de morrer. O sultão meditou sobre o plano de vingança e, ao despontar da aurora do dia seguinte, dirigiu-se ao Palácio das Lágrimas, descobriu o régio leito em que o negro se encontrava, sacou de seu sabre e

deglou o miserável, jogando seu corpo no fundo de uma cisterna. Em seguida, deitou-se no próprio leito do negro, esperando a chegada da rainha malvada.

Logo depois a desalmada mulher entrou no recinto, soltando gritos angustiantes de dor, capazes até de comover as paredes do palácio. Chegando ao leito de seu bem-amado, disse-lhe amorosamente:

— Meu sol, minha alma... Estás resolvido a deixar-me morrer sem dar-me o consolo de dizer que ainda me amas? Dize-me uma só palavra, amor! Suplico-te de joelhos!

O sultão, fingindo despertar de um profundo sono e imitando a língua dos negros, disse:

— Há muito tempo estaria curado, não fossem as maldições de Alá, o choro e as maldições de teu marido. Poderei recobrar o dom da palavra no dia em que desfizeres o encanto que lançaste sobre ele.

A feiticeira acreditou naquelas palavras e saiu como uma flecha do Palácio das Lágrimas, dirigindo-se imediatamente ao marido, a quem desencantou e ordenou que se afastasse imediatamente do palácio e nunca mais voltasse.

Quando retornou à companhia do suposto amante, este disse-lhe:

— Precisas, no entanto, fazer mais ainda. Precisas devolver a cidade a seus habitantes, os quais, devido às tuas artes negras, destruíste. Quando de tua volta, o Senhor bendito fará com que possa dar-te a mão, a fim de que me ajudes a levantar daqui.

Invadida por cegas esperanças, a feiticeira devolveu aos habitantes da cidade a sua condição anterior e os peixes voltaram a ser homens, mulheres e crianças. As ilhas viram-se transformadas na terra firme que sempre tinham sido, com suas tendas, casas, mercados e jardins, nem mais, nem menos do que antes.

A feiticeira voltou, ansiosa, para o lado de seu amante, esperando receber o prêmio de seu amor pelo que havia feito. No entanto, ao aproximar-se do leito, o sultão abriu-a ao meio, de cima a baixo, sem mesmo dar-lhe tempo de esboçar surpresa.

Depois de tudo devolver ao príncipe libertado, o sultão quis regressar a seu país. Porém, sua surpresa foi grande quando soube que ele não distava apenas quatro ou cinco horas de viagem dali, mas que seria preciso fazer um ano de caminhada de um reino a outro e que havia sido a Mão Divina que o havia conduzido àquele lugar em tão curto espaço de tempo.

Finalmente, o rei abandonou seu reino e resolveu seguir seu libertador. O sultão, em seguida, nomeou seu herdeiro, porque carecia de sucessores.

O Pescador foi recompensado regiamente por ambos, porque havia sido, inconscientemente, o fator primordial da libertação do príncipe e de seu reino. E passou, assim, feliz, com sua família, o resto de seus dias.

Podemos assegurar, sem medo de cometer qualquer erro, que esta narrativa do Pescador encerra o mistério de todas as religiões, inclusive a Cristã.

Seu argumento abraça todo o ciclo da humanidade primitiva, pura e excelsa, no paraíso terrestre, sem conhecer os padecimentos do sexo.

Logo surge a humanidade ulterior, cada vez mais mergulhada no sexo durante os últimos tempos da Lemúria e da Atlântida e, finalmente, a humanidade futura, redimida dessa fatal cadeia pelo esforço do Cristo ou, segundo a concepção wagneriana, de Parsifal. O argumento em questão não poderia ser mais simples: o gênio revela o mistério da Verdade ao pescador e este, por sua vez, ao nobre sultão, que decide, então, salvar a humanidade sepultada sob as águas daquele positivismo decadente, isto é, "sepultada" sob o mistério do Lago Karun, aquele lago iniciático que aparece em todas as religiões. As iniciações sempre ocorreram à noite.

O sultão representa o Deus Salvador e chega, como chegou Parsifal, na concepção wagneriana, ao Santo Palácio do Graal, palácio transformado, desde a catástrofe atlante do sexo, naquele Palácio das Lágrimas, que é o nosso mundo atual, onde, ao longo de idades e mais idades, encontra-se o homem "encantado", o "príncipe" portador da "terrível ferida que nunca queria cicatrizar", ferida produzida pela paixão, por uma Kundri, por uma natureza tentadora, enfim, da estirpe bíblica dessas "filhas dos homens" ou do Mal, que são desposadas pelos "filhos de Deus" e que acarretaram, como consequência, a eclosão do Dilúvio.

O resultado foi e será sempre a circunstância de o homem permanecer como príncipe das Ilhas Negras "prostrado e feito de mármore negro da cintura para baixo" por ter usado e abusado de seu sexo natural e animal, É este o infeliz destino de todo homem e de toda mulher cujo sexo, ao invés de enviar a luz em direção à cabeça, perturba o equilíbrio fisiológico, social, económico, etc.

Tal desvio sexual produz a Chaga de Anfortes, a Cadeia de Prometeu, a fruta e a água de Tântalo, o Pomo da Discórdia ou a Maçã do Paraíso, eternamente produtoras de sofrimento, de doença, de guerras e de morte, até que Parsifal, o "Eleito das Idades", o divino "Epimeteu", que casou com Pandora, cometeu a imprudência de abrir a famosa caixa de que saíram todos os males da Terra, deixando apenas a esperança em seu fundo. Até que, também, "o bem-amado filho do Pai" nos redima e cure de nossa ferida sexual, assim como o sultão curou ao príncipe, matando a maga negra ou a paixão sexual desenfreada, que enfeitiça diariamente sua vítima, através da beberagem preparada por seus pérfidos encantos.

Eis aqui, portanto, as "contas que eram pedidas ao homem" pelos "peixes coloridos", antes que eles pudessem prestar as próprias no momento do júri definitivo, nu seja, a sua "fritura carboni-zantemente mortal".

Esta é a estória do Pescador, de seus maravilhosos peixes, do príncipe das Ilhas Negras, por trás das "quatro montanhas" ou "épocas" da imensa Atlântida, sepultada com suas quatro raças, simbolizadas, respectivamente, pelos quatro peixes coloridos: branco, vermelho, amarelo e azul. A chave explicativa encontra-se no antiquíssimo poema ário-tibetano de Dyzan. As Estâncias X, XI e XII do mencionado livro dizem o seguinte:

PARÁGRAFO 38 — A terceira raça deu nascimento à quarta, composta pelos Suras (homens divinos). Estes deram nascimento aos Asuras (demónios, homens perversos).

39 — ... A primeira raça, em cada zona, era da cor da Lua. A segunda era amarela como ouro. A terceira era vermelha e a quarta de cor castanha, posteriormente tornada negra em virtude do pecado ...

40 — ... Então, a terceira e a quarta raça cresceram em orgulho e poder. "Somos reis! Somos deuses!", disseram a si mesmos.

41 — ... Desposaram mulheres de formosa aparência. Eram esposas escolhidas entre as "sem mente" ou "sem discernimento", seres de cabeça estreita, engendrando monstros, demónios maléficos, machos e fêmeas providos de mente pobre e também feiticeiros.

42 — ... Construíram templos para glorificar o corpo humano. Rendiam culto a varões e fêmeas: o culto fálico. Então o Terceiro Olho na Intuição deixou de funcionar.

43 — ... Construíram enormes cidades. Com terras e metais raros eles construíam a raça camita.

44 — ... Construíram grandes imagens de nove "yatis" de altura, que eram as estátuas de seus próprios corpos. Fogos inter nos haviam destruído a terra de seus pais. A água ameaçava aqueles representantes da Quarta Raça.

45 — ... As primeiras grandes águas vieram e submergiram as sete grandes ilhas.

46 — ... Os bons foram todos salvos (no útero da Natureza) e os maus foram destruídos.

47 — ... Poucos homens ficaram. Alguns amarelos, alguns de cor castanha e negra e alguns vermelhos. Os da cor da Lua haviam desaparecido para sempre.

48 — ... A quinta raça — os adamitas ou arianos — produzida do tronco santo, ficou e foi governada por reis divinos.

49 — ... As serpentes, os dragões da Sabedoria Inicial, voltaram a descer sobre a Terra e fizeram as pazes com os membros da quinta raça, a quem educaram e instruíram.

Tais são, segundo o Livro de Dzyan, comentado pela grande Maga e Mestra Helena Blavatsky, os mistérios sepultados pela grande catástrofe da Atlântida. Mistérios que encontramos na Bíblia, porém na Bíblia, devidamente reconstituída, como vimos nos primeiros capítulos desta obra e, também, nas iniciações antigas.

A luz do Ocultismo, o grande mito do pescador leva-nos às seguintes conclusões:

1º) Que desde tempos imemoriais existiu na mente árabe a recordação de uma cultura, de um mundo tal como foi Atlântida, hoje sepultado no fundo do mar.

2º) Que a localização do mencionado continente era além de Magreb ou Marrocos atual como vemos, a cada instante, nas narrativas concernentes aos africanos e às vitórias alcançadas nas Mil e Uma Noites, as quais falam de um país, cujas características estão de acordo com a descrição de Platão e de outros clássicos, bem como com as presunções de nossa ciência atual.

3º) Que a recordação de semelhante país sepultado estava reservada ao vulgo (o conto do vaso fechado por Salomão) e materialmente oculto no fundo do mar, sob pena dos mais severos castigos a seus reveladores.

4º) Que do mar não podia ser extraído "o segredo", a não ser pelo honrado "pescador", ou seja, por um iniciado no mistério dos "peixes" ou da Atlântida.

5º) Que só os homens esforçados e puros, como o sultão do conto, e à custa de mil trabalhos poderiam esclarecer o mistério, e

que segundo o Oráculo de Delfos as grandes almas iniciaram-se por si mesmas, salvando-se e salvando aos demais.

6º) Que toda a catástrofe sofrida pelo grande país foi devido ao abuso sexual, tanto no sentido físico, como no moral, ou seja, a infidelidade da mulher ou natureza física (como no mito bíblico do Paraíso Terrestre) em contraposição às leis divinas, abandonando seu legítimo esposo, o espírito do Filho de Deus por um infame e negro desejo, ou, segundo a Bíblia, os filhos de Deus desposando as filhas dos homens. E que, segundo o sentido oculto do espírito superior, ficou à mercê das paixões humanas.

7º) Que a partir daquele momento teve início a fatal luta pelo poder e o homem "já não era mais homem da cintura para baixo", porém puro mármore negro devido à ferida do sexo, porém também sendo "homem da cintura para cima" desde que conseguisse curar sua ferida sexual através de sua pureza e sacrifício.

8º) Que tal estado de coisas não será eterno, pois tarde ou cedo as coisas retornarão ao estado anterior, pois a Força Crística trabalhará para isso até a consumação dos séculos para salvar o mundo.

9º) Que os iniciados estão de posse desses mistérios, porém aos demais são mencionados sob a forma de fábulas e alegorias.

10º) Que todo homem deve ser igual àquele pescador puro, a fim de poder desatar o "selo salomônico" e descobrir por si mesmo esses grandes iniciáticos.

Tais são os mistérios que encontramos na narrativa do Pescador.

Louvados sejam os grandes iniciados que escreveram as "Mil e Uma Noites"!

## Capítulo IV

### O LIVRO DOS "MEREDS" OU DOS ESPÍRITOS DA AGUA

Existem, segundo o Ocultismo, espíritos do ar, da água, do fogo e da terra. "As Mil e Uma Noites" chamavam aos espíritos maus do ar pelo nome de "efrites", os quais se acham encerrados em vasos pelo poder "solar" do sábio Salomão, eis que o nome deste sábio monarca está formado por duas palavras, quais sejam: "Sol" ou "Astro-Rei" e "Man" ou "homem", o que significa "Homem Solar\*."

O imortal livro apresenta-nos, agora, a contraparte desses génios maus ou "efrites", a que dá o nome de "Mereds", ou sejam, génios bons do mar, que contraíram estreita aliança de sangue com os homens.

Tal aliança encontra-se descrita no precioso conto intitulado "A Estória de Beder, príncipe da Pérsia e de Guahara, princesa do Reino de Samandal", da qual transcrevemos alguns extratos:

O Rsi dos Reis e Senhor dos senhores do vasto império da Pérsia não era feliz, porque nenhuma de suas cem mulheres havia podido dar-lhe sucessores.

Certo dia em que o rei estava ocupado com sua corte, um eunuco anunciou a presença de um comerciante que trazia consigo uma escrava procedente de misterioso país. Bastou muito pouco para que o rei visse a mencionada escrava e por ela ficasse seduzido. Porém, apesar da ternura do soberano pela sua nova mulher, apesar de todas as atenções, não conseguiu sequer fazer com que ela dissesse uma só palavra. Mesmo assim, por aquela mulher muda, o rei despediu as suas outras mulheres e dedicou-se completamente a ela.

Passou-se um ano e, um dia, a mulher disse:

— Senhor, meu nome é Guinara (flor de Granada) e, ao romper o meu silêncio, tenho tanto a dizer que não sei por onde começar. Antes de tudo, porém, agradeço as atenções que tendes tido comigo. Devo anunciar-vos que estou grávida e tal fato obriga-me a romper o silêncio. Estive calada este tempo todo pelo despeito de ver-me separada de meus régios parentes, o que me fez decidir não falar mais. Sou filha de um poderoso rei do mar. Um cruel inimigo conquistou nossos Estados e apoderou-se de nossa Capital. Salva mo-nos com nossos fiéis através de um retiro impenetrável. Meu irmão quis que eu me casasse com um príncipe da terra, já que não o podia com o príncipe do mar. Eu, porém, não aceitei e, desesperada, lancei-me ao fundo do mar e, na ilha da Lua, um homem se apoderou de mim. Quis que me casasse com ele, o que não aceitei. Então, vendeu-me como escrava e vim parar, assim, nas mãos de Vossa Majestade. No entanto, tenho por vós admiração e agradecimento por haverdes despedido todas as vossas demais mulheres por causa de mim. Sem tal prova de amor, ter-me-ia jogado novamente no mar em busca de meus parentes e não me teríeis voltado a ver.

Surpreso, o rei da Pérsia disse à mulher:

— Minha amada esposa, sou vosso humilde escravo. Dispõe de mim a teu talante e, se quiserdes, podeis trazer para cá todos os

vossos parentes da Corte. O que não entendo é como podeis viver debaixo d'água sem afogar-vos.

--- Nós caminhamos pelo fundo das águas ou pela sua superfície, respondeu Guinara. "A água não nos molha, nem às nossas roupas. Nosso idioma é o mesmo que vibra no selo do sábio Salomão. O mar é mais espaçoso do que a terra e existem ali muitíssimos mais reinos, com povos que adotam diferentes usos e costumes. Há palácios mais suntuosos do que os daqui, manipulamos o ouro, as pérolas e as demais pedras preciosas, como vós manipulais o trigo e o milho. Movemo-nos entre dois lugares distantes com muita rapidez e sem usar carruagens. Do mesmo modo, o ato de dar à luz é muito diferente entre nós do que entre vós. Desejaria chamar a rainha, minha mãe, para reconciliar-me com ela e para gozar de sua assistência.

O rei, muito feliz, concordou e ela se dirigindo a um incensório para nele queimar pós aromáticos, pronunciou palavras mágicas e, de pronto, em frente a uma das janelas que davam para o mar, elevaram-se do fundo das águas, primeiramente um jovem galhardo, depois uma senhora mui venerável e, por fim, mais cinco jovens, todas formosíssimas.

Guinara reconheceu seu irmão, sua mãe e suas primas. Todos aprovaram seu casamento com o mais poderoso rei da terra, mostrando sua emoção do modo que lhes era habitual, isto é, lançando fogo pelos olhos, pelo nariz e pela boca.

Em seguida, a família inteira se prosternou, respeitosa, diante do rei, até que este os mandou levantar e abraçou-os.

Celebrou-se, então, o banquete familiar, que desse modo selava para sempre a aliança entre o mar e a terra.

Em seguida, para cúmulo da felicidade, Guinara deu à luz um filho muito belo que recebeu o nome de Beder. A cidade inteira prorrrompeu em festas.

O menino Beder cresceu herdando de sua mãe a faculdade de poder andar sobre o mar e de submergir sem que sequer ficasse molhado. O herdeiro, assim, devido às vantagens que ganhara com o nascimento, era considerado como o Rei do Mar e da Terra. Saleh, tio de Beder, fez uma curta viagem marítima e ambos regressaram com uma caixa, trazida de seu palácio, contendo 365 diamantes do tamanho de ovos de pomba e Saleh presenteou-as, respeitoso, ao Rei da Pérsia como presente natalício.

Chegou, por fim, o dia da separação. O rei lamentou não dispor das qualidades adequadas para retribuir a visita de seus paren-

tes do fundo do mar, porém rogou vivamente que viessem de vez em quando visitá-lo, acrescentando:

— Antes não teria acreditado nestas coisas, se não as tivesse visto, porém agora bendigo aos céus que m'as mostraram e delas me fizeram desfrutar.

O jovem Beder cresceu em talento e formosura. Em seu favor, seu pai renunciou à coroa, que ele soube usar para maior glória e proveito de seus súditos. Quando o pai morreu, seu tio Saleh e sua mãe projetaram o casamento do jovem rei com Gauhara, princesa do mar, filha do rei Samandal, mas encontraram uma dificuldade. Esse rei era tão cômico de sua linhagem que, talvez, se negasse a dar a filha para um príncipe qualquer da terra e do mar. Assim sendo, resolveram esconder tal projeto de Beder até que essa dificuldade fosse eliminada.

Beder não havia perdido uma só palavra dessa conversa toda e, desde aquele instante, apaixonou-se por Gauhara e obrigou seu tio a levá-la com ele. Saleh teve de aceder, entregando-lhe, no entanto, para que ele se pudesse mover à vontade no mar, um anel de ouro, em cuja pedra estava gravado o signo de Salomão. Isto feito, mergulharam no mar. Sua avó, ouvindo tal coisa, enviou por Selah ricos presentes ao rei Samandal, que, ao ouvir a louca pretensão do tio, enfureceu-se e quis cortar-lhe a cabeça. Saleh foge e o rei o persegue, porém, em sua fuga, depara com mil homens armados que, por precaução, sua mãe havia enviado para protegê-lo por via das dúvidas. Juntamente com eles, Saleh prendeu o rei Samandal, porém, ao tentar apoderar-se da princesa Guahara, descobriu que a mesma se havia jogado de cabeça ao mar e que se havia refugiado numa ilha deserta. Beder, sabedor do perigo que ameaçava seu tio, lançou-se ao mar e, não sabendo que caminho escolher, deparou com a mencionada ilha deserta em que se encontrava a princesa Gauhara.

Quando ali descansava, ouviu um canto próximo e uma voz mais celestial, do que terrena. Ao aproximar-se da voz, percebeu a formosura divina, que não lhe deixou a menor dúvida de tratar-se da princesa amada. Apresentou-se a ela e, com pesar, relatou-lhe de que modo o rei Saleh havia prendido seu pai.

As palavras de amor proferidas pelo príncipe e dirigidas à princesa foram muito ternas e ela apresentou-lhe a mão em sinal de amizade, porém, por cálculo, quando a segurou, exclamou, cuspindo-lhe no rosto, para substituir a água necessária ao conjuro:

— Louco temerário! Pela virtude de meus feitiços, perde tua forma humana e toma a de um pássaro branco, com patas e bico em carnosos!

Efetuada o conjuro, Gauhara entregou a ave a uma donzela, a fim de que a levasse à espantosa Ilha Seca. A donzela, porém, penalizada, levou a ave a uma ilha fértil, abandonando-a à sua sorte.

Saleh mantinha o celeste rei Samandal numa prisão com toda sorte de confortos. Sua irmã, a rainha da Pérsia, veio em busca de seu filho, porém foi convencida por seu irmão que não devia voltar a seu reino e sim continuar governando em nome de seu filho até seu efetivo regresso.

Beder encontrava-se assombrado por se ver reduzido a ave naquela ilha. Certo dia, um hábil caçador aprisionou-o, pondo-o numa gaiola e, em seguida, obsequiando-o ao rei. Este admirou-se do fato de a bonita ave não comer, senão com ele à mesa, como se fosse uma pessoa humana. Mandou, então, chamar sua filha, que era maga, a qual lhe disse:

— Senhor, este pássaro nada mais é senão Beder, rei da Pérsia, filho da muito famosa Princesa Guinara.

Desse modo, através de seus conjuros, restituiu-lhe a figura humana.

O mencionado rei, indignado com a crueldade muito grande praticada pela princesa, penalizou-se de Beder e proporcionou-lhe um navio, a fim de que pudesse retornar à Pérsia. Durante a viagem, porém, uma tempestade despedaçou o navio e Beder alcançou a nado a costa. Ali chegado, vieram ao seu encontro, como para barrá-lo, cavalos, camelos, bois, jumentos, mulas, macacos, cachorros e outros animais. E viu-se numa cidade deserta. Só conseguiu ver, numa das tendas abandonadas, um velho vendedor de frutas, chamado Abdallah, a quem contou sua estória. O velho disse:

— Meu filho, esses animais são homens encantados pela perversa feiticeira, que é rainha da Cidade dos Encantos. Ela os namorava, um a um, para, ao cabo de 40 dias, assim transformá-los em meio aos maiores tormentos e enganos. Por sorte, seu poder não me atingiu e estarás a salvo enquanto permaneceres em minha casa.

Um dia, porém, a rainha de Sabá viu-o e enamorou-se dele imediatamente, levando-o a seu palácio. Não o chamava por Beder (Lua Cheia), como era o seu nome, mas por Shames (o Sol). Beder, no entanto, que tomava muito cuidado consigo mesmo e seguia as instruções de seu mestre Abdallah, não permitiu que a paixão o cegasse.

Quando o terrível dia chegou, Abdallah disse ao jovem:

— A feiticeira fez duas tortas, a fim de que sejam comidas em tua companhia. Deves fingir que comes delas, sem prová-las sequer, e, quando ela acreditar que estás sob o efeito de sua ação perturba dora, obriga-a a comer destas duas tortas que te estou entregando agora. Em seguida, joga-lhe um pouco d'água no rosto e diz: Em nome do Senhor e de tudo que Ele criou, aoandona tua forma hu mana e assume a do animal que se esconde em ti!

Tudo aconteceu, passo a passo, exatamente como Abdallah havia previsto e a infame feiticeira converteu-se em égua.

— Meu filho, disse Abdallah, monta na égua, vai-te daqui e não permaneças mais neste reino ímpio. Não entregues, tatnbém, a ne nhuma pessoa as rédeas desta égua, porque, se o fizeres, grave dano se abaterá sobre ti.

A caminho, Beder viu-se obrigado a vender a égua a uma velha que, tomando das rédeas, pelo mesmo conjuro, transformou-a no que era antigamente.

Ela, então, emitiu um sibilo e diante dela apresentou-se um pavoroso gênio, que transportou as duas mulheres e o jovem ao antigo palácio da rainha Laba, aonde o príncipe Beder foi transformado numa feia coruja, à qual não se podia dar nem comida, nem água.

No entanto, a donzela encarregada de cuidar da ave era amiga de Abdallah. Ela emitiu um silvo, fazendo aparecer um querubim alado cujo nome era Relâmpago, o qual foi enviado à Pérsia para informar à mãe e ao tio de Beder o perigo pelo qual o jovem estava passando.

Guinara e Saleh reuniram um poderoso exército marítimo e destruíram o palácio de Laba, depois de haverem tirado Beder da gaiola e o desencantado.

Após tão grande vitória, promoveram grandes festas. Abdallah, apadrinhado pessoalmente pela princesa Guinara, casou se com a donzela que havia salvo a vida de Beder.

Em seguida, o rei Samandal aceitou conceder a mão de sua filha Gauhara, a celeste princesa, a Beder, herdeiro por linha paterna do reino da Pérsia e, por linha materna, do mais extenso reino do mar. Assim, aqueles casamentos vinham significar a feliz união há séculos desejada entre o mar, a terra e os céus. O novo povo daqueles felizes consortes foram aqueles infelizes seres humanos que haviam sido transformados em animais pela nefanda magia de uma nefasta feiticeira.

O nome de Beder significa, em árabe, "Lua Cheia" e, também, "Sol". Ele é, portanto, "o homem solar" ou suficientemente adiantado, assim como Solaiman, Jeshua Crishna e muitos outros nomes de profetas e reformadores, cujas denominações derivam do Sol, exatamente aqueles que, por seu progresso na Senda, merecem ser filhos de um rei da terra. Foram eles os que conquistaram, por si mesmos, a Iniciação, que, nos capítulos seguintes, tão belos desenvolvimentos irá receber.

Guinara, escrava e esposa do rei da Pérsia, através de seu silêncio, de seu caráter altivo "que não tolera rivais", do sacrifício de si mesma ao unir-se a um mísero homem terrestre, simboliza a alma divina que nos cobiça e que não tolera, como rivais, nenhuma das paixões que subjagam aos mortais, toldando seu celeste esplendor. Guinara é a "flor de Granada", a mesma que é capaz de guardar em cada um dos grãos de seu fruto o novo germen de uma humanidade futura e regenerada.

Beder, ao ser submerso e nascer no seio das águas é "o filho da terra e do mar", ou seja, o filho do espírito e da matéria que, mercê de seu adiantamento e iniciação, podia operar nos dois mundos sem qualquer perigo.

Abdallah é o mestre da compaixão, que dá conselhos para transformar a rainha de Laba em égua. A égua representa nosso animal de carne, o qual deveria ser sempre montado por nós e cuja rédea jamais deveríamos abandonar, sob pena de sermos transformados em animais. A Cidade dos Encantos ou da Rainha Laba não passa deste nosso muito perigoso mundo, dentro do qual nos debatemos durante esta triste encarnação.

A feiticeira Laba (ou a carne) converte, diariamente, a maioria dos homens em animais como a hiena ou o tigre, que vivem dos despojos e do sangue de seus semelhantes, a quem sacrificam em guerras cruéis. Também os converte em hipócritas serpentes e outras espécies de répteis, os quais entram nos lares alheios para neles semear o ciúme e a ruína.

Cada ato nosso não inspirado na virtude verdadeira é sempre um ato animal, que dá nascimento a um ser maligno, filho de nossa própria degeneração, causadora da morte da alma ou da "queda da cidade de Dite", como diria Dante.

Antes de concluir, devemos esclarecer que as cenas de feitiçaria do palácio encantado da rainha Laba foram objeto de plágio na novela inglesa denominada "SHE" e numa outra, de origem francesa, intitulada "ATLANTIDA", premiada pela Academia em 1819.

## Capítulo V

### ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA

O pescador é, em todas as versões das "Mil e Uma Noites", um ser excelso, protegido por Deus, sempre descobrindo o grande segredo do fundo dos mares, É O iniciado que chegou a dominar os espíritos da Água. Aladim descobre, em sucessivos capítulos, o grande segredo das entranhas da terra, o que equivale ao domínio dos espíritos do elemento Terra.

O esperto pescador extraiu do mar os vasos salomônicos da Sabedoria e é o tronco de toda uma série de mitos, como os que existem nas doze versões do Pescador, para as quais não dispomos de espaço suficiente. Podemos, no entanto, dizer breves palavras sobre algumas delas. Na quinta versão, o Pescador ou Iniciado é um ser perspicaz e excelso, capaz de sentir a falta de uma única tijela de água do mar das Esmeraldas. Na sexta, ele é um ser tão idealista e tão enamorado da princesa Jazmina que, por um único casto beijo desta, símbolo eterno do Espírito Imortal do homem, mostra-se capaz de desafiar as mais horríveis torturas e, até, a própria morte.

Na sétima versão surgem três homens superiores dos Três Mundos: os três "Abdallah" ou os três cultores da Religião do Espírito e, assim, sucessivamente, a narrativa do pescador é o símbolo do homem que está sempre correndo em busca da Sabedoria Divina, para trazê-la à lua do dia.

A narrativa de Aladim (este nome significa a sublimidade da religião ou a religião de Alá) é o outro investigador do Mistério Oculto que vem, agora, servir de tronco para outra série não menos admirável de contos. Ele pesca nada mais, nada menos do que o Anel Mágico de Salomão e a inextinguível Lâmpada Maravilhosa, ou seja, o segredo do Poder que exerce domínio sobre os espíritos da Terra e do Fogo que habitam nas entranhas da Terra. O Pescador representa a sabedoria que domina os espíritos do Ar e da Água. Aladim é o querer auxiliado pelo saber, que domina os espíritos da Natureza ou os "Gênios".

Passemos, agora, à ESTÓRIA DE ALADIM E A LÂMPADA MARAVILHOSA.

Morreu, na China, um pobre alfaiate, deixando órfão seu travesso filho Aladim. Certo dia, enquanto o menino brincava na praça, passou por ali um poderoso mago africano, que o convenceu de que

era seu tio e o levou consigo para longe da cidade, até um estranho vale entre duas montanhas. Ali chegados, disse-lhe:

— Vim da África para realizar, aqui, milagres surpreendentes e te quero fazer testemunha de tais maravilhas. Acende o lume com isto.

O menino obedeceu e o mago lançou sobre o fogo certo perfume que libertou denso fumo negro, enquanto recitava, em voz baixa, fórmulas e conjurações que Aladim não entendia.

A terra, então, tremeu, deixando a descoberto uma lousa quadrada de mármore com um anel de bronze. E ele disse ao menino:

— Debaixo desta pedra existe um tesouro oculto, porém a ninguém é permitido, senão a ti, tocar nesta pedra e pôr a mão nele. Tens de obedecer-me cegamente para evitar a tua desgraça e a minha. Tira, portanto, este anel, levanta a pedra e entra, pronunciando os santos nomes de teu pai e de teu avô. No final da escadaria oculta, debaixo de uma pedra, encontrarás, uma depois da outra, três espaçosas salas cheias de ouro e de outras preciosidades. Não deves tocar nem nelas, nem nas paredes. Do outro lado da terceira sala, abrirás uma porta que conduz a um esplêndido jardim e, mais além, existe um oratório aonde encontra-se acesa, eternamente, uma maravilhosa lâmpada, que apagarás, trazendo-a até mim.

Enquanto dizia isso, o mago tirou de si e colocou no dedo de Aladim um maravilhoso anel, que o protegeria e o avisaria de todos os males que o ameaçassem.

Aladim obedeceu ao pé da letra a todas as instruções recebidas e apoderou-se da Lâmpada Maravilhosa, trazendo-a até a boca do subterrâneo, onde o mago o esperava impaciente.

— Dá-me a lâmpada, meu filho! — exclamou o velho.

— Não, respondeu o jovem guiado por um instinto secreto. "Só te será dada quando me vir fora daqui."

Estabeleceu-se entre ambos longa discussão, que acabou por revelar ao jovem a perversa intenção do mago africano, que, já exasperado, devolveu a pedra a seu estado anterior, fazendo-a girar sobre si mesma através de conjurações e deixando encerrado lá dentro o infeliz Aladim. O falso tio e infame bruxo voltou, então, para a África, esquecendo-se, no entanto, que, para desgraça sua, havia deixado o anel mágico nas mãos do menino.

Aladim, depois de chorar muito e de invocar o nome de Deus, juntou as mãos em posição de súplica e, em tal estado, rezou, sem dar-se conta de que tinha ainda o anel mágico no dedo. Nesse mo-

mento apareceu-lhe um poderoso génio, que era escravo do anel, e qual lhe disse:

— Que tens a ordenar-me? Que queres de mim?

— Quero, respondeu Aladim, tremendo, que me tires desta prisão e que me devolvas à minha mãe.

Assim foi feito e Aladim ficou dono da lâmpada mágica oculta em seu peito e do anel em seu dedo. Certo dia, quando sua mãe quis limpar a lâmpada pelo fato de estar suja, esfregando-a descobriu que a ela se apresentou um outro génio, semelhante ao do anel, o qual estava disposto a obedecer-lhe. A mãe de Aladim desmaiou de susto e Aladim pediu ao génio manjares deliciosos.

No outro dia, a mãe, amedrontada e supersticiosa, vendeu a lâmpada a um judeu vizinho, porém Aladim a recuperou.

Aconteceu, porém, que, certo dia, espalhou-se por toda a cidade que, por ordem do sultão, todos deviam fechar-se em suas casas, ao meio-dia, a fim de ninguém visse a incomparável princesa Badrul-Budur sair do banho. Aladim, curioso, propôs-se a ver o rosto da princesa, ficando por ela perdidamente apaixonado. Em seguida, enviou sua mãe ao sultão carregada de pedras preciosas, a fim de pedir a mão de sua filha. O vizir, que tinha vontade de casar a princesa com seu filho, fez com que o sultão adiasse a resposta por três meses, e que este, finalmente, consentisse com a boda.

Aladim ordenou, então, ao génio:

— Traze-me, esta mesma noite, a princesa Badrul-Budur e seu marido pelos ares, e deixa-os a meu completo arbítrio.

O génio obedeceu, prendeu o filho do vizir e Aladim colocou, com garantia de respeito e castidade, sua própria espada desembainhada entre ele e a princesa, assim acomodando-se ao seu lado.

Antes do amanhecer, foram devolvidos pelo génio à alcova nupcial, sem que eles pudessem explicar coisa alguma do que havia acontecido. A aventura repetiu-se. O matrimónio foi anulado e, expirado o prazo de três meses, o sultão exigiu que Aladim lhe enviasse quarenta fontes maciças de ouro, cheias da mesma espécie de jóias com que sua mãe lhe havia anteriormente presenteado.

O génio da Lâmpada preparou todo o pedido. O sultão, assombrado, apressou-se em conceder a mão de sua filha e numa só noite o génio construiu um suntuoso palácio para os recém-casados, o qual tinha tanto luxo e riquezas que todos ficaram maravilhados.

Passaram-se os anos e Aladim chegou a ser o ídolo do reino, mercê de sua generosidade e de seus cuidados para com os súditos do sultão.

O mago africano soube de tudo e quis matar Aladim. Voltou à China, apropriou-se de doze preciosas lâmpadas novas de cobre e fingiu estar empenhado no comércio de trocá-las por lâmpadas velhas e já inúteis.

A princesa, na ausência de Aladim, trocou a Lâmpada Maravilhosa, que era velha, por uma nova. O Magrebin, então, atritou a lâmpada e pediu ao génio que imediatamente, o palácio, juntamente com todos os seus ocupantes, fosse levado da China para a África, o que aconteceu no mesmo instante.

Quando o sultão viu vazio o lugar de seu palácio, acreditou estar louco de espanto e de dor.

O vizir disse:

— Isto é obra de magia e eu tinha certeza de que ia acabar mal.

O sultão condenou Aladim à morte. O povo, que gostava de Aladim, conseguiu que o sultão lhe concedesse um prazo de quarenta dias. O desgraçado esposo lançou-se nas águas de um rio caudaloso, a fim de pôr termo às suas desventuras, porém, ao cair, roçou, inadvertidamente, o anel mágico e, no mesmo instante, apresentou-se-lhe o génio disposto a obedecê-lo.

— Traze, outra vez, a seu lugar anterior, o palácio com tudo que ele contém, disse-lhe Aladim.

— Não posso atender-te, Senhor, porque é assunto reservado ao génio da Lâmpada.

Poderei, no entanto, levar-te ao lugar em que o palácio se encontra agora.

E assim fez.

Chegado à presença de sua esposa, esta contou-lhe a estória da troca da lâmpada. Aladim, então, comprou um veneno e entregou-o à sua amada, a fim de que esta, fingindo ceder às seduções do mago, fizesse com que este o tomasse durante o banquete nupcial.

O mago caiu nas malhas desse plano e morreu desesperado. Aladim apoderou-se da lâmpada maravilhosa e, voltou, juntamente com seu palácio, à China, onde o sultão, seu sogro, pediu-lhe mil perdões.

O irmão do mago morto era mais perverso ainda e infame do que o falecido e quis vingar-lhe a morte, e apoderar-se novamente da Lâmpada, razão pela qual veio ter à China. Ali assassinou uma santa mulher chamada Fátima, célebre por suas curas milagrosas, vestiu-se com sua roupa e pintou o rosto de tal forma que podia-se, facilmente, tomá-lo por ela, introduzindo-se, sob tal disfarce, na

presença de Badrul-Budur, que era grande admiradora de Fátima. A princesa levou-a à grande sala das 24 janelas, célebre por seus prodigiosos adornos.

Então, a falsa Fátima lhe disse:

— Este salão é admirável, porém, para que fique completo, se ria preciso colocar na cúpula um ovo da Ave Roc. Desse modo, ne nhum outro salão poderia rivalizar com ele.

— Que ovo e que pássaro é esse, boa mãe?, perguntou Badrul-Budur.

— A Ave Roc é um pássaro de tamanho portentoso, que habita os cumes nevados do Cáucaso. O misterioso arquiteto deste palácio poderia dar-nos uma ave dessas, respondeu o infame feiticeiro.

A princesa transmitiu esse desejo a Aladim e este, por sua vez, ao génio, que, ao ouvir tamanha pretensão, deu um grito espantoso que fez o palácio estremecer. Em seguida, acrescentou:

— Estás louco, senhor? Desejas que eu traga meu amo e mestre e que o coloque nesta cúpula para desgraça de todos?

E o génio revelou a Aladim a procedência de tão absurda sugestão, filha de um funesto feiticeiro disfarçado de Fátima.

Fingindo concordar, Aladim chamou o infame e enterrou um punhal em seu coração. Viu-se, desse modo, livre daqueles dois embusteiros; dali há pouco herdou o reino pela morte do sultão seu sogro, vivendo feliz por longos anos ao lado de sua esposa, a incomparável Badrul-Budur.

Os comentários a serem feitos sobre a narrativa de Aladim são idênticos aos já feitos para a narrativa do Pescador, porque este último procurou dominar os espíritos do Ar e da Água, enquanto Aladim dominou os espíritos da Terra e do Fogo. Antes de tudo, devemos afirmar que os nomes "Shamseddin", "Nureddin" e "Badredin" encontradiços na narrativa do Pescador podem ser mera variante do mito aladinesco. Eles significam, respectivamente, "o Sol da Religião" e "Astro e Lua da Religião", isto é, Sol, Luz e Lua do Muqdo Superior. Vemos, assim, que Aladim significa "a superioridade da Religião" e Badrul-Budur significa "o Astro-Rei".

O rapto de Badrul-Budur pelo mago é a simbólica substituição dos vícios que acoçam nossa alma casta e pura e também de que a alma não pode estar contente ao lado do Espírito que a cobre e que é possuidor da Lâmpada Maravilhosa e do prodigioso Anel, ou seja, em termos simbólicos, "a lâmpada que nos confere o conhecimento" e "o anel que nos outorga os tesouros do amor".

No entanto, de que modo obter essa "lâmpada" e esse "anel"? O mito responde, dizendo: "Na Caverna da Iniciação", dentro do próprio corpo, que é a cova de Aladim. Dentro desse corpo, que é templo de Deus, encontram-se os subterrâneos misteriosos que escondem tesouros aos quais só têm acesso "os que possuem a lâmpada do verdadeiro conhecimento". Os poderes internos do homem, que valem mais do que tesouros, são defendidos por elementais ater-rorizantes, tal como explicamos em nossa obra "As Chaves do Reino Interno ou o Conhecimento de Si Mesmo". Com efeito, eles são mais do que monstruosos e só podem ser vencidos pelos Aladins, pelos Siegfrieds, pelos Olinos, pelos Hércules e pelos Cristos.

E nos eternos Jardins Encantados eles também se encontram à espera, como o mago Klinson esperando por Siegfried, como o Tentador a Jesus no deserto, ou sejam, as perigosas seduções do dinheiro e do sexo, seduções contra as quais só se encontram em condições de resistir os que levam em suas veias o sangue dos heróis, o sangue dos iniciados.

A "Lâmpada Maravilhosa" é a Ciência Espiritual que os orientais batizaram de "A Doutrina do Olho", É o olho interno de que nos fala Jesus em seu Evangelho: o olho do Espírito que tudo vê e que tem a seu serviço o génio que opera maravilhas.

O "Anel" é o amor do coração, a magia amorosa que identifica o homem com as soberanas leis da Mãe Natureza. A Magia Negra do egoísmo e do vício pode conseguir, tal como fez o mago africano, através de negros fumos, desvendar o caminho que conduz ao subterrâneo, porém de nenhum modo poderá penetrar nele, porque seus poderes estão limitados e "o Mal não pode prevalecer".

Quão admirável é a filosofia da narrativa de Aladim!... O homem pode perder a Lâmpada do Conhecimento e esquecer as virtudes do "Anel do Místico Amor", mas volta sempre a reaver a "lâmpada perdida", porque sempre anda em busca dela.

Com a inefável luz desta Lâmpada ele pode desmascarar todas as hipócritas e nefastas "Fátimas" que pululam, ímpias, pelo mundo, afixando-se máscaras de bondade. O Ovo da Ave Roc é a divina "semente" do ensinamento do Mestre Interno, a voz silenciosa do Eu Sou, que, segundo o mago embusteiro, devia ser colocado na cúpula de nossa mente carnal, a fim de abafar e extinguir a sua luz. Ou, como dizem os Evangelhos, "ninguém deve acender a lâmpada e escondê-la sob o celamin".

Aladim, o Iniciado, consegue, finalmente, todo o poder e toda a riqueza e até a mão de Badrul-Budur, porém, por se ter descuidado

de Lâmpada Maravilhosa, perde-a e depois tem de passar por muitos fatos desagradáveis para voltar a recuperá-la. Isto nos faz recordar a frase que reza: "DINHEIRO PERDIDO, NADA PERDIDO; CIÊNCIA PERDIDA, MUITO PERDIDO; CORAÇÃO PERDIDO, TUDO PERDIDO". Aladim consegue, sim, mediante o Anel, transportar sua amada do leito nupcial até sua casa, mas entre ele e ela coloca a Espada Flamejante da castidade, sem a qual aquele Grande Mistério dos Mistérios não poderia ter-se realizado e é isso que ensinam os grandes místicos.

## Capítulo VI

### A DOCTRINA DO CORAÇÃO E O ANEL DE ALADIM

Assim como o mito do Pescador apresenta doze versões, do mesmo modo o mito de Aladim tem mais de dez. A Lâmpada Maravilhosa é o símbolo da Luz da Sabedoria, também chamada de "A Doutrina do Olho". O Anel é "A Doutrina do Coração" ou o Amor Inefável.

Na segunda versão da narrativa de Aladim, fala-se com mais clareza sobre o poder do Anel Mágico, símbolo daquela doutrina. Uma vez mais podemos repetir que o delicioso livro árabe das "Mil e Uma Noites" é uma bíblia mais acessível ao coração do homem adulto e do homem criança, porque todos os seus ensinamentos estão vazados sob a forma de contos.

A segunda estória que explica a Doutrina do Amor intitula-se "HISTÓRIA DO PRÍNCIPE SELIM DE BASSORA COM O REI DOS GÊNIO" e ela diz assim:

Reinava, antigamente, em Bássora, um príncipe amado por seu povo, cuja felicidade conjugal, porém, dependia de um filho que, em vão, havia sido implorado em orações, por todo o povo, há seis anos.

No sétimo ano, todo o reino implorava pelo sucessor desejado. Um dia, o rei e a rainha encontravam-se orando no maior templo da cidade e aconteceu, então, uma coisa singular. O recinto ficou todo iluminado por uma luz muito esplendorosa, o príncipe elevou os braços aos céus e todos viram que o foco de luz não era outra coisa senão a pedra do anel real.

— O Céu escutou nossas preces, disse o rei.

Quando a sós, a rainha perguntou a seu marido por que razão se havia expressado daquela maneira no templo e ele respondeu:

— Minha querida, este é um segredo que devo guardar até a hora da morte.

Em seguida, fê-la beijar o anel.

A rainha concebeu e deu à luz a um filho chamado Selim, que era bonito como um anjo. Seu horóscopo indicava que a criança seria valente, prudente, sábia e feliz, caso soubesse valer-se de um precioso talismã que serviria de norte para todas as suas ações.

Aos dezoito anos a sabedoria do príncipe eclipsava a dos homens estudiosos mais velhos.

Por essa época, o gigante Oron, da Sibéria, invadiu os Estados do velho Ceilão, e o Rei não pôde sobreviver ao golpe. Um acidente privou-o da fala e ele sucumbiu ao terceiro dia sem deixar testamento. Seu corpo foi sepultado no mausoléu de seus antepassados.

Oron chegou com suas conquistas até o Egito. O jovem príncipe não sabia o que fazer, nem que partido tomar, até que, uma noite, veio até ele, em sonhos, um ancião de imponente majestade, que lhe disse:

— Deves libertar tua pátria, sem calcular nem a quantidade, nem o poder de teus inimigos. Volta, meu filho, ao panteão de teus antepassados, procura o cadáver de teu pai, tira-lhe do dedo o muito famoso talismã e guia-te somente por ele. Se, ao executares teus atos, vires que sua pedra está brilhante e pura, nada temas, porque esta rás no caminho do Bem. Evita, no entanto, por todos os modos, que dêes motivo para que o seu diamante se embaçe, porque, então, esta rás perdido!

Selim obedeceu e, efetivamente, ao tomar posse do anel que jazia na mão inerte de seu pai, viu que o diamante brilhou e iluminou um grande quadro que representava a Abundância. Comprimindo u'a mola, girou o quadro, deixando a descoberto uma espaçosa galeria provida de diversas peças secretas, coalhadas de armas, apetrechos de guerra e grandes urnas repletas de ouro. Com aquilo o jovem teria de sobra para salvar sua pátria.

Assim preparado, saiu para a guerra com seu exército e, ao cabo do sétimo dia, derrotou por completo as hostes do temível gigante Oron.

Enquanto perseguia o inimigo, chegou a um belíssimo castelo em cujo portão estava escrito com letras de ouro: "Templo das Delícias do Amor".

O príncipe entrou e seis lindas donzelas vieram recebê-lo, levando-o à presença da dona do castelo, a princesa Eusina, mulher sedutora, de incomparável formosura, que o recebeu com todos os atrativos sensuais do amor.

Já ia o príncipe cair em seus braços quando, ao olhar para a pedra do Anel, verificou que a pedra estava manchada de pontos escuros. Fez, então, um esforço sobre-humano e fugiu, precipitadamente, daqueles perigosos feitiços. Uma vez do lado de fora, o diamante brilhou de novo com reflexos mais puros do que nunca.

O vencedor de si mesmo perseguiu, novamente, Oron até o Egipto, onde cortou sua cabeça e libertou o mundo de sua cruel tirania.

Selim, então, entregue ao descanso, entre banquetes e festas, vendo desfilar diante dele as mais belas e nobres jovens, decidiu, enfim, não privar-se por mais tempo de seus desejos e, achando que a princesa Circacia era a mais conveniente, marcou com ela um encontro para aquela noite. Enquanto esperava pela hora do prazer, adormeceu e o mesmo ancião venerável de antes apresentou-se-lhe em sonhos, dizendo:

— Não se encontra aqui, Selim, a sétima estátua que te faz falta.

Selim lembrou-se, então, que, enquanto visitava os subterrâneos da abundância, no panteão, a câmara mais admirável de todo aquele encantado labirinto era uma rodeada por seis pedestais coroados por singulares estátuas representativas da Ciência, da Justiça, da Renúncia, da Modéstia, da Força e da Temperança. Sobre o sétimo pedestal, no entanto, apesar de ser o mais bonito, nada havia.

Selim acordou sobressaltado, armou-se à toda pressa, despertou seu povo e fugiu daqueles encantos malditos.

Enquanto libertava mais e mais cidades do poder das forças remanescentes do exército do invasor, Selim tombou ferido de seu cavalo numa cilada preparada por um traidor que outra pessoa não era senão a própria Eusina, que assim vingava-se de seu imperdoável desdém.

Naquele momento, porém, Eusina viu-se assediada por um poder superior: uma puríssima donzela de quinze anos, acompanhada de hostes vitoriosas, cravou-lhe no peito um punhal, deixando-a sem vida.

O anel prodigioso brilhou. O destino uniu em matrimônio a Selim e sua divina libertadora Alina, filha única de Amer, legítimo rei daquele país. Na noite do casamento Selim adormeceu nos braços

de sua companheira e a ele tornou a aparecer o ancião de barba branca, que lhe disse:

— Meu filho, estou satisfeito contigo. És sábio, bom e valente. Que é que te falta? Ser feliz. Protegi teus antepassados e te protejo hoje por meio deste anel que dei a teu pai e, depois, a ti. Por sua virtude livre-te de Eusina, a querida de Oron, afastei-te dos perigos do Egipto e de seus amores lascivos e ainda penso em fazer mais por ti, se me mostrares o devido reconhecimento. A terna esposa que tens deve permanecer pura como foi até hoje e deverás conduzi-la à Ilha do Rei dos Génios, somente tu e tua gente, sempre guiado pelo Anel Mágico.

Novamente Selim acordou assombrado. Porém, grato pelos favores prestados pelo ancião, obedeceu.

Ao cabo de três dias de penosa marcha, os cavalos negaram-se a prosseguir. O génio do bosque, então, ofereceu-lhes outros animais incansáveis, que tinham músculos de aço, com os quais chegaram, por fim, às margens de um lago de águas pestilentas, que o casal cruzou no barquinho de um triste ancião. Na outra margem vieram ao encontro do casal dois crocodilos com cabeça de dragão, que foram destroçados pelos cavalos de aço, vendo, então, os dois amantes que os dragões eram os cadáveres de Eusina e da princesa Circacia, que vomitavam sobre as ondas.

Dormiram, naquela noite, numa floresta muito bonita e, na manhã seguinte, o casal se viu às portas de um maravilhoso palácio na Ilha dos Génios.

Foram recebidos e, no trono, encontraram o Génio dos Génios, que não era outro senão o venerável ancião que aparecia nos sonhos a Selim. O príncipe e sua esposa caíram de joelhos, em sinal de respeito e amor. O ancião os abraçou ternamente e disse a Selim:

— Meu filho, venceste tuas provas. Vai-te para teu palácio e sobre o sétimo pedestal vazio da Sala da Abundância encontrarás a sétima estátua que faltava: a Felicidade. Porém, para tanto, tua esposa ficará aqui, em meu palácio, como recompensa dos singulares favores que te prestei.

O príncipe chorou em seu coração e oscilava entre a paixão e a gratidão. Esta última triunfou, finalmente, e ele resignou-se com seu triste destino, empreendendo sozinho o caminho de volta a seu reino.

Logo que se viu a sós em seu palácio, dirigiu-se, apressado, à galeria das estátuas e seu assombro atingiu as raias do delírio quando, sobre o último pedestal, até então vazio, viu colocada a sua ido-

latrada esposa Alina, de braços abertos; eis que o Génio dos Génios a tinha transportado num carro de fogo até aquele pedestal, a fim de que fosse a protetora do mais admirável dos príncipes.

Esta preciosíssima fábula é um guia completo de comportamento para a tresloucada juventude e tal guia é-nos oferecido pela admirável bíblia a que chamamos de "As Mil e Uma Noites".

O regenerado tem muito medo do fantasma da esterilidade e é por isso que vemos que, desde Sara até a mãe do Batista, é pedida uma geração que contribua para a regeneração. A luz que inunda o templo do Senhor, que é o corpo humano, tem o nome de "Luz Inefável" pelos místicos ou "a Glória do Senhor" pela Bíblia, a qual nimba de glória a auréola que circunda a cabeça dos santos. Essa luz também emana da pedra mágica do anel real do hierofante, porque, geometricamente, ele é o símbolo do domínio sobre a "quarta dimensão" ou "mundo astral", daí derivando o poder dos anéis infinitos: o de Salomão, o dos Nibelungos, o de Záfira, o os Patriarcas e dos Pontífices. A pedra do anel é o coração do homem, cuja luz interna nasce de sua celeste origem. Ela jamais deveria ser empanada pelas nuvens passionais do Astral ou do desejo inferior e sim estar sempre banhada pelas serenas e plácidas luzes do ultraterre-no.

A rainha concebeu quando a Luz Inefável do anel a banhou. O filho que por tão maravilhosos meios vem ao mundo, chega marcado pelas mais doces promessas das estrelas e do Destino em seu horóscopo.

Aquela criatura celeste, ainda criança, é um portento de inata sabedoria espiritual, exatamente como ocorreu na infância dos grandes Instrutores que foram Buda e Jesus.

O gigante Oron, Oton ou Orion é, como todos os seus congéneres, o protótipo do Mal: Ariman, Plutão, Satã, a Serpente, o dragão, o ogre, etc, figuras de todos os mitos, personificando seres astrais criados por nossos baixos desejos e que se convertem no Terror do Umbral, o monstro que submete todo o neófito a duras provas, caso queira penetrar o mundo espiritual. Vencido o candidato, fica ele, como homem, à sua mercê ou, como diria o autor de "Zanoni", quando vence, o candidato entra para o nível dos Mestres, como se pode ver na obra "ADONAI": "Sempre, na sua luta contra o Inimigo Secreto que está nele mesmo, o homem ouve a voz do Mestre Interno que lhe diz: Volta, meu filho, ao Panteão de teus Irmãos Maiores", ou seja, "volta teus olhos para as verdades esquecidas que repousam

em teu coração" e, levantando a tampa que encerra o sepulcro do Cristo, teu Pai, recebe d'Ele o talismã precioso, a norma de conduta, o ensinamento e a prática do amor desinteressado que te há de guiar ao longo da Senda de espinhos simbolizada pela vida. O Panteão é a cova, a cripta ou a Pirâmide da Iniciação Interna."

Esta luz interna inefável põe a descoberto a Senda da Abundância, que é o dom da clarividência e que, assim, funciona como o conhecimento dos poderes para combater, com êxito, aos habitantes inimigos do mundo dos desejos simbolizado por Oron e sua corte.

Selim, Solaiman ou Salomão vence a rude peleja, porém, não fosse pelo sinal dado pelo anel, teria sucumbido em outra luta mais rude ainda, consubstanciada das seduções mágicas do amor no "Templo das Delícias Passionais" presente em todas as narrativas, porque sempre existe uma Helena para um Menelau, uma Dalila para um Sansão, uma esposa de Urias para David, etc... O Cavaleiro Andante estava sempre em busca da Iniciação proporcionada pela Dama Branca de sua Essência Superior, a chispa divina que não tolera rivais.

Quando Selim triunfou nessa gloriosa prova, pôde dirigir-se, com passos seguros, à "Cidade das Pirâmides" ou às "Pirâmides da Iniciação", conseguindo assim vencer o "Terror do Umbral" no Mundo dos Desejos e, por tal meio, libertar todo um povo: o povo das faculdades superiores, anteriormente dominado pelo Mal.

A formosura da pérfida princesa de Circacia teria posto fim a todas as glórias de Selim, caso não tivesse sido auxiliado, em sonhos, por seu Mestre.

Na lenda do príncipe de Bássora estão presentes as duas principais espécies de provas por que têm de passar os neófitos: as primeiras consistem no império sobre o mundo exterior e as segundas referem-se à vitória sobre si mesmo, através da renúncia e do sacrifício. Advém daí a queda que Selim sofre de seu próprio cavalo, que representa a besta humana, o corpo, nas mãos da feiticeira Eusina, bem como o fato de o poder do Eu Sou começar a revelar-se, triunfando sobre o Mal, quando esta procura vingar-se por haver sido desdenhada.

Por trás de todas essas lutas, o herói encontra um sábio e velho Mestre, que amorosamente completa a sua iniciação, fazendo com que o jovem encontre, finalmente, a sua "esposa", que não é uma mulher de carne e osso, mas sua Tríade Superior, única Deusa capaz de ser colocada no mais elevado pedestal do Santuário Iniciático. A prova final — e a mais dura de todas — apresenta-se na suprema

renúncia que o herói tem de adotar no momento exato em que, mercê do seu heroísmo, conseguiu conquistá-la, para, mais tarde, coroando a procissão de seus esforços, encontrá-la de novo símbolo augusto do terrível fluir da Vida.

O símbolo desta lenda iniciática demonstra que a alma, a peso de penas, consegue descobrir o Espírito Superior, com quem, no fim, se une, misticamente, após ter sido purificado pelo crisol da dor e completamente limpo de suas paixões animais.

Em tal estado, o homem perfeito encontra em seu labirinto interior primeiramente os pedestais coroados, representados respectivamente pelas singulares estátuas da Ciência, da Justiça, da Renúncia, da Modéstia, da Força e da Temperança. Por último, no sétimo pedestal, mais bonito ainda e que sempre era visto vazio, a Felicidade o espera como amante e esposa.

Nosso mais profundo respeito ao Iniciado que traçou a "Amorosa Doutrina do Coração" na lenda do "PRÍNCIPE DE BASSORA OU O ANEL PRODIGIOSO".

## Capítulo VII

### O CAMINHO DA DIREITA E O CAMINHO DA ESQUERDA

O grande mito de Aladim é, ao mesmo tempo, o tronco do LIVRO DOS GÉNIOS TERRESTRES, assim como o mito do Pescador foi o tronco do LIVRO DOS GÉNIOS MARÍTIMOS.

O Pescador, como afirmamos, é o símbolo do homem em busca do conhecimento e Aladim é o neófito que o encontra após as buscas. A DOCTRINA DO OLHO ou a SABEDORIA é simbolizada pela Lâmpada Maravilhosa e a DOCTRINA DO CORAÇÃO ou do poder do amor é simbolizada pelo ANEL MÁGICO.

A estória de Aladim, no entanto, apresenta versões não menos numerosas do que as do Pescador.

Não nos é possível reproduzir aqui todas as versões, porque isso ocuparia vários volumes. Daremos, porém, uma síntese delas em poucas linhas. As versões da estória de Aladim compreendem todas as vitórias que podem ser obtidas pelo Iniciado quando diante dele se apresentam os dois caminhos: o Caminho da Direita e o Caminho da Esquerda.

A terceira versão mais completa e sugestiva tem por título "A ESTÓRIA DE YAMLIKA, A PRINCESA SUBTERRÂNEA, a qual, em essência, diz o seguinte:

O sábio Danial, sentindo que ia morrer quando lhe fosse nascer um filho, resumiou toda a ciência existente nos cinco mil manuscritos de sua prodigiosa biblioteca em cinco meras folhinhas e, a seguir, sintetizou essas cinco numa única folhinha, atirando todas aquelas ao mar. Quando Assib, o filho esperado, nasceu, os astrólogos deduziram, a partir de seu horóscopo, que ele viveria por muitos anos, se conseguisse escapar de um enorme perigo que o perseguiria na juventude.

O jovem, porém, cresceu desajeitado e desajeitado continuou até depois de casado. Acompanhava sempre os lenhadores, mas estes, cansados de suas tolices abandonaram-no, em certo dia de tempestade, numa grande caverna. Penetrando aquelas regiões subterrâneas, o pobre Assib encontrou um grande espaço cheio de vasilhas contendo mel. Um terrível escorpião, no entanto, tentou barrar-lhe os passos e Assib, depois de travar luta com ele, matou-o. Através de um interstício na parede, divisou certa luz que se filtrava a partir de um ponto muito profundo. Assib não tardou, porém, a encontrar uma mola que fez enorme porta girar sobre seus próprios gonzos, pela qual entrou engatinhando até chegar, após prolongada angústia, a uma planície encantada, provida de incomparável lago e, nele, um régio trono, rodeado por outros doze mil. No trono estava sentada a formosa princesa Yamlika, que ali construía sua residência de Inverno, embora as montanhas do Cáucaso fossem seu habitual retiro de veraneio.

A rainha, encantada com Assib, fê-lo sentar-se a seu lado e, após opíparo banquete, contou-lhe a seguinte estória:

O rei Bani-Israil deixou, ao morrer, entre seus muitos tesouros, uma pequena arca e, dentro dela, um pergaminho que dizia: "Quem desejar ser senhor absoluto de homens, génios, animais e tudo quanto exista na Terra, que vá à Ilha dos Sete Mares, aonde se encontra o anel do rei Saleiman, que é o mesmo anel que foi usado por nosso pai Adão antes de pecar. Só poderá encontrá-lo quem previamente friccionar os pés com certa planta que é nativa do mundo subterrâneo de Yamlika, a fim de que possa caminhar, sem submergir, nas águas do mar. O possuidor do anel poderá penetrar o Reino das Trevas e ali beber o Elixir da Imortalidade na própria Fonte da Vida."

O pior de tudo — continuou Yamlika — é que ninguém conseguia reconhecer essas planta, nem dela fazer o devido uso, razão

pela qual os sábios anciãos aconselharam Belukis, o filho do falecido rei, a ir em busca do venerável Offan, a fim de que este o conduzisse ao reino subterrâneo, o que foi feito após ser traçado o círculo mágico, apresentando-se ambos diante de mim. Abriguei-os durante três dias e ofereci-lhes a planta da Juventude, que era melhor do que aquela que eles desejavam, prevenindo-os contra a temerária aventura que tentavam realizar, mais própria para heróis, do que para simples mortais. Ensinei-lhes, também, a localização de meu império, o "Shakrhat do Cáucaso", no qual se encontra o Vale dos Diamantes, morada da Ave Rok e dos imortais campeões na célebre cidade de Gennistan, capital do rei Jan-Ben-Jan, o poderoso.

Por fim, partiram juntos, Belukis e seu Mestre Offan. Chegaram à margem do primeiro mar, em frente à primeira ilha, ali vencendo monstros terrestres e marinhos. Em seguida pisaram o solo da montanha do segundo mar, que era de puro imã e defendido pelo mais sanguinário dos tigres, uma outra região absolutamente tenebrosa, uma ilha de areia infestada de répteis venenosos que se lhes enroscavam nas pernas para não lhes deixarem passar; uma montanha de cristal e de ouro em que o pólen das flores transformavam-se em ouro quando delas tombava. Também outra ilha, de cujas árvores pendiam frutos que eram cabeças humanas que, de modo muito sinistro, gritavam, choravam e riam, sendo necessário gastar dois meses para chegar a sétima, sem dar importância às irresistíveis seduções proporcionadas pelas doze formosas filhas do mar, que pretendiam retê-los com seus encantos, e tendo de comer peixes crus como único alimento, apesar das milhares de maçãs, em cada uma das quais estava escrito: "Se me comerdes vos vereis partido cada um em dois". Na sétima e última ilha encontraram, de fato, a sublime gruta de Soleiman, porém, ao recitarem o "mantram" ou fórmula mágica, a fim de nela poderem entrar sem risco, Offan a recitou de trás para diante e uma gota de diamante líquido o queimou, fato que o fez retornar o caminho de volta completamente espavorido.

Belukis, porém, continuou sem acovardar-se e encontrou, então, Sakhr, o poderoso rei da Terra Branca, que era sucessor de Shedad, filho de Aad, e que estava à testa de um prodigioso exército de génios e de heróis. Convém saber que a Terra Branca é uma região celeste situada para além do Monte Cáucaso e que para chegar lá são necessários 65 meses.

Sakhr relatou ao jovem Belukis a excelsa origem de todos os seus antecessores, bem como sua própria história, aonde lhe foram descritas, minuciosamente, as Sete Regiões Cósmicas, quais sejam:

c Gahanaam ou Zona do Fogo, o Lazy ou o Abismo Sem Fundo, O fervente Jalim, entre o Gog e o Magog bíblicos, o Saia, vivenda de Eblis, o Saghar, onde vão ter todos os ímpios após a morte, o Hitmat, para judeus e cristãos, e o Hawya para os maus crentes em geral.

Informou-o, em seguida, de que forma, desde a origem dos tempos, o Senhor Deus criou, a partir do fogo, os génios macho e fêmea, chamados de leão e de loba, dos quais nasceu uma imensa prole de mil diferentes monstros. Mais tarde, formou mesmo assim, sete parelhas de génios obedientes, entre os quais o rebelde Eblis. Quanto à nossa Terra, consta de sete pavimentos gravitando sobre as espáduas de um génio maravilhoso, sentado sobre uma rocha, apoiada num touro, estando este, por sua vez, em cima de um peixe que nada nas águas do Mar da Eternidade, sobre o pavimento superior do Inferno, formado pelas terríveis presas de uma serpente que, até o Dia do Juízo, jaz amarrada, sem poder fugir. Ensinei-lhe, também, muitas coisas relativas ao mais Além do mundo e, em seguida, Sakhr pôs o jovem no caminho de volta a seu mundo, regresso esse que foi objeto de não poucas aventuras dignas de menção particular.

Desde então, concluiu Yamlika, e já fazem cinco anos, nada voltei a saber a respeito de meu amado Belukis, razão pela qual resolvi amar-te e conservar-te a meu lado, ou melhor, colocar-te no caminho adequado para que realizes as mesmas proezas realizadas pelo jovem filho de Bani-Israil.

— Formosíssima rainha Yamlika, respondeu o jovem Assib, sou-te muito grato por tuas ofertas, porém, na minha humilde casa, esperam por mim, chorosas, minha mãe e minha esposa, que muito me amam, às quais não posso, por dever de honra, abandonar.

Comovida ante a nobreza de Assib, a gentil Yamlika ordenou que uma das mulheres-serpente de sua corte o acompanhasse até o mundo dos mortais, não porém sem antes exigir-lhe o juramento de que não haveria de visitar outra vez o "hamman" ou casa de banhos durante o resto de seu dias.

Dias mais tarde, seu vizinhos, estranhando o fato de que ele não visitasse mais o "hamman", levaram-no à força para ali e obrigaram-no a banhar-se. Ao despi-lo, verificaram, no entanto, que todo o seu ventre estava negro, sinal evidente do compromisso que este assumira com a princesa subterrânea e, então, com grande júbilo, levaram-no à presença do Califa, gritando: "ó tu, filho do sapientíssimo Dania! Só tu serás capaz de curar de sua inveterada lepra o rei Karazdan, porque só tu conhecestes a princesa Yamlika, cujo leite virginal, tomado em jejum como dítamo, pode curar as mais

rebeldes doenças. Vão ser que te negues a isso, pois todos quanto foram ter com Yamlika voltaram com o ventre negro, que só se torna visível quando entram no banho."

O jovem foi de tal modo atormentado que, por fim, teve de revelar seu segredo. Em seguida, foi ter novamente com Yamlika, suplicando o seu perdão, pedindo dela para seu rei o prodigioso remédio.

Yamlika, cheia de compaixão, deu-lhe dois frascos: um para o rei, cujo conteúdo o curou no ato, e outro para o vizir, o autor da opressão contra Assib, que arrebentou em meio às mais atrozes dores, sendo Assib nomeado vizir em seu lugar.

E tão logo aprendeu a ler a fim de bem desempenhar o seu cargo, foi diretamente ao pergaminho que seu pai havia deixado escrito e nele leu uma só frase que dizia: "Toda ciência é vã, porque chegaram os tempos do Eloito...".

A estória de Yamlika, a princesa subterrânea, simboliza a ilusão da matéria: pode conferir a juventude, a felicidade efémera, porém não o modo de chegar, através da muito áspera Senda da Virtude, à Ilha Sagrada.

Na Iniciação encontram-se os três únicos caminhos da vida: o Caminho da Esquerda, aconselhado por Laba, pela princesa Circa-cia, por Eusina e pelos demais agentes do Mal; o Caminho da Direita ou Caminho da Magia Branca, através do qual seguem, até o fim, os neófitos como Aladim, Selim, Belukis e outros mais presentes nas narrativas anteriores; finalmente, o Caminho da Vulgaridade ou o Caminho do Centro, a larga trilha seguida pela imensa maioria dos homens, caminho que os expõe, como ao Príncipe Diamante, como ao Apuleio do Asno de Ouro, a verem-se transformados em animais por Laba.

A grande Ilha Branca, que em outras versões das MIL E UMA NOITES é chamada de Wak-Wak ou Ilha dos Setes Mares representa o homem com seus sete corpos, o qual só pode ser abordado ou dominado por quem já seja "senhor" de homens, génios, aves e quadrúpedes.

Esta linguagem simbólica significa que o iniciado, a fim de que possa dominar a Natureza, deve aprender a dominar, antes de tudo, a si mesmo e aos animais que em si mesmo se acham: aos porcos da luxúria, às hienas da traição, etc, etc, como vimos na estória de Laba.

O venerabilíssimo Offan é o Mestre da Sabedoria que fala ao homem por meio da Voz do Silêncio dentro do coração. Os milhares de monstros pertencentes aos quatro reinos são os próprios sentimentos, ações e desejos do homem, que vêm ao seu encontro, ao longo da Senda, para barrar-lhe os passos, quando estes se dirigem à Ilha Branca ou Mundo da Espiritualidade, onde reina absoluta pureza.

A estória de Yamlika contém muitas variações entrelaçadas em tre si mesmas, porém, devido à exiguidade do espaço de que dispomos não nos será possível relatá-las, de modo que, de passagem, apenas as citaremos. São as seguintes:

A HISTÓRIA DO FORMOSO RAPAZ TRISTE, a qual interpreta o estado da alma que volta do Mundo Divino para encarnar num corpo físico, passando toda a vida nas garras da tristeza, no palácio de seu pai, ali permanecendo, com a faculdade de poder percorrer 39 das 40 acomodações do palácio, exceto a última, caso não quisesse que ocorresse grande calamidade, o que, com efeito, acabou sucedendo ou como se encontra narrado em outra estória intitulada A

HISTÓRIA DA CIDADE DE BRONZE. Tudo isto significa que a alma humana não pode contentar-se com nenhum estado e que continuará abrindo portas até chegar à própria Divindade. O mais bonito, porém, desta narrativa é que o rapaz, ao apresentar-se na cidade (ou seja, seu corpo) é conduzido ante uma assembleia de velhos que o proibem de falar e só o Grande Ancião permitiu-se dirigir-lhe três perguntas: "Quem?" "Donde?" "Para onde?", muito conhecidas por muitos iniciados.

Vem, a seguir, a estória do TESOURO SEM FUNDO, revelando que não consiste tanto em ouro e prata, quanto a descoberta, com os olhos vendados, pelo candidato, depois de sofrer heróicas provas, do verdadeiro tesouro da Iniciação, estando sob a ameaça da morte aquele que comete a mais leve das indiscrições. O iniciado descobre, então, no subterrâneo, o "Santo Graal", a "Árvore Prateada com abundantes frutos vermelhos", ou seja, a paradisíaca "Árvore da Ciência do Bem e do Mal".

Em seguida vem a estória de "JOÃOZINHO, O TOLO", que poderia intitular-se "A LENDA DE HÉRCULES". Com efeito, em seus mitos ficam enfatizadas as relações existentes entre o herói grego e os trabalhos que a Hércules foram impostos por seu irmão Euristeu por Decreto do Destino.

Vêm, depois, as estórias de ABUKIR, O TINTUREIRO, E O BARBEIRO ABUSIR", ambos protótipos, respectivamente, da Magia Bran-

ca e da Magia Negra no mundo. São os dois habitantes de Iskandaria, ou seja, a cidade mística e astral, assim chamada em honra de ISKANDAR DOS CHIFRES, um célebre iniciado, espécie de Moisés Bíblico. Neste mito desenvolvem-se o egoísmo e o altruísmo, a pureza primitiva do branco e do azul e de que forma o mago negro inventou a cor vermelha da cólera e do sangue, o cinza da tristeza, o negro do lodo passional, etc, para que, com tal gama de cores, filhas da paixão e do desejo, lavrasse a ruína dos homens através das falsas delícias que matam a luz branca prístina no seio da matéria inerte. Ao mesmo tempo, vemos que o trabalho do mago branco, o barbeiro Abusir, é o de depurar toda a imundície, lavar todos os defeitos físicos, todos os erros intelectuais e todo o lacre humano na casa dos banhos ou "piscina probatória" do Evangelho, cujas águas, removidas por anjos, curavam três espécies de enfermidades: as do corpo, as da alma e as do espírito.

#### A AVENTURA DO PRÍNCIPE DOS RUMS

Esta estória nada mais é do que a lenda de Édipo e da Esfinge. Ela encerra Alquimia e Ocultismo e, sob a aparência de perguntas e respostas alquímicas, faz uma profecia inteira e mágica do Futuro, a saber: a de desposar a jovem ciência do Ocidente com o belo filho da Magia Oriental, ou seja, o Saber Tradicional Perdido, que só o Oriente conserva sob a forma de uma muito preciosa herança deixada por aqueles nossos pais que triunfaram sobre a superfície do planeta.

As perguntas feitas pela princesa ao jovem são muito significativas e importantes, como, por exemplo, esta:

— Quais são os dois inimigos eternos ?

E ele respondeu:

— A Morte e a Vida, porque da Vida nasce a Morte e da Morte nasce a Vida.

— A que devem os talismãs suas virtudes?

E o jovem príncipe respondeu:

— As letras sagradas que encerram, porque tais letras acham-se relacionadas com os espíritos naturais e cada uma tem um que lhe é próprio.

Devemos acrescentar que um espírito é um raio ou Emissão da Virtude da Onipotência. Dentre eles, aqueles que habitam o mundo inteligente presidem no mundo celeste e estes, por sua vez, são

soberanos de quantos vivam no mundo subllunar. As letras, enfim, formam as palavras, estas as orações e as orações gramaticais são *hs* artífices dos prodígios que assombram os homens vulgares, eis que os sábios conhecem o poder mágico das palavras e não ignoram que elas governam o mundo, pois as frases pronunciadas ou es-<sup>1</sup>critas podem sepultar reis sob a ruína de seus palácios e transformar em desertos os mais prósperos países. E a terceira pergunta foi esta:

— Que significam estas palavras escritas num livro antigo: "Dá à jovem virgem do Ocidente o belo filho do rei do Oriente e nascera deste feliz consórcio uma criança que será rei dos reis e senhor de rostos formosos como o sol?" O príncipe respondeu:

— Rainha, tua pergunta encerra o segredo da Pedra Filosofal e suas palavras equivalem a esta afirmação: "Misture a úmida terra do Ocidente com a sadia terra adâmica do Oriente e terás como filho o MERCÚRIO FILOSOFAL, mediante o qual poderás transmutar o cobre em ouro e em sol, o chumbo em lua e em prata, bem como em diamantes as pedras deste muro e, ainda, os mais toscos seixos do solo".

Chegada a vez do príncipe dirigir-se à rainha, perguntou-lhe:

— Como é possível que enquanto estou montado em meu cavalo, estou montado sobre meu próprio pai e sejam de minha mãe, ó rainha, estas roupas com as quais me estás vendo?

A rainha não soube responder, razão pela qual o jovem, para tirar-lhe a dúvida, contou-lhe que havia deixado seu pai e sua mãe como reféns, a fim de adquirir um cavalo e uma roupa, já que eram muito pobres, tendo vindo, então, deste modo, em busca daquela aventura.

Então, a rainha casou-se com ele e restituiu-lhe sua antiga glória.

#### ESTÓRIA DE HASSAN AL BASRI

O rei Kendamir, o sábio, disse a seu vizir:

— Preciso saber o que não se sabe e ver o que nunca foi visto.

Aterrado, o vizir, Pai da Eloquência e sabedor, por tradição, de que toda a ciência da Universo se encontrava encerrada no livro das aventuras de Hassan ai Basri, enviou cinco emissários em busca da obra. Quatro voltaram sem conseguir nada. O quinto chegou a Damasco e pediu a ciência ao Sheik Ishak Al-Monnabi, um santo, que lhe disse:

— Dar-te-ei o que pedes, mas, antes, terás de jurar-me que não transmitirás esses ensinamentos a estas cinco espécies de pessoas: os ignorantes, porque seu espírito grosseiro e adormecido não saberia valorizá-los; os hipócritas e fingidos, porque se assustam com tudo; os pedantes, que se consideram mestres do Bem, mas são apenas mestres da perdição; os idiotas e os descrentes, porque nenhum deles saberia extrair dessa ciência nada de proveitoso nem de prático.

E, assim dizendo, ditou-lhe o ambicionado livro que buscava, palavra por palavra, durante sete dias e sete noites, sem interrupção.

O emissário, então, recebeu a bênção de seu Mestre e voltou para a corte, entregando o livro ao vizir que, depois de copiá-lo com muito esmero, entregou-o ao rei.

Tal livro relatava a estória de HASSAN AL BASRI e assim dizia: "Hassan nasceu de pais virtuosos. O horóscopo do menino anunciava um excelso porvir e que ele chegaria a dominar a grande serpente do rei Solaiman ben Daud.

Morto seu pai, sua mãe colocou-o numa ourivesaria. Todos vinham à tenda para admirar a formosura e os dotes do jovem Hassan.

Certo dia apresentou-se a ele um ancião persa de longas barbas e olhos de fogo, portador de um livro antigo, que perguntou-lhe, antes de mais nada, se era casado. Tendo sido informado que o jovem ainda era solteiro, acrescentou:

— Nesse caso, posso adotar-te e ensinar-te toda a ciência que adquiri.

E, dizendo isto, fez com que lhe trouxessem grande quantidade de objetos de cobre, que, de imediato, transformou em puro ouro mediante a aplicação de certos pós amarelos, ao mesmo tempo que recitava as palavras mágicas "Hakh, Makh, Bakh".

Entusiasmado, o jovem entregou-se ao ancião, apesar dos protestos de sua velha mãe e, sob o baixo pretexto de lhe ser explicada a obtenção do Elixir da Longa Vida, foi narcotizado, seus músculos dobrados sobre o tronco, metido numa arca juntamente com todo o ouro obtido e posto a bordo de um navio que estava esperando na praia, o qual fez-se ao mar, tomando rumo desconhecido.

Quando a embarcação chegou a uma praia deserta, o "parsí", que outra pessoa não era senão o terrível mago negro Bahram el Gauro, disse ao jovem:

— Tal como fiz contigo, sequestrei outros novecentos e noventa e nove jovens, embora sejas o mais formoso de todos! Abjurarás tuas falsas ideias e levar-te-ei pelos ares ao cume da Montanha das

Nuvens, onde colheremos os talos de certas plantas misteriosas, das quais extrairemos o divino Elixir da Longa Vida.

E, dizendo isto, mostrou um pequeno tambor cheio de sinais mágicos, vibrando-o com os próprios dedos. Imediatamente surgiu da terra um gigantesco cavalo negro, dotado de enormes asas e soltando fogo pelos cascos e pelo focinho, sobre o qual ambos montaram. Já no ar, o mago negro soltou uma gargalhada satânica e disse:

— Estás à mercê de meus caprichos, ó infeliz, e ninguém neste mundo poderá contrapor-se a meus poderes.

No entanto, o jovem Hassam recitou uma fórmula de fé e tirou do ser maligno o mencionado tambor, que se precipitou num abismo. O cavalo parou sobre uma cidade imensa, na qual existia um palácio com a cúpula de ouro. O jovem, colocando o tambor ao lado da cintura, desceu suavemente até a porta do palácio. Através de pátios abertos, avançou, e penetrou num régio aposento em que duas jovens muito formosas jogavam xadrez. Vendo-o, vieram recebê-lo com muito carinho, jurando-lhe fraterna amizade e, depois de lhe servirem ricos alimentos, disseram-lhe:

— Tua feliz chegada faz dançar de alegria até as pedras deste palácio!

Contaram-lhe, em seguida, a estória do palácio e a de suas outras cinco irmãs, bem como a razão de ser de seus poéticos nomes, quais sejam: "Estrela Matutina", "Estrela Vespertina", "Cornalina", "Botão de Rosa" e "Grão de Mirto". Todas ali se achavam presas pelo próprio pai, que era um "mered" ou gênio, a fim de que não se casassem com os filhos de Adão.

Depois disso as irmãs tiveram de fazer uma viagem curta em companhia do pai e entregaram a Hassan as 40 chaves de outros tantos aposentos do palácio, dizendo-lhe porém que não devia abrir, por nada deste mundo, a porta que utilizava a chave que tinha uma turquesa incrustada, porque, caso o fizesse, grande mal se abateria sobre ele.

Dias depois, no entanto, o rapaz abriu aquela porta fechada de número 40, que conduzia ao lago celeste, jamais visto por olhos humanos. Hassan viu chegarem a esse lago dez aves divinas, que abandonaram ali seus mantos de plumas e se transformaram em mulheres. Depois de se banharem, voltaram a envergar suas plumagens e saíram voando até desaparecerem no horizonte azul.

Hassan enamorou-se de Esplendor, filha do rei dos gênios, a mulhe--cisne. Botão de Rosa aconselhou-lhe que, quando as aves viessem banhar-se naquele lago ao tempo da Lua Nova, o jovem se

apoderasse de sua vestimenta de ave e que a retivesse pelos cabelos de ouro, sem importar-se com suas ameaças ou com suas súplicas.

Obedeceu Hassan a essas recomendações, apoderou-se de Esplendor, casou-se com ela e voltou para Bagdtd no exato ano em que esta concebeu dois filhos. Porém, desgraçadamente, durante sua ausência, Esplendor encontrou de novo sua vestimenta de ave, que havia sido ocultada, e, colocando sob as asas os dois filhos, abandonou, voando, a cidade. Antes, porém, de afastar-se, disse para sua sogra:

— Se meu marido quiser ver-me, que me siga até a inacessível Ilha de Wak-Wak.

Esta narrativa demonstra que o homem, enquanto está vivo, deve sempre estar em busca da luz divina, do Esplendor, o qual, apesar de haver concebido neste mundo os dois gémeos imortais, o Sol e a Lua, ou seja, a Luz Maior e a Menor dos mistérios iniciáticos, deverá retornar ao céu do homem, simbolizado pela Ilha Wak-Wak. Não se deve esquecer que Hassan ai Basri é o próprio homem, protótipo de Jesus, que desposa Esplendor em seu próprio corpo, onde se acham os tesouros de nossas faculdades internas, tal como no Palácio dos 40 Cômodos", dentro do qual não podemos ficar felizes enquanto não abrimos o último aposento, que é o período da razão, o mesmo que faz retornar ao Céu a "Ilha de Wak-Wak", caberido a nós realizar a penosa escalada, a fim de encontrá-la mediante heróicos e complicados esforços, os quais veremos detalhadamente, a seguir, no "Livro das Iniciações".

#### A ESPLÊNDIDA ESTÓRIA DO PRÍNCIPE DIAMANTE

Esta estória tem relação muito íntima com a de Hassan el Basri, porque o príncipe teve de visitar, como Hassan, a Ilha de Wak-Wak.

Os extratos desta estória assim dizem:

O Príncipe Schams, por sua generosidade e justiça, era conhecido como Príncipe Diamante. Certo dia, numa caçada, viu um bonito gamo e, a todo galope, pôs-se a correr em sua perseguição. Depois de passar o dia inteiro sem conseguir alcançá-lo, chegou a um jardim paradisíaco e viu-se diante de um venerável ancião, que se encontrava semidespido e orando embaixo de uma enorme árvore.

O ancião contou-lhe, então, a estória de Mohra, cujo nome significa "a única por seus dotes pessoais e por sua sabedoria", a qual, sob a forma de enigma, apresentava esta pergunta a todos que a encontravam: "Que relação existe entre a Pinheira e o Cipreste?". Àquele que respondesse ela ofertaria o seu amor, mas ao que não soubesse responder ela mandava decapitar.

O Príncipe Schams, totalmente apaixonado só pelo que acabara de ouvir a respeito de Mohra, lança-se em busca dessa mulher. Depois de muitos dias e de muitos sofrimentos, chega aos domínios da princesa, onde foi compassivamente acolhido pela ama-de-leite de Mohra, cujo nome era RAMO DE CORAL. Esta disse à sua senhora: "Trata-se de um louco, ou seja, um santo".

Ramo de Coral informou-o que, embaixo do leito de marfim da princesa, havia um negro fugido da cidade de Wak-Wak, o qual a vampirizava e que fora ele quem inventara o famoso enigma, a fim de que a princesa jamais conseguisse o amor de um príncipe. "Deverás ir, disse ela, à cidade de Wak-Wak se quiseres conquistar a princesa."

A caminho da cidade, Schams encontrou um malvado a quem perguntou pelo caminho certo.

Esse malvado respondeu:

— Há três caminhos para essa cidade: o da direita, o do meio e o da esquerda. Se fores pelo da esquerda terás feito a melhor escolha.

E, apanhando um pouco de pó, acrescentou:

— Quero virar pó se conseguires chegar à meta desejada.

O jovem escolheu o caminho do meio. Chegou a um jardim e venceu ao negro que o custodiava. Viu, nesse jardim, manadas inteiras de gamos, que lhe faziam sinais para que não seguisse. O príncipe, então, encontrou a jovem Latifa, que transformou o jovem num gamo. Por fim, o gamo fugiu e Gamila, irmã menor de Latifa, conseguiu devolver-lhe a forma primitiva, dando-lhe sete roupas de linho e "as quatro coisas herdadas", isto é, o Arco de Ouro do Profeta Saleh, a Espada de Aço, o Escorpião de Solaiman e o Punhal de Jade de Tammuz.

Após mil peripécias, o jovem chegou, enfim, a Wak-Wak. Ali descobriu o segredo da Pinheira e do Cipreste, que eram os nomes respectivos do rei e da rainha, o qual consistia no seguinte:

Pinheira era a filha de um rei que não havia sido dada ao rei Cipreste devido a duas velhas cegas do seguinte modo: as velhas lhe haviam revelado que no lugar, que não se sabe qual rio, pastava uma

vaca vermelha e branca, cujo excremento, se passado nos olhos de qualquer pessoa, conferia a clarividência. Graças a essa faculdade. Cipreste conseguiu encontrar a oculta PARTÍCULA DE BELEZA, também chamada de Pinheira, filha de um grande rei daqueles prodigiosos Gennes, com quem viveu feliz por uma lua inteira, após o que o pai surpreendeu-os e condenou-os à fogueira. No entanto, por estarem unguídos pelo azeite da serpente faraônica, ficaram no meio das chamas mais à vontade do que num jardim. Respeitados assim pelos "genni", seus súditos, então, foram levados triunfalmente pelos ares num carro de ouro a Wak-Wak.

Uma noite, porém, depois que isto aconteceu, Cipreste descobriu que sua esposa era feiticeira e, como tal, viajava em seu duplo a enormes distâncias, coisa que ele comprovou quando passou revista em suas estrebarias, encontrando fracos e extenuados seus "cavalos de vento". Na noite seguinte, cospe fora o narcótico e segue sua mulher até uma casa em ruínas, situada em meio a espantoso deserto, onde sete negros a esperavam para gozar de seus favores. Cipreste matou cinco deles e levou o sexto vivo para ser decapitado na presença da mulher infiel. Escapou-lhe, porém, o sétimo, qMe é o que hoje se encontra escondido em baixo do leito da princesa Mohra.

Sabedor da estória, o jovem voltou ao castelo de Mohra. Repicou o tambor na entrada e deu a resposta do enigma relativo às relações entre Pinheira e Cipreste, casando-se assim com a princesa depois de degolar o último negro.

Já vimos o que significam os "três caminhos únicos da vida", ou sejam, aqueles que conduzem à Ilha de Wak-Wak: o direito, que é o bom; o esquerdo, que é o mau, e o do meio que expõe o homem a ser transformado em animal. Os sete trajes de linho representam os sete corpos do Eu Sou ou os sete mundos em que ele habita.

O Arco de Ouro é a energia na Sabedoria. A Espada de Aço é a vontade atuando no agir. O Escorpião é o fogo serpentino no ousar e o Punhal é o silêncio do homem que percorre a Senda com as quatro características da Esfinge do Mistério.

A relação entre Pinheira e Cipreste é simplesmente a do mundo astral e seus gênios. Tal mundo ser-nos-á sempre invisível, a menos que purifiquemos nossos cegos olhos, conseguindo a clarividência, com o excremento da Vaca, ou seja, com a Doutrina Lunar ou Doutrina do Eu, que precede a Doutrina Solar, a qual só é obtida pela assimilação perfeita da Sabedoria Perdida.

A princesa Mohra é como a alma que está sendo vampirizada pelo negro desejo que a prende à matéria, não permitindo que ela

despose o espírito do Príncipe, É O homem que deve matar o negro para libertar sua amada.

A Natureza está disposta em sete planos ou sete negros. O homem, durante as idades, pôde triunfar sobre seis, porém o sétimo escapou-lhe e ocultou-se até hoje, sob o leito astral da alma, recebendo o nome de instinto animal.

O homem que não consegue dominar seus instintos inferiores durante o dia, tende a fazer com que, durante a noite, seu astral se associe com os desejos que lhe são afins e que praticou em estado de vigília. Por tal motivo, Mohra, que é o símbolo da alma, era vampirizada de noite pelo negro, que impedia sua união com um príncipe ou, como dizem os ioguis, com Deus. Quando, porém, o príncipe (ou o homem) chega a descobrir o mistério e mata o vampiro, a alma enverga trajes de boda, como nos conta o Evangelho, representativos do corpo anímico puro, unindo-se em matrimônio com seu amado Eu Sou ou Deus.

Benditos sejam os iniciados que esconderam tais mistérios nas lendas das "Mil e Uma Noites"!...

## Capítulo VIII

### OS HOMENS QUE PODEM SER INICIADOS E AS PROVAS DA INICIAÇÃO

O Livro das "Mil e Uma Noites" é, por assim dizer, um livro iniciático dos mais formosos e antigos.

Este capítulo conta os supremos esforços que devem ser feitos pelo candidato a fim de obter a Iniciação.

Antes de tudo, o candidato deve ser um herói do coração, tal como o foram Aladim, Selim, Hassan el Basri e outros. Seu heroísmo deve ultrapassar os limites da humanidade comum.

As condições exigidas do heróico candidato são muitas: aqui a morte, ali a loucura e, mais além, o assédio dos seres do Astral, do Invisível, juntamente com outros monstros em seu caminho, sempre dispostos a enganá-lo, devorá-lo e perdê-lo.

A primeira dessas condições é, sem dúvida, a paciência, porém não uma paciência qualquer, mas aquela sem limites de que trata o título seguinte:

## A VERDADEIRA CIÊNCIA DA VIDA

Contam que vivia numa cidade um formoso e estudioso jovem, o qual, embora nada lhe faltasse para a felicidade da vida, tinha sempre o desejo de aprender mais e mais.

Certo dia, foi-lhe revelado que, em certo país distante, vivia um ancião que exercia a profissão de ferreiro, o qual possuía a ciência de todos os sábios reunidos.

Quando o jovem ouviu essa revelação, abandonou tudo e encaminhou-se para o país longínquo onde vivia o santo sábio. Após quarenta dias de caminhada e de expor-se a muitos perigos e fadigas, chegou à cidade do ferreiro e, apresentando-se diante dele, recebeu esta pergunta do ancião:

— Que desejas, meu filho?

E ele respondeu:

— Aprender a ciência.

E o ferreiro, em resposta colocou-lhe nas mãos a corda do fole da forja, pedindo que a puxasse.

O novo discípulo obedeceu e, assim, pôs-se a estender e a afrouxar a corda do fole, sem interrupção, durante semanas, meses e anos, sem que ninguém lhe dirigisse uma só palavra.

Decorrem, assim, cinco anos e, certo dia, ele aventurou-se a timidamente abrir a boca, dizendo:

— Mestre!

— Que Queres ?

— Ciência!

— Continue na corda.

E, sem pronunciar nenhuma outra palavra, o aprendiz retomou seu trabalho.

Transcorridos outros cinco anos, o velho ferreiro aproximou-se do jovem pela primeira vez, após um período de 10 anos já passados, fê-lo soltar a corda e falou-lhe, dizendo:

— Meu filho, já podes voltar a teu país, levando em teu coração toda a ciência da Vida, pois adquiriste toda ela através da virtude da paciência.

E deu-lhe um beijo de paz. E o discípulo retornou iluminado a seu país e para o convívio de seus amigos, vendo a vida muito claramente.

Observamos neste conto a mais pura sobrevivência popular do silêncio pitagórico. Durante cinco anos o ouvinte só podia trabalhar

em silêncio. Newton afirmou: "Quem é dono de si mesmo, é dono do mundo".

Há muitas variantes para esta sapientíssima parábola. Uma delas leva o seguinte título:

## ESTÓRIA DE BAIBARS E DO DUODÉCIMO CAPITÃO DE POLÍCIA

O resumo assim diz:

Um por um, os três filhos do rei foram entregues ao derviche para que lhes fosse ensinada a Ciência. O derviche levou, imediatamente, o primeiro e o segundo através do deserto, perguntando, após várias horas de caminhada:

— Têm sede ?

— Sim, respondiam, também afirmando que não conseguiriam mais caminhar com ela. O derviche devolveu ambos aos pais, dizendo:

— Não me servem.

Porém, ao levar o terceiro e de fazer-lhe a mesma pergunta, este limitou-se a responder, até mesmo com absoluta indiferença:

— Terei sede enquanto a tiverdes, Mestre.

O derviche abraçou-o e disse:

— Só tu és digno de ler o livro mágico que vou dar-te!

Outra variante é:

## A MOÇA DO PÉ PEQUENO E SEU IRMÃO CABEÇUDO

Esta variante procura mostrar ao futuro candidato ou herói de que forma um menino de raras qualidades, diferente dos demais, inicia sua carreira de obstáculos, batendo-se contra a vulgaridade de um ambiente que procura barrar-lhe os passos desde o primeiro dia.

Vem, em seguida, a ESTÓRIA DO LIVRO MÁGICO. Haroun Ar-Rachid, estando aborrecido certa noite, tirou um livro muito antigo de sua Biblioteca e, para grande surpresa sua, primeiro começou a rir e a dar gargalhadas e, depois, a chorar inconsolavelmente.

— Façam vir à minha presença, exclamou o Califa, um sábio que seja capaz de explicar estas duas emoções descontraídas!

Aconteceu, então, que o tal livro que havia causado emoções tão díspares no Califa não era outro senão o **Livro da Vida**, pela

leitura do qual rimos, quando jovens, e choramos, quando velhos. A razão disto é que, depois de docilmente depurarmos nossa paciência e depois que o candidato encontra o **Livro Iniciático**, que é o Livro da Vida, começam para ele as terríveis provas da Senda, as "or-dálias do Astral", suplícios frequentes em todos os contos das Mil e Uma Noites.

Do mesmo modo, são variantes desse conto as seguintes estórias:

#### A ESTÓRIA DE MAHMUN — A ESTÓRIA DE BABA ABDALA OU O FRACASSO DA AMBIÇÃO — A ESTÓRIA DE CODASAC E SEUS IRMÃOS — A ESTÓRIA DO INVEJOSO E DO INVEJADO

Antes de prosseguirmos no exame oculto do maravilhoso livro iniciático das "Mil e Uma Noites", convém que, antes de começar um novo capítulo, lancemos uma olhada geral e sintética nos capítulos que ficaram para trás.

No Capítulo I estudamos a tese fundamental da obra, que é o terrível drama da vida humana: um estado paradisíaco de primeira felicidade, a dor imensa da queda, a sentença fatal de morte como consequência e, por último, o prolongamento infinito de tamanha fatalidade, graças aos poderes divinos da Fada Imaginação.

No Capítulo II desenvolveu-se uma formosa variante desse mesmo tema, o que poderia ser tido como uma primitiva introdução ao Grande Livro.

Nos capítulos subsequentes mostrou-se algo semelhante ao panorama do mundo invisível que nos rodeia, para cuja visão efetiva falta-nos o olho da intuição. Os habitantes desse mundo são os Elementos ou Espíritos dos Elementos, os quais habitam o seio das águas e recebem o nome de "Mareds", as entranhas da terra ou "genni", e os elementos do ar e do fogo.

A todos esses seres será preciso vencer, se quisermos libertar-nos das cadeias terrestres, porque tais seres nos aprisionam com seus desejos, com seus erros e com sua concupiscência.

Vencidos esses monstros, poderemos ser iniciados, isto é, poderemos chegar a ser divinos, vencendo e submetendo a nosso próprio arbítrio essa caterva de entidades e a esses monstros que procuram impedir nossa caminhada.

Começa, daqui por diante, a Segunda Parte do livro. O neófito ou aspirante, depois do sensacional triunfo sobre si mesmo, pode

afirmar, como Jesus, que "no Reino de meu Pai (ou seja, no outro mundo) os últimos serão os primeiros".

E esse personagem estranho, triste, solitário, desprezado, pobre, empreende o caminho iniciático, enfrentando cruéis lutas e perigos. E, como está procurando, encontra em seu caminho as terríveis or-dálias da Senda, as mesmas que se encontram descritas nas "sete viagens iniciáticas de Simbad, o Marujo".

## Capítulo IX

### O LIVRO DAS INICIAÇÕES E DAS VIAGENS INICIÁTICAS

O neófito que sai em busca do Saber Divino deve encontrar o Caminho, porém, para chegar à meta, tem de sofrer as terríveis or-dálias da Senda.

As viagens iniciáticas acham-se descritas nas sete viagens de Simbad, o Marujo.

Não nos é possível narrar as sete viagens de Simbad, nem tecer comentários ocultistas sobre elas, pois, se assim fizéssemos, o presente capítulo se transformaria num volume inteiro. Basta, portanto, à intuição algumas elementares referências a elas.

Na primeira viagem, Simbad passa por muitas ilhas e desafia grandes perigos, um dos quais ocorre quando ele desembarca com seus companheiros numa ilhota que, depois, descobrem ser uma baleia. Ao sentir nas costas o fogo que os homens haviam aceso, arrastou-os para o fundo do mar. Também encontramos na Bíblia o episódio de "Jonas e a Baleia", a qual engole o candidato e o devolve às desoladas praias de Nínive. As alegorias da primeira viagem mostram a alma sendo tragada pelo corpo físico, representado pela baleia de Jonas, quando este desce sobre a matéria, que é a Ilha de Simbad, o Marujo, que é arrastado para o fundo do mar ou costas deste mundo.

O ventre da baleia é o "antro iniciático" ou "a câmara das reflexões"; é o deserto em que Jesus foi tentado antes de iniciar sua missão, É, enfim, a viagem que prepara o homem para cumprir seus deveres dentro da vida física.

Na segunda viagem aparece novamente a Ave Rock, que simboliza a razão, uma vez que já vimos, anteriormente, que ela con-

fere riquezas inumeráveis e aladinescas. O herói, no entanto, não se dá por satisfeito. Quem pode limitar a Divindade no homem? E, assim, ele parte para a terceira viagem.

Nessa terceira viagem, encontramos, pela primeira vez, os "anões", ou seja, os gnomos da terra, que são as menos invisíveis de todas as entidades do mundo astral ou, melhor dizendo, do mundo etéreo.

Esses elementais encontram-se quase no limite da nossa percepção comum, como bem sabem os ocultistas, e isso nos foi dito simbolicamente pela musa de Swift nas suas "Viagens de Gulliver". Para chegar ao mundo deles depara o herói com "a serpente enroscada na árvore", isto é, vê e aprende a Ciência do Bem e do Mal simbolizada na "Árvore do Paraíso". Em seguida aos "anões" desta terceira viagem, surgem logicamente os "gigantes" ou "ciclopes". Homero também nos descreve maravilhosamente as aventuras de Simbad-Ulisses com o Príncipe Polifemo em sua "Odisséia". A árvore em que Simbad se refugia é a Árvore da Sabedoria Hermética e a Ilha de Salahat em que se salva é a Ilha de Talasa de certas iniciações, a qual simboliza o coração humano.

A quarta viagem, por sua vez, simboliza a queda ou a descida aos Infernos (lugares inferiores) de todos os candidatos antes da iniciação, descida essa efetuada por Orfeu para salvar Eurídice, por Perseu para resgatar Andrômeda, por Jesus para salvar as almas acorrentadas. Nessa "descida" a matéria triunfa por instantes, para dela surgir triunfante e "ressuscitado" o espírito. A "Eurídice", por assim dizer, de Simbad é a filha do rei "a quem ensina o uso dos estribos", ou seja, a firmeza e o equilíbrio da justiça, sem a qual o Cavaleiro Andante não pode alcançar sua "Dama". A residência temporária no "mundo infernal da queda" está representada pelo homem enterrado vivo da estória de Simbad, "juntamente com o cadáver de sua mulher", ou seja, o espírito adormecido de todos os homens enquanto permanecem no corpo físico. Com tudo isto, ele volta ao subterrâneo de Aladim, aumentando mais e mais as riquezas do herói, que são os novos conhecimentos adquiridos. Aqueles que quiserem aprofundar-se nestes mistérios, poderão ler nossa obra intitulada "AS CHAVES DO REINO OU O CONHECIMENTO DE SI MESMO", pois nela encontrarão decifrados os segredos da Iniciação Interna.

A quinta viagem descreve de que forma um homem bestial rompe o ovo "Rock" ou o "Véu" da espiritualidade, bem como de que forma um velho, que afirmava não poder manter-se de pé, pede-lhe,

por sinais, que o leve para o outro lado do rio. Conta, também, como, trepando o velho em seus ombros e tão logo o tem sob seu domínio, transforma-se num vampiro que permanecerá cavalgando eternamente sobre seus ombros.

É o espantoso penhasco de Sisifo. É o habitante do Umbral, descrito por Zanoni. É o que tenta a Jesus. O único meio de livrar-se desse "inimigo íntimo" é o Vinho Eucarístico da Espiritualidade, vinho cujos efeitos o malvado vampiro não consegue suportar, protótipo de todos os elementais ou vícios que nos obcecaram e aprisionam.

A sexta viagem é uma alusão aos lugares onde o Conhecimento Iniciático pode ser obtido. O único passo em direção à "montanha inacessível", onde se encontra o Mestre, é uma balsa ou uma embarcação, ou seja, as obras que o homem faz com seu próprio esforço para não ser arrebatado e afundado pela corrente da "Luz Astral" ou dos desejos na temível torrente da vida. O despertar de tão perigosas trevas realiza-se, por fim, no céu e já em sua sétima e última viagem triunfal ele pode ir, como embaixador, a "Serendib", na qualidade de verdadeiro mestre conseguida na viagem anterior. Ainda aí os ladrões procuram roubar-lhe os tesouros quando de sua volta, porém o próprio elefante leva-o ao cemitério dos elefantes, coalhado de ossos dos seus semelhantes, onde nenhum ser humano conseguiu chegar até hoje.

As viagens iniciáticas de Simbad, o Marujo, têm seu equivalente ocultista num conto muito bonito intitulado

#### O PRÍNCIPE AHMED E A FADA PERI BANU

Este conto, podemos dizer, é como uma continuação do anterior, porque os iniciados que podem fazer essas perigosas viagens adquirem certas faculdades ou dons divinos, embora nem todos atinjam o grau de Adeptos, como veremos.

A estória do Príncipe Ahmed e da fada Peri-Banu diz assim: Três príncipes irmãos enamoraram-se da mesma princesa e para resolver a questão o sultão mandou-os mundo à fora para que voltassem, ao cabo de um ano, com alguma coisa estranha e rara. O que trouxesse a coisa mais valiosa e admirável receberia, como prêmio, a mão da princesa.

Ao fim de um ano, os três irmãos reuniram-se numa cidade ainda distante da corte e revelaram o que haviam conseguido respectivamente.

O irmão mais velho trouxera um espelho mágico, para o qual bastava olhar para que as coisas mais remotas no espaço e no tempo surgissem.

O segundo trouxe um tapete — seria um avião? — sobre o qual bastava pisar e pronunciar certo encantamento para que a pessoa fosse transportada pelos ares e conduzida ao lugar escolhido.

O terceiro, que era Ahmed, trouxera uma maçã que, dada a qualquer doente, fazia com que este imediatamente recuperasse a saúde.

Experimentaram o espelho e muito grande foi o sofrimento dos três irmãos quando viram nele que a princesa tão ambicionada por eles estava agonizando. Imediatamente, os 3 irmãos, com a velocidade do raio, deslocaram-se para lá sobre o tapete voador trazido pelo segundo, porém graças à maçã do terceiro conseguiram restituir a saúde da princesa.

Perplexo, o sultão, compreendendo que sem qualquer das três coisas trazidas sua filha teria morrido, resolveu conceder-lhe a mão a quem triunfasse na prova do arco, tão comum entre os povos antigos. A princesa casaria com aquele que jogasse mais longe a flecha.

O primeiro irmão mandou a flecha muito longe, mas foi sobrepujado pelo segundo. A do terceiro, no entanto, foi tão longe que chegou a perder-se e ninguém conseguiu encontrá-la. O Sultão, assim, concedeu a mão de sua filha ao segundo, enquanto o primeiro retirou-se para um Cenóbio, e o terceiro, acreditando-se injustamente preterido, retirou-se da corte e foi em busca de sua flecha.

Após mil padecimentos e caminhando sempre para a frente, tombou, por fim, exausto junto a algumas rochas retiradas e inóspitas, a cujo pé viu a flecha arremessada por seu esforço. Ela havia encontrado o alvo e havia aberto, de par em par, uma estreita porta de ferro, sem fechadura, na parte mais rasa daquelas retiradas rochas, ocultas aos olhos do mundo.

O príncipe penetrou os maravilhosos subterrâneos e, sem parar para examinar suas infinitas riquezas, encontra a fada Peri-Banu, ao lado de quem descobre pela primeira vez o amor e ao seu lado passa uma existência feliz.

A voz do dever e do sangue recordam, por fim, ao príncipe que deixou seu pai e sua gente neste baixo mundo e pede à fada permissão para voltar a vê-los, sob a condição de não revelar ao sultão o seu casamento, nem o local do retiro em que ele e a fada viviam

tão felizes. Tornaram-se, pouco a pouco, mais frequentes as visitas, do príncipe ao reino de seu pai. Este, aconselhado por um cortesão invejoso, apelou para a necromancia e violou o segredo do retiro dos dois amantes sobre-humanos. Em seguida, pediu ao filho coisas impossíveis e ilícitas. Pede nada mais, nada menos para conhecer o rei Kabir dos Génios, irmão da Fada, o qual cai sobre o reino e castiga aos delinquentes tal como aconteceu com Sodoma e Gomorra.

A explicação desta narrativa é a seguinte:

Três neófitos realizam as sete viagens da iniciação interna. Um deles adquiriu o poder da clarividência (o espelho mágico), utilizado por muitos ocultistas atuais.

O segundo adquiriu o poder da levitação, que consiste em viajar e agir no Mundo Astral.

Ahmed, o terceiro, obteve o Elixir da Longa Vida, simbolizado pela maçã.

Os três desejam casar-se, ou seja, identificar-se com a alma interna, origem da vida.

Os três lançam a flecha mágica da concentração. A flecha de Ahmed vai mais longe, rompe a pedra iniciática que oculta o subterrâneo ou o véu que separa o homem da Verdade.

Ahmed era, sem dúvida, o mais adiantado dos três candidatos, porque de que serve ao homem voar pelo mundo astral ou ver as coisas à distância, se carece do divino dom da imortalidade assinalado por aquela misteriosa fruta, que é o Elixir da Longa Vida dos alquimistas?"

O iniciado deve sentir a imortalidade para que alcance o Adeptado. O Adepto é aquele que alcançou a iniciação e se converteu em Mestre da humanidade.

## Capítulo X

### "ABRE-TE, SÉSAMO!" OU O PODER DA IMAGINAÇÃO

Quando o candidato, por meio da iniciação, chega ao domínio absoluto da sua natureza, bem como dos Espíritos da Natureza, pode manejar o poder de seu pensamento ou de sua imaginação. Tal poder está simbolizado pela frase mágica "ABRE-TE, SÉSAMO!" da estória de "Ali Babá e os Quarenta Ladrões" exterminados por uma escrava, a qual assim diz:

Nos confins do reino da Pérsia viviam dois irmãos: Cassim e Ali Babá. O primeiro era comerciante e o segundo um pobre lenhador.

Estando este último num bosque, viu aproximarem-se quarenta ladrões. O chefe da quadrilha aproximou-se de uma rocha, pronunciou as misteriosas palavras "Abre-te, Sésamo!" e, imediatamente, a rocha girou sobre si mesma, deixando que toda a quadrilha nela penetrasse, fechando-se em seguida.

Depois, saíram todos para continuar suas façanhas. Ali Babá aproximou-se da rocha misteriosa, pronunciou as mesmas palavras, teve a ousadia de entrar e viu-se num subterrâneo cheio de fabulosas riquezas, das quais Ali Babá fez uma provisão e levou consigo; colocou-a sobre o jumento e voltou, alegre, para casa.

Querendo medir a fortuna, ao invés de contá-la, sua esposa pediu uma medida a sua vizinha e cunhada, esposa de Cassim. A cunhada, cheia de curiosidade e querendo saber que espécie de cereais teria para medir uma família tão miserável como a de Ali Babá, teve astúcia de untar com sebo o fundo da medida, verificando com assombro, quando esta lhe foi devolvida, que havia, no fundo, uma moedinha de ouro.

Enorme foi a inveja de Cassim quando soube por sua mulher que seu irmão andava medindo ouro como se fosse trigo. Foi até a casa de Ali e ameaçou-o de dar parte dele às autoridades se não lhe indicasse o lugar do tesouro.

O desgraçado Ali revelou, então, a Cassim o lugar, bem como a forma de nele penetrar. O invejoso foi para lá, no dia seguinte, com dez fortes jumentos, a fim de carregá-los com ouro e jóias. Mediante a fórmula mágica "Abre-te, Sésamo!" conseguiu entrar, porém, ao querer sair, esqueceu o nome "Sésamo" e por mais que dissesse outros nomes como trigo, cevada, milho, etc, a porta continuou fechada, ficando o invejoso ali encerrado e caindo sob a égide da vingança dos ladrões, que mataram-no e esquartejaram-no.

Ali foi, no dia seguinte, à caverna, ficando horrorizado com o corpo esquartejado de seu irmão. Ele recolheu o corpo, devolveu-o a sua cunhada, pedindo dela todo o sigilo e oferecendo-lhe, em troca, torná-la como segunda esposa.

A cunhada teve de aceitar e auxiliada por sua astuta criada Margiana espalhou que seu marido havia morrido de morte natural. Depois de alguns meses casou-se com seu cunhado.

Os ladrões voltaram ao subterrâneo e não encontraram os restos do cadáver de Cassim, notando alarmados que seus sacos de

ouro haviam diminuído consideravelmente, o que os fez não duvidar mais que outra pessoa conhecia o segredo.

Os ladrões fizeram uma reunião e designaram um deles para investigar, na cidade, qual seria a casa do gatuno.

Um sapateiro dado a beber contou ao ladrão que havia costurado, há tempos, os restos esquartejados de Cassim e muito embora o pícaro sapateiro houvesse sido conduzido à casa em que fizera essa costura de olhos vendados, ainda assim foi capaz de localizá-la, assinalando a porta com giz.

A astuta Margiana, ao ver o sinal na porta, suspeitou de algum sinistro propósito e, imediatamente, fez uma porção de sinais idênticos em todas as casas da vizinhança. A quadrilha não pôde, assim, acertar com a casa de Ali Babá. O ladrão que havia servido de guia morreu nas mãos de seus companheiros.

Tentaram outra vez à semelhança do que já tinham feito, porém Margiana, sempre vigilante, enganou-os de novo. Então o chefe do bando, aborrecido, resolveu empreender a busca por sua própria conta e, encontrando a casa, desenvolveu o plano de comprar trinta e oito grandes vasos de couro, dos utilizados para estocar azeite, metendo dentro de cada um deles um dos ladrões, salvo no último, que encheu de azeite. Fingindo-se de mercador daquele líquido, pediu, então, e obteve hospitalidade na casa de Ali Babá, o qual se achava completamente alheio àquilo que estava sendo tramado pelo fingido comerciante.

Margiana, sempre alerta e desconfiada do viajante, levantou-se à noite para preparar um caldo para seu amo que, na manhã seguinte, muito cedo, devia ir ao banho e como o candeeiro se tivesse apagado por falta de azeite, foi a um dos vasos de couro para obtê-lo, escutando com assombro que, no interior de um deles, ouvia-se uma voz que dizia: "Será que já chegou a hora?". Isto a fez compreender o que se estava passando. Então, sem gritar, nem demonstrar que sabia de tudo, encheu um grande recipiente com o azeite que estava no último vaso de couro, fê-lo ferver, lançando em seguida, sobre os ladrões, o azeite fervente, dando-lhes assim a mais horrível e merecida das mortes. Quanto ao chefe do bando, chegada a hora de dar o sinal para os companheiros, inteirou-se da catástrofe e fugiu sozinho para uma montanha.

Quando Ali Babá inteirou-se do heroísmo de Margiana, conferiu-lhe a liberdade como recompensa e enterrou numa vala de seu jardim os corpos dos bandidos.

O chefe do bando, desejando vingar-se, voltou novamente à cidade disfarçado de rico mercador de fazendas, travando amizade com o filho de Ali Babá, que, certo dia, acabou-o convidando para comer em sua casa. A vigilante Margiana, estranhando que o visitante não comesse sal, pois isto implicava num receio de uso oriental de não selar com o sal o pacto de amizade que dali a instantes se transformaria em assassinato, traçou um plano. À sobremesa, dançou entre os comensais a "Dança do Punhal", durante a qual varou de lado a lado o chefe do bando com seu punhal.

Ali Babá desta vez, como recompensa, deu-lhe o filho em casamento, a quem Margiana fez muito feliz por muitos e muitos anos. Puderam, assim, desfrutar magnificamente do tesouro dos ladrões, fazendo dele o melhor uso como homens diferentes e temerosos que eram do Senhor.

A explicação desta narrativa é a seguinte:

Ali Babá é o iniciado e futuro adepto. Ele descobre o tesouro da Iniciação interna simbolizada pelos subterrâneos repletos de ouro e pedras preciosas. Esse tesouro, no entanto, está bem defendido pelo Terror do Umbral e suas hostes, criações do próprio homem, como ficou explicado em nossa obra "As Chaves do Reino ou o Conhecimento de Si Mesmo", os quais precisarão ser exterminados, como Krishna aconselha a Arjuna no "Bagavad Gita" ou "O Canto do Senhor".

No entanto, para poder entrar no reino interno é preciso utilizar a conjuração mágica "Abre-te, Sésamo!", ou seja, o poder da concentração do pensamento, ante o qual todas as portas se abrem.

Em Ocultismo, o sistema nervoso ou cérebro-espinhal é considerado como um lótus de mil pétalas, ou seja, como um verdadeiro "sésamo", que outra coisa não significa senão o mágico poder do pensamento ou da imaginação criadora e bem dirigida pelo candidato a quem é outorgado o domínio sobre os Mistérios.

Surge, em seguida, a inveja fraterna de Cassim, no estilo de Caim contra Abel, ou seja, o princípio do Mal querendo dominar o princípio do Bem.

Após fazer-se conhecedor do segredo do subterrâneo, Cassim "viola o segredo iniciático", ali penetra, mas é despedaçado por seus próprios desejos e atos que vigiam o tesouro.

Esses mesmos elementais não consentem em serem despojados de seus poderes e atacam novamente o homem que penetrou o subterrâneo e dali saiu ileso. Porém, a escrava Margiana, que representa

a intuição, a mais excelsa das qualidades da mente, dotada como ela de um verdadeiro dom adivinhatório ou de dupla vista, descobre as "astúcias astrais dos ladrões" e os destrói a todos.

O poder da mente, porém, não foi feito para ser exercido por todos e daí quando o invejoso Cassim tenta sair ileso dessa aventura, erra o emprego da palavra mágica e é vitimado pelos ladrões.

Os ladrões deste conto são vistos em outras parábolas do Evangelho. Tal doutrina é idêntica à dos mistérios eleusinos, quando se perguntava ao candidato sobre os ladrões e assassinos que o perseguiram e, também, à dos assassinos de Hiram em conhecidíssimo grau de certa instituição iniciática moderna.

Antes de concluir, diremos algumas poucas palavras sobre a conhecida estória do "Adormecido Desperto", base, sem dúvida, de uma das obras-primas da literatura espanhola: "A Vida é Um Sonho", de Calderón de la Barca.

Abu Hassam, filho e herdeiro de um grande comerciante, dissipou, em pouco tempo, a fortuna de seu pai, ficando, como era de esperar, sem qualquer dos numerosos amigos que tinha anteriormente, razão pela qual jurou a si mesmo que só entraria em contato com pessoas estranhas, a quem pediria para irem embora no dia seguinte, a fim de não travar novas amizades.

Certo dia ele entabulou conversa com o próprio Califa, que apareceu disfarçado de estrangeiro e, durante a ceia, Hassan contou a seu hóspede as malícias e crimes da cidade, assim como disse como castigaria os culpados, se fosse Califa.

O disfarçado Califa, então, deu-lhe um narcótico e fez com que Hassan fosse levado adormecido até seu palácio e, quando ele despertou, fizeram-lhe crer, por todos os meios, que ele era, de fato, o soberano da terra. Nessa qualidade, ele pôs em ação todos os seus propósitos de justiça, porém de uma forma tão louca e desabrida, que o verdadeiro Califa teve de voltar, administrar-lhe novo narcótico e devolvê-lo à sua condição anterior, uma condição que ele acreditou não ser mais verdadeira, razão pela qual foi tido por louco e, como louco, encerrado num manicômio. Ali ele recupera as faculdades mentais e volta a seu antigo costume de só convidar estrangeiros para sua casa.

O Califa conduziu-o, novamente, ao palácio, como havia feito anteriormente, porém, desta vez, ao ver-se no trono e apesar de todas as homenagens que lhe eram prestadas, não se deixou arrastar por nenhum partido e passou a ser admirado pelo Califa que passou

a considerá-lo como seu irmão, e o acabou casando com a bela princesa Nuzhat ul Andad.

A explicação desta narrativa, "a dupla vida do adormecido desperto", é o símbolo das respectivas vidas terrestres e de além-túmulo empreendidas pelo homem, que alterna diante da própria consciência como o dia e a noite na Natureza. Quando nascemos, esquecemos a vida transcendente pré-natal, bem como as outras existências físicas que vieram antes dela. Quando morremos, no entanto, vemos, assombrados, que esta nossa suposta vida física nada mais foi senão "um sonho vão". Eis o que simboliza o conto em questão e o famoso drama de Calderón de la Barca.

## Capítulo XI

### OS MISTÉRIOS DO ASTRAL OU DO MUNDO DOS DESEJOS

Os mistérios do Astral acham-se relatados na HISTÓRIA DE MAHMUD, que assim começa:

Mahmud havia nascido de família humilde, exercendo o ofício de carregador.

Certo dia, ganhou cinco dinares numa boda e, com eles, comprou um macaco de um saltimbanco. Pelo fato de não ter casa, dormia nos portais da praça pública.

Quando foi, com seu macaco, passar a noite numa casa em ruínas, para cúmulo do assombro descobriu que o símio em questão era um "genni" muito formoso que, de imediato, fez-lhe servir um lauto banquete por artes mágicas. Em seguida, o suposto macaco disse-lhe:

— Desembrulha este pacote, que contém grandes diamantes de valor incalculável. Com um deles deverás apresentar-te, amanhã, ao rei e dir-lhe-ás que, se ele não possuir outro diamante igual, deverá dar-te a própria filha em casamento. No entanto, quando já tiveres mostrado dez diamantes e te for concedida a mão da moça, não celebres o matrimônio até que eu te dê ordem. Obedece-me em tudo, porque, do contrário, isto te poderia custar a vida. Em troca, vais trazer-me o bracelete de sua ama-de-leite.

Surpreendido por tais revelações e esfregando os olhos, como quem não está acreditando no que vê, viu-se, de novo, sem saber como, dormindo entre ruínas em companhia do macaco.

Porém, no dia seguinte, viu-se, com efeito, com os dez sonhados diamantes e foi com eles ao palácio, acontecendo-lhe, tim-tim por tim-tim, aquilo que o macaco havia previsto. O rei concedeu-lhe a mão de sua filha, porém Mahmud absteve-se de casar logo com ela e obteve o bracelete da ama-de-leite, que foi entregue ao macaco. No entanto, sem dar-se conta do que acontecera, viu-se Mahmud novamente dormindo ao lado do macaco entre as ruínas.

Temendo estar ficando louco ante aquela inexplicável metamorfose, foi à casa de um astrólogo, que o preveniu, dizendo:

— Infeliz! Aquele macaco é um gênio rebelde, que só quer a tua perdição. Desejando, o infame, apoderar-se da filha do rei, to mou a ti como instrumento, a fim de que a despojasses de seu bracelete-talismã que, para preservá-la de todo o Mal, era guardado por sua ama-de-leite. Se quiseres evitar a catástrofe que te ameaça, vai a tal e tal lugar com este bilhete que vou escrever e entrega-o aos gênios invisíveis que protegem a Humanidade.

Assustado, o jovem obedeceu às ordens do astrólogo e caminhou durante três noites por desertas e pavorosas paragens, que pé humano algum jamais tocou.

Ao cabo do terceiro dia de viagem, viu, no deserto, vagarem, aqui e ali, tochas brandidas por seres invisíveis, as quais, por seus compassados movimentos, indicaram-lhe quem era seu rei invisível, o qual, tomando do bilhete, fez com que, no mesmo instante, o macaco fosse trazido à sua presença para vomitar o bracelete que havia engolido.

Ao voltar para a companhia dos homens, Mahmud, sem saber como, viu-se casado com a filha do rei, herdando dali a pouco o reino inteiro e sendo feliz com sua esposa pelo resto de seus dias.

Porém, passada a primeira embriaguez do trono, viu o sultão que Mahmud estava aborrecido com a vida que levava. Certa noite, apresentou-se-lhe, surgido não se sabe de onde, a sombra de um cheique do longínquo Magreb. O magrebita era um sacerdote de centenas de anos, o qual, com suprema majestade, disse-lhe:

— A paz seja contigo, Sultão Mahmud! Meus irmãos envia ram-me a ti. Eles são os santos do Ocidente e me mandaram para que te dê conta dos benefícios que deves ao Retribuidor.

E, dizendo isto, tornou-lhe da mão, como se ele fosse uma criança, e levou-o para uma das quatro janelas do aposento.

## Capítulo XII

### COSMOGENIA INICIÁTICA

#### A GRANDE ESTÓRIA DO VENDEDOR DE TRAPÓS E DAS TRÊS PRINCESAS DE BAGDA

O imortal conto do vendedor de trapos começa assim:

Sob o reinado do Califa Harun-Al-Rashid existia em Bagdá um moço de recados (mente profana inteligente) que, apesar de exercer profissão humilde e desprezível, não deixava de ser, nem por isso, um homem de talento. Certa manhã, enquanto realizava suas penosas atribuições (nesta vida de sofrimentos), aproximou-se dele jovem e formosa dama, coberta por um véu negro, que se chamava Amina (símbolo da alma ou "anima"), a qual chegando perto, disse-lhe:

— Trapeiro, segue-me!

Encantado, o bom homem, ante a mulher velada, seguiu-a sem vacilar e assim juntos percorreram diversas tendas (as faculdades espirituais), comprando vinho, grande quantidade de flores, frutas, perfumes e, enfim, tudo quanto era necessário para um grande banquete (como o banquete das bodas, relatado no Evangelho). E, providos de todos esses elementos, chegaram a uma casa palacial (o corpo físico), que apresentava um pórtico muito bonito e portas de marfim. O moço de recados, por si mesmo, gostaria de ter perguntado à dama a respeito do palácio, porém, fiel à sua promessa, não se atreveu.

Cruzando a porta e, em seguida, um vasto peristilo, além de arejados corredores de puro jaspe e cómodos cada vez mais suntuosos, chegaram a um magnífico pátio rodeado por luxuosa galeria, em cujo centro havia uma fonte e, em torno, um jardim sem igual. (Que maravilhosa descrição do corpo humano!...) Ao fundo do pátio havia um genuflexório verdadeiramente régio, todo de âmbar, sustentado por quatro colunas de ébano, as quais, por sua vez, achavam-se cravejadas de pedras preciosas de extraordinário tamanho (o coração, divino tronco do Eu Sou ou íntimo). O divã estava estofado de vermelho e coberto pelo ouro dos indianos.

O pobre moço de recados (a mente), embora angustiado pelo peso que transportava, não podia deixar de continuar admirando, abobalhado, a magnificência e o asseio daquela casa.

O que, porém, mais o surpreendia foi o fato de ter visto mais duas damas, uma das quais, chamada Sofia (Sofia = Sabedoria, a Ciência dos Magos), abriu-lhe uma porta, enquanto a outra, que lhe pareceu mais bonita do que as duas anteriores, estava sentada num trono, o que o fez julgar que seria a principal delas. Seu nome era Zobeida (o elemento inferior ou a matéria que ocupou o trono do íntimo). Zobeida, Sofia e Amina eram três irmãs por parte de pai e [viviam naquele palácio (ou, poderíamos dizer, que Matéria, Vida e Sabedoria encontram-se encerradas no homem)]. Amina, a dama que o havia feito carregar as provisões, pagou 'esplendidamente o moço de recados com algumas moedas de ouro. Este, porém, ficou deslumbrado quando as três retiraram seus véus, [exibindo rostos resplandescentes de sol. Sentindo-se fascinado, não conseguia sair dali, até que Zobeida, em tom autoritário, disse-lhe: — Que estás esperando? Não foi suficiente a recompensa que recebeste pelo teu trabalho? E, dirigindo-se a Amina, acrescentou: — Dá-lhe mais alguma coisa e que ele saia logo daqui!

Como o moço de recados era, apesar de suas funções, desem-i baraçado e talentoso, ele respondeu à dama formosa: — Considero-me mais do que recompensado, não com o dinheiro que me haveis dado, mas por ter tido a honra de contemplar j vossa imponderável formosura. Vou-me embora, ainda que levando comigo a curiosidade de não haver visto ao vosso lado nenhum homem (o verdadeiro homem, o iniciado), pois acho que a companhia l de mulheres sem homens é tão triste quanto a companhia de homens sem mulheres.

As damas sorriram ante tais gracejos e Zobeida, com um aceno solene, disse:

— Amigo, és demasiado indiscreto. Nada devo dizer-te, a não ser que somos três mulheres que fazemos nossos negócios em se-, greto e que ninguém deve intrometer-se conosco, principalmente considerando que tememos os indiscretos, seguindo os conselhos de um sábio autor que afirmou que devemos guardar nossos segredos, sem revelá-lo a ninguém, porque "o que o revela, já não é senhor dele". Se teu peito não pode guardar um segredo, como poderá guar-. dar o seio daquele a quem o revelares? (O sigilo impera sempre nas Iniciações.)

— Senhora, replicou com desembaraço o moço de recados, embora a fortuna não tenha permitido, mercê de seus rigores, que eu ; pudesse exercer uma profissão mais elevada do que a que exerço, , nem por isso me descuidei de cultivar o quanto me foi dado aprender

nos livros de ciência. E, nesses livros, também li que não se precisa ocultar segredos aos prudentes, porque eles sabem guardá-los. Os segredos, dentro de mim, estão tão seguros quanto dentro de uma casa fechada e selada, cuja chave se houvesse perdido.

Zobeida compreendeu que o jovem tinha mais talento do que muitos que se intitulavam de sábios, razão pela qual acrescentou, sorrindo:

— Poderás ter pensado, ante os preparativos, que estamos dispostas a regalar-nos com um bom banquete, porém, nada trouxeste para que possas participar dele.

— Não ouvisteis dizer, confirmou Sofia que quem nada dá, na vida pode receber?

O infeliz moço de recados dispunha-se a ir embora, vencido, porém Amina disse a suas duas irmãs:

— Suplico-vos, encarecidamente, que não o deixeis ir embora. Tem excelentes disposições naturais, ajudou-nos a fazer as compras com a melhor boa vontade do mundo e eu, sendo-lhe grata, ou torgo-lhe minha proteção.

Por fim, todas consentiram que ele ficasse com elas, porém com a condição de guardar segredo sobre tudo que havia visto ou viesse a ver, guardando decore de corpo e espírito.

Durante o banquete, Amina coroava-o de rosas e, cantando, fazia-o beber muito vinho. Dessa forma, o moço passou a noite em companhia das três. Zobeida, dirigindo-se a ele, disse:

— Vai ver o que está escrito na entrada deste aposento, uma frase que diz: "Aquele que pergunta coisas que não lhe dizem respeito, ouve o que não desejaria ouvir".

A noite terminou de uma forma muito feliz, entre músicas, versos, luzes, fragrâncias e discrições. As damas embriagaram o tolo rapaz com suas belezas, ante as quais talvez viesse a sucumbir.

No entanto, enquanto todos assim estavam, alguém bateu à porta e Sofia, que era a porteira, foi ver quem era e voltou, dali a instantes, dizendo:

— Estão à porta três "calendos", todos três com o olho direito torto, com barba e cabeça completamente raspadas. Afirmam que vêm de Bagdá e que, não tendo encontrado pousada em parte alguma, pedem nossa hospitalidade. Os três são jovens, galhardos e dão a impressão de talentosos. Não creio que incomodem muito, pois só pedem que os acolhamos até o alvorecer.

(O nome "calendas" é por demais simbólico e expressivo, pois, em árabe e em persa, designa os monges mendicantes ou "saalik",

nome adotado pela ordem dos Sufis. Em Ocultismo significa "ocultis-ta fracassado", como de seus próprios relatos se infere, porque "ca-lendae" era o nome romano das Neonemias ou novilúnios, donde derivou o nome "calendário", sendo notório que os povos arianos primitivos o contavam pela lua e também porque o dia do novilúnio sempre foi duvidoso, tanto que os próprios gregos não contavam o tempo pelas "calendas", daí se originando o dito popular "Fica para as calendas gregas!", frase indicadora das coisas que nunca se irão realizar. Veremos, posteriormente, a verdade encerrada na estória dos três "calendas".)

— Faze-os entrar, respondeu Zobeida, embora com repugnância, mas que leiam, antes de mais nada, o que está escrito no frontispício relativo ao segredo que deverão guardar sobre tudo quanto aqui dentro venham a ver.

Os três "calendas" entraram no aposento e não souberam o que admirar mais: se a formosura das três damas ou a estranha presença do moço de recados.

— Eis aqui um de nossos irmãos árabes que não adotam nosso credo, pois não está vestido, nem composto como nós. (Assim sem pre pensar os fanáticos de todas as religiões; anatematizam os que não professam o mesmo credo e, por esse motivo, sempre fracassam na vida.)

No entanto, como o rapaz estava meio sonolento (meditabundo) e dominado pelos vapores das muitas libações (espirituais) que lhe haviam subido à cabeça, este respondeu com arrogância:

— O que é isso? Acaso não haveis lido a inscrição que manda que não nos metamos com assuntos que não nos dizem respeito?

As damas, prevendo o choque, interferiram. Deram de comer aos "calendas", trouxeram em seguida diversos instrumentos de música e todos cantaram alegremente em coro. Estavam no melhor da festa quando, de novo, ouviu-se uma batida na porta, verificando Sofia que quem assim batia era, nada mais, nada menos, do que o próprio Califa Harum-Al-Rachid (o símbolo das leis humanas), que tinha por costume percorrer, incógnito, toda a cidade, a fim de exercer vigilância sobre ela, acompanhado de seu vizir Jaafar (o legislador) e de Mesrur (o executor), chefe de seus eunucos, todos três disfarçados de mercadores. Sem dúvida, haviam sido atraídos pelo barulho a tão altas horas da noite, querendo saber a origem dele, embora pretextando (como todas as leis humanas) carecerem de hospitalidade. Foram, do mesmo modo, introduzidos no aposento, sau-

dando com muita urbanidade os cavalheiros e as damas. Estas deram-lhes boas-vindas e acrescentaram:

— Não leveis a mal se, em troca de nossa hospitalidade, vos pedirmos uma graça, qual seja a de que não tenhais nem olhos para ver, nem língua para perguntar.

Ao que o astuto vizir prometeu em nome de todos que tais recomendações seriam obedecidas e, com isto, reiniciou-se o banquete e as músicas.

O Califa, admirado, sentiu ímpetos de perguntar-lhes quem eram elas, porém, fiel à promessa feita, permaneceu calado. Os "calendas" dançavam suas melhores danças, e, uma vez terminadas, Zobeida (a matéria ou o corpo) disse a Amina (a alma):

— Irmã, levantemos da mesa e façamos o costumeiro.

Amina obedeceu e levou pela mão duas cadelas negras, cada uma das quais tinha uma coleira com uma corrente. Zobeida, arregaçando as mangas, deu um grande suspiro e disse:

— Cumpramos com nossa obrigação diária! e, em companhia de sua irmã Sofia, tomaram cada uma delas um chicote, com o qual puseram-se a golpear as duas cadelas, até que as mesmas começaram a chorar como se fossem pessoas humanas. Zobeida sacou, em tão, de um lenço, enxugou as lágrimas das cadelas, beijou-as e mandou que o moço de recados as retirasse do recinto.

Todos os presentes estavam pasmos de curiosidade e de assombro com o que tinham visto, porque não conseguiam explicar por que motivo Zobeida, após maltratar tão duramente as duas cadelas, tratara-as, logo em seguida, com mostras de indisfarçável piedade. O califa ansiava por sabê-lo, mas como havia prometido não falar, visse o que visse, limitou-se a fazer sinais ao vizir para que descobrisse um modo de saciar sua curiosidade.

— Cabe, agora, a mim, desempenhar o meu papel, disse Sofia (a sabedoria).

— Traze-me, irmã Amina, o que já sabes.

Amina (a alma), obediente à indicação, saiu de imediato do aposento e trouxe consigo uma estranha caixa guarnecida de tecido amarelo com incrustações de nácar e ouro (símbolo do corpo que encerra a alma e o espírito). Dali retirou um alaúde, que foi entregue e afinado por Sofia (a sabedoria), a qual, após primorosa introdução, começou a cantar os tormentos da saudade (da nostalgia do mundo espiritual) com tal graça que todos os ouvintes ficaram encantados. Chegou, em seguida, a vez de Amina (a alma) que cantou tão bem ou melhor sobre o mesmo tema e com tal veemência que acabou caindo

desfalecida (de nostalgia) nos braços de sua irmã Zobeida. (Bendita sejas, ó Imaginação árabe, que pintas tão magistralmente os sofrimentos da pobre alma que se encontra encerrada no corpo!)

— Minha irmã, disse-lhe esta, é bem conhecido o mal que te aflige.

Com efeito, tanto empenho havia Amina posto em seu canto que desmaiou e ao descobrir-lhe o peito para lhe dar mais ar, suas irmãs deixaram que todos vissem que todo ele estava cheio de cicatrizes verdadeiramente horrorosas. (Amina representa a atormentada alma humana, cheia de cicatrizes e de sofrimentos por haver-se deixado contemplar pelos profanos, como veremos em seguida.)

— Teríamos preferido passar a noite ao relento, do que ver isto, exclamou um dos "calendas".

O Califa segredou ao ouvido dos presentes:

— Que significam essas feridas?

Ninguém, no entanto, soube responder-lhe e quando, à força, quis obrigar as três mulheres a esclarecer esses mistérios, dirigiu-se ao moço de recados (a mente) sobre o que haviam perguntado.

Ouvindo aquilo, Zobeida encheu-se de cólera e gritou:

— Vinde a mim, fiéis servidores!

No mesmo instante uma porta abriu-se e por ela entraram no recinto sete formidáveis negros que, de sabre na mão, dominaram os sete homens, enquanto Zobeida lhes perguntava:

— Saibam que vão morrer se não disserem, um por um, quem são, porque não consigo convencer-me de que sejais gente honrada depois de vosso procedimento.

E, dirigindo-se aos "calendas" disse-lhes:

— Por que sois tortos e raspados, todos três?

— Senhora, respondeu um deles, nossa estória é muito peregrina, quase inacreditável. Não somos irmãos pelo sangue, mas pela religião. Somos, nós três, filhos de reis que gozaram de alguma fama no mundo.

Cheia de curiosidade, Zobeida ordenou que os escravos lhes soltassem os pés e as mãos, a fim de que pudessem contar suas es-tórias.

## A ESTÓRIA DO PRIMEIRO CALENDIA

Esta estória assim pode ser resumida:

— Haveis de saber, senhora, disse o primeiro Calendia, que nasci príncipe.

Certo dia fui visitar meu tio, que também era rei, num país vizinho. Meu primo, então, que era filho desse rei, disse-me certa feita:

— Quero que me façam o obséquio de conduzir uma dama a quem muito adoro até uma edificação que mandei erigir. Ali deverás esperar-me juntamente com ela. Jura, porém, que guardarás segredo disso.

Fiel a meu juramento, meu primo trouxe consigo uma dama esbelta. A grande edificação que ele mencionara era um mausoléu. Levantei as lousas da tumba e ali entrei com a dama. Meu primo chegou depois, tomou a mão de sua adorada e disse-me:

— Primo, sou-te muito grato. Portanto, adeus. Não queiras saber mais e, melhor ainda, retoma o caminho que seguiste para vir até aqui.

Quando voltei à casa de meu pai, verifiquei que o vizir, após a morte do autor de minha vida, havia-se proclamado rei, usurpando o trono que era meu.

Esse vizir tinha por mim uma grande raiva, porque, quando menino, eu lhe havia arrancado um olho ao disparar uma flecha contra um passarinho. Assim, sua primeira preocupação foi tirar-me, também, o olho direito. Em seguida, entregou-me a um verdugo, ordenando que eu fosse decapitado no bosque. O verdugo teve pena de mim e deixou-me fugir, o que me permitiu voltar novamente à corte de meu tio, a quem contei todas as minhas desventuras.

— Puxa!, exclamou o velho. Já não era bastante a perda de meu filho e também ocorre a morte de meu irmão e a tua desgraça, meu sobrinho! E, assim falando, chorava copiosamente.

A compaixão de meu tio para comigo foi tão forte que me acreditei liberado do juramento de silêncio que havia prestado a meu primo e contei-lhe tudo.

Fomos, ambos, ao mausoléu, entramos nele e encontramos o príncipe e a dama abraçados, porém transformados em carvão.

Enchendo-se de cólera, meu tio disse:

— Este foi o castigo que levaste ao mundo, porém aquele que terás no outro não terá fim!

E, batendo-lhe no rosto com uma das chinelas, saiu sem voltar-se para trás. Depois, disse:

— Meu sobrinho, sabes que, desde pequenino, meu filho, que é indigno desse nome, amou estranhamente a sua própria irmã, sendo que esta o correspondia. Quando me dei conta do fato, já era tarde demais. Não era possível remediar o mal. O indigno fez construir este recinto secreto onde acaba de receber, em companhia de sua cúmplice, o castigo que viste.

Naquele dia o vizir usurpador de meus Estados apareceu com grande exército e despojou meu tio dos seus. Rude foi a peleja, mas fomos vencidos, nela perdendo meu tio a vida, embora eu tenha escapado com roupa e forma de calendia, tal como vês. A caminho, encontrei estes outros dois calendias, meus companheiros.

(Esta estória é o símbolo do Iniciado que fracassa em seus intentos. Como o filho pródigo, ele abandona seu pai, penetra no mistério da vida e tudo o que vê é um irmão da Humanidade, ou seja, a si mesmo, enamorando-se de sua irmã, a matéria ou a carne. Constrói para os dois o corpo de desejos e, assim, encerra nele e em sua paixão sua própria alma, morrendo carbonizados pelo fogo passional. Quando volta à sua pátria, verifica que há outro poder dominando-a em seu próprio trono divino. Tal nefasto poder o priva do olho interno da Intuição. Nisto consiste o fracasso do primeiro calendia.)

## A ESTÓRIA DO SEGUNDO CALENDIA

Esta estória encontra-se assim resumida:

— Para atender a vosso pedido, senhora, responder-vos-ei que também nasci príncipe. Aprendi todas as ciências, inclusive o que se encontra no Livro Sagrado (durante várias encarnações). Meu nome e minha fama chegaram até o imperador da Índia, que pediu a meu pai que me permitisse visitar aqueles poderosos Estados. Um mês já estávamos de viagem (durante a encarnação da vida terrestre) quando nos vimos assaltados por uma quadrilha de foragidos (paixões e desejos), que nos despojou dos ricos presentes (divinos) que levávamos em nome de meu pai ao imperador. Essa mesma quadrilha matou todas as pessoas do meu séquito, só eu escapando um tanto ferido.

Cheguei, em seguida, a uma cidade aonde reinava um inimigo de meu pai (O Poder do Mal). Um "sastre" (Mestre) aconselhou-me a vestir um traje hurrítide e fosse no rumo do bosque, como se fosse lenhador, até que a sorte se apiedasse de mim. No bosque, tropecei,

junto a uma árvore (da sabedoria), num argolão de ferro que se encontrava preso a uma tampa do mesmo metal. Afastei a terra, levantei a tampa e vi uma escada que imediatamente conduziu-me a um grande palácio subterrâneo (da Intuição Interna), o que me encheu de assombro.

Ali encontrei uma dama (a alma), cuja beleza era tão extraordinária que quase fiquei cego. Depois de fazer-lhe profunda reverência, ela perguntou-me:

— Quem sois?

Após inteirar-se de minha estória, ela prosseguiu:

— Ah, príncipe! Esta mansão não passa de uma prisão para mim, porque mesmo os mais encantadores lugares deixam de sê-lo quando neles nos encontramos contra a vontade. Sou filha do rei Epitimaro. Meu pai me havia destinado como esposa a um príncipe, que era filho de seu irmão. No entanto, na própria noite do casamento, um génio (o poder do desejo) seqüestrou-me e aqui me encontro desde então. Certamente, nada me falta. O génio vem visitar-me a cada dez dias. Só não vem com mais frequência, porque acha-se cansado com outra mulher. No entanto, sempre que preciso de sua ajuda, posso invocá-lo por meio do talismã que possuo e que o obriga a apresentar-se diante de mim imediatamente. Fazem quatro dias que ele fez-me sua última visita, o que me dá a certeza de que não o verei pelos próximos seis dias. Por essa razão, se quereis, podeis fazer-me companhia durante cinco dias.

Aceitei o oferecimento, ela levou-me ao banho, obsequiou-me com uma roupa preciosíssima e regalou-me com deliciosos manjares, ao cabo do que eu lhe disse:

— Formosa princesa, fuja conosco para que possais gozar comigo da luz do verdadeiro sol!

— Príncipe, bastam-me nove de cada dez dias em vossa companhia!

— Deve ser o medo que tens do génio que vos faz falar assim. Eu, porém, não o temo e vou agora mesmo fazer esse talismã em pedaços, a fim de que ele se apresente e sinta a coragem do meu braço.

— Não façais isso, pois seria minha ruína!, replicou a dama. Não sabeis como os génios são!

Apesar de tão prudentes advertências, os vapores do vinho levaram-me a desobedecê-la. Com um pontapé reduzi o talismã a pedaços (penetrando à força e sem qualquer preparo no Mundo Astral), não sendo preciso dizer que, com isso, o palácio tremeu todo em meio a deslumbrantes relâmpagos.

A princesa forçou-me, então, a fugir escada acima, em tempo de não defrontar-me com o génio iracundo, que, então, apareceu. De nada serviu-me a tentativa de fuga, porque o génio, sob a forma de um ancião, apresentou-se a nós dois.

— Sou um génio, filho da filha de Eblis (o Terror do Umbral), disse-nos ele.

É teu este machado? Não são tuas estas chinelas?

Em seguida, voltou-se para minha amada princesa, que estava ensanguentada, nua, banhada de lágrimas e mais morta do que viva. E disse-lhe:

— Pérfida! Este é teu amante, não?

— Jamais o vi, respondeu ela.

— Para que acredite em ti, já que dizes não conhecê-lo, corta-lhe a cabeça, acrescentou o génio, entregando-lhe seu sabre.

— Ai!, exclamou a princesa. Como posso tirar a vida de um inocente?

— Nesse caso, disse o génio dirigindo-se a mim, se tu também pouco a conheces, não haverá inconveniente algum que lhe cortes a cabeça. Só a esse preço dar-te-ei a liberdade.

Minha resposta ao génio foi que eu não podia executar uma mulher indefesa, porque isso traria u'a maldição eterna sobre a minha consciência.

Cheio de cólera, o génio cortou rente a mão da princesa, dizendo-me:

— Vou transformar-te, conforme tua escolha, em cachorro, burro, leão ou pássaro.

— ó génio, disse-lhe eu. Apregoarei a tua clemência aonde quer que me encontre se me perdoares, como aquele homem do mundo que perdoou ao invejoso que não o deixava viver em paz com sua inveja.

Curioso em saber o que era que eu estava falando, o génio acedeu e deixou de lado sua selvageria rancorosa. Contei-lhe, então, a estória em questão, conseguindo assim escapar com vida, o que não impediu que o malvado me tirasse um olho, deixando-me torto assim.

(Esta estória mostra-nos o fracasso do atrevido que, por ignorância e despreparo, pretende penetrar no mistério da iniciação. Sem qualquer lastro, ele rasga o véu e, tal como fez Cassim, o irmão de Ali Babá, abre a porta, embora não disponha de coragem suficiente para defender-se ou para defender sua alma. Recorre à astúcia, mas

tal método não pode salvá-lo, porque sua alma perde um braço ou uma faculdade a mais, voltando ele ao mundo com o olho da intuição apagado.)

## ESTÓRIA DO TERCEIRO CALENDÁ

O terceiro fracassado na iniciação assim se pronunciou:

— Senhora, estes meus dois companheiros perderam um olho por força do destino. Eu, contudo, perdi o meu por minha própria culpa. Ouvi-me. Chamo-me Ajib e sou filho do rei Casib. Após a morte de meu pai, apossei-me do reino e, depois de visitar considerável número de ilhas, quase todas avistadas da capital, aficcionei-me à navegação. Armei dez navios e naveguei em plena felicidade durante quarenta dias. (O termo dos grandes experimentos de Magia.) No entanto, fomos em seguida surpreendidos por uma tempestade (do astral, que sempre se abate sobre o neófito mal preparado) e meu piloto não sabia aonde nos encontrávamos (assim como a mente perde todo o controle ante essas forças do Mundo Astral). E como nós víssimos, ao cabo de 10 dias de rota incerta, um objeto negro à distância, o piloto exclamou:

— Estamos irremediavelmente perdidos! Essa montanha negra que divisamos à frente é toda feita de pedra-ímã e ela atrai para si todos os navios por causa de seus pregos e demais ferragens. Iremos a pique. No alto dela, levanta-se um cavalo de bronze acompanhado de seu jinete, que ostenta no peito uma grande placa de chumbo provida de terrível inscrição mágica, dizendo a tradição que ali naufragarão tantos navios passem por perto, até que a estátua seja destruída. (É a alegoria do Destino, da maldição bíblica, da causa e do efeito, do pecado original, do aguilhão da morte, etc.)

E o piloto pôs-se a chorar como uma criança.

Logo em seguida ouvimos, com efeito, saltarem um a um os cravos de nossos navios, o que produziu um ruído espantoso. Pereceram todos os que estavam comigo. Apenas eu me salvei numa tábua e, já em terra firme, comecei a subir por uma enorme escada em direção ao alto, porque era o único caminho de toda a ilha. Passei a noite embaixo da estátua da cúpula e, enquanto adormecido, apareceu-me um venerável ancião, que me disse:

— Escuta bem, Ajib. Quando acordares, cavarás a terra em baixo de teus pés e ali encontrarás uma arca de bronze com três flechas de chumbo. São flechas fabricadas sob os efeitos de certas

constelações para poderem livrar o gênero humano dos muitos males que o ameaçam. Se atirares as flechas contra a estátua, ela cairá ao mar, que se encrestará, enraivecido, subindo até o pé da montanha, fazendo com que suas águas a alaguem toda. Tu, porém, poderás salvar-te num barco que se aproximará de ti, desde que procures não pronunciar o nome de Deus (ou seja, não revelar a Palavra Sagrada).

Acordei sobressaltado e fiz o que me havia sido ordenado em sonho pelo ancião. E tudo aconteceu como havia sido dito. Embarquei em companhia do homem de bronze e, navegando dia e noite, ao cabo de nove dias divisei algumas ilhas a cuja visão não pude deixar de exclamar:

— Louvado seja Alá!

Nem bem havia pronunciado estas palavras e o barco afundou imediatamente no seio das águas (como sucedeu nos tempos da Atfântida), só me sendo possível salvar a nado.

O príncipe continuou assim a sua história e de como descobriu o conhecido subterrâneo, semelhante ao existente nas Ilhas Negras, onde conheceu um príncipe a quem involuntariamente matou. Passou, em seguida, ao palácio encantado, onde encontra uma multidão de jovens como ele, todos tortos do olho direito, ou seja, como o próprio calendá. O príncipe procura saber a causa daquele estranho fato, bem como a razão pela qual os calendás untavam-se, todas as noites, de breu e cinza, lavando-se em seguida. Os calendás resistiram muito antes de fazer-lhe a revelação, mas ele insiste, porém, em **iniciar-se** em seus mistérios. Recobrem-no, então, com uma pele de carneiro e fazem com que ele seja arrebatado pela Ave Roc (a Doutrina do Coração) até um palácio encantado (o Mundo Interno), verdadeiro paraíso de prazeres, aonde se encontram 40 jovens muito formosas. Ali ele passa, embevecido, um ano inteiro, ao fim do qual tem permissão de abrir as 99 portas dos tesouros (internos) e jardins do palácio, com proibição porém de penetrar no centésimo aposento (tal como a proibição da Árvore da Ciência do Bem e do Mal, mosaico, clara prova da origem lendária comum).

O príncipe, então, continuou:

— Eles retiraram-se e fiquei só, entregue a minhas reflexões. Abri, pois, a primeira porta e vi-me no jardim mais formoso e mais florido. Por trás da segunda porta vi o horto mais ameno e portador das melhores frutas do mundo. Atrás da terceira porta havia um verdadeiro paraíso com toda espécie de aves, cuja linguagem eu podia entender perfeitamente. A quarta porta permitiu-me penetrar num

verdadeiro tesouro arquitetônico (todas essas maravilhas existem dentro do corpo humano).

Assim, nesse mesmo ritmo, continuaram as revelações dos outros noventa e cinco recintos, tendo-se passado trinta e nove dias dos quarenta fixados para o regresso das princesas. No entanto, por tola fraqueza, sucumbi à tentação de abrir a porta de ouro (que encerra o mistério do sexo) em contraposição ao que havia prometido.

Numa quadra de mármore multicores encontrei um formoso cavalo negro com sela e arreios de ouro e pedras preciosas, que parecia ter sido posto ali para que eu montasse. Saltei sobre ele (ou seja, deixei-me levar pelo animal em mim) e este, como se ao invés de patas possuísse asas, pôs-se a voar comigo para cima, arrebatando-me até as nuvens (porque o homem, efetivamente, durante a execução de seus desejos passionais considera-se no céu) e deixando-me cair, depois, violentamente, sobre o chão do palácio (o corpo), de onde havia sido arrebatado pela Ave Roc, anteriormente. Deu-me uma chicotada com o rabo, que me deixou torto como podeis ver. Os outros dez jovens tortos, meus antigos companheiros, chegaram então em companhia de um velho e disseram-me com solenidade:

— Se o mal de muitos puder servir de consolo nas desgraças, nosso exemplo poderia servir. Tudo que te aconteceu, aconteceu a nós, ponto por ponto. Como não fosteis mais sábio do que nós, experimentais o mesmo castigo (perdendo o olho interno da intuição). Zobeida, por graça ao peregrino da estória dos três calendas, perdoou generosamente a vida de todos. Por ordem das damas, eles saíram, libertados pelas que haviam lhes perdoado as vidas.

O primeiro cuidado do Califa, no dia seguinte, foi fazer chamar à sua presença as três irmãs, os três calendas e seus companheiros de aventura da noite anterior. Em seguida, suplicou às damas que contassem a sua estória: o mistério das duas cadelas negras ao mesmo tempo maltratadas e mimadas e, sobretudo, a origem das horríveis cicatrizes de Amina.

Tomando a palavra, Zobeida disse:

## A ESTÓRIA DE ZOBEIDA

Zobeida (de "Zoo-beth", significa "dona da casa", a de condição animal ou, em suma, a dama representativa do elemento corpóreo, É sempre ciumenta e egoísta, como todas demais paixões próprias de sua condição inferior) contou sua estória. Ouçamo-la:

— Comendador dos fiéis, mmha estória é das mais extraordinárias que possais imaginar. As duas cadelas e eu somos três irmãs de pai e mãe. (As duas irmãs da matéria são a sensação e a animalidade.) As duas damas que comigo visteis são minhas irmãs apenas por parte de pai (a Alma e a Sabedoria que habitam o corpo). Quando meu pai morreu, repartimos a herança e minhas duas irmãs se casaram, porém com muita falta de sorte, porque o marido da primeira (o desejo), após esbanjar seu dinheiro, abandonou-a, enquanto o marido da segunda (o instinto animal) fez igual ou pior do que o primeiro. Minhas irmãs repudiadas vieram em busca do meu amparo e dedicamo-nos, as três, ao comércio, a fim de recuperar os talentos perdidos, comprando um navio e com ele chegando a Bás-sora, de onde tomamos o caminho das índias (ou o Mundo Interno). Aos vinte dias de viagem (mental ou subjetiva) avistamos uma terra montanhosa provida de esplêndida cidade, na qual observei, com espanto, que todos os habitantes estavam petrificados (resultado do abuso das duas irmãs dentro da cidade-corpo), os quais, estavam a pé nas ruas, sentados nas portas de suas tendas ou deitados em seus respectivos leitos. Aquilo impunha pavor ao mais equilibrado dos ânimos!

Deixando minhas duas irmãs a bordo, penetrei (como mente) na grande praça da formosa cidade e entrei no palácio central, cujas portas eram de ouro, com ornatos de preciosos mármore. Ali podiam ser vistos, por toda parte, empregados, cortesãos e guardas em suas diversas atitudes, como se a morte, ou melhor a petrificação, os houvesse surpreendido instantaneamente de súbito. Num salão so-berbamente adornado, pude reconhecer a rainha petrificada (a inteligência) por causa de sua coroa e pelo colar de pérolas que ostentava. Por fim, percorrendo mais e mais casas silenciosas, tropecei num enorme trono de ouro e num suntuoso leito que tinha deslumbrante luz à cabeceira, luz essa que era refletida por um diamante (o átomo Nous) do tamanho de um ovo de avestruz, sem o mais leve defeito. Uma lâmpada de chamas inextinguíveis (da Iniciação) espargia seus reflexos na régia câmara.

Permito-me não continuar enumerando a descrição daquelas maravilhas. Fatigada, adormeci naquele suntuoso leito e, por volta de meia-noite, ouvi o murmúrio de uma voz de homem que parecia ler à meia-noite um "sura" do Alcorão. Levantei-me sem fazer ruído e vi, com efeito, que um jovem de boa aparência estava sentado sobre uma almofada, entregue às suas orações. Era verdadeiramente ad-

mirável encontrar um ser vivo em meio àquela petrificada desolação universal.

Desejando esclarecer tamanho mistério, entrei e pus-me a orar. O jovem, então, perguntou quem eu era e que tinha ido fazer ali. Relevei-lhe sumariamente minhas aventuras e ele, fechando reverentemente o Livro Sagrado, disse-me:

— Sabei, senhora, que esta é a capital do reino de meu pai, o Mago Nardun, o gigante que se rebelou contra Alá. Ainda que filho de idólatras, recebi a luz de minha aia. Há coisa de três anos ouviu-se de improviso por toda a cidade uma voz que gritava: "Abadonai, desgraçados, vosso falso culto e reconheci Alá como o Deus verdadeiro!" A voz ressoou durante três anos consecutivos, ao cabo dos quais, como ninguém lhe desse ouvidos, todos os habitantes, exce-to este que vos fala, foram transformados em pedra, cada qual na posição em que se encontrava quando sobreveio o castigo.

Espantada com a revelação do jovem, ofereci-lhe a libertação através de meu navio, aceitando ele embarcar em companhia de nós três. Já estava quase chegando a Bássora, porém minhas irmãs, que estavam com ciúmes da paixão recíproca que eu e o jovem nos dedicávamos, surpreenderam-me dormindo e atiraram-me ao mar. Lutei contra as ondas e quase morta de fadiga cheguei a uma ilha deserta. Ali fiquei adormecida, mas acordei de repente com uma cobra perto de mim, a qual vinha fugindo de uma outra maior e parecia pedir o meu auxílio. Apanhei uma pedra, atirei-a contra a serpente grande e matei-a. A outra, livre da perseguição de sua inimiga, estendeu suas asas e saiu voando. Continuei dormindo e logo acordei novamente, vendo uma mulher negra reclinada sobre mim, estando ela atada por uma corrente a duas antipáticas cadelas negras, que nada mais eram senão minhas duas irmãs, assim metamorfoseadas como castigo por seu crime devido à magia daquela mulher, que tinha sido a serpente que eu havia salvo.

A feiticeira abraçou-me, transportou-me pelos ares até Bagdá, onde encontrei todas as riquezas com que tinha carregado o navio. Ela, então, entregou-me as duas cadelas que são minhas irmãs e exigiu-me que todas as noites lhes desse como castigo cem chicotadas em cada uma pelo delito de haverem afogado o príncipe e pretendido fazer outro tanto comigo. Obedecendo, com grande pesar, essas ordens, venho fazendo isso, desde então, como haveis visto.

Esta formosíssima narrativa revela-nos a estória da alma humana encerrada no corpo. Para comentá-la bastaria dizer que é efeti-vamente a precursora da célebre lenda de Psiché e Eros, de Apuleio,

como narrada em sua obra "O Asno de Ouro". Zobeida, como símbolo da matéria corpórea, cumula de bens a suas duas irmãs de pai e de mãe, que são a sensibilidade e o instinto animal. Fá-las conhecer, como Psiché, o tesouro do amor que havia descoberto em certo palácio encantado, que é o corpo humano, o protótipo da formosura varonil. As duas irmãs, invejosas e abusivas, sepultaram o príncipe no fundo do mar, tal como o Divino Espírito Santo acha-se sepultado no mar da matéria. E, assim, a Serpente do Éden ou o Princípio do Mal perseguiu a serpente do deserto ou o Princípio do Bem. Zobeida, porém, mata a primeira e a segunda, transforma suas irmãs em cadelas negras, obrigando-as a maus tratos diários, a fim de dominá-las para sempre, sob a ameaça de, não o fazendo, sofrer idêntica pena. Tal é o destino da alma humana quando se deixa seduzir pela animalidade e pela paixão desenfreada.

O Mago Nardun ou Nardin, rei da cidade petrificada, representa o dinar. É o mundo miserável e morto, aonde o dinar (o dinheiro) é o único rei...

## ESTÓRIA DE AMINA

A estória de Amina ou da Alma é a seguinte:

— Comendador dos crentes, disse Amina, quando lhe coube a vez de falar, para não repetir o já dito por minha irmã, dir-vos-ei que nossa mãe casou-se com um dos mais ricos homens desta cidade. No primeiro ano, porém, de meu casamento fiquei viúva, sem filhos e de posse da fortuna de ambos. Passados os seis meses de luto, mandei fazer para mim 10 magníficos vestidos que me custaram mil sequins cada um.

Certo dia apresentou-se diante de mim u'a pobre mãe, dizendo que tinha uma filha órfã, a quem pretendia casar com um jovem de numerosa parentela, razão pela qual me pedia que a apadrinhasse com o meu prestígio, coisa que, de bom grado, aceitei.

Na noite do casamento, a mãe veio à minha presença, levando-me a uma rua muito estreita até defronte de uma grande porta, em cujo frontispício podia ler-se: "Esta é a eterna Mansão da Felicidade". A velha bateu e penetramos, sendo recebidas por uma jovem muito formosa, que me abraçou, fez-me sentar a seu lado num trono de madeiras preciosas incrustadas de diamantes e disse-me:

— As bodas que vais assistir podem, se assim consentires, ter maiores consequências do que supões, pois tenho um sobrinho que,

conhecedor de vossas prendas e de vosso retrato, sentir-se-ia muito honrado de unir-se também a vós.

E chamou o mencionado irmão, que era um jovem belíssimo, com que acabei me casando em breve. A única coisa que ela me pediu para jurar foi de que não me deixaria ver por outro homem, a não ser por ele.

Dali a vários meses saí acompanhada pela velha, a fim de comprar numa tenda certa peça de pano. O comerciante, porém, que era jovem, ligou-se tanto a mim por não poder ver o meu rosto, nem ouvir a minha voz, que ofereceu dar-me a peça de graça, caso eu permitisse apenas descobrir o rosto, coisa que, fiel a meu juramento, não consenti. Era, porém, tão grande a ânsia que eu tinha de possuir o tecido que deixei-me beijar por ele, que, ao invés do beijo, deu-me uma mordida no rosto, ocasionando uma ferida e fazendo-me desmaiar.

Ao ver-me assim, meu marido enfureceu-se rapidamente, quis maldizer-me e acabou por ameaçar-me dizendo que tal falta não ficaria impune. Com efeito, ele maltratou-me tanto que deixou-me como vedes. E eu já estaria morta, não fosse minha irmã Zobeida, que tomou-me a seus cuidados... Finalmente, dou-vos a boa nova de que, por interveniência do Comendador dos crentes, minha irmã conseguiu por fim o perdão dos culpados e que a fada que as transformou em cadelas as restituiu a sua forma primitiva.

Este conto relata simbolicamente a estória da alma humana que estava totalmente coberta de cicatrizes. Ela, em primeiro lugar, casa-se com o instinto animal, que, por seu abuso, extingue-se e a deixa viúva. Em seguida casa-se com o Cristo (Psiché), o qual lhe havia imposto como condição a esse matrimônio o não poder ser vista, nem falar com ninguém, condição essa que ela desobedece sob as sugestões de uma pérfida velha, que a faz merecedora das cicatrizes provocadas pelo príncipe, as quais depois são curadas pelos cuidados de uma fada que simboliza a Divina Providência, casando-se, finalmente, com Amin, o primogênito do sultão e irmão de Mnum ou Astumman, símbolo de toda a humanidade vulgar.

Quanto a Sofia, a terceira irmã paterna de Zobeida (A Sofia dos cabalistas), as Mil e Uma Noites omitem a sua estória, certamente porque é ela demasiado maravilhosa e relacionada com o segredo da Iniciação. Também omitem a estória do terceiro velho que no "Conto do Comerciante, o "Efrit" e os três velhos" consegue perdão completo do gênio para o comerciante, porque o conto precedente

nada mais é do que uma variante do mito troncular das "Mil e Uma Noites": a queda pelo crime e a redenção pelo amor e pelo sacrifício. O moço que leva a esporta é o novo Aladim, é o neófito que sofre a iniciação e que é chamado ao palácio-corpo das três damas que representam, respectivamente, o corpo, a alma e o espírito. Vemos ali a estória de todas elas, mas a de Sofia (ou espírito) é silenciada pelo texto. Vemos a estória de Amina, a alma humana, atormentada, cheia de cicatrizes e dores por haver-se deixado ver pelos profanos e, finalmente, a estória de Zobeida, das duas serpentes, a boa e a má, que se encontram na trajetória do sistema nervoso, os dois ramos que acabam reunindo-se no fim do Tronco misterioso que está na própria Lei Divina e acima do Bem e do Mal.

### Capítulo XIII

#### RÁPIDAS OLHADELAS

Com todo o pesar de nossa alma e mercê da exiguidade de espaço, vemo-nos obrigados a separar-nos do paraíso das "Mil e Uma Noites", das quais comentamos apenas algumas poucas narrativas.

Antes, porém, de dar fim a este trabalho, podemos dar rápidas olhadelas sobre um ou outro conto. A estória de Kamaralzamán e Badura é a fonte e a origem do "Livro dos Cavaleiros Andantes".

A Estória de Ganem, o Escravo do Amor, é a estória do herói libertador de sua própria alma quando, depois de muitos tormentos, descobre a Verdade sepultada ou, melhor dizendo, rasga o Véu de Isis.

Ganem consegue ressuscitá-la e fazê-la voltar à vida, trabalho imposto aos "verdadeiros escravos do Amor Celeste e Transcendente", ou seja, aos servidores do mundo.

A "Estória do rei Omar Al-Neman e de seus Maravilhosos Filhos Scharkan e DauTMakan" é um mito solar. Omar Al-Neman é o protótipo do Tempo, que tem "quatro mulheres legítimas" (as quatro estações), mulheres das quais só uma é fecunda (a Primavera), porque nela parece renascer Scha-arkan, o Sol. Omar contava, além disso, com trezentas e sessenta concubinas, número igual aos dias do ano, pois é sabido que os dias restantes ou "anómalos" não eram contados. As mencionadas concubinas viviam em doze aposentos

diferentes (meses) e não eram visitadas pelo Rei senão uma vez por ano. A concubina Sofia deu à luz, num só parto, à menina Nozhatu Za-man (Alegria do Tempo) e ao menino Dau-al-Makan (Luz do Lugar). Repete-se, depois, o símbolo das três irmãs Sofia, Amina e Zobeida que, por seu turno, pelos roubos e atropelos de que foram vítimas, bem como pelo lado de Omar, formam uma das mil variantes do mito grego dos Argonautas de Jasão, que roubam na Cólquida o mágico Velocino de Ouro. E assim a "Mãe de Todas as Calamidades", representada pela ignorância humana, consegue deflagrar a mais cruel das guerras.

Por causa de Sofia, a concubina vendida ao rei Omar Al Naman, deflagra-se uma guerra sangrenta, com argumento igual ao da Ilíada, que se apoia no rapto de Helena (Selena ou Onima), que, melhor explicando, não diz respeito a nenhum rapto de mulher de carne e osso, mas da "sabedoria iniciática", o eterno pleito das hegemonias espirituais.

As "Aventuras de Kanmakan e de sua Prima Força do Destino". Tal conto é continuação do anterior. Nele aborda-se o tema da mulher que é a "Mãe de Todas as Calamidades", como símbolo da magia maléfica, cujo lema é "dividir para vencer".

A "Estória de Kamaraizaman e Badura" é o mais bonito conto das Mil e Uma Noites. É o que poderíamos chamar de "novela primitiva" em todo o seu esplendor. Nessa novela descreve-se o eterno Ogre ou Terror do Umbral, a Fada Maimuna e o Génio Danhach — o idílio do amor sonhado. Nela intervêm a Magia e as provas da Senda. A montanha de fogo. O santo jardineiro. Kamaraizaman encontra a Árvore da Sabedoria e o tesouro do velho mestre. Nessa novela lê-se a estória dos dois príncipes Amgid e Assad, os velhos Castor e Pólux e, em seguida, a fuga e a montanha inacessível.

Todos esses fatos, desde que bem interpretados, ensinam-nos o seguinte:

- 19) O eterno amor entre o homem e a mulher, amor sobre o qual a Natureza cimentou sua suprema Lei da Continuidade da Espécie;
- 2?) Todo iniciado precisa da "alma gémea" ou "esposa espiritual" como explicamos em nosso livro "Poderes ou o Livro que Diviniza";
- 3?) A interpretação da Magia Branca dentro da qual o sexo já não intervêm, mas apenas a contraposição sublime, inefável e mística entre o Raciocínio Humano e a Divina Fada

Inspiração, que toma a forma do "cavaleiro andante e sua dama" do mito de Psiché e Eros.

Todos os demais detalhes poderão ser decifrados pela intuição dos leitores.

Também há outras variantes da estória da Kamaraizaman, que são as seguintes:

Nureddin e a Formosa Persa, Abul Hassan-Ali Ben Becar e Sham-sel Nohar, a Bela Zumurrud e Alishar, o Filho da Glória, O Jovem Amarelo, Sarta de Pérolas, Sett Donia e o príncipe Diadema.

A seguir, o Livro Iniciático. **As Mil e Um Noites** fala-nos de religião em contos bastante singulares, que são os seguintes:

Estória de Jorobadito, O Comerciante Cristão, o Provedor Muçulmano, O Médico Judeu e o Sastre Persa, A História do Barbeiro e de seus Sete Irmãos com a "ceia dos enganados".

Há, em todas essas estórias, o símbolo de nossa vida sobre a Terra, que é a morada da ilusão. Por isso, quando durante esta vida física procuramos as realidades superiores do espírito, estas se nos escapam como sombras, sendo esta a cruel "ceia dos enganados" em que comemos sem comer que leva muitos ao cetismo e não poucos à loucura ou ao suicídio, precisamente por carência da fé e da paciência do mísero "barbeiro" para seguir impávido e otimista para o desenvolvimento da comédia do Barmecida que, como todos os de sua classe, acaba sendo de verdade.

A "Estória do Bufão Corcundinha" devia estar escrita em letras de ouro, porque encerra todo o simbolismo das religiões, as quais, acreditando ter sido morto o "jiboso" (Jiba Ajib ou Bija, que é a Re-ligião-Sabedoria Primitiva) pela "espinha do Peixe", vêm, graças ao "sábio silencioso", com surpresa, que tal como a filha de Jairo ressuscitada por Jesus, "não está morto, mas apenas totalmente adormecido".

Antes de encerrar este capítulo final sentimo-nos na obrigação de dedicar alguns parágrafos aos apólogos ou fábulas moralistas existentes nas "Mil e Uma Noites", apólogos em toda a sua pureza simbólica e educadora, tais como "O Cavalo, o Boi e o Lavrador", "O Rei Grego e o Médico de Duban", "O Marido e o Papagaio", "O Falcão do Rei Sindabad", "O Vizir Castigado", etc. Vêm, em seguida, "O Divã das Pessoas Alegres e Desocupadas", "Algumas Tolices do Mestre dos Risos e das Divisas", "A Escola das Tiradas Fáceis", "O Jardim Perfumado" e outras mais.

Encontramos, depois, muitos contos e apólogos que foram a base de que se serviram Esopo e Fedro, bem como o francês La

Fontaine, o espanhol Samaniego, o inglês Andersen, o alemão Schmidt, etc.

São os seguintes esses apólogos: "O Ganso e os Pavões Reais", "O Lobo, o Cachorro de Ibn Adan" e as demais variantes, "O Martim Pescador e a Tartaruga", "Os Três Amigos", "O Corvo e o Gato de Algália", "O Estorninho Sedento" ou "Mais Vale Manha do que Força", "As Astúcias de um Vizir", "As Chinelas Fatídicas", "O Cadi e o Jumentinho" além de muitas outras.

A guiza de ponto final devemos acrescentar o seguinte:

O Bem triunfou sobre o Mal como demonstra o último conto da Obra. Nela, a Humanidade, representada pela heroína, que, ao terminar seus contos, na milésima primeira noite, ao invés de ser sacrificada como as outras mulheres que a tinham precedido pelo bárbaro sultão, fá-lo cair rendido e apaixonado a seus pés, após conhecer os frutos da bênção, seus filhos ou ideias, que durante quatro anos as narrações haviam trazido ao seu conhecimento. Tudo isto é, pois, em resumo, o que é ensinado por todas as religiões.

A morte de Tifão nas mãos de Osiris, o triunfo da Luz sobre a Sombra, a Redenção da Humanidade pelo Cristo.

O livro das "Mil e Uma Noites" contém as mais antigas tradições da Humanidade, desde a perdida Atlântida até nossos dias. Encerra os mistérios da degeneração, da geração e da regeneração, constituindo tais mistérios o resumo da **Verdade Iniciática Perdida**. No entanto, tais tesouros perdidos serão reavidos algum dia.

Mesmo que os árabes não tivessem escrito outras obras além das "Mil e Uma Noites", esta seria suficiente para imortalizá-los e para conferir-lhes um trono perante a Eternidade.